



REVISTA Ilustrada

FELIPE MATOS

N. 4

Armazém da Província:

Vida Literária e Sociabilidades Intelectuais
em Florianópolis na Primeira República.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal de Santa Catarina
para obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Fontes
Piazza.

Florianópolis,

2014



Silhueta da
Cathedral de Florianópolis

C.B.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Matos, Felipe

Armazém da Província : Vida Literária e Sociabilidades
Intelectuais em Florianópolis na Primeira República /
Felipe Matos ; orientadora, Maria de Fátima Fontes Piazza
- Florianópolis, SC, 2014.

241 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Vida Literária. 3. Sociabilidades
Intelectuais. 4. Cultura Impressa. I. Piazza, Maria de
Fátima Fontes . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Armazém da Província:

Vida Literária e Sociabilidades Intelectuais em Florianópolis na Primeira República.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Fontes Piazza, Presidente e Orientadora (UFSC)

Prof.^a Dr.^a Tânia Regina de Luca (UNESP)

Prof.^a Dr.^a Cristiane Henriques Costa (UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)

Prof.^a Dr.^a Patrícia Peterle (UFSC)

Prof.^o Dr. Adriano Luiz Duarte (UFSC)

Prof.^o Dr. Henrique Espada Lima, Suplente (UFSC)

Prof.^o Dr. Fernando Vojniak, Suplente (UFFS)

Florianópolis, 16 de Maio de 2014.

Para Gabriel.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a. Maria de Fátima Fontes Piazza, orientadora amiga e generosa, que muito contribuiu para a construção deste trabalho com suas aulas, seminários, leituras críticas e sugestões. Sua incansável dedicação é um grande estímulo.

À Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Santos Cunha, cujo trabalho inspirou grande parte das discussões aqui apresentadas. Compartilhamos uma ilha de leitura e impressos, mas também muito mais do que isto.

À Prof.^a Dr.^a. Tania Regina de Luca. Sua leitura atenta e criteriosa durante a qualificação foi de grande importância para os rumos aqui tomados.

Aos professores que aceitaram participar da banca examinadora, gentilmente cedendo seu tempo e conhecimentos em prol da construção deste trabalho: Cristiane Henriques Costa (UFRJ), Patrícia Peterle (UFSC), Adriano Luiz Duarte (UFSC), Henrique Espada Lima (UFSC) e Fernando Vojniak (UFFS).

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC; assim como aos professores do Departamento de História da UDESC, onde iniciei minha trajetória acadêmica, em 2001.

À direção e aos colegas da Scientia Consultoria Científica, pela paciência e estímulo.

À Giane Antunes Severo, pela revisão ortográfica.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina e da Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em especial a bibliotecária Patrícia Régis, sempre tão sensível às demandas dos pesquisadores.

Àqueles pesquisadores que antes de mim se dedicaram a recolher e produzir anotações, análises, bordejos, histórias sobre a vida literária catarinense, como Iaponan Soares, Celestino Sachet, Pedro Bertolino, Paschoal Apóstolo Pitsica, Lauro Junckes e tantos outros referenciados na bibliografia deste trabalho.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida nos primeiros dois anos de doutorado.

Aos amigos e familiares, por tudo.

Este trabalho é dedicado à memória de Manoel Machado Filho e de Cléber Teixeira.

RESUMO

O presente trabalho discute o campo cultural de Florianópolis durante a Primeira República, com ênfase em sua elite literária, a chamada “Geração da Academia”, investigando as relações entre práticas sociais, construções intelectuais e o peso dos pertencimentos sociais em seu repertório de ações. Para isto, reconstroem-se as trajetórias sociais dos membros desta elite literária, seus laços de sociabilidades, suas instâncias de consagração, seus projetos editoriais com ênfase no periodismo, as relações que mantiveram com grupos adversários e as demais práticas sociais que estabeleceram em suas batalhas por distinção, legitimação, espaços e capitais dentro de um campo cultural subordinado ao Partido Republicano Catarinense. Busca-se repensar velhos modelos de análise do campo cultural e da experiência literária na cidade restituindo a complexidade do que ficou encoberto pelas representações e discursos elaborados sobre o período, em especial pelo cânone modernista, compreendendo as sobreposições ideológicas que revestem os discursos sobre o campo cultural.

Palavras-chave: Vida Literária Sociabilidades Intelectuais, Cultura Política, Cultura Impressa.

ABSTRACT

This doctorate thesis discusses the cultural field in Florianopolis during the First Republic, with emphasis on its literary elite, the so-called "Academy's Generation", investigating the relationship between social practices, intellectual constructs and the weight of social affiliations in their repertoire of actions. For this, rebuild up the social trajectories of the members of this literary elite, their bonds of sociability, their instances of consecration, his editorial projects with an emphasis on journalism and magazines, the relations that maintained with opposing groups and other social practices that have established in their battles by distinction, legitimacy, spaces and capital within a cross cultural field to the Republican Party. The goal is to rethink old models of analysis of literary and cultural field experience in the city restoring the complexity of what was covered up by the representations and elaborate discourses on the period, especially by the modernist canon, comprising the ideological overlays that cover the discourses on the cultural field.

Keywords: Intellectual Life, Literary Sociability, Political Culture, Print Culture.

Lista de Figuras

Figura 1 – Altino Flores, 1921.....	44
Figura 2 – Sentados da esquerda para a direita: Barreiros Filho, Altino Flores, Ivo d’Aquino, José de Diniz. Em pé: João Crespo e Clóvis de Araújo.	47
Figura 3 – Pe. Norberto Ploes.....	50
Figura 4 – Laércio Caldeira de Andrada.....	50
Figura 5 – Segunda turma de formandos do Ginásio Catarinense, 1911: Alfredo H. F. Schlemm, Armando de Barros Lima, Francisco Barreiros Filho, Hortêncio de Oliveira Goulart, Ivo D’Aquino Fonseca e Tertuliano Gonçalves. Ao centro, o Bispo Dom João Becker.....	53
Figura 6 – Jornalista Martinho Callado na redação do jornal O Dia, 1910.	54
Figura 7– Hercílio Luz.....	66
Figura 8 – Ildefonso Juvenal, 1918.....	90
Figura 9 – Trajano Margarida.....	90
Figura 10 – José Arthur Boiteux posando para o retrato com livros nas mãos.....	100
Figura 11 – Biblioteca do Clube Doze de Agosto, 1919.	105
Figura 12 – Sede do Centro Catharinense, Rio de Janeiro, 1929.	112
Figura 13 – Oscar Rosas, 1920.	115
Figura 14 – Ogê Mannebach, 1934.....	126
Figura 15 – Gustavo de Lacerda.....	130
Figura 16 – Altino Flores e demais colaboradores do jornal O Estado.	132
Figura 17 – Jornalista Clementino Britto, 1921.....	140
Figura 18 – Velório de Crispim Mira.	143
Figura 19 – Largo Treze de Maio, cortejo fúnebre de Crispim Mira vindo do Hospital de Caridade.....	143
Figura 20 – Cortejo fúnebre de Crispim Mira passando pela Rua Tiradentes, onde ficava a sede do jornal Folha Nova.	144
Figura 21 – Anúncio da Livraria Moderna com propaganda de revistas.	153
Figura 22 – Anúncio do Salão Beck.	154
Figura 23 – Capa do “Anuário de Santa Catharina para 1900”.....	158
Figura 24 – Capa do “Anuário de Santa Catharina para 1901”.....	159
Figura 25 – Capa do “Anuário Catharinense para 1904”.....	159

Figura 26 – Vista geral de Florianópolis publicada no “Anuário Catharinense para 1904”	160
Figura 27 – Capa do “Almanach de S. Catharina para o anno de 1910”	161
Figura 28– Joaquim Thiago da Fonseca, diretor do “Almanach de S. Catharina para o anno de 1910”	161
Figura 29 – Capa do “Anuario do Estado de S. Catharina para 1917”	162
Figura 30 – Capa do “Anuario Barriga-Verde”, 1920	164
Figura 31 – Capa do “Anuario Barriga-Verde para 1921”	164
Figura 32 – Primeira página do “Guia do Estado de Santa Catharina”, de 1927.	165
Figura 33 – Página de ouro do “Guia do Estado de Santa Catharina”, 1927.	165
Figura 34 – Capa da “Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catharina”, nº1, vol. I, 1902.	167
Figura 35 – Capa da “Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catharina”, vol.II, 1913.	167
Figura 36 – Capa da “Revista da Sociedade Catharinense de Agricultura”, Ano I, nº4, 1905.	170
Figura 37 – Capa da “Revista Forense do Estado de Santa Catharina”, nº1, Março de 1908.	171
Figura 38 – Capa da revista “A Luz”, nº4, de 15 de Fevereiro de 1920.	172
Figura 39 – João Cândido da Luz, colaborador das revistas espíritas “Kardecista” e “A Luz”.	172
Figura 40 – Página feminina com trabalhos para bordar, Revista “Ilustração Catarinense”, nº1, 1926.	174
Figura 41– Página infantil, com desenhos para recortar e montar, “Revista Illustrada”, nº5, 1908.	174
Figura 42 – O anseio pela modernidade. Anúncio da Chapelaria Moderna, “Revista Illustrada”, nº6, 1908.	174
Figura 43 – As novas tecnologias. Anúncio da Companhia Telefônica de Florianópolis, “Revista Illustrada”, nº5, 1908.	174
Figura 44 – Flagrante do cotidiano. Alunas e professores na saída da Escola Normal, revista “O Olho”, nº5, 1916.	175
Figura 45 – Flagrante do cotidiano. Um hidroplano em Florianópolis, revista “Terra”, nº7, 1920.	175

Figura 46 – Florianópolis em flagrante, pouco texto e ênfase nas imagens da vida urbanas, revista “O Olho”, nº4, 1916.	176
Figura 47– Página ocupada por imagens, Clube Estrela do Oriente, “Álbum de Santa Catharina da Revista Illustrada”, 1908.	176
Figura 48 – Monumento aos mortos na Guerra do Paraguai, “Anuário Catharinense para 1904”.....	177
Figura 49 – Fotografia original pertencente ao acervo iconográfico de José Boiteux.	177
Figura 50 – Reformas efetuadas pelo Governo Hercílio Luz na Avenida do Saneamento publicada na revista “Terra”, nº13, 1920.	177
Figura 51 – Fotografia original pertencente ao acervo iconográfico de José Boiteux. Foto de A. Carmo.	177
Figura 52 – Página com montagens de fotos do interior do Palácio d Governo, “Álbum da Revista Illustrada para 1908”.....	178
Figura 53 – Fotografia original pertencente ao acervo iconográfico de José Boiteux. Sala de visitas do Palácio do Governo. Foto de Fritz Sorge.	178
Figura 54 – Capa da “Revista Illustrada”, nº5, 1908, com curioso mecanismo que permitia a interação dos leitores com as imagens.....	180
Figura 55 – Imagens de políticos locais no mecanismo que proporcionava ao leitor trocar o rosto do personagem da charge, “Revista Illustrada”, nº5, 1908.	180
Figura 56 – Capa da revista “O Olho”, nº1, 1916.....	181
Figura 57 – Capa da revista “Phenix”, nº20, 1916.	181
Figura 58 – Página da revista “O Olho”, nº4, 1916.	183
Figura 59 – Charge publicada na revista “O Olho”, nº3, 1916.....	183
Figura 60 – Primeira página da revista “Oásis”, nº1, 1918.	184
Figura 61 – Página da revista “Oásis”, nº1, 1918. Linguagem visual da fotografia e da charge integradas ao texto.	184
Figura 62 – Arte de Guilherme Baschta, capa da “Revista Illustrada”, nº4, 1919.	186
Figura 63 – Capa de “A Semana”, nº1, 1920.....	187
Figura 64 – Periódico como vitrine do progresso e da urbanização, “Joinville Moderno”, “Revista Illustrada”, nº7, 1919.....	188
Figura 65 – A cidade como contemplação estética, “Álbum de Santa Catharina da Revista Illustrada”, 1908.	189
Figura 66 – Capa da revista “Ilustração Catarinense”, nº1, 1926.....	190

Figura 67 – Atriz de cinema, revista “Ilustração Catarinense”, nº1, 1926.	190
Figura 68 – Cabeçalho da “Secção feminina”, revista “Ilustração Catarinense”, nº1, 1926.	191
Figura 69 – Capa da revista “Terra”, desenho “Melindrosa”, de J. Carlos, nº09, 1920.	193
Figura 70 – Capa da revista “Terra”, desenho “Crepuscular”, de Di Cavalcanti, nº12, 1920.	193
Figura 71 – Capa da “Revista do Centro Catharinense de Letras”, nº1, 1925.	200
Figura 72 – Página ilustrada da “Revista do Centro Catharinense de Letras”, nº3, 1925.	200

Lista de Quadros

Quadro 1 – Centros literários, recreativos, científicos e/ou de convívio social na Primeira República:	83
Quadro 2 – Alguns escritores catarinenses e seus pseudônimos:	123

Lista de Abreviaturas

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
ACI	Associação Catarinense de Imprensa
ACL	Academia Catarinense de Letras
BPESC	Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina
IHGSC	Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 01 - Os “Novos” da “Geração da Academia”: Elite Literária e Formação do Campo Cultural.	42
1.1 Redes de Sociabilidades	48
1.2. Clientelismo: Favores, Parentesco, Amizade.	64
1.3. Instância de Consagração: a Academia	69
CAPÍTULO 02 - Vida Literária: Instituições, Sociabilidades, Distinção.	78
2.1. Agrupamentos de Intelectuais.....	79
2.2. Concorres pela Imortalidade.....	90
2.3. Distinção: Modos de Representação.....	95
CAPÍTULO 03 - A Escada de Jacó: Imprensa, Profissão, Perdição.	108
3.1. Homens da Imprensa	109
3.2. Profissionalização.....	113
3.3. Entidades de Classe.....	129
3.4. Lamúrias dos Tipógrafos.....	133
3.5. Perdição.....	139
CAPÍTULO 04 - Impressos da Província: Produção, Circulação, Segmentação.....	146
4.1. Circulação de Periódicos	150
4.2. Almanques, Anuários e Guias.....	155
4.3. Revistas: Segmentos Variados.....	166
4.4. Revistas de Grupos: Organização e Legitimação Coletiva.....	192
ÚLTIMAS PALAVRAS.....	203
DOCUMENTOS CONSULTADOS	206
BIBLIOGRAFIA	209
ANEXOS	222
ANEXO I – Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em 1896:	223
ANEXO II – Patronos e fundadores da Academia Catarinense de Letras e suas profissões:	225
ANEXO III - Alguns folhetins publicados nos jornais da capital:	230
ANEXO IV - Relação de jornais fundados em Florianópolis entre 1889 a 1929:..	232
ANEXO V – Demais periódicos publicados em Florianópolis entre 1889 a 1929:238	

ANEXO VI – Revistas com colaboradores catarinenses publicadas em outros Estados:	240
ANEXO VII – Listagem dos almanaques, anuários e guias editados em Florianópolis durante a Primeira República encontrados nos acervos pesquisados:	241

*Silêncio cinzento,
Na tarde chuvosa.
Fim de festa,
livro fechado,
adeus.*

(vinheta, Cleber Teixeira, 1980)

INTRODUÇÃO

“Perdoa-se ou pode-se perdoar tudo aos nossos inimigos. O que se não perdoa ao nosso rival em literatura é que as suas obras sejam consagradas”.

(Altino Flores, 1918¹).

Em 1927, a Academia Catarinense de Letras elegeu uma das primeiras mulheres a ingressar em uma Academia de Letras no Brasil. Maura de Senna Pereira tinha 23 anos. Sem candidatar-se e sem ter lançado um único livro até então, seu nome foi proposto por Henrique Fontes², com apoio de outros acadêmicos como Othon D’Eça³, Clementino de Brito e Laércio Caldeira de Andrada⁴. Sua indicação repetiu o padrão da instituição: a de reconhecer entre seus pares aqueles que comungavam de um corpo de práticas em comum – um *ethos* – e da inserção em determinadas redes de sociabilidades. Maura era filha de José de Senna Pereira, um dos fundadores da Igreja Presbiteriana em Florianópolis e amigo de José Arthur Boiteux, com fortes ligações com Laércio Caldeira de Andrada⁵, nomes influentes no seio da

¹ Revista *Oásis*, Ano I, Nº01, Julho de 1918. p.05.

² Henrique da Silva Fontes. Nasceu em Itajaí, em 15/03/1885, faleceu em Florianópolis, em 22/03/1966. Residente em Florianópolis a partir de 1910, lecionando no Ginásio Catarinense. Formado em Direito pela Universidade Federal do Paraná (1927). Tornou-se juiz federal e desembargador. Foi secretário da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura no governo Adolfo Konder. Presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Esteve entre os fundadores da Faculdade de Direito, da Faculdade de Filosofia e da Universidade Federal de Santa Catarina. Presidiu a comissão de construção do monumento a Lauro Müller, em Florianópolis. Escreveu livros didáticos - a “Série Fontes” - adotados nas escolas públicas catarinenses, enquanto foi Diretor da Instrução Pública, nomeado por José Boiteux, no período herciliista. Fundador da Cadeira Nº18 da Academia Catarinense de Letras. Cf. JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. “5 Capítulos das letras Catarinenses”. In: CABRAL, O. R.; SANTOS, S. C. dos; HALFPAP, L. C. *et al. Povo e Tradição em Santa Catarina*. Florianópolis: Edeme, 1971. p.108.

³ Othon da Gama Lobo d’Eça (1893-1965). Bacharel, escritor, professor e orador. Formado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Docente Livre de Direito Romano na Faculdade de Direito de Santa Catarina. Foi Chefe Provincial em Santa Catarina do Movimento Integralista. Fundador da Cadeira Nº15 da Academia Catarinense de Letras, entidade que presidiu durante anos. Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p.157.

⁴ PEREIRA, Maura de Senna. *Poesia reunida e outros textos*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2004. p.28.

⁵ Laércio Caldeira de Andrada (1890-1971). Bacharel pela Faculdade de Direito de Niterói, engenheiro de telégrafos e professor. Fundou, com José de Senna Pereira, o Curso Prático de Comércio, depois Instituto Comercial de Florianópolis. Foi um dos líderes da comunidade presbiteriana na cidade. Membro do Instituto

Academia. Quando criança, Maura estudou na Escola Americana, onde era aluna da esposa de Laércio e foi presidente da Sociedade Auxiliadora dos Moços. Estudou na Escola Normal, sendo aluna dos acadêmicos Altino Flores⁶, Henrique Fontes e aluna predileta de Barreiros Filho, igualmente membro da academia. Em 1923, quatro anos antes de ser indicada ao sodalício, perdeu o pai, tornando-se professora e um dos arrimos da família, por ser a mais velha de doze irmãos⁷. Neste mesmo período iniciou a sua produção literária e colaborações nos jornais locais, com o apoio de Nereu Ramos que, a partir de 1930, foi nomeado Interventor Federal do Estado e viria a ser seu padrinho de casamento, em 1931, abrindo-lhe espaço em seu jornal *A República*.

Embora eleita para a Academia Catarinense de Letras em 1927, Maura tomou posse apenas em 1930, em sessão de grande público, com a participação das bandas musicais do 14º Batalhão e da Força Pública. Sua entrada no recinto foi conduzida pelo Interventor Federal Nereu Ramos e pelo jornalista José de Diniz e o discurso de recepção foi pronunciado por José Boiteux⁸, ex-deputado e Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado. Em seu discurso de posse, dirigindo-se aos seus novos colegas de “imortalidade”, a escritora expressou de forma lúdica a forma como recebera o convite da instituição:

Um dia – faz três anos – quando a primavera celebrava a aleluia panteísta dos seus esplendores e o esplendor máximo das suas rosas, a vossa voz ilustre, com inflexões inéditas, chegou até ao meu lar e até à minha sensibilidade:

- Vem para o parque das nossas reflexões, assim como és, enamorada das estrelas, trazendo, sobre o ombro o cântaro moreno do seu sonho de arte!

E eu venho para vós com as mãos escorrendo a emoção fraterna que transborda da taça da minha alma e com os olhos sorrindo um poema de vaidade – a minha vaidade tímida de ser a primeira mulher que vem sonhar convosco, o deslumbramento do vosso sonho⁹.

Maura saudou o patrono de sua cadeira nº38, Roberto Trompowski, elogiando “o talento que recebeu a lição batismal de Augusto Comte e que teve o culto apaixonado de Rui

Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras, sendo fundador da Cadeira Nº02. Cf. GOMES, Op. Cit., 1990, p.134.

⁶ Altino Corsino da Silva Flores (1892-1984): destacou-se, sobretudo, como jornalista combativo e polemista, atuando na crítica e historiografia literária. Foi fundador e redator de vários jornais, tendo deixado vasta produção de artigos, comentários, contos, crônicas, teatro, mas, sobretudo, escritos jornalísticos em geral. Exerceu cargos no magistério e na administração pública. Foi presidente da Associação Catarinense de Imprensa e Secretário de Estado nos governos Irineu Bornhausen e Jorge Lacerda. Cf. JUNCKES, Lauro. *A Literatura de Santa Catarina – Síntese Informativa*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992. p.26-27.

⁷ PEREIRA, 2004, p.26-27.

⁸ Jornal *República*, 01/12/1930.

Barbosa”¹⁰. Por fim, declarou, em tom de confissão, sempre ter sonhado em pertencer aos quadros acadêmicos, jurando buscar, na “companhia aristocrática” dos espíritos de seus confrades, cantar para a alma da sua terra “o velho sonho da beleza eterna”:

Quando a paixão pelas artes começou a florir na minha alma em flor adolescente, eu sonhei, com a fantasia a galopar, percorrendo num minuto os anos e os lustros, feita uma princesa louca, de tranças orgulhosas desmanchando-se aos ímpetos do vento; eu sonhei que havia ainda de entrar para a vossa assembleia, numa noite assim, abençoada pelas hóstias de ouro das estrelas, com a minha cabeça toda branca¹¹.

Tal deslumbramento com o ingresso na Academia, porém, não resistiu ao tempo. Anos após este discurso, Maura renegou o seu pertencimento àquela geração, afirmando que a “Geração da Academia”¹² era a de seus mestres e não a dela: “Eu não gosto de Academias. Academia para mim é coisa liquidada. Academia não existe”, disse em entrevista ao modernista do Grupo Sul Silveira de Souza, em 1990. Maura passou a transferir a responsabilidade de sua eleição aos acadêmicos, que a convidaram e a teriam escolhido como uma “glória”, por até então não haver uma mulher na Academia: “Mas, eu não era gente, eu não era gente quando entrei lá”¹³.

Embora nunca tenha negado seus escritos da década de 1920, quando foi considerada uma das primeiras feministas de Santa Catarina por seu trabalho jornalístico na imprensa catarinense da época, Maura passou a associar a sua produção literária ao período em que se mudou para o Rio de Janeiro, na década de 1940, quando adveio a sua união com o professor e poeta José Coelho de Almeida Cousin. Em 1949, seu livro “Poemas do Meio Dia” inaugurou a “Coleção Poesia Moderna”, editada por Victor P. Brumlik, com ilustração de Quirino Campofiorito. No Rio de Janeiro, atuou por um tempo no Partido Comunista e

⁹ PEREIRA, 2004, p.278-283.

¹⁰ Idem. p.280.

¹¹ Idem, p.282.

¹² “Geração da Academia” é uma expressão consagrada por Celestino Sachet e que se tornou recorrente. Refere-se aos intelectuais emergentes nas primeiras décadas do século XX em Florianópolis e que estiveram envolvidos com a fundação da Academia Catarinense de Letras (ACL) ou foram por ela empossados posteriormente. É um grupo em parte imaginário, pois seus integrantes não necessariamente compartilharam os mesmos referenciais estéticos e políticos. Como toda definição, a expressão é problemática e utilizada de forma abusiva, pois generalizante. Entre os fundadores da ACL estiveram Othon Gama d'Eça, Altino Flores, Francisco Barreiros Filho, Haroldo José Callado, Clementino Fausto B. de Brito, Ivo d'Aquino, Alfredo da Luz, Joe Colaço, Henrique da Silva Fontes, Laércio Caldeira de Andrade, Fúlvio Aducci, Gil Costa, João Crespo, Horácio de Carvalho, Antônio Mâncio da Costa, Osvaldo Ferreira de Melo, Ogê Manneback, Gustavo Neves, Oscar Rosas, Lucas Boiteux, Nereu Ramos e Tito Carvalho. Outros nomes, empossados posteriormente, também são identificados como membros desta geração, como Luiz Antônio Ferreira Gualberto, Leopoldo Diniz Martins Junior, entre outros.

¹³ PEREIRA, 2004, p.285-286.

considerava o *Pen Club* um dos seus palcos de expressão literária¹⁴, uma organização de escritores que possuía frequentadores consagrados como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Nélida Piñon. A partir deste novo campo, afastando-se das relações com os membros da antiga “Geração da Academia”, passou a reconsiderar sua trajetória com lentes modernistas. Sobre sua produção artística, asseverou: “Sempre foi moderna, não é?”¹⁵.

Essa disposição de Maura de Senna Pereira em se desassociar da “Geração da Academia” está vinculada à construção do cânone modernista local. A partir do final da década de 1940, com a ascensão no campo cultural catarinense dos modernistas reunidos em torno do Círculo de Arte Moderna¹⁶, os membros da “Geração da Academia” passaram a ser cobrados por aquilo que não desenvolveram em Florianópolis durante a Primeira República: uma literatura orientada pelos modelos estéticos do modernismo paulista de 1922. O cânone modernista catarinense tornou-se uma extensão das interpretações sobre o modernismo literário brasileiro, em particular a memória instituída pela vanguarda paulista, ou seja, a de um movimento de jovens letrados que retirou a vida cultural da estagnação e do atraso. Como advertiu Tânia Regina de Luca a respeito dos anos anteriores a 1922, as análises modernistas foram tomadas como parâmetro de avaliação da época, deslocadas e isoladas de seu momento de produção, sendo aceita a versão elaborada pelos novos detentores do poder no campo cultural, com a historiografia a prestar “importante colaboração no sentido de consagrar a voz de um no lugar da fala de muitos”¹⁷.

A Semana de 1922, adotada como “evento fundador”¹⁸ do modernismo brasileiro, passou a ser apropriada também em Santa Catarina, com a crítica literária adaptando-se ao modelo interpretativo da tradição paulista e estabelecendo ligações com os jovens do Grupo Sul. Em 1949, ao traçar um panorama das letras catarinenses, o crítico Nereu Corrêa, que publicou pelas Edições Sul e em 1960 foi eleito para a Academia Catarinense, estabeleceu termos que seriam recorrentes:

¹⁴ Idem, p.296.

¹⁵ Idem, p.309.

¹⁶ Cinco intelectuais são apontados como os fundadores do movimento: Salim Miguel, Eglê Malheiros, Ody Fraga e Silva, Antonio Paladino e o Prof. Aníbal Nunes Pires. Com o tempo, novos elementos vão se juntando ao grupo, como Élio Ballstaedt, Walmor Cardoso da Silva, Alchibaldo Cabral Neves, Cláudio Bousfield Vieira, Hugo Mund Jr., Adolpho Boos Jr. e outros.

¹⁷ LUCA, Tânia Regina de Luca. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 23-24.

¹⁸ GOMES. Ângela de Castro “Essa gente do Rio...: Os intelectuais cariocas e o modernismo”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, p.62-77.

O movimento modernista, por exemplo, irrompido em São Paulo em 1922, e que encontrou a mais larga repercussão em outros Estados, estimulando jovens escritores e imprimindo um sentido novo às nossas fórmulas literárias, não chegou a encrespar as águas tranquilas e azuladas da vida intelectual na antiga Desterro. (...) Faço o julgamento apenas apoiado na circunstância de não existir, ao que sei, uma publicação que refletisse o pensamento de um grupo de jovens preocupados com as novas ideias ao tempo em que Graça Aranha, prestigiando os organizadores da Semana da Arte Moderna, lançou as sementes desse movimento que passou à história com o nome de Modernismo¹⁹.

O historiador Carlos Humberto Corrêa, do departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina e ex-diretor do Museu de Arte Moderna (atual MASC²⁰), confirmou uma interpretação da vida literária catarinense na Primeira República sob o estigma do “atraso”, pois estaria em descompasso com os modernistas paulistas de 1922:

Se os escritores catarinenses de maior projeção tivessem tido conhecimento e entendimento do acontecido em São Paulo, não dariam a menor importância na época. (...) Altino Flores, por exemplo, o principal crítico da geração da academia não teve condições de entender o movimento modernista (...) ²¹.

Por não ter havido, em Santa Catarina, um grupo de jovens reunidos em torno – segundo os termos de Nereu Correia, em 1949 - das sementes lançadas por Graça Aranha e de suas transformações estético-literárias, não significa que não havia o conhecimento deste movimento, que Santa Catarina estivesse isolada culturalmente ou que os intelectuais da terra “não tivessem condições” de compreender o seu significado, como demonstra um pequeno texto publicado em 1923 no jornal *O Elegante*, de Florianópolis, que estampou sob o título “Futurismo”, o que seria um pequeno ensaio irônico de “klaxonismo” ou “klaxismo” ²², de autor anônimo:

Apreciando, por livros e jornais vindos de São Paulo e Rio, a invasão que vai tendo no meio literato do país o futurismo exercido por Luiz A. Falcão, Guilherme de Almeida, Mario de Andrade, Alberto de Araújo, entre outros, resolvi fazer um pequeno ensaio de “klaxonismo” ou “klaxismo”. Fascinado pela escola de Klaxon da qual tive agora maior conhecimento por intermédio de Graça Aranha, tive o desejo de imitá-lo. Eis uma pequena amostra do seu escrito, intitulado INS: “Desejo da terra: árvore! Espiritualidade da terra:

¹⁹ CORRÊA, Nereu. “O panorama atual das letras catarinenses”. In: Jornal *O Estado*, 18/09/1949.

²⁰ MASC - Museu de Arte de Santa Catarina.

²¹ CORRÊA, Carlos H. P. *História da Cultura Catarinense. Vol.1 o Estado e as ideias*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Diário Catarinense, 1997. p.162.

²² Referência à revista *Klaxon*, mensário de Arte Moderna que circulou em São Paulo entre maio de 1922 a janeiro de 1923, tendo entre os colaboradores Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Sérgio Buarque de Holanda, Tarsila do Amaral, Graça Aranha entre outros nomes.

árvore! Elegância, força, doçura, fragilidade, eternidade. Folhas; adorno e sentimentos. Galhos: defesa, amparo, agasalho, aspiração, elevação para o infinito. Postura da árvore: adoração perpétua, trágica imobilidade. Silêncio. Campo deserto. Árvore solitária. Montanha espectral, árvore, fantasma alucinado”. E continua. O leitor, por aí, já tem mais ou menos uma ideia do que seja o futurismo. Simplesmente belo! Mas...dirá o leitor, e o ensaio? Eilo: Anda um perfume de amendoim pelo ar. Venta, não venta. Lá vem o Messias! Seu condutor, este bonde passa no quartel da polícia? Olha o Sininho cavalgando um OIS. Jardim – encanto das almas bestificadas! Jardim – paulificação de todo o Domingo! Como eu te amo! O Pereira paga o café! Os sinos barulhentos da catedral badalam alegremente! Que foi? Foi o Zanzibar que comprou um canário por setenta mil réis! A ilusão da vida apertada é efêmera! Estrelas luzem no céu! Como o Anísio toca piano bem! O Moura, contrata-o para o teatro! Vou vagando minha alma ensebada pelas ruas impregnadas de chocolate do Concórdia! Chamo, ninguém me ouviu! Moço, quer comprar torrãozinho? Procuro o Sbiassa. Está no cinema. Mosquito, que parte é esta? Solidão...grito...um silêncio profundo e esqualido responde a minha voz pestilenta! Como é triste o mundo. Rogério, já és tenente? Plarataplan... Meu Deus, a lancha do Estreito virou! Oh, mar! Alma ressuscitada de Judas! Leão esfomeado! Para que viraste a inocente lancha? Vida, ilusão do mundo! Esperança, ilusão da vida! Já não tenho mais dinheiro! Amadeu, paga o caldo de cana. Não pago. Paga. Polícia...apitos...Fechou o tempo²³.

Em janeiro de 1924, Graça Aranha esteve em Florianópolis, possivelmente a convite do acadêmico Alfredo Luz²⁴, que fora diplomata, tal qual Graça Aranha. Ao terem conhecimento da estadia do autor de “Canaã” em Florianópolis, Othon D’Eça e Altino Flores resolveram visitá-lo no Hotel Moura, na Praça XV de Novembro, saudando-o em nome da Academia Catarinense de Letras. Encontraram-no sentado numa cadeira de balanço, junto à sacada que dava para o jardim fronteiro, com uma coberta de lã sobre as pernas, apesar da quente tarde de janeiro. Segundo a descrição de Altino Flores, Graça Aranha tinha uma face pálida, mas o olhar límpido e a palavra acolhedora e simpática:

Nós sabíamos da sua arrojada participação na superaplaudida e ultrapateada “Semana de Arte Moderna”, de 1922, em São Paulo, entre cujos promotores fora acolhido, por alguns com sincero agrado e desvanecimento, por outros com desconfiança e, mesmo, indisfarçável antipatia. Embora provincianos, não ignorávamos os ecos desses rumores provindos dos desvairamentos da

²³ Jornal *O Elegante*, 27/05/1923.

²⁴ Alfredo Felipe da Luz. Foi funcionário do Itamaraty. Conta-se ter sido transferido para a Embaixada Brasileira em Londres devido à influência política de seu pai, Hercílio Luz, junto à Presidência da República. Por suas atividades no Ministério das Relações Exteriores manteve amizade com Graça Aranha e Ronald de Carvalho. Foi fundador da Cadeira Nº03 da Academia Catarinense de Letras, mas costumava ser alvo de ironias dos críticos que diziam nunca ter escrito nada, sequer cartas. Faleceu num sanatório carioca em 1944, cujas despesas da casa de saúde eram pagas pela mesma pessoa jurídica que intermediou o financiamento da construção da Ponte Hercílio Luz junto à rede bancária do exterior. Cf. PITSICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998. p.35-36.

Paulicéia; mas por discrição, combinamos não aludir a eles na palestra com o discutidíssimo homem de letras²⁵.

Conversaram sobre as Letras em Santa Catarina, sobre a sua obra “Canaã”, trocaram opiniões sobre a literatura francesa e Graça Aranha presenteou Altino Flores com a edição de 1920 da *Librairie Stock*, de Paris, de “*La Bête Conquérante*”, de Pierre Mac Orlan. Na contracapa, uma dedicatória: “A Altino Flores, pela arte moderna, com muita esperança. Graça Aranha, Florianópolis, 26 de janeiro de 1924²⁶”. Inadvertidamente Graça Aranha depositou “as esperanças” da arte moderna nas mãos de quem seria, duas décadas depois, a principal voz crítica a se levantar contra os modernistas do Círculo de Arte Moderna catarinense.

A memória instituída modernista caracterizou a “Geração da Academia” - cujos membros um dia haviam considerado a si mesmos patrocinadores da regeneração cultural e social de sua época - como patronos do atraso e da ignorância, associados ao obscurantismo e ao isolamento cultural. De modo geral, estabeleceu-se “a atuação do Grupo Sul, no início dos anos cinquenta, em Santa Catarina, como um polo de cultura que abalou a conservadora Florianópolis”²⁷, fazendo com que a cidade “entrasse em sintonia com o espírito do tempo”²⁸. Neste discurso, Santa Catarina teria experimentado uma época de atraso e ignorância, pois o processo de “aceitação das concepções modernas de arte e literatura” no Estado foi “difícil, além de tardio”. Tais concepções modernas só surgiram na segunda metade da década de quarenta, mais de duas décadas depois da Semana da Arte Moderna de 1922, cujos ares renovadores “nem sequer chegaram a atingir a paisagem artística catarinense”²⁹, incapaz de “encrespar as águas tranquilas e azuladas da vida intelectual da antiga Desterro”³⁰, uma cidade de “ideias totalmente conservadoras e de luz fraca”³¹. “Cultural, literária e artisticamente a ilha não existia”³².

²⁵ FLORES, Altino, “Quando e como vimos Graça Aranha”. In: jornal *O Estado*, 21/06/1976. p.4.

²⁶ Idem.

²⁷ SANDRONI, Cícero. A literatura das duas margens do atlântico. In: MIGUEL, Salim. *Cartas d’África e alguma poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. (orelha).

²⁸ SANTANA, Valdomiro. “Retrato de memória”. In: CARDOZO, Flávio José (org.). *Salim na claridade*. Florianópolis: FCC Edições, 2001. p.63.

²⁹ JUNKES, Lauro. *Anibal Nunes Pires e o Grupo Sul*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Ed. Lunardelli, 1982. p. 16.

³⁰ CORREA, Nereu. *Temas de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1953. p.177.

³¹ BARROS, Silvio. Introdução. In: PALADINO, Antônio. *A Ponte*. 2ªed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

³² MIGUEL, Salim. “O Movimento do Grupo Sul”. In: SOARES, Iaponan (org.). *Salim Miguel. Literatura e coerência*. Florianópolis: Lunardelli, 1991. p.102.

Para o crítico literário Celestino Sachet faltava “arrojo”³³ aos literatos catarinenses, por isso o Modernismo não teve ressonância em Santa Catarina. Na dissertação de mestrado pioneira sobre o Grupo Sul, de autoria de Lina Leal Sabino, orientanda de Sachet, afirmou-se que a cena cultural florianopolitana era “defasada em relação ao fazer literário brasileiro ao desconhecer o Modernismo que efervesce em São Paulo”³⁴:

Inicia-se o século XX e o Brasil aspira em largos sorvos o clima modernista, deflagrando-se em São Paulo, em 1922, o Movimento como tal. Em Santa Catarina, novamente o silêncio. Estas duas primeiras décadas transcorrem em branco. (...) Não há editoras, não há livros novos na Biblioteca Pública e nem livrarias para adquiri-los³⁵.

Lauro Junckes - colega do modernista Aníbal Nunes Pires no Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, quando, a partir de 1970, Aníbal retornou à ativa como catedrático de Literatura Brasileira – afirmou que “felizmente o Grupo Sul se sobrepôs a geração anterior”³⁶. Para Junckes, o Grupo Sul foi “um grupo de jovens, insatisfeito com o *status quo*, [que] iniciou aqui movimento semelhante ao que foi feito em 1922, em São Paulo”³⁷. O crítico traçou ainda um paralelo entre Aníbal Nunes Pires com Graça Aranha: “O mais velho do grupo [Nunes Pires], já formado, lecionando em vários lugares, de família tradicional, não só deu seu aval (como fizera antes dele Graça Aranha em São Paulo), mas atuou ativamente em todo o movimento”³⁸. Para Valdézia Pereira, aluna de Aníbal Nunes Pires em 1975, no curso de graduação em Educação Artística, na UDESC, a ideia dos modernistas de 1922 teria sido “incompreendida, mal discutida” em detrimento de um fazer literário e estético “extemporâneo” por uma “mentalidade literária catarinense [...] delineada em termos inaceitáveis”³⁹.

Embora a crítica literária e a historiografia recente “desnaturalizem” a ideia de vanguarda e exponham os mecanismos político-institucionais que culminaram na canonização

³³ SACHET, Celestino. Fundamentos da Literatura Catarinense. In: PIAZZA, W (et al). *Fundamentos da Cultura Catarinense*. Rio de Janeiro: Laudes, 1970. P.91.

³⁴ SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: FCC Edições, 1982. p.8.

³⁵ SABINO, Lina Leal. O grupo Sul na Literatura Catarinense. In: *Revista Travessia - Publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura*, UFSC. V.4, n.10 (1980). p.18.

³⁶ Entrevista de Lauro Junckes a Marco Anselmo Vasques. In: VASQUES, M. A. “Lauro Junckes tem trabalho reconhecido”, *Jornal A Notícia*, 01/11/2002.

³⁷ JUNCKES, Lauro. *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Ed. Lunardelli, 1982. p. 13.

³⁸ Idem.

³⁹ PEREIRA, Valdézia. *A poesia modernista catarinense das décadas de 40 e 50*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998. p. 19.

dos vários modernismos brasileiros⁴⁰, os modelos e periodizações consagrados pelos modernistas catarinenses permanecem hegemônicos. O panorama cultural catarinense no início do século XX é considerado desolador: “As duas primeiras décadas do século XX passaram melancolicamente em branco na vida intelectual do Estado”⁴¹.

Estas visões modernistas tiveram como referências fundamentais entrevistas, crônicas, ensaios memorialísticos de integrantes ou simpatizantes do Grupo Sul que naturalizaram postulados e autorrepresentações, demarcaram princípios centrais, estabeleceram marcos, delimitaram o grau de importância de indivíduos ou agrupamentos, elaboraram uma identidade pessoal e de grupo, enfim, passaram pelo o que Pierre Bourdieu caracterizou como “processo de canonização”⁴². Premiados em concursos, obtiveram críticas favoráveis de escritores consagrados e identificados com os movimentos modernistas – como Carlos Drummond de Andrade e Marques Rebelo –, fizeram parte de um grupo seletivo e reconhecido – o Círculo de Arte Moderna, o Grupo Sul, a Revista Sul –, inseriram referências elogiosas em contracapas de livros, organizaram eventos, circularam por diversos segmentos culturais – teatro, cinema, artes plásticas, literatura, jornalismo –, publicaram suas produções, tiveram apoio estatal, relançaram obras consideradas clássicas de seu repertório, alçaram voos para fora dos limites geográficos da província, ações que representam distinções simbólicas que legitimaram os produtores e suas obras.

O Círculo de Arte Moderna se tornou público através das páginas do jornal *Folha da Juventude*, editado em Florianópolis a partir de novembro de 1946, inicialmente como jornal da juventude proletária. Parte destes jovens frequentava a sede do Partido Comunista Brasileiro, embora nem todos fossem membros do partido⁴³. Em 23 de agosto de 1947, em artigo no jornal *O Diário da Tarde*, Salim Miguel publicou texto intitulado “Círculo de Arte Moderna”, concluindo que Florianópolis precisava “acordar do passado”, “viver, lutar”: “E é aí que o novel Círculo de Arte Moderna entra em ação. Seus membros são jovens corajosos de ideais elevados”⁴⁴. Em artigo intitulado “A Juventude de Florianópolis e a Campanha da Arte Moderna”, também publicado em 1947, o grupo asseverou o suposto anacronismo promovido

⁴⁰ Entre os autores que problematizaram o cânone do Modernismo Brasileiro, cita-se, por exemplo, Francisco Foot Hardman, Silvano Santiago, Abel de Barros Baptista, Gabriela Theóphilo, Tânia Regina de Luca, Cláudio de Oliveira, Mônica Pimenta Velloso, Vera Lins, entre tantos outros.

⁴¹ MELO, Osvaldo Ferreira de. *Introdução à História da Literatura Catarinense*. 2ª Ed. Porto Alegre: Movimento, 1980 [1ª ed.: 1958]. p.98.

⁴² BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004. p.130.

⁴³ Jornal *A Notícia*, 01/06/2004.

⁴⁴ SABINO, 1982, p.9.

na vida cultural local pela geração que o precedeu, afirmando que a campanha em prol da Arte Moderna teria surgido na cidade com vinte e cinco anos de atraso⁴⁵.

Ao se estabelecer e avançar sobre o campo cultural da capital, os modernistas entraram em colisão com o intelectual Altino Flores, um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras na década de 1920 e figura exponencial da “Geração da Academia”, considerado o principal e mais temido crítico literário da sua geração. Por ocasião das comemorações do bicentenário de nascimento de Goethe, membros do Grupo Sul organizaram no jornal *O Estado* um suplemento literário em homenagem ao escritor alemão. Élio Ballstaed traçou uma aproximação entre os jovens alemães que lutavam contra uma literatura influenciada pelo racionalismo iluminista e o classicismo francês no Antigo Regime – *Sturm und Drang* - com os jovens modernistas catarinenses, ao afirmar que “os gênios caracterizam-se pela independência de criação, reagindo sempre contra os convencionalismos da época”⁴⁶. A réplica de Altino, publicada no mesmo jornal, criticou o anacronismo de Élio ao comparar duas nacionalidades distantes entre si por dois séculos, iniciando uma discussão entre as partes que durou dez meses⁴⁷.

Posteriormente, Altino lançou uma brochura intitulada “Goethe, os ‘novos e os ‘velhos’”⁴⁸, onde desenvolveu sua argumentação contra a leitura de Ballstaed da obra do escritor alemão e teceu considerações sobre o grupo de “novos” que surgia nas letras locais, numa querela por legitimidade, poder e representação dentro do campo cultural:

Qualificando-se a si mesmos de “novos”, “novíssimos” ou “modernos”, não quiseram apenas os jovens beletistas distinguir-se pela idade, mas, também, incultar habilidosamente o divórcio que os separa da geração anterior – pelas teorias, pela técnica, pelos processos artísticos... Para eles, são “velhos” os elementos dessa geração. Redunda isso, por consequência, num intuitivo *capitis deminutio*. (...)

A preocupação de muitos jovens que se exercitam no manejo da pena – ou da *typewriter* – é impor-se como “novos”, atuais, “novíssimos”, da hora presente e, de todo em todo, “originais”. (...) Novidade a todo transe e a qualquer preço – eis o lema. Que poderá se esperar daí se não o convencionalismo mais insensato? (...)

⁴⁵ "A Juventude de Florianópolis e a Campanha da Arte Moderna" in: jornal "Folha da Juventude", nº9, 1947 apud SABINO, Lina Leal. O grupo Sul na Literatura Catarinense. In: *Revista Travessia - Publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura*, UFSC. V.4, n.10 (1980). p.20.

⁴⁶ Jornal *O Estado*, 28/07/1949.

⁴⁷ SABINO, 1982, p.116-117.

⁴⁸ FLORES, Altino. *Goethe, os “novos” e os “velhos”*. Florianópolis: [s.e.], 1949.

Em suma: literatura não é esporte. Literatura não é carnaval. Literatura não é passatempo de ociosos. Há nas Letras um profundo espírito misterioso, talvez divino, que faz delas as “*douces et puissantes conslatrices.*” Não as conspurquemos!⁴⁹

Élio Ballstaed e Salim Miguel revelaram-se os polemistas do Grupo Sul, assumindo a defesa do movimento diante da pena mordaz de Altino, mas todos os da “Arte-Moderna” acabaram envolvidos nas discussões, pois ao contrário da “Geração da Academia”, o Círculo de Arte Moderna era um agrupamento mais homogêneo em torno de ideais políticos mais definidos, embora sem as formalidades de estatutos, fardões ou registros em atas. Os modernistas se estabeleceram como um grupo com o discurso de estarem “à frente do seu tempo”, oprimidos pelo “provincianismo” da cidade que adoravam “irritar”⁵⁰, jovens boêmios de esquerda contra velhos parnasianos conservadores e moralistas.

Em 1951, outro membro da “Geração da Academia”, Othon D’Eça, assumiu a página literária d’*O Estado* e, embora não tenha fomentado polêmicas, constantemente fazia restrições à estética modernista comparando-a ao classicismo parnasiano. No entanto, neste tempo o Grupo Sul já havia conseguido avanços significativos dentro do campo cultural local e contava com o apoio governamental. Tiveram o amparo do governador Aderbal Ramos da Silva e da Secretaria da Justiça, Educação e Saúde na figura de Armando Simone Pereira, que prestou o apoio necessário para a realização de conferências e da mostra de pintura contemporânea de 1948. Foram custeados pelo governo os gastos com passagens e a realização do evento, além da disponibilização do espaço do Grupo Escolar Modelo Dias Velho. A Revista *Sul* foi impressa durante uma década nas instalações da Imprensa Oficial do Estado. Em 1949, fundou-se, sob o auspício estatal, o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, um dos primeiros museus voltados especificamente à estética modernista e de arte contemporânea no país. Entre os incentivadores do grupo modernista esteve Jorge Lacerda que, quando era o jornalista responsável pela publicação do suplemento literário do jornal carioca *A Manhã*, correspondia-se com os integrantes do Círculo da Arte Moderna e frequentemente enviava os clichês utilizados naquele suplemento, com imagens como as esculturas de Bruno Giorgi, Ismael Nery, Iberê Camargo, Emilio Pettoruti e Antony Calder. Foi Jorge Lacerda quem apresentou Salim Miguel a Marques Rebelo, no Rio de Janeiro, que

⁴⁹ Idem. p.22-63.

⁵⁰ MIGUEL, Salim. Hassis e o sonho. In: MIGUEL, S. *Eu e as corruíras*. Florianópolis: Insular, 2001. p.129.

já tinha conhecimento do Grupo Sul por intermédio do arquiteto e crítico de arte Flávio de Aquino⁵¹.

Apesar das diferenças entre as duas gerações, não houve uma ruptura total entre os intelectuais do Grupo Sul com todos os membros da “Geração da Academia”. Em 1951, quando o Museu de Arte Moderna passou por uma crise administrativa, foi um intelectual costumeiramente associado à “Geração da Academia” – Henrique Fontes - quem partiu ao seu auxílio, alocando a arte moderna à distância de algumas portas da “vetusta” Academia Catarinense de Letras:

Irineu Bornhausen já havia assumido o governo do Estado e Sálvio de Oliveira consegue aliados para a causa do museu: os Secretários de Estado João José de Souza Cabral, João Bayer Filho, Fernando Ferreira de Mello, o já deputado Jorge Lacerda, os jornalistas Nereu Corrêa e Layla Freysleben, entre outros. Afastada a possibilidade de uma sede própria, por falta de recursos, o Prof. Henrique da Silva Fontes encontra uma solução intermediária. Ele era diretor da Casa de Santa Catarina (antigo Clube Germânia, desapropriado durante a II Guerra Mundial), situada numa grande casa da Rua Tenente Silveira, esquina de Álvaro de Carvalho, onde hoje se ergue o edifício da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo. Remanejando os espaços ocupados pelo Instituto Histórico Geográfico, a Comissão Catarinense de Folclore, a Academia Catarinense de Letras e a Associação dos Ex-Combatentes⁵².

Henrique Fontes frequentava eventos organizados pelo Grupo Sul e chegou a convidar Salim Miguel para participar de um número da Revista Atualidades (Nº 10, Outubro de 1948), unindo Altino Flores e Salim Miguel numa mesma publicação, à distância de algumas páginas⁵³. Henrique Fontes foi também professor de alguns integrantes do Grupo Sul na Faculdade de Direito de Florianópolis, assim como Othon D’Eça. O modernista Silveira de Souza, ex-aluno de Othon, relatou que seu professor “cativou muitas vezes a atenção do grupo de jovens literatos que ia visitá-lo com frequência em sua casa da Avenida Mauro Ramos, lá pelo final da década de cinquenta”, descrevendo-o como um “espírito aberto, sem preconceitos, incentivador dos que se iniciavam na criação literária, mesmo daqueles que discordavam de seus ideais estéticos”⁵⁴. Já a modernista Eglê Malheiros, também aluna de

⁵¹ MASC. Memória – Museu de Arte de Santa Catarina - 53 anos. Disponível em: <www.masc.org.br>. Acesso em: 08 mar. 2012.

⁵² Idem.

⁵³ ANTUNES, Érica; GOMES, Simone Caputo. “Eglê Malheiros, Salim Miguel e o intercâmbio entre as duas margens do atlântico”. In: *Revista Crioula* – Revista eletrônica dos alunos de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa da USP. Nº04. Novembro, 2008.

⁵⁴ SOUZA, Silveira de. Orelha. In: D’EÇA, Othon. *Vindita Braba*. Florianópolis: FCC Edições: FBB: ed. da UFSC, 1992; e, MALHEIROS, Eglê. Orelha. In: D’EÇA, Othon. *Nuestra Señora de L’Asunción*. Florianópolis: FCC Edições: FBB: Ed. da UFSC, 1992.

Othon na Faculdade de Direito, elogiou sua “fidelidade às próprias ideias e respeito às ideias alheias”. Conflitantes no plano político, a aluna comunista e o professor integralista praticavam a mútua tolerância. Outro acadêmico poupado das críticas dos adeptos do discurso modernista foi Oswaldo Rodrigues Cabral, que passou a ser “o menos acadêmicos entre os acadêmicos⁵⁵”, pois quando estudante, em Curitiba, integrou um movimento antropofagista⁵⁶.

As diferenças geracionais entre os dois grupos adversários vão além das filiações estéticas e temporais. O sistema filosófico moralista pregado por parte dos acadêmicos não coadunava com o comportamento do Grupo Sul, composto por jovens boêmios, alguns ateus, partidários ou simpatizantes do Partido Comunista, adeptos de outra estrutura de sentimentos⁵⁷ com relação ao seu tempo. No entanto, as relações cordiais que membros das duas gerações estabeleceram entre si parecem ser um indicativo de que o conflito era fomentado mais pelas querelas com Altino Flores⁵⁸ e com as disputas dentro do campo cultural do que uma ruptura irrestrita, como fazia supor, por exemplo, a história literária contada por Osvaldo Ferreira de Melo, partidário do discurso modernista: “E até hoje não sabemos de duas gerações literárias que se entendessem tão pouco como aquelas duas representadas na célebre polêmica a que eles mesmos denominaram ‘Novos e Velhos’”⁵⁹.

Pode-se pensar numa aproximação entre as atuações dos grupos através de suas práticas dentro do campo cultural: assim como Altino Flores desconsiderava o que chamava de “poetas menores” da Primeira República, os “rapazes do Sul”, nas palavras do modernista Guido Wilmar Sassi, “queriam varrer o lixo literário que se fantasiava de cultura, queriam afastar das letras e das artes o cheiro de ranço, desejavam espantar a coisa cediça, o marasmo, a pasmaceira”⁶⁰. O discurso elitista que Altino costumava praticar contra os intelectuais que não pertenciam à Academia Catarinense de Letras autolegitimou os intelectuais da “Geração da Academia” como únicas expressões literárias dignas de nota de seu tempo, mas também

⁵⁵ MELO, Osvaldo Ferreira de Melo. *Introdução à História da Literatura Catarinense*. 2ª Ed. Porto Alegre: Movimento, 1980. p.102.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ No sentido de um conjunto de percepções ou valores, modos de perceber o meio em que estão inseridos. Cf. WILLIAMS, Raymond. “Cercamento, terras comunais e comunidades”. In: *O campo e a cidade*. Na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁵⁸ Guido Wilmar Sassi conta que um dos integrantes do Grupo Sul chegou a ser preso por rir à porta de um bar quando “um dos figurões literários da época”, “erudito goethiano”, passava pelo local e teria exigido a sua prisão, valendo-se de sua qualidade de “gente do Palácio do Governo do Estado”. MIGUEL, Salim. *Minhas memórias de escritores*. Palhoça: Ed. da Unisul, 2008. p.200-201.

⁵⁹ MELO, Osvaldo Ferreira de. *Introdução à História da Literatura Catarinense*. 2ª Ed. Porto Alegre: Movimento, 1980 [1ª ed.: 1958]. P.104.

⁶⁰ MIGUEL, Salim. *Minhas memórias de escritores*. Palhoça: Ed. da Unisul, 2008. p.200-201.

corroborou o discurso da geração modernista ao fim da década de 1940, pois o cânone modernista assumiu o discurso de Altino sobre o período, utilizando-o a seu favor: a “Geração da Academia” era a única expressão cultural da Primeira República; e, estava estabelecida em bases inaceitáveis, pois não modernistas.

Nas análises sobre a vida cultural catarinense, as sinopses literárias estabeleceram “ilhas culturais” isoladas entre si, em longos hiatos. A metáfora da “ilha”, uma apropriação da obra de Viana Moog⁶¹, apareceu nas palestras de Celestino Sachet⁶² e foi reafirmada por Salim Miguel em suas críticas. A “ilha” aparece não apenas como recorte geográfico – já que suas análises literárias resumem a produção literária catarinense àquela produzida em Florianópolis, capital político-administrativa do Estado – como também reforça a cena literária local como isolada e inóspita.

Salim Miguel definiu o panorama local como um arquipélago de várias ilhas culturais em busca de um denominador comum. Para Salim, nota-se “ilhamento” cultural – mas, também político e econômico – nas diferentes regiões. A atividade cultural seria facilmente detectável, pois teria se processado através de ciclos mais ou menos estanques⁶³. O ponto de partida era os “novos” do século XIX: Virgílio Várzea, Cruz e Sousa, Santos Lostada e demais nomes envolvidos em torno do movimento literário “Ideia Nova”, que teria surgido “provocando a pacata cidadezinha”⁶⁴. Em linhas gerais a Ideia Nova foi um grupo de intelectuais reunido em torno de Gama Rosa, presidente da província de Santa Catarina a partir de 1883, considerados precursores do Realismo na literatura local. Este primeiro “ilhamento” canoniza o grupo de “novos” e obscurece o seu grupo “opositor”, capitaneado nas querelas da época pelo escritor Eduardo Nunes Pires. Em crítica publicada na Revista Sul, em 1948, o discurso de Salim entrelaçou a trajetória do grupo Ideia Nova às ações do Grupo

⁶¹ MOOG, Vianna. *Uma Interpretação da Literatura Brasileira*: conferência lida no salão de conferências da Biblioteca do Ministério das relações exteriores do Brasil, no dia 29 de outubro de 1942. Rio de Janeiro: C.E.B., 1943.

⁶² Em 1969, como parte do Curso Fundamentos da Cultura Catarinense, Celestino Sachet ministrou palestra posteriormente transformada em capítulo de livro a afirmar que Santa Catarina era composta por “ilhas perdidas no espaço! De ‘ilhas’ perdidas no tempo!” O Estado de Santa Catarina seria composto por “ilhas” étnicas e geográficas, isoladas entre si, o que influenciaria também a sua literatura. O curso ministrado por Sachet foi proferido em vários municípios do Estado, sob os auspícios do Governo de Santa Catarina através de seu Departamento de Cultura, então dirigido pelo historiador Carlos Humberto P. Corrêa. As palestras que compunham este curso foram lançadas em livro no ano seguinte.

⁶³ MIGUEL, Salim. *O Castelo de Frankenstein*. Anotações sobre autores e livros. Florianópolis: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1981. p.13-18.

⁶⁴ Idem, p.13.

Sul. Quando o Grupo Sul falava sobre a Ideia Nova, estava a falar de si, construindo sua autorrepresentação:

A poesia, em todas as épocas, tem tido seus renovadores, os que se rebelam contra as formas estabelecidas, os que buscam dar uma contribuição própria e não simplesmente imitar, copiar, seguir uma escola. Encontram, esses inovadores, como não podia deixar de ser, a reação violenta dos que estão acomodados e não querem fazer um esforço, modificar um pensamento ou uma ideia, mesmo sabendo que estão errados. Por comodismo, reacionarismo. (...) Cruz e Souza é um dos melhores exemplos de que o academicismo tem horror, é refratário a tudo o que é inovador⁶⁵.

O segundo e o terceiro “ilhamento” citado por Salim Miguel são formados, respectivamente, pela “Geração da Academia” nos anos vinte; e, pelo Grupo Sul, nos anos quarenta. A partir daí, apenas “movimentos flutuantes, que não se fixam nem se consolidam”⁶⁶. A visão de Salim Miguel sobre a vida literária catarinense da Primeira República, embora desqualifique a atuação dos acadêmicos, coaduna, em parte, com o discurso construído por Altino Flores sobre o mesmo contexto: a “Geração da Academia” foi a única expressão cultural de sua época. Altino buscou caracterizar a geração de letrados anterior à sua – em que se destacavam nomes como Santo Lostada⁶⁷, Araújo Figueredo⁶⁸, Horácio Nunes⁶⁹ – como “triste”, enferma”, “vetusta”⁷⁰, embora talentosa. Nomes como Figueredo e Lostada deveriam, segundo Altino, capitanear a nova geração que surgia, mas não o fizeram, pois escassearam suas produções. Não houve, portanto, uma substancial querela entre “novos” e “velhos” na Primeira República, mas houve uma disputa de poder dentro do campo cultural entre dois

⁶⁵ MIGUEL, Salim. *Variações sobre o livro*. São Carlos: Ed. da UFSCar, 1998. p.11.

⁶⁶ MIGUEL, 1981, p.13-17.

⁶⁷ Manoel dos Santos Lostada (1860-1923). Nasceu na localidade de Furadinho, município de Palhoça (SC). Transferiu-se para a cidade do Desterro onde aprende as primeiras letras e trabalha como caixeiro viajante. Torna-se colega de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea, iniciando colaboração na imprensa local. Participa do movimento de apoio a Floriano Peixoto, liderado por Hercílio Luz. Ocupou cargos públicos, foi Deputado, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e patrono da Academia Catarinense de Letras. Faleceu em Florianópolis. Cf. PIZZA, W. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: ALESC, 1985. p.309.

⁶⁸ Juvêncio de Araújo Figueredo (1864-1927). Com a morte do pai e da mãe, se tornou, ainda na juventude, arrimo de família, sendo obrigado a recusar uma bolsa de estudos na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, ao lado de Victor Meirelles. Tornou-se tipógrafo no jornal *Regeneração* e passou a conviver com os jovens jornalistas e escritores que fizeram parte da “Ideia Nova”. Após um breve período no Rio de Janeiro, retornou a Santa Catarina em 1891 para ser Promotor em Tubarão. Com a Revolução de 1893, retorna a Desterro, se desfaz de tudo e peregrina, como tipógrafo, por jornais de Santos, São Paulo, Itú e Campinas. Quando retorna, vive na miséria até conseguir, por interferência de amigos, um emprego público. Era espírita e publicou dois livros: *Madrigais* (1888) e *Ascetério* (1904). Cf. JUNCKES, Lauro. *O Mito e o Rito*. Florianópolis: UFSC, 1987. p.44.

⁶⁹ Horácio Nunes Pires (1855-1919). Foi educador e administrador público. Destacou-se no teatro e na poesia, além de ser o autor do Hino de Santa Catarina. Publicou crônicas e novelas na imprensa Cf. JUNCKES, Lauro. *A Literatura de Santa Catarina – Síntese Informativa*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992. p.15.

⁷⁰ FLORES, Altino. Os “velhos” e os “novos”. *Jornal O Dia*, 03/02/1916.

grupos que se consideravam “novos”, a Geração da Academia e os “poetas menores”⁷¹, expressão pejorativa utilizada de forma recorrente na crítica literária catarinense para caracterizar os intelectuais não incorporados aos quadros acadêmicos. Estes “poetas menores” eram aqueles que, ao final da década de 1910, não estavam alinhados com Altino; e, na década de 1920, após a morte de Hercílio Luz⁷² e a queda do hercilismo, se envolveram com a fundação do Centro Catharinense de Letras.

Durante a Primeira República, enquanto buscava a sua afirmação como intelectual e crítico literário, Altino Flores mostrava-se receoso em assumir para si e seus colegas o epíteto de uma geração de “novos”. Na imprensa, ao apresentar como “novos” nomes da vida cultural local os seus amigos Barreiros Filho, Haroldo Callado, João Crespo, Alberto Barbosa e Tolentino Júnior, Altino não citou seu próprio nome. Assumindo a voz de crítico literário independente, simulava uma distância do seu grupo de colegas e pairava sobre todos como a voz legitimadora de sua geração, como se depreende do seu texto “Os ‘velhos’ e os ‘novos’”, publicado no jornal *O Dia*, em 1916:

Mas, numa dada época literária, que é ser novo? É ter poucos anos? É ter ideias novas? Nem uma coisa, nem outra. Nenhum deles pretende campar de *novo* [grifo do autor], porque isso, sobre ser embófia, é, tolice. Uma geração, por mais numerosa e heterogênea que seja, está, por natureza, e, conseqüentemente, por fatalidade, circunscrita nas circunstâncias do tempo e do próprio esforço. (...) Não há *novos* [grifo do autor], não há nada. Há, simplesmente, uns moços que sentem na alma os frêmitos duma emoção artística superior e que procuram traduzi-las na plástica dos períodos esculturais e na harmonia embaladora da rima⁷³.

Altino mostrava-se cauteloso com o epíteto de “novos”, mas assumia-o ao intitular sua crítica de “Os ‘velhos’ e os ‘novos’”. Uma semana depois, nas páginas do mesmo jornal, o crítico ridicularizou seus adversários de contenda – sobretudo Ildefonso Juvenal⁷⁴ – alcunhando-os de “novíssimos”. Segundo Altino, enquanto seus colegas – os “novos” –

⁷¹ Expressão consagrada, entre outros, por Celestino Sachet. Cf. SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: EDESC: Edeme, 1974. p.50-55.

⁷² Hercílio Pedro da Luz (1860-1924). Estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e na Faculdade de Agronomia de Gembloux, na Bélgica. Ingressou na política por ocasião da Revolução de 1893, organizando e liderando um movimento paralelo em Blumenau, contra o governo de Eliseu Guilherme. Foi Governador do Estado (1894-1898 e 1918-1922) e Senador (1898). Fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e financiador de empreendimentos culturais como a Academia Catarinense de Letras. Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p.94-95.

⁷³ FLORES, Altino. Os “velhos” e os “novos”. Jornal *O Dia*, 03/02/1916.

⁷⁴ Ildefonso Juvenal da Silva (1894-1965). Formado em Farmácia pelo Instituto Politécnico de Florianópolis. Foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e de Santos. Membro correspondente da Academia Rio-grandense de Letras e do Centro de Letras do Paraná. Foi funcionário da Força Pública. Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p. 99.

reagiam contra a “lastimável derrocada artística” catarinense, num cenário cultural que estava “às moscas”, os “novíssimos” seriam “tolinhos” que tartamudeavam picuinhas literárias.

Altino ironizava-os:

E os representantes da reação contra a reação bem-fazente de Laércio Caldeira, Barreiros Filhos, Haroldo Callado, Alberto Barbosa, João Crespo e Tolentino Júnior não são mais nem menos que os célebres autores dos celebérrimos Contos Singelos, Prelúdios Vespertinos, Panfletos Comemorativos, etc., etc., etc. São os... novíssimos... Eles se contrapuseram por si mesmos aos meus amigos, com a gasometral empáfia dos nulos tornados sábios depois de terem lido o Casimiro de Abreu e quejandos líricos (...) porque não faltou quem lhes gabasse as aptidões, nem quem lhes metesse não sei em que parte do corpo um canudo para lhes assoprar a vaidade – tal como se faz com as bolhas de sabão. Eles encheram, arredondaram, desprezaram do canudo, liberam-se no ar... Não tarda, porém, que – pluf! – estalem sem deixar vestígios (...) ⁷⁵.

As críticas de Altino Flores implicavam na afirmação de sua pretensão à legitimidade cultural⁷⁶. E foi tratando seus oponentes como bolhas de sabão que desaparecem no ar, que o crítico construiu o discurso que diferenciava o grupo de intelectuais do qual fazia parte dos “nulos pequenos literatos” da sua época. Ao relembrar as tertúlias literárias ao lado de Laércio Caldeira, Mâncio Costa, Barreiros Filho, Othon D’Eça, Ivo d’Aquino, João Crespo, Haroldo Callado e outros, Altino fazia questão de afirmar a maneira liberal e superior com que debatiam temas literários, sem a preocupação de possuírem um sistema de ideais ou valores que os encerravam como movimento uniforme:

(...) basta dizer que não há, sequer, dois dentre nós que possuam o mesmo estilo, que se tenham especializado num mesmo gênero literário, ou num mesmo ramo cultural ou científico, diferenciando-se tanto em matéria política como de religião, sendo que alguns, até, levaram as suas divergências de ideias ao terreno da polêmica mais ou menos rumorosa pela imprensa⁷⁷.

Desde 1912, quando criou com José d’Acâmpora o jornal literário *O Argos*, Altino Flores alimentava a ideia de Othon D’Eça de fundar uma Sociedade Catarinense de Letras, aos moldes da Academia Brasileira. Com o apoio político do Secretário do Interior e Justiça do Governo Hercílio Luz, José Boiteux, a ideia de uma Academia de notáveis tornou-se realidade em 1920, quando, reunidos no gabinete de trabalho de Boiteux, no Palácio do Governo, catorze intelectuais assinaram a ata de fundação da Academia Catarinense de Letras. Composta pelos “novos” e homenageando alguns “velhos”, excluiu-se da sua

⁷⁵ FLORES, Altino. Ao redor dos “novíssimos”. *Jornal O Dia*, 10/02/1916.

⁷⁶ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004. p.108.

composição os “novíssimos”, que só conseguiriam se institucionalizar com o fim do hercilismo.

Ressalta-se que a “Geração da Academia” deve ser compreendida como um grupo de escritores contemporâneos que responderam aos mesmos desafios históricos e comungaram de um desejo coletivo de afirmação literária, condição fundamental de sua canonização, a despeito de suas idades, afinidades ideológicas e estéticas. Por razões históricas ou culturais, tais escritores se encontravam reunidos em torno da fundação da Academia Catarinense de Letras, sem que necessariamente todos eles tenham constituído uma única “escola literária”. A figura de Altino Flores, polêmica e temida mesmo por seus confrades, sempre foi um ponto nevrálgico. Por vezes, as opiniões incisivas de Altino fizeram com o que ele se tornasse inadvertidamente o “porta-voz” de sua geração, como se todos compactuassem com seus ideais. No entanto, paradoxalmente, o próprio Altino dizia-se contrário a agrupamentos em torno de movimentos literários, ou “capelinhas herméticas”:

Porque é fatal: desde que se irmanam em confraria fechada, nivelam-se, copiam-se, despersonalizam-se. Se, pois, um vale o outro pelas mesmas convicções estéticas, pela observância dos mesmos postulados artísticos, pelos mesmos processos e pelos mesmos fins – a que se reduzirá a pretensa “mensagem pessoal”? (...) Agrupamento é disciplina; disciplina é nivelamento⁷⁸.

À primeira vista a afirmação é contraditória, haja vista ter sido feita por um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras, instituição fechada aos seus confrades. No entanto, ela deixa transparecer a noção de “academia” compartilhada por Altino: um núcleo de consagrados, diferenciando-se de um “movimento” ou “agrupamento” literário. O termo “Geração da Academia” serviria, então, para designar a elite cultural do período reunida em torno da fundação desta instância de consagração, a Academia Catarinense de Letras. Sob os auspícios do Governo, estes homens de letras fizeram literatura e política, criaram instituições, organizaram eventos, publicaram livros, editaram periódicos, ocuparam cargos públicos e se consagraram como a elite intelectual do Estado na Primeira República, posição contestada pela hagiografia literária apenas ao fim da década de 1940, com a ascensão do grupo modernista do Círculo de Arte Moderna.

⁷⁷ FLORES, Altino. *Goethe, os “novos” e os “velhos”*. Florianópolis: Edição do Autor, 1949. p.53.

⁷⁸ FLORES. Op. Cit., 1949. p.32-33. Embora esta afirmação tenha sido uma crítica aos intelectuais reunidos em torno do Círculo de Arte Moderna, ela ajuda a compreender a noção de “geração literária” compartilhada por Altino em relação a seus confrades acadêmicos.

Para aqueles que não estavam alinhados diretamente em algum dos lados da querela dos acadêmicos versus modernistas, sobrou uma dupla tentativa de desqualificação: da “Geração da Academia”, a menosprezar parte da produção literária de seu tempo feita por aqueles que não pertenciam aos seus quadros; e, pelos modernistas que comodamente repetiram tal discurso e resumiram o quadro sinóptico anterior a sua ascensão aos membros de uma geração caracterizada como ultrapassada e fora de compasso.

Neste modelo de interpretação do panorama cultural catarinense, o investimento feito pelo discurso modernista em caracterizar a atuação dos membros da “Geração da Academia” como retrógrada não apenas nas décadas de 1940 e 1950, mas, sobretudo, por sua atuação no campo cultural local durante a Primeira República, quando não partilharam dos anseios dos modernistas paulistas, soa tão anacrônico quanto o Grupo Sul adotar a Semana de 1922 como baliza temporal de seu surgimento, como se o “modernismo” pregado pelo grupo florianopolitano estivesse associado ao modernismo paulista do início do século e não aos movimentos modernistas do país nas décadas de 1940 e 1950: “E é, agora, depois de passados vinte e cinco anos do seu aparecimento, que se faz, pela primeira vez em Florianópolis, a campanha em prol da Arte Moderna, senhores leitores”⁷⁹, apregoou Salim Miguel, em 1947.

É necessário desvendar a estruturação das relações que vigoraram entre os agentes e as instituições artísticas para expor o anacronismo de alguns de seus discursos. O Modernismo, como um “movimento de movimentos”, foi construído com base em um conjunto de ideias que vinham transformando a cultura e a sensibilidade e que, a partir do final do século XIX, escritores e artistas latino-americanos se engajaram em prol de uma pretensa renovação nacional dos temas e das formas artísticas de onde deslancharam diferentes movimentos literários ditos “modernistas”, em diferentes lugares, em momentos diferentes. A história da literatura brasileira, no entanto, durante muito tempo difundiu a ideia de um “vazio cultural” para definir o panorama artístico intelectual brasileiro da virada do século XIX para o XX, só superado no ano de 1922 – ou no período imediatamente anterior a ele – pela Semana de Arte Moderna, de São Paulo, evento caracterizado como fundador do modernismo brasileiro e marco da história cultural do país. Neste registro canônico, assumido também pelo

⁷⁹ MIGUEL, Salim. "A Juventude de Florianópolis e a Campanha da Arte Moderna". In: *Jornal Folha da Juventude*, nº9, 1947.

modernismo catarinense, privilegiou-se, a princípio, a vanguarda paulista, que atualizou essa narrativa hegemônica ao longo das décadas de 1930 a 1950⁸⁰.

A associação do Grupo Sul com o modernismo de 1922 - ainda que restrita mais ao seu discurso do que à estética de suas obras - e a responsabilização da “Geração da Academia” pelo suposto isolamento e estagnação cultural catarinense parece ignorar que aquele modernismo de 1922 era, sobretudo, uma aspiração, um projeto para o futuro, como definiu Renato Ortiz⁸¹. Se, para Tristão de Athayde, o modernismo frutificou em São Paulo por ser uma cidade onde os artistas experimentavam em seu cotidiano o tumulto da vida urbana moderna, “o asfalto, o motor, o rádio, o tumulto, o rumor, a vida ao ar livre, as grandes massas, os grandes efeitos”⁸², esta imagem representava mais aos anseios sociais de uma parcela de intelectuais que buscavam soterrar uma cidade que entendiam provinciana, tradicional, conservadora, uma cidade que não se ajustava ao ideal cultivado pelos modernistas. Para Ortiz, a imaginação poética modernista, onde um Menotti del Picchia escrevia sobre automóveis que corriam vertiginosamente por estradas de rodagem da via láctea, não deve obscurecer uma realidade em que o consumo da produção artística modernista era restrito a pequenos grupos de vanguarda, numa sociedade onde os carros, todos importados, eram raros e as estradas de rodagem eram poucas e intransitáveis⁸³.

O modelo interpretativo do campo cultural que associa o Grupo Sul à vanguarda paulista de 1922 parece ter servido apenas como ferramenta discursiva na desqualificação de seus adversários de contendas culturais. Como qualquer outro campo, o campo da produção cultural é um campo de batalhas, terreno de luta em que os participantes procuram preservar ou alcançar o peso relativo dos diferentes tipos de capital artístico, ocupando posições hierárquicas e adotando estratégias de consagração e conservação dessas posições. Na configuração deste modelo de interpretação, o exercício da escrita pelos modernistas e os apoiadores de seu discurso auxiliou na partilha dos espaços, na divisão e ordenamento dos corpos na ordem política e da constituição estética da sociedade de Florianópolis⁸⁴. Uma vez

⁸⁰ BRADBURY, Malcolm & McFARLANE, James. *Modernismo – Guia geral: 1890-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989; e, VELLOSO, Mônica Pimenta. *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. P.11-29.

⁸¹ ORTIZ, Renato. Advento da Modernidade? In: *Lua Nova, Revista de Cultura e Política*, nº20, São Paulo, Maio de 1990. p.20.

⁸² Citação in MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1970 apud ORTIZ, Renato. Advento da Modernidade? In: *Lua Nova, Revista de Cultura e Política*, nº20, São Paulo, Maio de 1990. p.20

⁸³ ORTIZ, 1990, p. 20.

⁸⁴ RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: ed. 34/EXO experimental org, 2005, p. 15-26.

conquistado um patamar de destaque no campo cultural e cristalizado a imagem de um grupo de jovens revolucionários em detrimento a uma geração conservadora, a produção dos modernistas catarinenses pôde dar forças ao diálogo constante que exerceram com a estética da arte modernista do Brasil de seu próprio tempo, as décadas de 1940 e 1950, período em que os movimentos modernistas já não estavam tão voltados a uma renovação estética, ao desenvolvimento de estratégias que representassem um esforço coletivo de superação da arte acadêmica, do passadismo, do parnasianismo nas letras. Ao privilegiar as querelas dentro do campo, o Grupo Sul momentaneamente deixou de lado aquilo que o tornou célebre como expressão cultural catarinense: o compromisso com temas sociais em suas obras, o privilégio à liberdade individual de criação, os novos espaços políticos configurados por seus investimentos culturais, as novas dramaturgias, a atuação através de ampla gama de linguagens (literatura, cinema, teatro, artes plásticas...), na expressão da modernidade de seu tempo e não de um tempo passado, que um determinismo teleológico fez supor ter chegado a Florianópolis com vinte e cinco anos de atraso.

Esta discussão acerca da construção do cânone modernista catarinense torna-se necessária, pois se lança nesta tese um olhar sobre o campo cultural florianopolitano da Primeira República sem reiterar tais idealizações pré-concebidas. O período em questão permite interpretações que o qualifica como a fase na qual se desenvolveram condições sociais favoráveis à constituição de um campo cultural rico em realizações e período de surgimento de uma incipiente profissionalização do trabalho intelectual, a despeito e sua autonomia limitada e dos estereótipos ainda correntes que estigmatizam a época como uma fase de estagnação cultural à espera da chegada redentora dos modernistas. Torna-se necessário desnaturalizar tais memórias triunfantes e problematizar as camadas de sentido conferidas às discussões literárias que, além de produzir anacronismos, ocultaram processos históricos incrementados a partir do século XIX, como a proliferação da cultura impressa em Florianópolis com o gradual aumento de pontos de comercialização e circulação, as políticas de alfabetização, a emergência da comunidade dos leitores, a formação da opinião pública, a incipiente profissionalização dentro do campo cultural, a criação de instituições culturais, além dos demais processos de formação do campo cultural, a despeito de estarem ou não vinculados com a estética e a política de algum movimento literário hegemônico.

O primeiro capítulo desta tese atenta para a dinâmica dos grupos intelectuais, em especial a formação do campo cultural de Florianópolis durante a Primeira República e sua elite literária, a chamada “Geração da Academia”. Examina-se a trajetória social e a atuação

no mercado local da diversidade de letrados atuantes no período, além das sociabilidades intelectuais⁸⁵ e as instâncias de consagração que ora legitimaram grupos literários, ora contribuíram para que outros grupos imergissem reduzidos pela crítica literária a um genérico grupo de intelectuais “menores”. O campo da produção cultural, como um campo de batalha, foi um terreno de luta em que os participantes procuram preservar ou alcançar o peso relativo dos diferentes tipos de capital artístico, ocupando posições hierárquicas e adotando estratégias de consagração e conservação dessas posições. Pretende-se demonstrar a estruturação das relações que vigoraram entre os agentes e as instituições artísticas, em especial aquelas gestadas sob os auspícios do Partido Republicano Catarinense, a competir por legitimidade ao longo da formação da elite cultural local.

Com pinceladas prosopográficas⁸⁶ se reconstrói as trajetórias sociais desses intelectuais, homens de letras que entraram em concorrência dentro do campo cultural. Embora o conceito corrente de “homem de letras”, cunhado nos séculos XVIII e XIX, remeta à figura do homem letrado fechado em seu gabinete, recluso em seus livros e em si mesmo, esta expressão por vezes aparecerá neste trabalho por ser uma forma comum como se autodenominavam os intelectuais catarinenses do período. Ela costuma aparecer nos relatos memorialísticos e nas crônicas do período como sinônimo de homem letrado, o intelectual escritor ou amante dos livros e da leitura. Compreende-se este intelectual como uma figura representativa, “alguém que visivelmente representa certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público”⁸⁷, possuindo a capacidade de discernimento adequada para representar a cultura – “o melhor pensamento” – fazendo desta prática uma forma de prevalecimento sobre os campos culturais e políticos. Edward Said compreende o intelectual como um indivíduo caracterizado por sua atitude crítica permanente, percorrida na produção e

⁸⁵ Utiliza-se aqui o conceito de “rede de sociabilidades” defendido por Ângela de Castro Gomes, ou seja, um conjunto de formas de conviver com os pares, formando um grupo – permanente ou temporário - com qualquer grau de institucionalização. As sociabilidades se estruturam através de múltiplas formas que se alteram com o tempo, mas permanecem como espaço de trocas intelectuais. O espaço da sociabilidade, além de “geográfico”, é também afetivo, nele se estabelecendo vínculos de cumplicidade/amizade, hostilidade/rivalidade, etc. Cf. GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, p.62-77.

⁸⁶ Segundo Heinz, a prosopografia ou método das biografias coletivas “utiliza um enfoque de tipo sociológico em pesquisa histórica, buscando revelar as características comuns (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo social em dado período histórico”. Utiliza-se aqui, sobretudo no primeiro capítulo, pequenos trechos de biografias de intelectuais buscando indícios que permitam recuperar a forma como se deu o recrutamento e a reprodução social dos membros da elite cultural local. Cf. HEINZ, Flávio. “O Historiador e as elites – à guisa de introdução”. In: HENIZ, F. (org.) *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.9.

divulgação de suas opiniões, utilizando a imprensa – ou numa chave mais ampla, a cultura impressa - para difundir suas ideias e pensamentos, tomando os periódicos como espaços privilegiados do debate intelectual. Como veremos ao longo deste trabalho, esta postura crítica não é, necessariamente, sinal de autonomia e independência dentro do campo cultural, pois as configurações políticas e sociais transcendem o campo em questão. Ao não se pressupor a esfera cultural como autônoma, pretende-se aprofundar a relação entre práticas sociais e as construções intelectuais, explorando as afinidades entre a elite local e instituições culturais e o peso dos pertencimentos sociais em seu repertório de ações.

O segundo capítulo lança um olhar sobre a vida literária do período, com uma elite cultural preocupada em afirmar a sua posição no espaço social, bem como manter as respectivas distâncias em face de outros grupos e estratos, buscando os termos com que seus integrantes se viam e queriam ser apresentados. O enfoque é o microcosmo cultural de Florianópolis do período, ou seja, a teia de instituições na qual circularam os seus personagens e seus campos de atuação, com destaque para os centros culturais de atuação cívica e literária, as instituições de leitura. Elaborar-se um mapeamento dos lugares de sociabilidades por eles legitimados para o debate e propagação de suas ideias e sublinha-se a relevância da atuação destes intelectuais na proposição de projetos de intervenção na sociedade, que tinham em comum a crença na regeneração social pela instrução e pelas iniciativas culturais.

O terceiro capítulo trata sobre a constituição da imprensa local, com os jornalistas construindo seus espaços de atuação e discutindo a incipiente profissionalização do campo, além de pensar o ambiente em torno das redações e tipografias, tornando implícito neste panorama as condições de produção das fontes periódicas, com o intuito de indagar em que medida as características da imprensa local remetem a propriedades sociais pertinentes aos grupos estudados, fixando nos periódicos as marcas de seus interesses, valores e estratégias culturais, com sus laços relacionais funcionando como capital simbólico para projetos editoriais, fazendo-se presentes no personalismo e na não autonomia do campo cultural.

Por fim, o quarto capítulo apresenta alguns dos impressos da província, dando ênfase à participação dos intelectuais nas páginas de periódicos editados em Florianópolis durante a Primeira República: almanaques, anuários, guias, indicadores e revistas que permitem delinear grupos de intelectuais afinados com a cultura impressa e sua propagação. Os avanços

⁸⁷ SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. As conferências de Reith de 1993. São Paulo: Companhia

tecnológicos, a emergente comunidade de leitores e a embrionária profissionalização do campo cultural possibilitaram a existência de um mercado - ainda que reduzido às proporções locais - de bens simbólicos e o início de uma segmentação na produção de impressos com a criação de revistas educacionais, jurídicas, agrícolas, historiográficas, ilustradas e literárias. Tais revistas constituem um corpus documental de grande importância para os estudos culturais. Através delas é possível averiguar as direções para onde caminharam os intelectuais locais, as batalhas que travaram na sociedade e entre si e as formas de agrupamento, organização e legitimação coletiva.

A proposta de um estudo sistemático destes periódicos poderia esbarrar na dificuldade de se levantar as séries em sua totalidade, já que os acervos consultados não apresentam as suas séries completas. Esta falha nas séries periódicas determinou o tratamento circunstancial das mesmas, limitando-se ao material encontrado, ou seja, na impossibilidade da coleção completa de uma revista, recorreu-se aos números remanescentes localizados. Ressalta-se que a intenção do capítulo não é fazer uma análise apurada de todos os periódicos consultados, levando em consideração as técnicas empregadas em sua elaboração, o tratamento dado por seus editores e colaboradores aos textos e às imagens – visuais e literárias - que compõem os impressos ou à sua materialidade, embora em alguns momentos tais questões sejam abordadas. A finalidade do capítulo limita-se a evocar o periodismo florianopolitano na Primeira República em seu conjunto documental. A análise restringe-se ao que esse *corpus* tem de imediato, o quadro histórico em que os impressos transitam, a quantidade e variedade da produção local. Oferece-se uma cartografia inicial da segmentação do mercado de impressos a fim de repensar velhos modelos de análise das condições de produção e circulação de impressos na cidade⁸⁸.

A leitura do campo cultural proposta nestes capítulos busca demonstrar que a vida literária não se restringe a “qualidade” literária, menos ainda à filiação a determinada escola ou movimento de intelectuais. Diz respeito, entre outras possibilidades, às sociabilidades intelectuais, à produção, consumo, circulação de bens culturais, embora quanto maior o “mercado”, maiores serão as exigências em torno de uma determinada “qualidade” condicionada às exigências de consumo⁸⁹. Analisar as condições de produção e circulação de

das Letras, 2005. p.51.

⁸⁸ Cf. BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.14-15.

⁸⁹ MARTINS, Vilson. *História da Inteligência Brasileira*. (1933-1960). RJ: Cultrix, 1979.

cultura impressa intensifica a experiência literária, pois permite compreender criticamente as sobreposições ideológicas que revestem os discursos sobre a literatura. Torna-se necessário romper com uma tradição interpretativa redutora, episódica, que localiza ilhas de criatividade dentro do campo cultural, isoladas da conjuntura histórica, que se apresentam como única via de compreensão do passado em detrimento das articulações estabelecidas entre seus atores, suas práticas culturais e seu tempo. É preciso “enterrar tradições depositando-as criticamente na memória”⁹⁰. Não se trata de relegar a memória instituída ao esquecimento, mas restituir a complexidade do que ficou encoberto por ela.

⁹⁰ VALLE, Ricardo Martins. “Invenção da literatura brasileira: a recepção de Cláudio Manoel da Costa na gênese da crítica e do cânone literário brasileiro”. In: *Revista Novos Estudos*. Nº65. Março de 2003. p.140.

CAPÍTULO 01 - Os “Novos” da “Geração da Academia”: Elite Literária e Formação do Campo Cultural.

“Éramos absurdos e éramos bons.”

(Altino Flores, 1913.)⁹¹

Desta forma, como quem falava de um passado longínquo, Altino Flores relembrava fatos decorridos havia dois anos, quando o grupo de “jovens obreiros da Arte” ao qual pertencia se reunia para sacudir “a pesada sonolência dum *far niente* comprometedor” que teria caído sobre a vida intelectual de Florianópolis, segundo suas próprias concepções. A evocação de Altino remete aos serões literários realizados por rapazes unidos pelo interesse em participar do “sagrado labor artístico” do campo cultural local. Seriam “absurdos”, pois por vezes se rendiam ao culto do exótico, ao sardônico, ao desejo de gravar a vida em páginas dolorosas, a afirmar uma Arte (sempre em maiúscula) sombria e pessimista em um mundo que só valeria pela mesma soma de ilusões que o encerrava. Alguns deles eram “mais incompreensíveis”, segundo Altino, pois tentavam negar “a realidade da curva”, supinamente “anárquicos” e “gaiatos”. E eram bons, pois, afinal, todos faziam parte de um mesmo grupo que buscava conquistar seu espaço na arena particular do campo literário da Florianópolis da década de 1910. Neste campo de batalhas, dois anos poderia sugerir uma eternidade, caso contribuísse a legitimar a ação de rapazes autoproclamados possuidores do domínio de uma Arte Sagrada disseminada pela cultura impressa, sobretudo nos periódicos.

A crônica “Há dous annos” rememora o ano de 1911, no dia em que Altino Flores conheceu o então recém-inaugurado gabinete de trabalho do seu amigo Othon D’Eça, jovem pertencente a uma família que fora alvo de perseguições por parte de florianistas durante a Revolução Federalista, o que culminou com os assassinatos de dois de seus membros, o Barão de Batovi e seu filho, Alfredo, avô e tio de Othon D’Eça, fuzilados na Fortaleza de Anhatomirim. Em virtude da violência e das tensões políticas do período, o pai de Othon

partiu em exílio voluntário para a Bahia, retornando mais tarde. Em 1911, no dia em que Othon D'Eça convidou Altino Flores para conhecer o seu gabinete de trabalho, Altino levou consigo o amigo Haroldo Callado⁹². Ao cair da noite bateram à porta do gabinete, situado na entrada da Rua Fernando Machado, esquina com a Rua 16 de Abril (trecho da atual Rua dos Ilhéus). Era inverno e o vento sul ermava as ruas. Quando Othon abriu a porta do seu gabinete para recebê-los, a saleta parecia emanar um leve perfume de rosa, oferecendo um consolo ao frio do lado de fora. Othon não tardou a lhes apresentar o local, adiantando particularidades sobre a sua nova instalação, a começar pela posição de sua mesa de trabalho:

- Isto aqui é outra cousa, filhos. Primeiramente, tive a minha mesa no quarto de dormir. Mas, com a cama ao pé de mim, quase nunca podia ler por longo tempo. Ao olhar a moleza dos colchões, vinha-me uma tentação irresistível de tombar nelles e ali ficar, beatificamente, à espera duma idéa... Mas a idéa tardava e sempre o sono se lhe antecedia! Aqui, não. Amarro-me à mesa, e, sem ver lenções nem travesseiros, resisto ao somno. E as idéas têm vindo, têm vindo⁹³...

E, como para provar o que dizia, começou a estender sob os olhos de Haroldo Callado laudas e laudas densamente cheias, em uma letra miúda, em pé e muito aberta. Após presenciar a cena, Altino Flores se pôs a inspecionar o quarto. Um tapete estreito, com um desenho complicado, vinha da entrada a uma cadeira preguiçosa que estacionava junto à janela aberta para o quintal plantado de amoreiras. Aos cantos, enormes vasos rústicos transbordavam de palmas. Um sem número de quadrinhos manchavam as paredes; eram aquarelas vivas ou desbotadas, litografias inglesas, caricaturas de J. Carlos, fotografias de mulheres e rapazes. Havia um armário, estreito e alto, com as prateleiras atochadas de brochuras e encadernações. No mesmo lance de parede onde ficava a estante, além dos quadrinhos, havia diversas ventarolas chinesas de palha entrançada, com exóticos desenhos em acesas cores. O quebra-luz restringia a claridade ao retângulo da mesa, mas ainda assim era possível perceber que o desenho de uma das ventarolas chinesas era um afusado pagodê amarelo, erguido à beira de um lago azul e tranquilo, em cujas águas se espelhavam a mancha

⁹¹ FLORES, Altino. *Há dous annos...* 01/08/1913. Recorte de jornal não identificado. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC). As expressões entre aspas e a descrição dos serõesnos primeiros parágrafos deste capítulo foram retiradas deste texto.

⁹² Haroldo Genésio Callado(1892-1932). Filho do jornalista Martinho Callado, fundador da Cadeira N°35 da Academia Catarinense de Letras.

⁹³ Diálogo reproduzido por Altino Flores, em *Há dous annos...* 01/08/1913. Recorte de jornal não identificado. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC). Optei por não atualizar a ortografia da época.

de um bambual esverdeado. Tal cenário parecia imprimir, no julgamento de Altino, uma aparência vil de camarim àquele aposento de paz e estudo:

Mas, como cheguei depois a amar aquella salinha, arranjada com um gosto tão exótico! Como aquellas miudezas, semeadas por aqui e por ali, me faziam bem à vista! Eram quadrinhos, estatuetas de fina plástica ou esgares irônicos, quinquilharias, raridades em numismáticas, coleções de lepidópteros – um verdadeiro *bric-à-brac*...⁹⁴



Figura 1 – Altino Flores, 1921.

Fonte: Jornal A Capital, 04/1/1921. Acervo da BPESC.

Segundo Altino, raras foram as noites do inverno de 1911 que os amigos deixaram de lá se reunir e bebericar um licor preparado pelo próprio Othon D’Eça, sob as normas de uma fórmula baiana. Tais reuniões começavam justamente pelo licor, em uma garrafa de cristal suíço, representando a deusa Diana, nua e de pé, com a aljava às costas, o arco pendido ao longo da perna e a mão direita espalmada sobre os dois seios. Após “esgotarem a Deusa”, como em um rito acendiam charutos e começavam a leitura em voz alta de obras escolhidas. Entre a névoa das baforadas, se embriagavam com o ritmo das palavras e as imagens que saltavam das páginas de autores como Gabriele d’Annunzio, Flaubert, Balzac e Eça de Queiroz.

⁹⁴ Idem.

Nessas noites no gabinete de trabalho de Othon D’Eça o grupo de amigos – adicionando nomes como Barreiros Filho⁹⁵ aos três iniciais - aprofundou laços de sociabilidades e sensibilidades estéticas. Por esse tempo, Othon introduziu no círculo de leituras obras do jornalista e escritor Diniz Júnior⁹⁶ e em um só serão leram dele os textos “Loucura azul”, o “Feitio do Homem” e “O Contágio”, impressionando e fascinando aos jovens, que manifestaram o desejo de conhecê-lo. Temiam, porém, que Diniz Júnior fosse um autor inacessível, como tantos outros em atuação na Capital da República. Othon protestou de forma eloquente, a afirmar que Diniz Júnior não apenas já conhecia o grupo de intelectuais que se formava em Florianópolis, como havia manifestado o desejo de conhecê-los pessoalmente, o que não tardou acontecer:

Foi uma revelação. Ninguém mais delicado, mais jovial, nem mais fácil. Elle falava. Mudos, em redor, sentíamos o metal sonoro das suas phrases apuradas, perfeitas; e era tal a kaleidoscópica fartura de imagens vindas nelas, que perdíamos a noção de tudo. (...) nos contou, em uma grande confidencia e por miúde, o enredo do romance que architectava. Deu-nos os moldes da obra, a sua indiscutível filiação à Escola Realista, ao mesmo tempo tão objectiva pela fartura e pelas tintas como subjectiva pelos conceitos e pelas emoções⁹⁷.

Diniz Júnior passou a manifestar-se não apenas como amigo do grupo, mas também como defensor. Tempos depois, foi dado a Barreiros Filho, pela imprensa, uma Carta Avulsa escrita por Diniz, “que foi de rijo arrebentar às bochechas plácidas e imbecis dos que nos

⁹⁵ Francisco Barreiros Filho (1891-1977). Filho do político Francisco Gonçalves da Silva Barreiros. Bacharel em Ciências e Letras. cursou Engenharia no Colégio Mackenzie, em São Paulo. Professor catedrático da Escola Normal, em Florianópolis, onde foi aprovado em concurso público em 1916. Foi Diretor da Escola Normal nos governos Hercílio Luz e Adolfo Konder. Foi nomeado, em 1930, pelo Interventor Ptolomeu de Assis Brasil, como Diretor de Instrução Pública. Deputado Estadual em 1935. Foi jornalista e participou de jornais como “Argos” e “O Estado”. Fundador da Cadeira Nº24 da Academia Catarinense de Letras. Cf. GOMES, Op. Cit., 1990, p.77.

⁹⁶ Leopoldo de Diniz Martins Júnior. Nasceu em Florianópolis, em 02/09/1887 e faleceu no Rio de Janeiro, em 25/01/1967. Filho de um cirurgião dentista português estabelecido em Florianópolis. Foi irmão de Marques Diniz, um dos precursores da crônica social no país, alcançado renome nacional por sua atuação na imprensa carioca em periódicos como a “Revista da Semana”. Seu outro irmão, José de Diniz, foi poeta. Diniz Júnior fez os estudos preparatórios em Santa Catarina e cursou Direito em São Paulo. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde alcançou projeção na imprensa. Colaborava em periódicos como a “Revista da Semana” e “A Pátria”, ao lado de João do Rio. Quando este veio a falecer, o substituiu na direção do jornal, mantendo a coluna antes redigida por Paulo Barreto. Também dirigiu o jornal “A Noite”, sendo considerado na época o jornalista catarinense de maior expressão nacional. Foi candidato a Deputado Federal por indicação de Nereu Ramos. Era considerado por Hercílio Luz como “um girassol”, sempre voltado para quem fosse o sol do momento. Amigo íntimo de Getúlio Vargas, Diniz foi Embaixador Substituto do Brasil em Buenos Aires. Cf. PITSICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998. p.55-58.

⁹⁷ FLORES, Altino. *Há dous annos...* 01/08/1913. Recorte de jornal não identificado. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC).

agridem, como outrora a ele, - sem justiça, sem honra e sem linguagem⁹⁸”. Na década de 1910, o grupo de amigos iniciava a colaboração na imprensa local e a associação de seus nomes com a do já consagrado Diniz Júnior fazia com que os jovens reafirmassem dentro do campo⁹⁹ local a pretensa legitimidade cultural que buscavam.

Na luta constante pelos capitais produzidos no interior desse campo (conhecimento, poder, habilidades, prebendas, dinheiro...) os sujeitos se mobilizam para atingir a seus objetivos comuns. Assim, os indivíduos se identificam e são identificados, estabelecem hierarquias, se manifestam, travam batalhas por seus interesses e estabelecem laços entre si, redes de sociabilidades que contribuirão para o sucesso - ou insucesso - de suas empreitadas. A teoria de Bourdieu, no entanto, sugere que haja certo grau de autonomia dentro do campo cultural, regido por regras específicas. Como se pretende demonstrar ao longo deste trabalho, em Florianópolis, o campo cultural em formação na Primeira República não possuiu a autonomia sugerida pela teoria de Bourdieu. Este “déficit” de autonomia não invalida uma análise do campo ou a torna menos interessante, pois não se busca aqui verificar ou aplicar, *ipsis litteris*, a teoria de Bourdieu, mas se apropriar de alguns conceitos de seu trabalho que auxiliam na restituição da complexidade de um campo sujeito à interferência de outros campos sociais, suas relações entre si e como seus atores garantiram uma lógica particular de funcionamento e de estruturação para o campo cultural florianopolitano do período em questão.

A Carta Avulsa de Diniz deixa transparecer que o grupo de jovens ao qual Altino Flores pertencia enfrentou resistência por parte de outro grupo de letrados que já ocupavam um espaço dentro do campo cultural. Ainda segundo Bourdieu, a luta pela consagração no campo cultural envolvia as disputas pelo reconhecimento de autoridade e pelo acesso às posições de classificação e avaliação do que deveria ser considerado digno de publicidade¹⁰⁰.

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ O conceito de campo é inspirado na obra de Pierre Bourdieu e designa o espaço onde ocorrem as relações entre os indivíduos. Tais relações estão sujeitas a influências de diversos poderes, o que o torna um espaço dinâmico, em constante mudança conforme as conveniências do momento. O campo é uma rede de relações onde cada personagem desempenha um papel conforme sua posição - sua situação presente e potencial - na estrutura de distribuição de espécies de poder (ou capital). Tais posições são definidas em sua existência e nas determinações que impõem sobre os ocupantes, agentes ou instituições, cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo. Os lucros e as espécies de poder são tão diversos quanto os campos em que essas relações se dão (político, econômico, cultural...). Cf. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.64-65.

¹⁰⁰ BOURDIEU, P. “O mercado de bens simbólicos”. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974, p.99-182.

Com a defesa e o encorajamento oferecido por Diniz Júnior, Altino Flores e seus pares soltaram a imaginação na pista das “Boas-Letras”:

Sob o seu dedicado patrocínio [o de Diniz Júnior], nunca trabalhamos com mais ardor e mais entusiasmo. Barreiros e eu sacrificamos sem vacilação o gosto absoluto da linguagem clássica às exigências das Letras actuaes, si bem que nunca puzemos inteiramente de lado as páginas de Bernardes e de Camões, de Vieira e de Gil Vicente; o Othon então, foi fecundo, jamais a sua pena sentimental e sincera foi tão diligente e fácil; o Haroldo lia, anotava, observava, escrevia – e destruía. Para ele, sempre e incondicionalmente, o seu próprio trabalho era um trabalho inútil¹⁰¹.



Figura 2 – Sentados da esquerda para a direita: Barreiros Filho, Altino Flores, Ivo d’Aquino, José de Diniz. Em pé: João Crespo e Clóvis de Araújo.

Fonte: Revista O Olho, 01/1/1916. Acervo do IHGSC.

No início do século XX, com alguns personagens do seu panteão literário vivendo no Rio de Janeiro – como Virgílio Várzea, Luiz Delfino e Lacerda Coutinho -, abriu-se espaço no campo cultural da província para o aparecimento de novos nomes na cena local, dentre os quais jovens quase sempre ligados ao jornalismo e/ou empregos públicos. A crítica literária habitualmente estabeleceu a criação da Academia Catarinense de Letras, na década de 1920, como o centro de sociabilidades da elite cultural florianopolitana do início do século passado, ao ponto de lhe tomar emprestado a alcunha “Geração da Academia”. Cabe ressaltar que a expressão “elite cultural” é aqui utilizada para designar o grupo que ocupa uma posição

¹⁰¹ FLORES, Op. Cit., 1913.

dominante nos mecanismos de acesso às instâncias de consagração (publicações, instituições...), dialogando com as demais elites de outros campos, especialmente o político e o econômico. Elite cultural não é, necessariamente, sinônimo de elite econômica ou política, embora as facilidades postas a seus membros por intermédio de sua atuação no campo cultural possam lhes garantir, temporariamente ou não, ascensão social. Sua maior acumulação é daquilo estabelecido e reconhecido como “capital cultural” (escolarização, civilidade, um suposto refinamento no consumo de bens culturais, etc.)¹⁰².

1.1 REDES DE SOCIABILIDADES

No que diz respeito à “Geração da Academia”, as sociabilidades de seus membros já estavam estabelecidas antes da fundação da A.C.L. No caso de alguns de seus nomes mais proeminentes pode-se retroceder esta data, por exemplo, à época de criação do Centro Catarinense de Estudantes, em 1909. O grupo de jovens “absurdos e bons” ao qual Altino se referia remete aos tempos de sala de aula no Ginásio Santa Catarina, depois Ginásio Catarinense, ainda estadual e instalado no Liceu de Artes e Ofícios. Desdobramento do antigo Instituto Literário e Normal, o Ginásio era uma iniciativa republicana de estabelecer um colégio regular em Florianópolis, a fim de superar a intermitência e a fragmentação do ensino secundário no período imperial¹⁰³. O Ginásio ministrava, em séries, conhecimentos que facilitavam a prestação de exames preparatórios para o ensino superior. O ensino propedêutico visava proporcionar a educação intelectual desejada pelo regime republicano, formar cidadãos com cultura geral universal, aliando o estudo vernáculo com a ênfase na cultura erudita europeia, em especial a francesa, a inglesa e a alemã. A instituição, laica e pública, funcionou até 1905 e foi suprimida legalmente em 1906, substituída, no governo Vidal Ramos, por um ginásio particular, subvencionado pelo Erário e sob os auspícios da ordem jesuítica, cujo ensino privado religioso era tido como sinônimo de qualidade, bons

¹⁰²Este capital acumulado é uma relação (de poder) correspondente a um determinado estado de forças. Para Bourdieu, o capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado (*background* ou herança familiar dos referenciais culturais, dos conhecimentos considerados apropriados e legítimos do campo cultural), no estado objetivado (sob a forma de bens culturais, tendo a elite cultural os instrumentos necessários para decifrá-los) e no estado institucionalizado (materializado por meio de diplomas ou pertencimento a instâncias de consagração). Para uns, o capital cultural é uma herança; para outros, uma conquista. Cf. BOURDIEU, P. “Os três estados do capital cultural”. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001, p.73-79.

métodos e resultados. Com o apoio da elite estadual e do clero romanizado, o Ginásio Catarinense buscou se equiparar ao Ginásio Nacional, do Rio de Janeiro, servindo de alternativa ao Ginásio Nossa Senhora da Conceição, de São Leopoldo (RS), até então o preferido das famílias de posse que buscavam garantir o ensino secundário nos moldes esperados pela sociedade catarinense, que respondesse às demandas de capital cultural dos grupos sociais dominantes. No Ginásio Catarinense os alunos deveriam sair letrados, moralizados e disciplinados para assumir seus papéis na jovem república, a fim de garantir a manutenção e reprodução da elite civil, aliando a educação escolar à formação de dirigentes e à consolidação do seu capital cultural, simbólico e social¹⁰⁴.

A transição do Ginásio público e laico para o privado e católico expôs tensões no debate pela imprensa. Os ataques à iniciativa do governo Vidal Ramos partiu dos jornais “Reforma” e “Correio do Povo”, que criticavam a nacionalidade dos padres jesuítas; a restrição do acesso das classes populares ao ginásio; ao fato de Santa Catarina não ter um ginásio público e gratuito; e defendia a ideia de um ginásio rigorosamente laico, como exigia a República. O oficioso jornal *O Dia* rebatia as críticas da oposição caracterizando-os como minorias anticlericais, sectaristas e jacobinas¹⁰⁵. Tais tensões reverberaram de alguma forma dentro das salas de aula, ao menos nos primeiros anos de funcionamento do novo ginásio. Segundo Laércio Caldeira de Andrada, os alunos do antigo Ginásio Catarinense não se amoldaram facilmente aos novos métodos de ensino:

Os rapazes “independentes” em matéria sócio religiosa (que se caracterizava pela falta de cultura espiritual e abundância de leitura materialista) estabeleceram logo choques de ideologias com os mais chegados aos jesuítas – os “vicentinos”. A disciplina imposta pelos padres, os novos métodos de ensino, a influência dos novos professores dirigidos pelo Revmo. Pe. Norberto Ploes, que mais parecia um cardeal da Idade Média, alto, elegante, caprichoso no trajar, olhando-nos, entre autoritário e magnânimo, de dentro de um óculos de aro-de-ouro; - tudo isto criou clima diferente para o ginásio catarinense. Os internos, mais disciplinados, na sua maioria rapazes do interior, pouco trabalho davam aos novos educadores. Mas, os externos... (...) Éramos nós, os de fora, do externato, criadores irreverentes

¹⁰³ DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura: Editora da UDESC, 2001. p.40.

¹⁰⁴ ASSIS, Rudinélio Reinaldo de; FASOLO, Camila Porto. “O Ginásio Catarinense e o fracasso do ensino secundário público em Santa Catarina (1892-1906)”. In: DALLABRIDA, Norberto & CARMINATI. *O Tempo dos Ginásios: ensino secundário em Santa Catarina*. Campinas: Mercado das Letras; Florianópolis: Editora da UDESC, 2007. P.239-259.

¹⁰⁵ DALLABRIDA, Op. Cit., 2001, p.47-48.

de situações que os padres enfrentavam e resolviam com energia e coragem¹⁰⁶.

Em 1909, a partir de ideia de Altino Flores e Jocelin Viegas, um grupo de estudantes do Ginásio Catarinense, a reunir tanto “vicentinos” quanto aqueles identificados por Laércio Caldeira de Andrada como da “ala revolucionária” da instituição, fundaram o Centro Catarinense de Estudantes que era um espaço para troca de ideias e realizações de atos em prol do que chamavam, entusiasticamente, de “independência intelectual”. Sem mecenas, o Centro vivia de mensalidades irregulares pagas pelos estudantes, em uma casa em que o aluguel da edificação e dos móveis ficavam sempre a dever. Instalada, de início, em uma casa à Rua Álvaro de Carvalho, mudou-se para um antigo prédio na Rua Vitor Meirelles até, por fim, já decadente, em simples sala da casa de um padeiro, na Rua Jerônimo Coelho¹⁰⁷. As reuniões aconteciam no período da tarde e mesmo em um pedaço da noite, quando podiam alimentar o lampião belga com o querosene retirado às ocultas dos lampiões da Municipalidade.



Figura 3 – Pe. Norberto Ploes.



Figura 4 – Laércio Caldeira de Andrada.

¹⁰⁶ ANDRADA, Laércio Caldeira de. “Os dias passam”. In: *Anuário Catarinense para 1956*. Direção de Martinho Callado Jr. [Florianópolis], ano IX, [1956].p.96-98.

¹⁰⁷ FLORES, Altino. “Laércio Caldeira de Andrada”. In: *Revista Signo*. Ano IV. Nº04, 1971. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 1973. p.116.

O choque de ideias entre os alunos ficou evidente logo na organização da primeira diretoria. Presidido pelo moderado Laércio Caldeira de Andrada, tinha como seu vice Anfilóquio Gonçalves¹⁰⁸, descrito como “ardoroso vicentino”, protegido do Pe. Carlos Norberto Ploes, que o brindava mensalmente com um cartão nominal destinado aos melhores alunos, sendo Anfilóquio sempre o melhor aluno da turma e o melhor do colégio¹⁰⁹. Altino Flores, contundente e argumentador sempre temido, era o 1º secretário, tendo Jocelin Viegas, descrito como indiferente a ideologias, como 2º secretário; e, Heitor Dutra, “devotado vicentino”, como tesoureiro¹¹⁰. Em uma reunião para a redação do estatuto do Centro, Anfilóquio Gonçalves fez incluir um artigo proibindo críticas de sócios da instituição contra qualquer cidadão ou religião, o que foi aceito devido a maioria presente ser da ala dos ginásianos vicentinos. Na tumultuada reunião seguinte, a Assembleia de estudantes resolveu reconsiderar a matéria já aprovada anteriormente, com discussões entre Altino Flores e Anfilóquio Gonçalves, além de muitos apartes, dentre os quais o de Francisco Martinelli, que propôs o cancelamento das propostas de Anfilóquio em nome de uma ampla liberdade de pensamento e crítica.

O Centro possuía uma tribuna rotunda, como um púlpito, pintada de verde-abacate, plantada no centro da sala de sessões, de onde os acadêmicos discursavam sobre os assuntos que iam descobrindo nas páginas das diferentes leituras que faziam dos mais diversos autores. Laércio Caldeira de Andrada, por diversas vezes, falou sobre “O Ideal da Humanidade”, fundamentando-se no Krausismo, do qual absorvera noções em um livro com aquele título, de autoria de Sanz del Rio; Othon D’Eça tentou elucidar a tese “Se os olhos veem com amor, o corvo é branco; se com ódio, o cisne é negro”, encontrada em uma seleção de sermões do Pe. Antônio Vieira; Altino Flores discutiu a figura de “Jesus, dentro e fora da História”; José d’Acâmpora fez a “Apologia da Bomba”, baseada em suas leituras do russo Piotr

¹⁰⁸ Anfilóquio de Carvalho Gonçalves. Era parente de Trajano e Álvaro de Carvalho, de Feliciano Nunes Pires e primo de Ronald de Carvalho, que por diversas vezes o visitou, em Florianópolis. Fundador da Cadeira Nº9 da Academia Catarinense de Letras. Foi professor e funcionário da Agência dos Correios de Florianópolis. Na década de 1930, por perseguições políticas, foi transferido de Florianópolis para Santos (SP). Faleceu em 31 de Agosto de 1937, suicidando ao pular da Ponte Hercílio Luz e cair sobre os fios da rede elétrica, antes de se projetar na água. Cf. PITSICA, Op. Cit., 1998.p.93-114.

¹⁰⁹ PITSICA, Op. Cit., 1998. p.95.

¹¹⁰ ANDRADA, Op. Cit., 1956. p.97.

Kropotkin¹¹¹. Apesar das disputas internas dentro do Centro, colocando em lados opostos, nos termos de Laércio Caldeira da Andrada, “vicentinos” e “revolucionários”¹¹², o Centro Catarinense de Estudantes organizava palestras versando sobre temas como liberdade de expressão (ministrada por Altino), efemérides, a importância da leitura e da escrita, além de manifestar-se sobre assuntos atuais da época, tal qual a morte de Euclides da Cunha, em agosto de 1909; e, a realização de uma sessão fúnebre, com a sala de atos do Centro toda forrada de panos pretos, em memória dos acadêmicos José de Araújo Guimarães e Pedro Ribeiro Junqueira, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, assassinados durante um protesto contra o abuso de autoridade da Força Policial da Capital da República, comandada pelo General Souza Aguiar.

Percebe-se nestes jovens um impulso de participação política na esfera pública fomentada pela própria cultura escolar do Ginásio Catarinense, voltada à distinção social, ao refinamento estético, à desenvoltura verbal pública dos alunos - característica da formação jurídicista ou bacharelesca presentes na sociedade brasileira desde o período colonial -, com ênfase na oratória e na retórica própria das elites dirigentes, trabalhada de forma sistemática no projeto educativo da instituição, na publicação de textos com a máxima correção gramatical e no respeito às normas da língua portuguesa castiça cultivada pelas classes refinadas¹¹³. Nas palavras de Altino Flores, foi no Centro que “alvoreceram algumas das inteligências que, segundo se esperava, sucederiam ao ‘grupo’ de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Lostada e Horácio de Carvalho (aqui talvez possa se acrescentar Araújo Figueredo)¹¹⁴”.

¹¹¹ FLORES, Op. Cit., 1973. p.116.

¹¹² Segundo Andrada, o grupo de “vicentinos” acabou derrotado pelo grupo de Altino. Ainda em 1909 Anfilóquio Gonçalves e Heitor Dutra exoneraram-se dos cargos e com seus liderados deixaram o Centro Catarinense de Estudantes. Segundo Pitsica, após o afastamento fundaram o Centro Dramático e Literário Sete de Setembro.

¹¹³ DALLABRIDA, Op. Cit., 2001, p.264-278.

¹¹⁴ FLORES, Op. Cit., 1973. p.116.



Figura 5 – Segunda turma de formandos do Ginásio Catarinense, 1911: Alfredo H. F. Schlemm, Armando de Barros Lima, Francisco Barreiros Filho, Hortêncio de Oliveira Goulart, Ivo D'Aquino Fonseca e Tertuliano Gonçalves. Ao centro, o Bispo Dom João Becker.

Fonte: Acervo do Colégio Catarinense.

O Centro Catarinense de Estudantes, mesmo de vida breve, foi um *locus* de sociabilidade que aproximou aqueles ginásianos que se reconheciam como grupo e compartilhavam do mesmo capital social, estreitando e produzindo laços relacionais que seriam levados por alguns de seus membros ao longo de suas trajetórias no campo cultural local, traçando o processo de constituição das redes de sociabilidade. Alguns membros do Centro já se conheciam antes da sua fundação, pelo convívio escolar e pelas demais sociabilidades da cidade. É o caso de Altino Flores, que em 1906, aos catorze anos, em colaboração com Haroldo Callado, já havia fundado o semanário *O Estudante*¹¹⁵. O pai de Haroldo, Martinho José Callado da Silva, era redator-chefe do jornal matutino *O Dia*, então instalado na Rua Jerônimo Coelho. Anexo às oficinas do jornal havia um modesto gabinete tipográfico onde os dois jovens fizeram o pequeno semanário, que não ultrapassou o terceiro número. Altino e Haroldo haviam lido uma biografia de Antero de Quental, onde se mencionava o fato de que o poeta, em Paris, também se fizera tipógrafo, influenciando os jovens a assumirem o pequeno jornal como compositores e impressores.

¹¹⁵ JUNKES, Lauro. “Síntese Biográfica”. In: PEREIRA, Moacir (org.). *Altino Flores: Fundador da ACI*. Florianópolis: Insular: IHGSC, 2010. p.85.

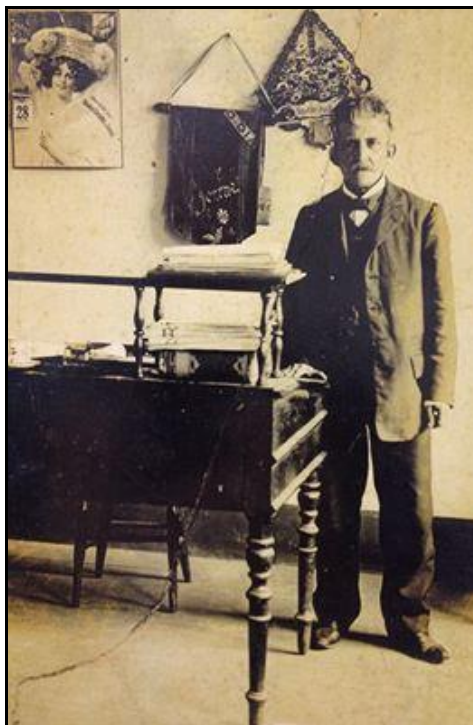


Figura 6 – Jornalista Martinho Callado na redação do jornal O Dia, 1910.

Fonte: Acervo de Noemi Flores Boppré.

A estreia de Altino Flores na “grande imprensa” local novamente teve origem em suas relações de amizade com Haroldo. Ao mudar-se *O Dia* para o sobrado dos Gama D’Eça, na Praça XV de Novembro, Martinho Callado, sabedor da amizade entre seu filho e Altino, a quem nutria laços de afetividade, insistia para que Altino fosse colaborador do seu jornal, onde Clementino de Brito¹¹⁶ era jornalista e revisor:

(...) lá ia eu, frequentemente, como eventual “foca”, atraído pelo *tlique-tique* dos tipos nos componedores, pelo cheiro da tinta de impressão e pelo estrondear das engrenagens do cansado prelo Marinoni, cujo imenso volante era movido às mãos ambas pelo hercúleo e pacientíssimo negro Gia, que arfava como boi de engenho, o torso desnudo a reluzir de suor¹¹⁷.

¹¹⁶ Clementino Fausto Barcellos de Brito (1883-1953). Foi professor, diretor da Biblioteca Pública do Estado e secretário do Tribunal de Justiça. Em 1913 foi nomeado escriturário da Alfândega de Florianópolis, atingindo a carreira de Oficial Aduaneiro, sendo por duas vezes Guarda-mor e Inspetor daquela instituição. Foi Conselheiro Municipal e presidente do Asilo de Mendicidade Irmão Joaquim e da Maternidade Carlos Corrêa. Exerceu o jornalismo e escrevia peças teatrais. Foi redator do jornal “O Estado”. Patrono da Loja Maçônica de Florianópolis e fundador da Cadeira N°01 da Academia Catarinense de Letras. Cf. GOMES, Op. Cit., 1990. P.62-63.

¹¹⁷ FLORES, Altino. *Do sonho à miséria e à morte – Anthero dos Reis Dutra*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1970. p.10-14.

Tendo visto na época uma fotografia de “Moisés”, de Michelângelo, Altino escreveu alguns comentários sobre a obra e o artista e levou a Martinho. O texto foi publicado na edição seguinte do jornal:

Dobrei maciamente o exemplar do jornal e aninhei-o no bolso interno do paletó, bem junto ao coração que me pinoteava no peito de contente. À tarde, quando me achava em aula, no Ginásio, um Bruder bateu à porta da sala, falou em voz baixa com o professor (...) e este me ordenou que fosse ao quarto do Padre Henrique Book, que desejava falar-me. O Padre Book era professor de português. (...) Encontrei-o sentado à sua mesa de trabalho. Aberto, sobre ela, estava o exemplar d’*O Dia*. Pensei: ele vai, talvez, apontar os defeitos da minha prosa desajeitada e ensinar-me bondosamente como evitá-los. Mas, sem mesmo responder ao meu “boa-tarde!”, ele foi dizendo, de chofre, que havia lido o meu “artigo”; que “aquilo” não valia nada; que, com “publicações” tais, o que eu fazia era envergonhar meus pais e meus mestres; que... Não ouvi mais nada. Pareceu-me que o chão me fugia sob os pés e que eu ia cair de espanto, humilhações e vergonha. Em um ápice, porém, recobrei o ânimo e, abrindo de repelão a porta, retirei-me com a alma em frangalhos. (...) No fundo estou propenso a reconhecer que o procedimento do sempre lembrado Padre Book não me fez nenhum mal. Pelo contrário, pois desde então, vim timbrando sempre em não envergonhar meus pais nem meus mestres¹¹⁸.

Altino diz não ter compreendido a atitude do Padre Book, que após este episódio isolado voltou a lhe tratar com “a mesma candura com que tratava os demais discípulos”¹¹⁹. É possível tecer apenas conjecturas sobre o acontecimento. A obra de Michelangelo, objeto de análise do artigo de Altino, era um dos símbolos do Renascimento, período em que os dogmas da religião deixavam de ser absolutos e a escultura *Moises* era tida como a personificação de uma nova individualidade consciente de si mesma (“*parla!*”). Altino não figurava entre os “vicentinos” do Ginásio Catarinense, ala próxima aos padres e sim aos poucos ginasianos remanescentes do Ginásio público e laico. Anos mais tarde Altino seria protagonista de uma polêmica com a cúria metropolitana, em especial com o Bispo D. Joaquim Domingues de Oliveira, após a publicação de artigos sobre Ernest Renan, aludindo aos “encarniçados adversários” que o escritor francês teve entre católicos e protestantes¹²⁰. No Centro Catarinense de Estudantes sua atuação primava pela liberdade de expressão e de crítica, o que promoveu um racha com a ala “vicentina”, que decidiu abandonar o Centro.

¹¹⁸ SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: EDEME/UDESC, 1975. p.59-60.

¹¹⁹ Idem.

¹²⁰ FLORES, Altino. *Pela memória de Renan*. Florianópolis: Tip. da Livraria Moderna, 1923. p.23.

No entanto, apesar de suas diferenças, os membros do Centro Catarinense de Estudantes¹²¹ compartilhavam o mesmo capital social, aqui entendido como conjunto de recursos relacionados à posse de uma rede de relações de alguma forma institucionalizadas, onde há o reconhecimento como pares entre os agentes ou como vinculados a determinados grupos¹²². Dos alunos do Ginásio Catarinense que se reencontraram posteriormente como fundadores da Academia Catarinense de Letras estavam, por exemplo, Altino Flores (Cadeira Nº 23), Haroldo Callado (Cadeira Nº 35), Barreiros Filho (Cadeira Nº 24), Othon D'Eça (Cadeira Nº 15), Ivo d'Aquino¹²³(Cadeira Nº 37), Anfilóquio Gonçalves de Carvalho (Cadeira Nº 09), Osvaldo Melo (Cadeira Nº 28), Tito Carvalho (Cadeira Nº 13) e Laércio Caldeira de Andrada (Cadeira Nº 02), sendo que Altino, Haroldo e Barreiros Filho mantiveram ainda relações familiares, pois Haroldo e Barreiros Filho se tornaram cunhados de Altino. Martinho Callado, pai de Haroldo e responsável pelo *début* de Altino na imprensa, se tornou o patrono da cadeira Nº 35, ocupada por Haroldo e, após a morte deste, por seu filho Lídio Martinho Callado, sobrinho de Altino. O irmão de Haroldo, Martinho Callado Júnior ocupou a Cadeira Nº 9 da Academia. Clementino de Brito, o revisor do jornal de Martinho Callado, foi fundador da Cadeira Nº 1 do sodalício.

A criação desses espaços de sociabilidades descortinam as redes intelectuais e afetivas em construção e nos permite conhecer por onde se movimentavam os intelectuais, mapeando a articulação dos vários grupos reunidos, por eles legitimados para o debate, a propagação de ideias e a autoconsagração. Nos anos iniciais do século XX, Florianópolis vivia um momento de transição, onde o fim da Revolução Federalista recolocou no poder estadual os republicanos. Foi também um período de reconfiguração do espaço intelectual, com a entrada no campo cultural de nomes que logo passaram a buscar formas de intervenção na sociedade,

¹²¹ Entre os membros do Centro Catarinense de Estudantes estavam: Jocelin Viegas, Altino Flores, Haroldo Callado, Francisco Barreiros Filho, Anfilóquio Gonçalves de Carvalho, Othon D'Eça, Heitor Dutra, os irmãos José e João Cruz, Francisco Martinelli, Francisco Teotônio Alves, José d'Acampora, Edmundo Simone, Alexandre Godinho, Amadeu Luz, João Assis, José Fernandes, Ivo d'Aquino, Osvaldo Melo, Elpídio Silva, Laércio Caldeira de Andrada, entre outros.

¹²² BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.67.

¹²³ Ivo d'Aquino Fonseca. Nasceu em 05/08/1896, em Florianópolis. Faleceu em 28/10/1974, no Rio de Janeiro. Casado com Ivone Gama Lobo d'Eça, construindo laços de parentesco com Othon D'Eça, de quem foi colega no Ginásio Catarinense. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi Oficial de Gabinete do Governador Hercílio Luz, Procurador Fiscal do Estado (1918-1919) e Consultor Jurídico do Estado (1920). Foi prefeito do município de Canoinhas e Deputado Estadual entre 1922 a 1930. Afastado com a Revolução de 1930, retorna ao Estado com Revolução Constitucionalista de 1932. Torna-se Secretário da Viação e Obras Públicas e Secretário da Justiça, Educação e Saúde. Em 1949 tornou-se Delegado do Brasil e Ministro Plenipotenciário junto à ONU. Foi Ministro e Procurador Geral da Justiça Militar no Supremo Tribunal Militar.

serem conhecidos e a buscar reconhecimento. A vitória dos republicanos trouxe a hegemonia de uma nova elite política congregada em torno do Partido Republicano Catarinense, agremiação que permaneceu no poder durante toda a Primeira República, a ocupar os principais cargos políticos em âmbito municipal, estadual e federal¹²⁴.

Esta rede de ascensão social e lealdades relacionais remete ao alvorecer republicano na cidade. A partir da segunda metade do século XIX, Florianópolis (então, Desterro) passou por uma série de modificações sociais tais quais, o crescimento urbano, o incremento populacional e da mão de obra em razão da chegada de novas levas de imigrantes europeus, a expansão das profissões liberais e da atividade comercial, novos valores culturais marcados pelas inovações tecnológicas e científicas e a expansão da imprensa como veículo de expressão e divulgação ideológica. Segundo Rosângela Cherem, a Proclamação da República se instalou prontamente na Capital catarinense com o apoio dos confessadamente republicanos, dos adesistas de última hora e de alguns republicanos não confessos, que assim procederam dada a situação de funcionários ou dependentes dos chefes partidários monárquicos¹²⁵. Com uma burguesia urbana pouco disposta a correr riscos, a notícia da proclamação da república deu início à implantação de ações que visavam garantir a irreversibilidade do novo regime e a legitimidade dos novos atores sociais. O clima festivo, os pronunciamentos e discursos em sacadas e janelas, as retretas comemorativas, os espetáculos teatrais e congraçamentos emprestaram um caráter de espetáculo público à transição de regime e contribuíram na fixação da construção de uma nova hierarquia social e política da Capital catarinense.

Com o novo regime, inicialmente houve uma tentativa de se constituir uma coesão republicana, com o estabelecimento de alianças e aproximações políticas. No entanto, a distribuição de cargos e a composição das eleições fomentaram as primeiras divergências nesta aparente harmonia. Para além das convicções ideológicas, os apoios políticos aconteciam em torno da ocupação de cargos e do usufruto dos favores da vida pública, compondo um cenário em que atores sociais buscavam assegurar suas inserções no poder e outros acumulavam ressentimentos por terem sido alijados do processo. Havia também um descompasso entre os interesses estaduais e federais, evidenciando as disputas internas entre

Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e foi fundador da Cadeira Nº 37 da Academia Catarinense de Letras. Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. P.101.

¹²⁴DALLABRIDA, Op.cit. 2001, p.53.

¹²⁵CHEREM, Rosângela. “A capital catarinense e os labirintos do início republicano”. In: CHEREM, Rosângela Miranda *et al. Ensaio sobre Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000. p.88-98.

facções e lideranças republicanas, ao ponto das facções compostas por civis e militares antagonizarem-se e passarem a fazer oposição tanto ao poder estadual quanto ao Presidente da República, Floriano Peixoto.

Após a violenta eliminação dos adversários durante a Revolução Federalista, o Partido Republicano Catarinense (PRC) ressurgiu estruturado em torno das figuras de Hercílio Luz e Lauro Müller, em um realinhamento das forças estaduais, capaz inclusive de incorporar no interior do poder antigos adversários federalistas, diluindo animosidades com a distribuição de cargos¹²⁶. Inicialmente unidos em torno dos mesmos objetivos, Hercílio Luz e Lauro Müller aos poucos foram se distanciando, embora mantendo a aparente coesão dentro do partido. Grosso modo, Lauro Müller era a principal liderança no plano federal, enquanto Hercílio Luz mantinha-se como a principal liderança no âmbito estadual. No terreno movediço das conveniências diversas, a elite republicana que emergiu pós-Revolução Federalista era ligada pelas mais variadas teias de relações, partidárias, consanguíneas, afetivas, em articulações que permitiam aos atores certa estabilidade decorrente da ascensão ou queda de grupos ou facções.

Para além do capital econômico, a ascensão social poderia ser obtida por meio do apadrinhamento ou da realização profissional associada a elementos de distinção burguesa, distanciando-se das camadas incultas, a favor do enaltecimento das efemérides, das normas de polidez, das regras de civilidade, dos referenciais da cultura europeia. Os partícipes da modernidade deveriam estar aptos a preencher os cargos exigidos pela estrutura pública e compartilhar as novas sensibilidades e valores do imaginário urbano. Neste ponto, a passagem, como estudante, pelo Ginásio Catarinense, a fim de concluir o ensino secundário e ingressar em um curso do ensino superior se tornou uma importante opção das elites catarinenses em suas estratégias culturais de modernização e reprodução. Parte significativa dos postos de trabalho no funcionalismo público estadual de médio e alto escalão foi preenchida por egressos do Ginásio Catarinense, bem como estudaram no colégio dos jesuítas parte dos políticos profissionais, administradores de empresas, membros do alto clero e nomes que se consagrariam como pertencente à elite cultural da capital catarinense na Primeira República.

¹²⁶ Por exemplo, os federalistas Eliseu Guilherme da Silva e Dorval Melchíades de Souza foram eleitos para a Assembleia Legislativa, em 1901. Cf. CORRÊA, Carlos Humberto P. *Um Estado entre duas Repúblicas*. Florianópolis: ALESC: Ed. da UFSC, 1984. P.20.

A passagem de Altino Flores pelo Ginásio, porém, não teve como desfecho a conclusão do curso secundário e o ingresso em um curso superior. Nascido em 1892, no arraial de Capoeiras, em São José, Altino Corsino da Silva Flores sonhava ingressar na Escola Naval logo que obtivesse os seus exames preparatórios. Com leituras de Júlio Verne alimentava fantasias de viagens, naufrágios e dramáticas aventuras marítimas sob um atlas aberto. Seu projeto de vida se alterou drasticamente com a morte do pai, telegrafista de primeira classe, ocorrida em 06 de outubro de 1906, acarretando sobre o jovem e sua família privações financeiras¹²⁷. Em 1911, ano em que passava as noites lendo e discutindo literatura no gabinete de trabalho de Othon D’Eça, Altino trocou os estudos pelo trabalho, mas a sua rede de relações já estava constituída. Entre 1911 a 1916 foi o encarregado da correspondência estrangeira da firma de Eduardo Horn, comerciante, ex-superintendente municipal de Desterro, federalista no século XIX, deputado estadual no século XX¹²⁸ e ex-proprietário do *Jornal do Comércio*, ao lado do pai de seu amigo Haroldo, Martinho Callado¹²⁹. Em seguida, Altino ingressou no magistério, tendo sido nomeado inspetor escolar pelo governador Felipe Schmidt, em 1916.

A década de 1910 pode ser considerada o período de gestação e maturação dos intelectuais que viriam a ser identificados como “a Geração da Academia”. Foi neste período que Altino iniciou sua carreira jornalística profissional. As colaborações esporádicas com Martinho Callado lhe abriram as portas da imprensa local. Participou da fundação de três jornais, *O Argos*, com os colegas de Ginásio Catarinense Laércio Caldeira de Andrada e José d’Acampora; o satírico *Dun-Dun* (durante a guerra de 1914-1918); e *A Semana*, hebdomadário com uma circulação que se pretendia estadual e com redatores e colaboradores diversos. Foi no pequeno *O Argos* que, por volta de 1912, Othon D’Eça lançou a ideia de se fundar, em Florianópolis, uma Academia de Letras, aos moldes da Academia Brasileira e da *Académie Française*. O projeto, logo que foi divulgado, transformou-se em alvo de escárnios e chacotas, cabendo a Barreiros Filho defender a ideia que só seria concretizada oito anos

¹²⁷ *Jornal Cidade*, Ano IX, Nº76, 1932. p.1.

¹²⁸ Eduardo Otto Horn era natural de Desterro. Filiado ao Partido Federalista, foi Secretário de Governo em 1893 e Deputado Estadual entre 1922 a 1924. Era sobrinho de Raulino Horn, um dos fundadores do Partido Republicano em Santa Catarina e Deputado Estadual entre 1919 a 1927. Cf. PIAZZA, Walter (org.). *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. P.262-263.

¹²⁹ LENZI, Carlos Alberto Silveira. *Partidos e Políticos de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli: Ed. Da UFSC, 1983. p.50.

mais tarde¹³⁰. Expunham-se, novamente, os conflitos e as tensões entre grupos antagônicos no campo cultural da cidade. O grupo de “novos”, ao qual pertencia Altino, ganhava as páginas dos periódicos e já pensava na imortalidade dos fardões, provocando mofa de grupos antagônicos. As troças foram armas comuns nas querelas entre intelectuais naquele período de autoafirmação. Nesses anos iniciais, Othon D’Eça foi ridicularizado pelo jornal *A Thesoura* pelo uso da expressão “dia crepuscular de inverno”:

Quando, atacados de comichões literárias, lá pelas alturas dos nossos 18 ou 20 anos, começávamos a rabiscar para os nossos próprios jornaizinhos, cuja impressão nós mesmos nos cotizávamos para pagar. Escreveu *Baby* [apelido de Othon D’Eça] esta frase de tão delicado ineditismo na abertura de uma página impressionista: “Dia crepuscular de inverno”... Uma gazetinha galhofeira chamada *A Thesoura* (com th!) meteu a riso a frase, observando que não há dias crepusculares, visto que o crepúsculo é apenas uma fase de transição (matinal ou vespertina) do dia; podia-se dizer: hora crepuscular, luz crepuscular etc.; mas, nunca: dia crepuscular. O *Baby* não teve que responder; nem ninguém, igualmente, achou, na ocasião, resposta nenhuma, apesar de sentirmos que a frase era bela, de uma beleza palpitante de melancolia¹³¹.

O grupo ao qual Altino e Othon D’Eça pertenciam esforçava-se para se autolegitimar como a nova elite cultural do Estado, caracterizando-se como os únicos intelectuais dignos de nota no movimento literário catarinense do período. O jornalista Diniz Júnior, protetor e divulgador dos “novos”, estabeleceu as bases de interpretação da vida literária catarinense na virada do século em texto publicado na seção “Letras & Artes” do jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, sob o pretexto de registrar uma conversa com João do Rio¹³². Para Diniz Júnior, devido às tensões políticas provocadas pela Revolução Federalista, a sua “formosa ilha estacionou pasmosamente”, abraçando a “politicagem” em detrimento da literatura, “esquecendo-se de imitar o Cruz e Sousa, o Virgílio Várzea, o Araújo Figueiredo”. Desde os tempos do Dr. Gama Rosa e do grupo da “Ideia Nova” as letras teriam ficado “abandonadas”.

¹³⁰Cf.: “Othon D’Eça, cronologia”. In: *Revista Signo – Revista da Academia Catarinense de Letras*, Nº01, Ano I, janeiro de 1968. p.18.

¹³¹ FLORES, Altino. Othon da Gama Lobo D’Eça (*in memoriam*). In: *Revista Signo – Revista da Academia Catarinense de Letras*, Nº01, Ano I, janeiro de 1968. p.15.

¹³² DINIZ JR. “A Literatura em Santa Catarina”. In: *Gazeta de Notícias*, 23/08/1912, p.5. É interessante notar que este texto de Diniz Júnior habitualmente é utilizado por críticos literários para caracterizar a Primeira República como um período de marasmo intelectual, vide, por exemplo, a utilização feita por Celestino Sachet em seu livro “A literatura catarinense” (Ed. Lunardelli, 1985, p.73.). Aqui, apreende-se uma mensagem oposta àquela percebida por Celestino. Diniz Júnior afirma que foi justamente após a Revolução Federalista, com a ação dos governadores republicanos (Lauro Muller, Gustavo Richard, Vidal Ramos...), suas reformas educacionais e a ação dos padres jesuítas no Ginásio Catarinense que se passou a superar esta suposta “sonolência” na vida literária local. Ou seja, desenha-se, por parte de Diniz Júnior, uma imagem positiva do período, de recuperação e surgimento de novos nomes.

Disse que não se estudava e quem se dedicava à leitura lia “romances deslavados de Escrich”, versalhadas ridículas e “casimirianas”, com livros do Romantismo passando “de mão em mão” o seu lirismo “lamecha”.

Para Diniz, a mudança neste panorama pouco animador teria se dado a partir do segundo governo de Lauro Müller e incrementado no governo de Gustavo Richard, mas, se devia especialmente a Vidal Ramos o ressurgimento do gosto estético, pelos novos processos de ensino introduzidos pelos padres jesuítas, chamados a Florianópolis por seu governo¹³³. Diniz Junior se refere ao Ginásio Catarinense, que teria proporcionado aos rapazes a formação intelectual necessária a ler e amar Flaubert, os irmãos Goncourt, Oscar Wilde, Eça de Queiroz... O ensino dos jesuítas teria aberto caminhos para a “redenção artística” da Primeira República, com “severos estudos” de português, inglês, francês e alemão. Elogiando a reforma de ensino promovida por Orestes Guimarães¹³⁴, Diniz termina por recomendar a João do Rio os “novos literatos catarinenses” que surgiam na Capital do Estado, “terra dos luares maravilhosos e dos poentes perturbadores”. Entre os novos nomes destacados, que passavam a vida a “ler os melhores livros”, estavam os de Altino Flores, Othon D’Eça, Laércio Caldeira de Andrada, Francisco Barreiros Filho e Thomaz Fontes. Altino seria o “mais completo pela educação estética”; Othon D’Eça seria um jovem curioso em tudo o que faz e de muita imaginação; Laércio Caldeira teria uma alma de misticismo puro; Barreiros era o amante dos clássicos; e, Thomaz Fontes, estava recolhido em um Seminário, no Rio Grande do Sul. Não por coincidência, todos se tornariam, anos mais tarde, membros da Academia Catarinense de Letras, à exceção de Thomaz Fontes.

Assim como Diniz Junior – “alma de esteta moderno, em quem todos os ‘novos’ encontram um amigo leal e defensor desinteressado”¹³⁵ -, que considerava os intelectuais catarinenses da virada do século perdidos em bajulações políticas, a desperdiçar suas vocações literárias chorando “as desfeitas das namoradas em decassílabos quebrados”, Altino Flores buscou caracterizar a geração que o precedeu como ultrapassada, desinteressada das lides literárias e à margem do campo cultural que a sua própria geração passava a dominar.

¹³³ Sobre estes novos processos há, por exemplo, o trabalho produzido por Norberto Dallabrida, “*A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*” (2001), já citado.

¹³⁴ FIORI, Neide de Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano*. 2a. Florianópolis: Editora da UFSC: Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina, 1991. 175 p.

¹³⁵ FLORES, Altino. “Mentalidade Catharinense”. In: *Revista Santelmo*. Nº 08, Laguna, 15/04/1922.

Referindo-se a Virgílio Várzea, Araújo Figueredo, Santos Lostada, Horácio de Carvalho “e mais dois ou três” da geração a que Cruz e Sousa pertenceu, Altino sentenciou:

(...) Estão mortos para as letras. Por indiferença, tédio ou desânimo ‘quebraram a penna’ – para usar uma metáfora já clássica, - e nunca mais lembraram e muito menos repetiram os entusiasmos de outr’ora, tão cheios de velleidades e vaidade, como soem ser, afinal, os entusiasmos de todos os homens-de-letras em terras onde o analfabetismo é ruidosamente combatido nas mensagens e relatórios oficiais¹³⁶.

Araújo Figueredo - a quem Altino considerava superior a Cruz e Sousa - de vez em quando publicava algum soneto delicado, mas não passava disto “o seu amor à publicidade¹³⁷”. Espírita, passava os dias em sua casa no bairro Coqueiros, na parte continental de Florianópolis a realizar curas espirituais em enfermos de toda espécie. Virgílio Várzea vivia no Rio de Janeiro e pouco aparecia na terra natal. Santos Lostada, segundo Altino, não exercia mais nenhuma influência no meio cultural, “nunca foi um agitador, nem sequer semeador de ideias”, não publicou livros, deixou uma produção esparsa e em suas últimas décadas de vida, quando já havia se desiludido das letras, também se dedicava ao espiritismo e à interpretação da doutrina Kardecista¹³⁸. Horácio Nunes apresentava algumas “crônicas teatrais meio tristes, meio chistosas e quase sempre boas”, mas vivia “recolhidamente no meio dos seus livros, longe da mocidade” que não o procurava, pois acreditava que ele representava “uma geração que passou, mas que continua a viver e a pensar como se pensava e vivia há quarenta anos”¹³⁹. Sérgio Nolasco era considerado pelos “moços” como deslocado por uma “concepção filosófica retrógrada” e cada vez mais “soçobrada em mediocridade¹⁴⁰”.

Em 1916, nas páginas do jornal dirigido por Martinho Callado, Altino Flores admitiu a alcunha de “Novos” ao grupo de intelectuais ao qual pertencia. O adjetivo, embora assumido de forma reticente - “Não há *novos*, não há nada. Há, simplesmente, uns moços que sentem na alma os frêmitos duma emoção artística superior”, dizia-serviui de epíteto a uma mocidade que não teria solicitado “aos vetustos representantes da literatura torva do passado – e que carunchosos são eles! – a benção hierática”, pois pretendiam construir e ostentar a imagem de

¹³⁶Idem.

¹³⁷Ibidem.

¹³⁸ FLORES, Altino. “Um trecho ao acaso...”. In: *Jornal O Estado*, 13/05/1932 *apud* SOARES, Iaponan. *Virgílio Várzea & Outros*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002. p.46-47.

¹³⁹ FLORES, Altino. Os “velhos” e os “novos”. In: *O Dia*, 03/02/1916.

¹⁴⁰ Idem.

uma geração que lia, estudava e que venceria no campo cultural por conta própria¹⁴¹. Aos “Novos”, Altino contrapôs os “Novíssimos”, denominação irônica imposta pelo crítico aos seus adversários contemporâneos no campo cultural, jovens letrados que não estavam alinhados com o grupo ao qual Altino pertencia e que trocavam provocações pela imprensa, cada qual em seu quinhão de impressos, o que era um dos pontos em comum dos dois grupos, a colaboração no periodismo como prática cultural que lhes conferiam representação. Entre os “Novíssimos”, destacavam-se Anfilóquio Gonçalves de Carvalho, antigo adversário pertencente aos “vicentinos” do Ginásio Catarinense; João Melchíades; Nicolau Nagib Nahas¹⁴²; e, Ildefonso Juvenal, escritor negro cuja cor da pele foi por diversas vezes motivo de pilhéria por parte de Altino: “Não é limpa-chaminés, não, senhores. É o autor dos Contos Singelos¹⁴³”. Publicizavam suas produções em jornais como *A Urucubaia*, *O Clamor do Povo* e *Folha Rósea*, descrito jocosamente pelo articulista anônimo “Zé Buzina”, do jornal *O Tição*, como redatorado por “Ildefonso Juvenalibus, que tanto sucesso alcançou com as bordoadas que recebeu do redator da ‘Gazeta’ de Tijucas e o já conhecido poeta garrafinha de óleo de rícino, João Melchíades e muitos outros ‘novos’ desmiolados que vivem escouceando a pobre gramática¹⁴⁴”.

A década de 1910 foi o momento chave para a definição de uma identidade social dos intelectuais que viriam a ser identificados pela crítica literária como o grupo reunido em torno da Academia Catarinense de Letras, na década de 1920. A partir de 1915, Altino Flores passou a colaborar esporadicamente com o jornal *O Estado*¹⁴⁵, recém-fundado à Rua Jerônimo Coelho por Henrique Rupp e Ulisses Costa e que, em 1918, passou às mãos de Augusto Lopes da Silva¹⁴⁶. Em 1916, os jornalistas Edmundo Silveira e Dário Gouvêa reuniram Alberto Barbosa, Laércio Caldeira de Andrada, Haroldo Callado, João Crespo, Barreiros Filho e

¹⁴¹ Ibidem.

¹⁴² Nicolau Nagib Nahas. Nasceu em Campos, no Rio de Janeiro, em 1898. Foi serventuário da Justiça, ator, dramaturgo e poeta. Faleceu em 1934. Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990, p.152.

¹⁴³ *O Dia*, 17/02/1916.

¹⁴⁴ *O Tição*, 28/11/1915.

¹⁴⁵ PEREIRA, Moacir. Op.cit. 2010. p. 167

¹⁴⁶ Em 1925, Victor Konder, adquire o jornal e confia-o a Altino Flores. Victor Konder nasceu em Itajaí, em 21/02/1886. Foi Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo. Formando, retornou a Florianópolis e redatoriu o jornal “Novidades”, com o irmão Marco Konder. Em 1912 mudou-se para Blumenau, onde foi vereador e viveu até 1922. Eleito Deputado Estadual e Federal, foi secretário da Fazenda de Hercílio Luz. Eleito Senador, foi escolhido por Washington Luiz para Ministro da Viação e Obras Públicas. Membro da Academia Catarinense de Letras, onde ocupou a Cadeira N°8, que havia sido de seu irmão Marcos Konder. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p.172.

Altino Flores¹⁴⁷ em torno do semanário ilustrado e humorista *O Olho*. Em 1918, José Diniz, Barreiros Filho, Altino Flores, João Crespo e Ivo D'Aquino lançaram a revista mensal *Oásis*, de propriedade de Diniz¹⁴⁸.

Neste processo de construção de legitimidade, a rede de sociabilidade que se formou em torno de tais profissionais liberais, bacharéis, escritores, críticos, professores, políticos, jornalistas polígrafos exibia-se nos periódicos, na participação em associações científicas, culturais e literárias, no intercâmbio de ideias na imprensa, nas correspondências, nas palestras. Embora Altino tenha se esforçado em pintar uma imagem de independência para os “Novos”, que havia “de vencer só de *per se*”¹⁴⁹, as vinculações do grupo com o poder político instituído foram gradualmente se consolidando. Um das características da chamada “Geração da Academia” apontadas pelos críticos literários foi o atrelamento de suas atividades ao poder político constituído, com práticas culturais desenvolvidas em torno da liderança efetiva do governador Hercílio Luz dentro do Partido Republicano Catarinense, desde a sua ascensão ao poder como primeiro governador republicano eleito depois da Revolução Federalista, até seu falecimento, em 1925¹⁵⁰. O hercilismo concentrou em torno de si os principais nomes da elite cultural da Primeira República, embora talvez fosse apropriado afirmar que tais nomes se tornaram os principais da intelectualidade catarinense justamente pelo apoio hercilista que os legitimou.

1.2. CLIENTELISMO: FAVORES, PARENTESCO, AMIZADE.

O agrupamento em torno da figura de Hercílio Luz teve em José Arthur Boiteux o principal interlocutor entre o governo e a intelectualidade, obtendo apoio para a criação de instâncias de consagração como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (1896) e a Academia Catarinense de Letras (1920). José Boiteux era um exímio político e circulava com desenvoltura pelos dois polos de poder dentro do Partido Republicano Catarinense, dividido entre Hercílio Luz e Lauro Müller. Seu pai havia sido colaborador do jornal

¹⁴⁷ A exceção de Alberto Barbosa e Dário Gouvêa, todos os demais se tornariam membros da Academia Catarinense de Letras.

¹⁴⁸ CORRÊA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis Ilustrada* (3ª ed.). Florianópolis: Insular, 2005. p.304. Todos se tornariam confrades na Academia Catarinense de Letras.

¹⁴⁹ *O Dia*, 03/02/1916.

¹⁵⁰ CORRÊA, Carlos Humberto P. As transformações culturais dos meados do século XX em Santa Catarina. In: *Anais da XXV Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro: SBPH, 2005. p.367-371.

“Regeneração” e, José, na mocidade, figurou ao lado de seu irmão, Henrique Boiteux, Virgílio Várzea, Oscar Rosa, Cruz e Sousa no jornal “Colombo”. Mudou-se de Desterro para o Rio de Janeiro para ingressar na Faculdade de Direito, após um breve período na Faculdade de Medicina e por lá virou revisor do *Diário Oficial*. Tornou-se discípulo de Benjamin Constant, Quintino Bocaiúva e Antônio Pinto, filiou-se ao Partido Republicano e estreitou laços de amizade com o senador catarinense Antônio Justiniano Esteves Júnior e com o Conselheiro Manoel da Silva Mafra. No tempo em que se mudou para São Paulo, tornou-se revisor do *Diário Mercantil*. Quando Lauro Müller assumiu o governo catarinense, Boiteux retornou a Florianópolis e tornou-se oficial de gabinete do governador. No governo Hercílio Luz participou da resolução da divisa com o Estado do Paraná. No governo Felipe Schmidt, foi eleito para a Câmara Federal, mas manteve o apoio a Hercílio Luz em detrimento a Lauro. No entanto, soube manter boas relações com Lauro Müller, que quando assumiu o Ministério da Viação no governo Rodrigues Alves e convocou Boiteux para auxiliá-lo, no período em que Pereira Passos e Paulo Frontin iniciaram as grandes obras de reforma urbana da Capital federal. No governo Vidal Ramos exerceu a função de diretor da Secretaria de Estatística Comercial. Foi professor no Ginásio Catarinense, Promotor Público interino de Florianópolis e Procurador interino da República, três vezes eleito para a Assembleia Legislativa e era Secretário de Estado de Hercílio Luz quando fundou, em 1920, a Sociedade Catarinense de Letras, que viria a se tornar a Academia Catarinense de Letras¹⁵¹.

Recuperar essas redes de sociabilidades que envolveram a elite intelectual de Florianópolis na Primeira República é uma tarefa complexa, pois sua constituição raramente expõe todas as ramificações construídas por seus atores de forma conscienciosa. Revolve não apenas o campo político e profissional, mas também os laços afetivos, as relações de sensibilidade, civilidade, urbanidade, os modos de quem vive em sociedade e se relaciona com a cidade. No entanto, é possível fazer alguns apontamentos em busca dos fios que unem os intelectuais às tramas políticas do período: em 1909, quando se definiram as candidaturas à Presidência da República, com Rui Barbosa dando início à campanha civilista, Hercílio Luz, acompanhado da família Konder, apoiou Rui Barbosa, enquanto Lauro Müller e a família Ramos ficaram ao lado de Hermes da Fonseca. Em Santa Catarina, a campanha civilista foi integrada por nomes como Germano Wendhausen, Otávio Silva, Ernesto Meyer, Arthur Ferreira de Melo, Victor Konder (que colocaria Altino Flores na direção do jornal “O

¹⁵¹MARTORANO, Dante. *José Arthur Boiteux*. Florianópolis: FCC, 1984.

Estado”, na década de 1920), Hipólito Boiteux (irmão de José, Lucas e Henrique Boiteux, membros da Academia Catarinense de Letras), Francisco Barreiros (pai de Francisco Barreiros Filho, um dos fundadores da Academia), Alfredo Felipe da Luz (fundador da Cadeira Nº 3 da Academia e filho de Hercílio), além do próprio Hercílio Luz¹⁵².

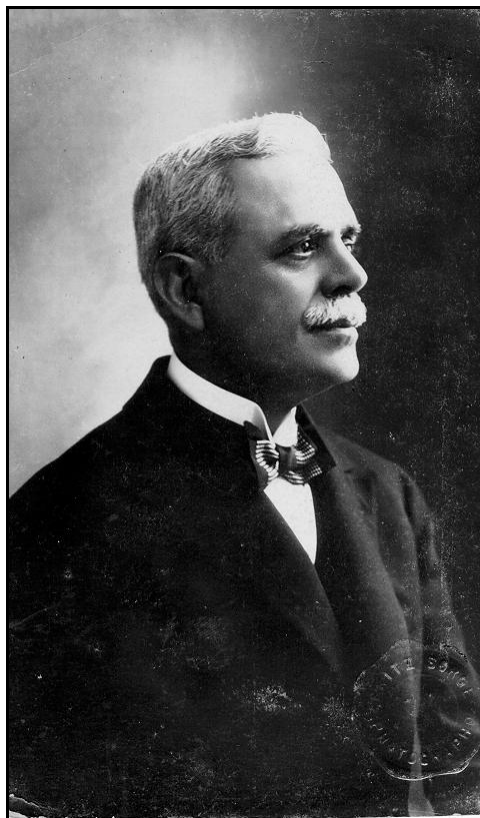


Figura 7– Hercílio Luz.

Fonte: Acervo do IHGSC.

Na década de 1910, começou a despontar os nomes de Nereu Ramos (fundador da cadeira Nº 22 da Academia), filho de Vidal Ramos, mas apoiador da campanha civilista, ao contrário do pai; e Henrique Rupp Júnior, filho de chefe político da região de Campos Novos. Tanto Nereu quanto Henrique eram advogados e estudaram juntos no Rio Grande do Sul, foram colegas de Getúlio Vargas e redatores do jornal *O Dia*, de propriedade de Felipe Schmidt, onde Altino Flores fez a sua estreia, por intervenção do redator-chefe, Martinho Callado. O jornal havia sido fundado em 1901, após o órgão do Partido Republicado, o jornal

¹⁵² CORRÊA, Carlos Humberto P. *Um Estado entre duas Repúblicas*. Florianópolis: ALESC: Ed. da UFSC, 1984. p.21-22.

República, de propriedade de Hercílio Luz, iniciar campanha de oposição a Lauro Müller e Felipe Schmidt, primo de Lauro, por Schmidt ter indicado nomes de seu interesse à Convenção do Partido, sem ouvir Hercílio¹⁵³. Tal atitude rachou a Comissão Diretora do Partido e entre aqueles que permaneceram junto a Hercílio Luz estava Raulino Horn, tio de Eduardo Horn, ex-proprietário do *Jornal do Comércio*, ao lado de Martinho Callado, e primeiro patrão de Altino Flores, quando este deixou o Ginásio Catarinense à procura de emprego.

Configuram-se redes de parentesco e amizade que demonstram trocas de favores e favorecimento mútuo típico das práticas clientelistas da Primeira República brasileira¹⁵⁴. Este sistema de trocas instituído entre membros do campo cultural ao fim apontará para a autoconsagração de seus elementos, sempre em débito uns para com os outros, tendo suas dívidas saldadas com os diversos tipos de capital e com a capacidade de articulação dos atores dentro do campo. Essas vinculações dos intelectuais com a política de favores mútuos pode ser aferida em trocas epistolares. No acervo de José Boiteux, por exemplo, há diversas cartas com pedidos de auxílio, apelando para o conjunto de relações que Boiteux poderia mobilizar a favor do solicitante¹⁵⁵. Foi o caso de Altino Flores, que em carta datada de 23 de maio de 1911, apelava a sua relação de amizade e sentimentalismo por uma nomeação em um concurso da Fazenda no qual havia ficado em 5º lugar:

Não sei se de receio ou de recato me treme entre os dedos a pena. Pela vez primeira (...) ouse endereçar-vos uma cartinha. Ponho, porém, de lado o recatamento, porque me dirijo a um catarinense – a um catarinense ilustre.

Quem como eu pode julgar do vosso critério e da vossa ilustração, não tem motivo para duvidar de vosso real prestígio. Assim sendo, é a vós que me dirijo, formulando um pedido – talvez fácil, talvez difícil.

Perdoai-me, porém se eu, logo com a primeira epístola, seja forçado a estender nela um rogo.

Havendo feito concurso para a Fazenda – concurso que vem de ser aprovado – hei presentemente mister de quem por mim se empenhe. A quem dirigir a petição? Volvo os olhos em derredor e a vossa figura altamente esclarecida e

¹⁵³ Idem. p.19-20.

¹⁵⁴ Para Sérgio Miceli, na Primeira República a rede de relações sociais que os intelectuais estavam em condições de mobilizar e as diversas tarefas de que se incumbiam estavam quase inteiramente a reboque das demandas privadas ou das instituições e organizações da classe dominante. Cf. MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920 – 1945)*. São Paulo: Rio de Janeiro: Difel, 1979.

¹⁵⁵ SILVA, Amanda F da.; SILVEIRA, Matheus F. & FAVARIN, Thaís C. *José Boiteux: entre palavras e relações de sociabilidade em Santa Catarina*. Relatório Final (Prática Curricular – Patrimônio Cultural), Curso de Bacharelado e Licenciatura em História. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2012.

simpática se me deparou, firmada nesse pedestal inabalável que é a vossa inteligência, da qual sou eu um dos mais fiéis e ardentes admiradores.

Em uma carta de pedido de empenho, essas referências tomam ares de bajulação. Mas – creio – haveis de achar nestas linhas o mais lúcido vislumbre de sinceridade e... de necessidade.

Morreu-me o pai em 20 de outubro de 1908. Era ele então telegrafista de 1ª classe. Deveis conhecê-lo. Lembro-vos aqui seu nome: Manoel da Silva Flores. Deixou-nos de direito 160 mil réis mensais. Mas, que são esses mil réis para uma família como a nossa, família de modo algum pequena?

Assim, requisitando humildemente vosso empenho para a minha nomeação, creio não haver esquecido um catarinense tão prezado e acatado aí no Rio, onde são tão raros caracteres como o vosso.

Para o vosso governo informo que fui classificado em 5º lugar.

Se se realizar a minha nomeação, seria também eterno e sem limites o meu reconhecimento para convosco.

Estou aferradamente crente que me haveis de atender, porque “das almas nobres a nobreza é esta”.

Vários amigos lembraram-me a vossa pessoa, que eu já tinha em mira mesmo, porque tenho tido notícias do amor e do carinho que ela aí recebe por parte dos homens mais ilustres na política e nas letras.

Nas reuniões mais notáveis sempre a vossa inteligência fulgura e irradia, afirmando assim que Santa Catarina de outrora, de hoje e do futuro produziu, produz e há de produzir cérebro da envergadura de Luiz Delfino, Arcipreste Paiva, Cruz e Sousa, do vosso e dos de vossos irmãos.

Longe da ideia o pensamento de haver aqui elogios falsificados e repugnantes.

Na extensão inoportuna (...) desta missiva vai – mercê de Deus – a minha franqueza e o meu humilde rogo. Que haveis de satisfazer-me e a minha dourada esperança¹⁵⁶.

Embasada no mútuo conhecimento e reconhecimento dos atores, a carta de Altino adquire uma constituição simbólica: sua linguagem específica, as normas e regras da prática epistolar e da civilidade entre dois “catarinenses”, a distinção e o reconhecimento de Boiteux são valorizados e enaltecidos, auferindo-lhe legitimidade entre seus pares. Seu capital social – aqui entendido como um conjunto de relações que pode ser mobilizado para obterem-se

¹⁵⁶Carta nº55, de Altino Flores para José A. Boiteux, 23/5/1911, acervo de José A. Boiteux, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Ortografia atualizada.

proveitos- transforma-se em poder, ou seja, o domínio dos meios de acesso aos bens e/ou recursos públicos, no caso uma nomeação para um cargo na Fazenda, que traria a ascensão social do solicitante, arrimo de família após a morte do pai e que lhe passaria a tributar um reconhecimento “eterno e sem limites”.

Neste movediço e intrincado, porém indispensável, jogo de nomes, cargos, indicações, favores e apoios provisórios alvoreceu a República das Letras, cujos letrados, especialmente por suas atuações nas lides jornalísticas, poderiam construir e destruir reputações, assumindo o sentido de missão crítica que apontaria os destinos para a regeneração social do novo regime. Era útil ao Estado ter intelectuais em suas trincheiras políticas, assim como era belo estar associado a benfeitorias culturais. Aos letrados, a proximidade com o poder instituído tornava realidade os projetos culturais, que iam do financiamento de impressões a fundação de instâncias de consagração, adquiriam e concediam legitimidade, facilitava as sinecuras, fomentava a troca de favores, da obtenção de empregos ao uso da máquina pública. A literatura, como expressão da “alta cultura”, tinha forte significação cultural na criação da civilidade pretendida na *belle époque* catarinense. A fundação de uma Academia de Letras, além de aparelho de celebração de seus membros, é sinal de uma concepção do papel dos escritores da sociedade como cultivadores das “belas letras” e da língua portuguesa, consideradas expressões do grau evolutivo de um povo e das condições sociais de seu contexto histórico.

1.3. INSTÂNCIA DE CONSAGRAÇÃO: A ACADEMIA

Em março de 1920, parte da elite intelectual da Capital esteve reunida em torno da criação da revista mensal *Terra*, de Artes e Letras, sob a direção de Ivo D’Aquino, Othon D’Eça e Altino Flores, recém-nomeado por José Boiteux como Inspetor Escolar do 1º Distrito¹⁵⁷. Em uma só revista reuniram-se pesquisadores e ensaístas ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e jornalistas, professores e demais intelectuais que

¹⁵⁷ Altino exerceria ainda outros cargos públicos: foi nomeado pelo Governador Hercílio Luz lente de História e Geografia no Instituto Estadual de Educação (1920); nomeado Diretor Geral de Instrução Pública pelo governador Bulcão Vianna (1925) e por Adolfo Konder (1927); designado pelo Secretário de Interior e Justiça Manoel Pedro Silveira para lecionar francês na Escola Normal (1933); designado lente da Escola Normal Secundária da Capital, pelo Secretário do Interior e Justiça Plácido Olímpio de Oliveira (1935); aposentado compulsoriamente pelo governado Nereu Ramos no cargo de lente da Escola Normal (1936); entre outros. Cf. PEREIRA, M. Op. Cit. 2010. P.167-168.

seriam a base da criação da Academia. Em Outubro do mesmo ano, José Boiteux, então Secretário do Interior e Justiça do governo Hercílio Luz, convidou esses intelectuais para criarem, em Florianópolis, uma Sociedade Catarinense de Letras, expedindo a seguinte convocação:

A exemplo de outros Estados, podemos organizar aqui, nesta capital, uma sociedade catarinense de letras, com esta ou qualquer outra denominação. Para a sua composição não nos faltam elementos. Um dos mais precisos eu considero a personalidade de V. Sa. Contando com a sua adesão, espero que compareça à reunião que promovo, no dia 30 do corrente mês, às 15 horas, no gabinete do Secretário do Interior e Justiça¹⁵⁸.

Convocados para uma reunião no gabinete do Secretario do Interior e Justiça, em pleno Palácio do Governo do Estado, reuniram-se José Boiteux; Fúlvio Coriolano Aducci, então deputado estadual, cunhado de Felipe Schmidt e neto de Joaquim Augusto do Livramento, presidente da província de Santa Catarina no império; Laércio Caldeira de Andrada; Gil Costa¹⁵⁹; Henrique Fontes; Othon D’Eça, Haroldo Callado; Clementino de Brito, João Batista Crespo¹⁶⁰; Altino Flores; Francisco Barreiros Filho; Ivo d’Aquino; Joe Collaço (genro de Hercílio Luz, ex-oficial de gabinete de Felipe Schmidt e deputado estadual) e Alfredo da Luz, filho de Hercílio Luz¹⁶¹. Nessa ocasião foram aventados nomes que poderiam compor a instituição, como Adolfo Konder; Marcos Konder¹⁶²; Francisco de Oliveira e Silva; Virgílio Várzea; Diniz Júnior; Pe. João Nepomuceno Manfredo Leite;

¹⁵⁸ PIAZZA, Walter. “A Academia Catarinense de Letras (de José Boiteux a Othon d’Eça)”. In: *Revista Signo*. Tomo I. Ano III, Nº3, 1970. p.10.

¹⁵⁹ Gil Costa (1887-1943). Bacharel em Direito. Foi professor, jornalista, escritor, professor da Faculdade de Direito e Secretário de Estado do governo do Cel. Pereira e Oliveira. Foi orador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e fundador da Cadeira Nº33 da Academia Catarinense de Letras. Ao falecer, teve seu funeral feito a expensas do Estado, por ordem do Interventor Nereu Ramos. Cf. PITSICA, Op. Cit., 1998. p.414.

¹⁶⁰ João Batista Crespo (07/09/1887 – 30/05/1966). Nascido em Desterro, filho do escritor e político Luiz Augusto Crespo. Estudou no Ginásio Catarinense. Em Florianópolis escreveu nos jornais “O Tempo”, “Folha Nova”, “O Estado”. Nas revistas “O Olho”, “Oásis”, “A Phenix”, “Terra”, entre outras. Colaborou ainda no “Anuário Barriga-Verde”. Causou sucesso, em 1912, no teatro, com a peça “Zé Catarina”. Como Funcionário Público foi servidor da Estação Meteorológica, escriturário do Tesouro do Estado, secretário do Governador Adolfo Konder, escrivão e coletor federal. Ocupou a Cadeira Nº27 da Academia Catarinense de Letras. Cf. *Revista Signo – Revista da Academia Catarinense de Letras*, Nº01, Ano I, janeiro de 1968. p.88-89.

¹⁶¹ Tal reunião resultou uma primeira diretoria, tendo José Boiteux como presidente, Gil Costa vice-presidente, Altino Flores como 1º Secretário, Othon D’Eça na 2º secretaria e Henrique Fontes na Tesouraria. Cf. PIAZZA, Op. Cit., 1970, p.10.

¹⁶² As famílias Konder, Boiteux e Luz haviam se unido politicamente em torno do hercicismo, participando juntos da Campanha Civilista de 1910, da qual participaram também outros acadêmicos, como Oscar Rosas e Henrique Fontes, além de Francisco G. S. Barreiros, pai de Barreiros Filho. Cf. CORREIA, Ana Maria Martins Coelho. *A Secretaria da Justiça e sua relação com a Educação*. Florianópolis: APESC: Ed. Da UFSC, 1985. p.18.

Henrique Boiteux; João Otaviano Ramos; Arnaldo S. Thiago; Pe. Salvador Tomazini; Caetano Vieira da Costa e Lauro Demoro. Com exceção dos três últimos, todos foram incorporados à Sociedade¹⁶³.

Entre 1921, data da instalação oficial da instituição, até 1924, quando mudou de nome, a Sociedade Catarinense de Letras admitiu novos membros, contando com “os mais valiosos elementos intelectuais de nossa terra¹⁶⁴”; patrocinou a reimpressão da obra “Assembleia das Aves”, de Marcelino Antônio Dutra; iniciou a organização de um Dicionário Biobibliográfico Catarinense; e, arrecadou dinheiro para a ereção de uma herma em homenagem a Luiz Delfino. Em janeiro de 1924 a Sociedade passou a se denominar Academia Catarinense de Letras, organizando novas adesões, estabelecendo o número de quarenta cadeiras, com um patrono para cada ocupante, aos moldes das academias literárias nacionais e estrangeiras. Cada ocupante das Cadeiras teria direito à perpetuidade das mesmas, desde que fizessem um elogio do seu patrono ou saudassem um novo sócio.

Nos ritos da instituição, conservou-se os mecanismos que corroboravam sua autoimagem e a memória instituída: os elogios aos patronos e as saudações aos novos sócios, invariavelmente em tons encomiásticos, revestidas de elevada distinção. Era tributária do pensamento positivista adotado pela República e se associava a um imaginário onde o progresso e o evolucionismo social pautavam ações civilizatórias em prol de ascensão socioeconômica como a criação de institutos históricos, centros cívicos e literários, faculdades de direito¹⁶⁵.

No entanto, mais do que uma associação literária para deleitar e instruir cidadãos ou um agrupamento de intelectuais em torno de um movimento ou escola literária, o sodalício era um espaço para a consagração, um coroamento, uma insígnia de distinção e não de revolução. Não cabia a seus membros gestar movimentos estéticos ou literários, não era, pois, um palco de vanguarda, mas de ratificação e reconhecimento de pares. Os intelectuais escolhidos para abraçarem a “imortalidade” não se agregaram em torno da Academia. Suas redes de sociabilidade já estavam construídas ou começaram a serem tecidas antes da sua fundação, bem como suas filiações estéticas. A Academia selecionava seus confrades, não os formava. Era elitista, conservadora, laureava os que se autoproclamavam – e eram por ela reconhecidos

¹⁶³ Idem. p.10.

¹⁶⁴ Jornal *O Estado*, 04/02/1922.

¹⁶⁵ O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, a Academia Catarinense de Letras, o Instituto Politécnico e a Faculdade de Direito foram fundadas através da ação de José Boiteux.

– como “verdadeiros” e “grandes” intelectuais, os expoentes de uma elite cultural. Não representava uma “escola literária”, uma unidade estética ou de pensamento. Os laços que uniam os acadêmicos eram menos literários e mais sociais, por vezes clientelistas. A sua coesão estava na contemporaneidade dos seus confrades, intelectuais que aquinhoavam do mesmo campo cultural, possuíam mais semelhanças do que disparidades e comungavam de um desejo coletivo de afirmação literária, a despeito de suas aptidões como literatos ou meritocracia. Compartilhavam laços de afinidade, intimidade ou mesmo relações de parentesco, de uma forma que suas amizades foram deslocadas da esfera privada para a sociabilidade, o público. Por razões históricas e culturais - origens sociais, os pertencimentos, as trajetórias dentro do campo cultural e político -, tais “*belletristas conterrâneos*”¹⁶⁶ se reuniram em torno de uma distinta Academia de imortais, sendo “marco de ouro de uma nova fase da alta cultura catarinense”¹⁶⁷.

A Academia reuniu em suas cadeiras, por exemplo, o “revolucionário” Othon D’Eça e o “vicentista” Anfilóquio Gonçalves, dos tempos de Ginásio Catarinense, a quem Othon dizia ser colega de “Bucéphalo”, escrever com os pés, manquejar pela Praça XV de Novembro sobre três patas e meia (era deficiente físico) e lhe fazer “vomitar os bofes, o fígado, talvez os rins também”¹⁶⁸. Anfilóquio foi eleito para a Academia em fevereiro de 1924, quando José Boiteux era presidente da entidade, contando, inclusive, com o voto de Othon D’Eça. Ainda em 1920 Anfilóquio havia se reaproximado de Altino Flores, Barreiros Filho, Ivo d’Aquino e outros intelectuais que viriam a se reunir na Academia Catarinense de Letras em torno do apoio da candidatura de Fúlvio Aducci a Deputado Federal, embora tivesse mantido com Othon D’Eça uma discussão pelos periódicos naquele mesmo ano, com trocas mútuas de ofensas.

No entanto, outros “novíssimos” da década de 1910, considerados “poetas menores” continuaram excluídos. Quando da organização da Sociedade Catarinense de Letras, Othon D’Eça alimentou uma polêmica declarando haver, em Florianópolis, apenas dois poetas dignos de nota: João Crespo e Araújo Figueredo¹⁶⁹. Ildefonso Juvenal, que não havia sido convidado para integrar a Sociedade Catarinense de Letras o reprimiu, alegando que Othon tinha o hábito de desvalorizar os valores locais e havia se esquecido de nomes como

¹⁶⁶ Expressão utilizada pelo jornal *República*, 02/11/1920.

¹⁶⁷ Jornal *O Estado*, 14/11/1921.

¹⁶⁸ D’EÇA, Othon. “Uma carta e um conselho”. In: jornal *O Estado*, 08/11/1920.

¹⁶⁹ Revista *Terra*, 24/10/1920.

Octaviano Ramos, Trajano Margarida e Delminda Silveira. Em sua réplica, Othon se defendeu usando de ironias, dizendo que os textos de Ildefonso, escritos em “sintaxe zulu”, recordavam “as primeiras tentativas humanas para a escrita” e se ele, Othon, havia se esquecido dos nomes de Octaviano e Delminda (ignora Trajano Margarida, poeta popular) era por causa dos “fazedores de chatices rimadas, que athularam” a sua “desprotegida memória, tapando-lhe todas as trinchas com os chumaços das suas Odes e os chamiços dos seus sonetos¹⁷⁰”. Ildefonso respondeu relembrando os nomes de outros poetas esquecidos por Othon D’Eça, como Arnaldo S. Thiago, Oscar Rosas, Caetano Costa e finalizou questionando se os próprios versos de Othon, publicados nos jornais locais, deveriam ser jogados no forno do lixo¹⁷¹.

A polêmica, aliás, não era exclusividade da esgrima entre adversários. Houve ao longo dos anos uma lista considerável de querelas entre intelectuais que se tornariam confrades, com Altino Flores, crítico de pena mordaz, a encabeçar a lista de contendores. Em 1924, Altino teve uma polêmica com seu cunhado Barreiros Filho, reunindo-a no opúsculo “No Mundo das Coisas Pequenas¹⁷²”. Dois outros confrades da Academia tiveram o constrangimento de verem seus filhos serem criticados pela imprensa por Altino Flores, Osvaldo Melo e Heitor Luz. Com o amigo Othon D’Eça, a discussão beirou ao confronto por desagravo à honra. Em uma crônica publicada em *O Olho*, Altino fez observações sobre funcionários públicos que recebiam bons salários do Erário e pouco trabalhavam. Vestindo a carapuça, Othon D’Eça ameaçou no número seguinte: “Cumpram matar o cabotino...o ignóbil de olhos baços e linhas artificiais”. Altino replicou dizendo que não o temia em nenhum campo e dias depois foi procurado pelo colega jornalista Ulysses Costa, que lhe comunicou que Othon o desafiara a um duelo com espadas. Altino ficou sem saber se o desafio era verdadeiro ou apenas mais uma das brincadeiras de Gama D’Eça, que partiu para o Rio de Janeiro para concluir seus estudos na Faculdade de Direito e quando retornou não mais tocaram no assunto¹⁷³.

Embora todos compartilhassem o gosto pelas letras, são as práticas sociais – atividade jornalística, participação em associações e agremiações, vínculos empregatícios e políticos,

¹⁷⁰ D’EÇA, Othon. “A propósito de um suelto”. In: jornal *O Estado*, 30/10/1920.

¹⁷¹ JUVENAL, Ildefonso. “A poesia em Santa Catarina”. In: jornal *O Estado*, 01/11/1920.

¹⁷² Cunhados e da mesma idade, Altino Flores e Barreiros Filho haviam estudado juntos no Ginásio Catarinense, foram professores da Escola Normal e ambos trabalharam no jornal *O Estado*, além de serem fundadores da Academia Catarinense de Letras. Suas divergências tinham cunho político. Anos depois, Barreiros foi nome expressivo do antigo PSD, enquanto Altino tornou-se partidário da UDN. Cf. PITSICA, Paschoal Apóstolo. “Passagens de Altino Flores”. In: *Revista da Academia Catarinense de Letras*. Nº11, Florianópolis, 1992. p.95.

¹⁷³ SOARES, Iaponan. *Virgílio Várzea & Outros*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002. p.67.

convívio em variados loci de sociabilidades – que reforçam os traços associados à identidade da “Geração da Academia”. Na análise do dinâmico campo cultural, torna-se importante observar não apenas as ideias e as atividades manifestas, mas também suas ideias e posições implícitas, tornando-se relevante debruçar-se sobre os laços de amizade e os relacionamentos constituídos entre os participantes¹⁷⁴. A “Geração da Academia” não era uma unidade homogênea, embora seus membros possuíssem um corpo de práticas, um *ethos* em comum que proporcionaram a sua formação como confrades. Como disse Barreiros Filho, em 1925, a Academia Catarinense de Letras era uma “febril colmeia de intelectuais¹⁷⁵”, pois apesar das atividades que organizava, havia certa independência de cada intelectual na realização de suas atividades e na expressão de suas posições, que em alguns momentos, se chocavam contra as práticas de um ou mais integrantes do sodalício.

Na década de 1920, as próprias relações políticas da Academia, notadamente herciliista, que possibilitaram a sua fundação como Sociedade Catarinense de Letras, iriam dificultar o seu desenvolvimento. No momento da criação da Sociedade Catarinense de Letras, as divergências entre Hercílio Luz e Lauro Müller acirravam-se cada vez mais. Em novembro de 1920 começavam os entendimentos dentro do Partido Republicano para a escolha dos candidatos a deputados federais por Santa Catarina. Fúlvio Aducci foi apoiado pelos intelectuais reunidos em torno da revista *Terra*, que lançaram um manifesto assinado por Altino Flores, Mâncio da Costa, Cid Campos, Carlos Corrêa, Ivo D’Aquino, José Diniz, Anfilóquio Gonçalves e Barreiros Filho, todos mais tarde membros da Academia Catarinense de Letras. Na convenção do Partido, a comissão que decidiu os candidatos, presidida por Hercílio Luz, expurgou os nomes de Fúlvio Aducci e Nereu Ramos, substituídos pelo herciliista Celso Bayma. Diante desta atitude, Vidal Ramos, pai de Nereu, rompeu definitivamente com Hercílio Luz, em uma dissensão partidária que refletiu na organização da Sociedade Catarinense de Letras, impedindo o ingresso de Lauro Müller e prejudicando a frequência de Nereu Ramos, que ingressou na instituição em 1921 e participou apenas da sessão de instalação. Müller acabaria eleito patrono da cadeira Nº 26 da Academia, mas apenas após a sua morte, em 1926. Ressalva-se que desde 1917 Lauro Müller era membro da Academia Brasileira de Letras, sendo o primeiro catarinense a ingressar no sodalício, eleito

¹⁷⁴ WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbury. In: *Plural*; Sociologia, USP, São Paulo, 6: 139-168, 1.sem. 1999.

¹⁷⁵ *Revista do Centro Catharinense de Letras*, Nº03, Setembro de 1925, *apud* CORREIA, Carlos Humberto P. *História da Cultura Catarinense. Vol.I. O Estado e as Ideias*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. p.174.

para a Cadeira nº 34, como sucessor do Barão do Rio Branco, sendo recebido por Afonso Celso ao derrotar Ramiz Galvão na eleição¹⁷⁶.

Com a morte de Hercílio Luz, em 1925, a Academia perdeu importância social com a ascensão ao governo do Cel. Antônio Pereira da Silva e Oliveira, não aliado aos membros da Academia. Oliveira reorganizou os cargos públicos de sua confiança, principalmente em cima dos hercilistas, a começar por substituir José Boiteux, marcando o fim do apoio governamental às instituições culturais mantidas por Hercílio Luz, como a Academia de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico. Joe Colaço¹⁷⁷, acadêmico e genro de Hercílio, perdeu o posto de Secretário do Estado do Interior e caiu no ostracismo, nunca mais se elegeu a nenhum cargo, mudou-se para Curitiba e, em seguida, para o Rio de Janeiro¹⁷⁸. O velho jornal “República” foi fechado e substituído pelo diário “O Tempo”. Neste momento de reorganização política, alguns membros da Academia se juntaram aos literatos então considerados “menores”, excluídos do sodalício, para se organizarem em torno de outra entidade, o Centro Catharinense de Letras, com total apoio do novo governador. Era a “revanche” de alguns daqueles então considerados pela visão elitista de Altino Flores e Othon D’Eça “uma ciganaria literária de quinta classe, composta por fabricantes de maciças brochuras ou linfáticos folhetos vis, onde os pronomes andam como gatos em saco e os conceitos lembram monólogos idiotas em corredores de manicômios¹⁷⁹”.

Se os intelectuais da Academia consideravam o período hercilista como aquele que “regenerou” a vida cultural do Estado, mesmo discurso foi adotado por aqueles agora aliados do Cel. Antônio Pereira da Silva e Oliveira. Em artigo anônimo assinado por um “Catarinense”, o jornal “O Estado” deixava claro as tensões dentro do campo cultural:

Desde que assumiu o coronel Pereira e Oliveira (...) começa-se a sentir algo de esperançoso, de estável, quer na vida política propriamente dita, quer na vida administrativa. (...) Agora, porém, os elementos descontentes e ambiciosos, elementos que se locupletaram com as “generosidades” do Dr. Hercílio Luz, sob uma intriga insidiosa, procuram indispor o velho e dedicado coronel Pereira e Oliveira com o governo central, dizendo-se que tramam até o seu afastamento do governo. (...) Nestas condições, Santa Catarina, que havia chegado às bordas do abismo, tendo nas energias e

¹⁷⁶ JAMUNDÁ, *Op. Cit.*, 1971. p.97-98.

¹⁷⁷ José Luiz Martins Colaço (1889-1951): Nascido em Tubarão (SC). Cursou Medicina no Rio de Janeiro, curso que abandonou para dedicar-se ao jornalismo., vindo a bacharelar-se, depois, em Direito. Foi Oficial de Gabinete do Governo Felipe Schmidt (1914-1918), Secretário do Interior e Justiça (1922-1923) e da Fazenda e Obras Públicas (1924), entre outros cargos públicos. Foi Deputado federal por duas legislaturas e membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico. Cf. GOMES. *Op.Cit.* 1990.p.120.

¹⁷⁸ SACHET & SACHET, *Op. Cit.* p.273-274.

¹⁷⁹ Revista *Terra*. Nº17. 24/10/1920, p.4.

honestidade do coronel Pereira e Oliveira um braço forte (...) treme de horror com a bruteza das intrigas sórdidas e perturbadoras¹⁸⁰.

O Centro Catarinense de Letras foi fundado em 04 de janeiro de 1925, nas dependências da União Beneficente e Recreativa Operária (UBRO), sob o discurso de ser democrático, composto por membros que não se consideravam “deuses das Letras”, mas “cultores modestos da arte da vernaculidade”, em aversão direta aos moldes da Academia:

Como sabeis, houve tempo, em nossa terra, tempo que não vai muito longe, em que o neófito era um intruso nos domínios da Arte Literária. (...) A Arte era um enigma que só eles poderiam ser portadores das chaves dos misteriosos segredos dessa esfinge, O principiante era ridicularizado, apupado e até enxovalhado na sua reputação¹⁸¹.

Os intelectuais reunidos ao redor do Centro Catarinense de Letras buscaram criar a autoimagem de “abolicionistas” das Letras catarinenses, os responsáveis pela quebra dos “grilhões dessa escravidão do pensamento”. Aceitando em seus quadros intelectuais negros e mulheres, o Centro também se coligou com a Liga do Magistério Catarinense, composta apenas de mulheres e que tinha a poetisa Maura de Senna Pereira como oradora¹⁸². À custa do governo estadual, o Centro lançou a sua revista, cujo primeiro número estampou em tamanho grande a fotografia do Cel. Antônio Pereira da Silva e Oliveira, eleito presidente de honra da instituição. O Centro recebeu uma sala montada nas dependências da Escola Normal, cuja parede era ornada com a fotografia do governante, tendo retrato pomposamente inaugurado com discursos de integrantes da instituição e representantes do governo, como Victor Konder, Secretário da Fazenda. Oscar Ramos, membro do Centro Catarinense de Letras, tornou-se redator-chefe do jornal *O Tempo*, órgão de sustentação a Oliveira. Em maio de 1925, o Centro organizou uma manifestação de apoio ao governador, em frente a sua casa; e um Festival lítero-musical em sua homenagem¹⁸³.

No entanto, divisões internas começaram a minar o funcionamento da entidade. Ildefonso Juvenal e Lupércio Lopes renunciaram aos cargos de primeiro secretário e vice-presidente, respectivamente. Na eleição de uma nova diretoria para o Centro, surgiu uma

¹⁸⁰ *O Estado*, 06/02/1925, apud CORREIA, 1997, p.163.

¹⁸¹ *O Tempo*, 19/06/1925.

¹⁸² Entre os membros do Centro estavam acadêmicos como Anfilóquio Gonçalves, Laércio Caldeira de Andrada e Barreiros Filho, além de José Lupércio Lopes, Ildefonso Juvenal, Nicolau Nagib Nahas, Hermínio Millis, Trajano Margarida, Waldemar Luz, Porfírio Gonçalves, Rodolfo Bosco, Nelson de Almeida Coelho, João Silveira de Matos, Sebastião Vieira, Pedro Garcia, Antônio Sbissa, Jovita Lisboa, Pedro Paulo Taborda, Araújo Figueredo, Geraldino Azevedo, Juvenal Melchíades, Irineu Livramento, João Teixeira da Rosa Jr., João Rosa, Dário de Bittencourt, Isaura Veiga de Faria, Juvêncio Braga, Arthur Galleti, Oscar Ramos, José de Diniz, Beatriz de Souza Brito, Antonieta de Barros, entre outros.

chapa oposicionista liderada pelo coronel Cantídio Régis, dividindo os membros da instituição. Antônio Pereira da Silva e Oliveira deixou o cargo em 1925, assumindo o então presidente do Congresso Estadual, deputado Antônio Vicente Bulcão Vianna, fazendo com que o Centro perdesse o seu principal mecenas. Como percebeu Pedro Bertolino¹⁸⁴, a fundação do Centro Catharinense de Letras foi uma luta por espaço dentro do campo cultural, sob os auspícios do mecenato estatal. Uma demarcação de território que denotava a emergência de novos grupos sociais e alguns antigos ocupantes de espaços anteriormente destinados apenas a uma pequena elite cultural que se fazia valer de suas amizades relacionais para ocupar as instâncias de consagração criadas por ela mesma.

¹⁸³ CORREIA, Op. Cit., 1997, p.163-1973.

¹⁸⁴BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira. Florianópolis: ACL, 1993. p. 61.

CAPÍTULO 02 - Vida Literária: Instituições, Sociabilidades, Distinção.

“Para nós importa mais a vida literária do que a literatura.”

(Afrânio Coutinho.)¹⁸⁵

A frase de Afrânio Coutinho, dita numa entrevista concedida ao *Jornal das Letras*, em fevereiro de 1951, demonstra a insatisfação do crítico com os rumos da literatura brasileira de então, considerada escassa, miúda, incapaz de atingir a um plano universal. Os males incriminados não residiam em indivíduos específicos, nesse ou naquele autor, mas no tecido social dos literatos, nos "mores", na trama de hábitos correntes e resíduos acumulados, padrões e dramas que regulavam a vida dos escritores. Para Coutinho, jamais teríamos Literatura no Brasil, que se impusesse pela qualidade, pelo teor elevado, pela originalidade, enquanto não deixássemos de dar maior importância à vida literária do que à própria literatura. Vista como uma feira de vaidades e fuxicos, a vida literária é quem uniria os intelectuais ao campo cultural, era ela quem lhes desgastava as energias, o talento, a imaginação. É para a vida em torno da literatura nos cafés, nas igrejazinhas, nas confrarias, que iria a maior atenção dos literatos, aonde muitas glórias fáceis se construía ou que muito cartaz se dissolvia a custa dos fogos cruzados, de elogios desarrazoados ou de toda a sorte de processos de denegação, sabotagem, campanhas de silêncio, intrigas, deslealdades, piadas, epigramas, de “politiquice literária”. Afrânio Coutinho concluiu com um conselho que certa feita recebera de um amigo: "Faça literatura, mas não faça vida literária".

As afirmações de Coutinho, embora pessimistas e redutoras em demasia, reforçam uma concepção de Literatura – aqui compreendida num conceito mais amplo, do latim *litteris*, as Letras - como força social dotada de funções na sociedade e exercida através dos salões, das academias, da imprensa, das escolas, do consumo e circulação de cultura impressa, de

toda uma rede de elementos de atuação e irradiação que a coloca no meio da vida social como instrumento de brilhantismo e de embelezamento, mas também de ação social e política. Perceber as redes de sociabilidade tecidas entre aqueles que compartilham de uma vida literária contribui para a compreensão da formação do campo cultural, da constituição das elites culturais e do estabelecimento dos cânones e instâncias de distinção e consagração.

2.1. AGRUPAMENTOS DE INTELECTUAIS

Embora as querelas sejam inerentes à vida social, as agremiações, associações e demais agrupamentos de intelectuais são resultados de períodos relativamente estáveis no interior do campo cultural¹⁸⁶, pois se este é uma arena de batalha, é também um espaço de alianças. No caso da elite cultural florianopolitana da Primeira República, o sentido de unidade tinha o sabor das afinidades e dos interesses relacionais estabelecidos nos variados redutos de sociabilidade da cidade, como, por exemplo, o Ginásio Catarinense, o Centro Catarinense de Estudantes, a Academia Catarinense de Letras. O sentido de estabilidade - ainda que uma estabilidade relativa - foi proporcionado com o reestabelecimento da ordem e da coesão Republicana, com uma elite urbana disposta a estabelecer alianças e aproximações que garantiriam a legitimidade de seu poder político.

Aos poucos Florianópolis recompôs a sua vida social. Esportes como o remo e o futebol fidelizaram a sua audiência. Sociedades Carnavalescas foram fundadas, o Teatro atraiu numerosos frequentadores, surgiram as primeiras salas de cinema, o cabo submarino da *Western Telegraph Company* facilitou as comunicações, organizavam-se retretas, *soirées*, tertúlias, os clubes sociais abriam suas portas, pelo porto atracavam as mais variadas mercadorias e novidades, incluindo livros, jornais e revistas das grandes livrarias do país que chegavam a bordo dos navios da Companhia Nacional de Navegação Costeira, pelo Lloyd Brasileiro ou pela firma Hoepcke. Propagam-se as correntes científicas e os ideais burgueses, modificando comportamentos e costumes na busca por modos civilizados de conduta ancorados nos princípios do liberalismo econômico e do positivismo. A crença na

¹⁸⁵ Entrevista concedida por Afrânio Coutinho ao "Jornal de Letras" (fevereiro de 1951). Disponível em <filosocram.blogspot.com.br/2010/01/julgamento-severo-sobre-vida-literaria.html>. Acessado em 20 de Junho de 2012.

¹⁸⁶ WILLIAMS, Raymond. Cercamentos, terras comunais e comunidades. In: *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 2011. P.165-182.

razão, no indivíduo, no progresso, na liberdade, na ciência, na natureza impuseram uma ordem positiva ao gosto das minorias ilustradas, que ansiavam pela consolidação do regime e legitimação de seus protagonistas. Novas ruas, alargamento de vias antigas, saneamento, canalização de água, iluminação pública, transformações arquitetônicas, a consolidação da imprensa como difusora dos novos ideais são elementos que criaram um quadro social adequado à modernização da cidade, com a paisagem sofrendo significativas transformações¹⁸⁷.

De braços dados com a vida literária, esse mundanismo serve para aferir a sintonia da cidade com as questões pulsantes no Brasil, a despeito do lugar onde a atividade e produção intelectual local foi habitualmente posta pela crítica literária. O desenvolvimento e a remodelação da cidade instilavam os requintes da civilização na parte urbana de Florianópolis, setorizavam a cidade contribuindo na formação das sensibilidades e de um público consumidor aburguesado, embora muito centralizado numa pequena área, onde todos se encontravam e se conheciam. As reformas educacionais, a ascensão do trabalho assalariado, a proliferação dos impressos, das casas tipográficas, das livrarias, o acesso a bibliotecas públicas e particulares, o investimento em instituições científicas fortaleceram a criação de um circuito sociológico – entendido como o espaço por onde circularam os letrados agrupados por diversos tipos de associações -, cuja produção e circulação pressupõem o consumo de cultura impressa, pois não há literatura ou vida literária sem leitores. Toda produção letrada implica na existência de um mercado consumidor, ainda que incipiente ou restrito.

Com a estabilização do regime republicano, a elite cultural local assumiu para si a “missão” de tutelar a sociedade durante a implantação de ideais que julgavam universais, verdadeiros e belos. Juris, juízes e executores da produção cultural de seu tempo, produziram imagens do “marasmo”, do “isolamento”, do “atraso” cultural, legitimando suas ações como regeneradoras da paisagem urbana e social de Florianópolis. Utilizando-se dos mecanismos da cultura impressa – especialmente os periódicos - tornaram-se porta-vozes da civilização, criando uma autoimagem que recebia corroborações com as interações com colegas do interior do seu campo cultural. Neste sentido, as associações literárias e recreativas, as instituições científicas e centros de convívio social, ainda que por vezes tenham tido vida efêmera, foram espaços privilegiados para a difusão das ideias, na consolidação das redes de

¹⁸⁷ ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em* 80

sociabilidade e na satisfação do almejado desejo civilizador da sociedade. A República brasileira, logo em sua primeira Constituição, em 1891, incentivava o associativismo em sua declaração de direitos, no Art. 72, § 8º: “A todos é lícito associarem-se e reunirem-se livremente e sem armas; não podendo intervir a polícia senão para manter a ordem pública”¹⁸⁸. A criação de associações e entidades de grupo tornou-se prática comum, inclusive na capital catarinense, culminando com a criação da Academia Catarinense de Letras, na década de 1920, casa que simboliza o coroamento dos esforços em prol da cultura do estado por parte destes intelectuais “imortalizados” pelo fardão.

Uma das instituições simbólicas deste período foi o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC). Desde o início do regime republicano houve investimentos na valorização de uma cultura política própria do novo grupo dominante com a implantação e valorização de bens que materializavam suas estimas e crenças. Os símbolos republicanos passaram a fazer parte da vida urbana. Hinos, bandeiras, nomenclaturas de logradouros públicos e até o próprio nome da cidade, mudado de Desterro para Florianópolis, passaram a constituir parte do patrimônio republicano e legitimar as ações da nova elite¹⁸⁹, intimamente associada aos correligionários do Partido Republicano Catarinense. Atendendo aos anseios desta eficácia simbólica do Estado, o IHGSC começou a ser gestado em 1894, após a eleição de Hercílio Luz como governador de Santa Catarina e a nomeação de José Boiteux como seu Secretário de Estado.

Com a queda dos Federalistas e a ascensão dos Republicanos, Boiteux voltou a Santa Catarina - havia retornado do Rio de Janeiro, em 1889, para ser secretário de Lauro Müller, mas regressou a capital federal em 1891, permanecendo por lá durante toda Revolução Federalista – e tornou-se uma espécie de tutor das fundamentações ideológicas do novo regime e de suas ações culturais. Boiteux adquiriu o jornal *A República* com auxílio financeiro de Hercílio Luz, passando a dirigi-lo, transformando-o numa espécie de porta-voz oficial do Partido Republicano Catarinense e do hercilismo¹⁹⁰. Em novembro de 1894, dois meses após a posse de Hercílio, surge nas páginas do jornal um editorial noticiando a

Florianópolis. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1989.

¹⁸⁸ CONSTITUIÇÃO da República dos Estados Unidos do Brazil de 1891. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao91.htm>. Acessado em: 10/09/2013.

¹⁸⁹ CHEREM, Op.; Cit., 2000. p.100-104.

¹⁹⁰ CORRÊA, Op. Cit., 1997. p.79.

iniciativa de Boiteux em reunir os elementos dispersos da intelectualidade da terra em prol da documentação da história e geografia local¹⁹¹.

No dia 17 de novembro de 1894, Boiteux publicou um convite para a fundação, numa das salas da Secretaria de Governo, de uma entidade cujos objetivos eram a de coligir, organizar, redigir e publicar dados sobre história e geografia catarinense. No entanto, apesar da cerimônia reunir três desembargadores, um juiz de direito, diversos comerciantes, jornalistas, professores, o governador do Estado e o próprio Boiteux, o IHGSC, por motivos desconhecidos, somente foi fundado oficialmente dois anos depois, em 1896, com estatuto e finalidades aprovadas: “reunir, verificar, coligir, arquivar e publicar traduções e documentos concernentes à História, à Geografia, à Antropologia, à Arqueologia, à Etnografia e línguas indígenas da América e principalmente do Estado de Santa Catarina”¹⁹².

A primeira grande ação do Instituto foi o envio do 1º secretário da instituição, José Boiteux, para Lisboa, em 1897, para nos arquivos portugueses procurar documentos que auxiliassem o Estado na questão dos limites entre Santa Catarina e Paraná. Auxiliado pelo Inspetor Geral das Bibliotecas e Arquivos do então Reino de Portugal, Boiteux trabalhou coletando a documentação que o Conselheiro Manoel da Silva Mafra enfeixaria em sua defesa dos direitos catarinenses¹⁹³. A manipulação da memória histórica tornou-se, através da ação dos intelectuais ligados ao IHGSC, um importante artifício na busca do sentido de pertencimento da comunidade ao Estado republicano recém fundado, auxiliando na criação de uma identidade catarinense.

Nos quadros da instituição vicejou, sobretudo, a elite econômica e política local, com poucos nomes associados diretamente com a literatura ficcional (Ver Anexo I). Entre seus fundadores e primeira Diretoria efetiva estavam representadas as elites dirigentes, ratificando a tese dos estreitos vínculos entre a elite cultural e política local. O próprio governador Hercílio Luz presidiu a sessão inaugural do Instituto, em 07 de setembro de 1896. Além dele, quatro nomes que em algum momento assumiram o Governo do Estado faziam parte dos seus quadros: Augusto Fausto de Souza (1888), Gustavo Richard (1890-1891), Felipe Schmidt (1898-1902 e 1914-1918) e Antônio Pereira da Silva e Oliveira (1902-1906, 1923 e 1924-1925), além de Polidoro Olavo de S. Thiago, vice-governador durante o primeiro

¹⁹¹ Jornal *República*, 17/11/1894. p.1.

¹⁹²PIAZZA, Walter. *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: Estudo Histórico-Analítico (1896-1996)*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1996. p.13.

¹⁹³Idem.

mandato de Hercílio. Outros nomes foram admitidos a partir de 1897, sempre mantendo a característica de aproximação entre as Letras e as trajetórias políticas dos sócios colaboradores da instituição. Magistrados, engenheiros, médicos denotam a tendência à tradição bacharelesca de uma elite letrada que era também a responsável pela distribuição, reprodução e manutenção do poder local, assumindo cargos administrativos e formando uma rede social capaz de institucionalizar-se, amparados nas sinecuras do poder político.

. A despeito do mundanismo e das diversas atividades dos escritores era notável o esforço para a fundação de grêmios e associações para congregar a elite cultural e demais personagens do campo em torno de agrupamentos que permitiram uma atuação organizada, além de maior visibilidade e legitimidade. Ainda que a maioria tenha tido vida efêmera, tais instituições explicitavam o desejo de intervir nos destinos da sociedade local, demonstrando o impulso em colaborar de seus membros e a crença numa atuação “cívica”:

Quadro 1 – Centros literários, recreativos, científicos e/ou de convívio social na Primeira República:

Fundação	Instituição	Natureza
1896	Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina	Científico
1902	Centro Literário Cruz e Sousa	Literário
1902	Club da Imprensa	Classe
1909	Centro Catarinense de Estudantes	Estudantil
1909	Centro Dramático e Literário Sete de Setembro.	Literário/Teatral
1910	União Gráfica Catarinense	Operários
1912	Sociedade Pantagruel	Operários
1914	Centro Literário e Recreativo Castro Alves	Literário
1915	Associação dos Homens de Cor	Cultural
1916	Centro Cívico e Literário	Educacional/Literário
1916	Círculo Católico São José	Religioso
1916	Rose Club	Literário/Musical
1920	Centro Cívico e Recreativo José Boiteux	Educacional/Cultural
1920	Centro Cívico das Normalistas	Educacional
1920	Sociedade Catarinense de Letras	Literário
1922	União Beneficente e Recreativa Operária	Operários
1923	Classe Atalaia	Religioso
1924	Academia Catarinense de Letras	Literário

Fontes: *O Estado* 30/3/1920; *A Lanterna*, nº28, 1916; *O Dia* 16/5/1916; *A Época*, nº27, 15/4/1916; *O Litterato*, nº1, 16/12/1914; *O Estado*, 02/2/1932; *O Dia* 29/6/1916; *A Reforma*, abril/maio de 1931; *O Dia* 20/5/1916; *O Liryo*, nº01, 01/11/1902; *Gazeta do Commercio*, nº7, 24/1/1914; *O Atalaia*, julho de 1925; *Porta-Voz* N01 16/6/1912; *Gazeta do Commercio*, nº51, 23/9/1916; *O Estado*, 02/2/1932; *O Dia*, 13/6/1916; *O Binóculo*, 18/5/1902; *Porta Voz*, nº01, 16/6/1912.

Os centros literários criados no período foram importantes espaços de promoção da leitura e do fazer literário, fomentando “igrejinhas”, alimentando alianças e discórdias em meio à vida intelectual. Em 1902 o Centro Literário Cruz e Sousa ganhou as páginas da imprensa como um “simpático clube” que atuava em prol do “progresso intelectual dos nossos jovens conterrâneos”¹⁹⁴. Capitaneados por Santos Lostada, costumavam se reunir aos domingos, no Liceu de Artes e Ofícios, para a defesa de teses sobre algum motivo literário que tenham lhe chamado a atenção em suas leituras, além de darem publicidade aos seus textos no jornal literário *A Pena*, também de 1902.

Dois centros literários se destacaram no período, o Centro Literário e Recreativo Castro Alves e o Centro Cívico e Literário. O primeiro foi fundado em 1914, pelo grupo que ficou conhecido pelo grupo opositor à “Geração da Academia”. O Centro Castro Alves reunia nomes como João Melchíades de Souza, Trajano Margarida e Nicolau Nagib Nahas, que cedia a sua casa, na Rua Tiradentes, para sediar a instituição. Possuía como órgão oficial o pequeno jornal *O Litterato*, que se pretendia quinzenal e cuja primeira edição data de 06 de Dezembro de 1914, tendo como epígrafe uma oração de Santo Agostinho: “Quereis ser grande, começai por vos fazerdes pequeno”¹⁹⁵.

Eram alvos constantes da denegação e anedotas por parte de Altino Flores e seus companheiros de *jeunesse dorée*, que os consideravam “pseudo-intelectuais” a deturbar horripelmente a língua portuguesa com “sonetos eivados de erros e monstrosidades”¹⁹⁶. A primeira edição de *O Litterato* tenta responder a estas críticas dizendo que o articulista adversário queria ir “de pato a ganso e sua crônica causava vômito ao leitor”. O Centro foi apresentado como sendo composto por um pequeno número de jovens que, “cheios de amor aos livros, vão dia a dia ganhando terreno no vasto campo da literatura”. Seus desejos de colaborar com a regeneração social ficavam explícitos na poesia de Nicolau Nahas, “Avante”, dedicada aos seus amigos do Centro:

¹⁹⁴ Jornal *O Liryo*. Florianópolis, 01/11/1902.p.4.

¹⁹⁵ Jornal *O Litterato*. Florianópolis, 16/12/1914. p.1.

¹⁹⁶ Jornal *A Semana*. Florianópolis, 14/11/1914.

Amigos, vamos avante,
De coração palpitante
Fazer o nosso ideal;
Vamos cantando amores
Desfolhar mimosas flores
Sobre o livro da moral!...

Vamos, com a frente erguida,
Louros dar a nova vida,
Dar aos pobres instrução;
Amigos vamos avante,
Do amor lendo a canção.

Não deixe nunca morrer
Esta Deusa do saber,
Que nos dá inspiração;
Amigos vamos avante
De coração palpitante
Dar aos pobres instrução. (...) ¹⁹⁷

Com o mesmo intuito patriótico de colaboração social surgiu, em Abril de 1916, o Centro Cívico Literário, cuja sede ocupava o antigo prédio da Justiça Federal, na Rua Jerônimo Coelho, nº 8, esquina com a Rua da República (atual Rua Felipe Schmidt). O jornal *A Época* explicitou os objetivos do Centro, formado por “uma plêiade de talentosos moços que se dedicam ao cultivo das Belas Letras”:

Educar, formando o caráter; difusão de jornais e publicações na propaganda contra o analfabetismo, o alcoolismo e o jogo. Promover sessões em que se discutam assumptos de alcance social e moral, tratar da cultura física de seus associados, abrir aulas noturnas etc. ¹⁹⁸

A instituição era mantida pela mensalidade dos sócios, sendo cobrado o valor de mil réis para os não sócios que participaram de atividades desenvolvidas pela entidade, com exceção daquelas abertas ao público em geral, gratuitas. Os cursos eram o carro chefe do programa da instituição e contavam com figuras da elite local na promoção das aulas e palestras. Sob a presidência de Laércio Caldeira de Andrade, o Centro assumiu para si “a missão de orientador da sociedade” ¹⁹⁹ inaugurando uma série de cursos: Português, ministrado por Barreiros Filho, 2ºvice-presidente da instituição; História Universal, ministrado pelo orador evangélico Tancredo Costa; Escrituração Mercantil, regido por Mário

¹⁹⁷ Jornal *O Litterato*. Florianópolis, 16/12/1914.

¹⁹⁸ Jornal *A Época*. Nº27. Florianópolis, 15/04/1916.

¹⁹⁹ Jornal *O Dia*. Florianópolis, 11/06/1916.

Birufeld; Matemática, ministrado por Waldemiro Salles, jovem engenheiro formado no *Mackenzie College*; Educação Cívica, por Laércio Caldeira; além de cursos para analfabetos e de primeiras letras para adultos e menores, ministrados por professoras normalistas²⁰⁰. Outros nomes se juntaram a iniciativa, como Lucas Boiteux, que ministrou curso de História Catarinense; e, Orestes Guimarães, professor paulista que desde 1911 havia iniciado uma significativa reestruturação do ensino primário no Estado²⁰¹.

O desejo de intervir na ordenação de sua comunidade fica explícito também nos eventos esporádicos do Centro, habitualmente organizados em benefício próprio, como fonte de renda alternativa. As “festas” eram fieis à lógica da denominação do Centro, cívicas e literárias: geralmente iniciavam com uma palestra e terminavam com um recital de versos. Em 26 de Novembro de 1916, por exemplo, realizou-se uma festa onde Ulysses Costa²⁰² palestrou sobre “A mocidade perante a pátria”. Naquela ocasião, falou também o então deputado José Boiteux e recitaram versos Joe Collaço, João de Assis e João Crespo, para uma audiência que contava na plateia o Cel. Felipe Schmidt, então governador do Estado²⁰³.

Podemos ter uma noção de como aconteciam essas reuniões e de quem as frequentava através da notícia de uma festividade em homenagem a abolição da escravatura, em 13 de Maio de 1916²⁰⁴. O Centro lotou com a presença de representantes do funcionalismo público, das classes armadas, autoridades estaduais e federais, do comércio e da imprensa. O evento teve início às 18h15min, com o governador Felipe Schmidt, acompanhado de seu ajudante de ordens, sendo introduzido no salão de honra pela Diretoria do Centro, assumindo, a convite do Presidente da instituição, Laércio Caldeira, a presidência da reunião. Aberta a sessão, Caldeira discursou sobre o aniversário da abolição da escravatura no Brasil, caracterizando-a como um “epílogo de luz num drama de lágrimas”. Religioso, Caldeira terminou sua preleção cultuando o cristianismo, “porque o Centro reconhece o poder sobremodo eficaz que a moral cristã exerceu, lançando nos corações a doutrina até então desconhecida da fraternidade universal”. Em seguida, o orador oficial do Centro, Tancredo Costa, discursou sobre as origens do abolicionismo no Brasil e das influências ainda sentidas naquele período sobre o período da escravatura brasileira. O Prof. Orestes Guimarães fez um discurso associando os ideais

²⁰⁰ Jornal *O Dia*. Florianópolis, 16/06/1916.

²⁰¹ Jornal *O Dia*. Florianópolis, 03/05/1916.

²⁰² Ulysses Gerson A. da Costa exerceu cargos de proeminência no governo de Felipe Schmidt e nos que lhe sucederam, como Chefe de Polícia e Secretário de Estado. Cf. CAMPOS, Custódio F. de. *Ditos e feitos*. Florianópolis: Lunardelli, 1995. p.15-151.

²⁰³ Jornal *A Lanterna*. Nº28. Rio de Janeiro, 28/11/1916.

republicanos com a abolição, ressaltando que antes do 13 de Maio de 1888, muitos escravos já havia sido libertos. O terceiro orador inscrito foi Anfilóquio Carvalho, fazendo elogios encomiásticos à Princesa Isabel; finalizando com um discurso de Ildefonso Juvenal, único orador negro. Ao fim dos discursos o Coronel Salles Brasil pediu a palavra chamando a atenção dos presentes para os nomes dos catarinenses já mortos, que se esforçaram em prol do abolicionismo. Não havendo mais quem pedisse a palavra, Laércio Caldeira encerrou a sessão, agradecendo a presença do Governador do Estado, que em seguida foi levado para conhecer sala por sala do Centro e, por fim, pomposamente escoltado até o seu carro oficial²⁰⁵.

O Centro Cívico e Literário revestiu-se de importante legitimação oficial, com a presença de representantes da elite política, militar, econômica e intelectual local, envolto em aparatos cerimoniais que expressavam a distinção de cada ator social, como o governador do Estado, transformado em presidente da sessão e introduzido ritualisticamente na sala de honra já ocupada pelos demais. O apoio de Felipe Schmidt à instituição a transformou na principal expressão cultural do seu mandato, revestindo as atividades do Centro com um ar de oficialidade. Foi o caso da cerimônia em homenagem aos mortos na Batalha de Tuiuti, da Guerra do Paraguai, com o Centro organizando, em conjunto com as classes armadas, a formatura de novos atiradores recrutas, a saudação a Bandeira e uma romaria ao cemitério, levando dezenas de crianças dos colégios da cidade aos túmulos dos Voluntários da Pátria mortos durante a Guerra²⁰⁶, o que demonstra uma grande capacidade de articulação do Centro com os órgãos oficiais, mobilizando forças para incluir-se tanto no calendário das forças armadas quanto nas atividades escolares.

Além dos centros cívicos e literários, os centros religiosos surgiam como importante espaço de convívio social, em especial católicos e presbiterianos. O Círculo Católico São José costumava organizar saraus lítero-musicais mensais preparados pelas “senhorinhas da sociedade”, muitas das quais professoras oriundas das “famílias tradicionais”. Nestas *soirées*, Othon d’Eça era figura constante, a acompanhar no piano algumas das valsas do programa²⁰⁷. Finda a parte musical, habitualmente seguia-se uma palestra com temas cívicos e religiosos e,

²⁰⁴ Jornal *O Dia*. Florianópolis, 16/05/1916.

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ Jornal *O Dia*. Florianópolis, 25/05/1916.

²⁰⁷ Jornal *O Dia*. Florianópolis, 29/06/1916.

por vezes, os encontros terminavam com a exibição de algum filme cuja moral coadunava com aquela defendida pelos princípios cristãos.

Já a juventude presbiteriana tinha a sua sociedade de propaganda, a Classe Atalaia, fundada em 1923, tendo como um dos tutores Laércio Caldeira de Andrada. Os Atalaias organizaram uma empresa de publicidade, adquiriram uma impressora e demais equipamentos para imprimir o jornal *O Atalaia*, cujo primeiro número foi publicado em março de 1924. Em dois anos, a Classe Atalaia chegou a ter cerca de trezentos jovens afiliados, alcançando uma projeção social que ultrapassava os certames da Igreja Presbiteriana. Nomes como os de Maura de Senna Pereira, Victor Peluso Júnior, Nicolau Nagib Nahas e Jairo Callado²⁰⁸, entre outros, constavam como signatários do jornal e apesar de alguns deles possuírem fortes ligações com a Igreja, suas atuações na esfera cultural de Florianópolis não ficavam reduzidas a tal círculo.

Em seu trabalho social, a Classe Atalaia promoveu a organização de encontros, palestras, saraus, piqueniques e de uma biblioteca própria. Sob o lema de “Por Cristo e Pela Pátria”, os confrades d’O Atalaia teciam comentários sobre as atualidades políticas locais e, não raro, estampavam fotografias de efemérides que manifestavam seu apoio à iniciativa da classe organizada, como o caso do governador Adolpho Konder e seu secretário do Interior, Cid Campos, que os parabenizavam pela organização da Semana da Mocidade, período em que foram preparadas uma série de palestras orientadas para os jovens da cidade²⁰⁹, mas abertas ao público em geral, ministradas por palestrantes que não necessariamente eram presbíteros: o médico Carlos Corrêa, Diretor da Higiene no Estado, abordando como iniciativas como a Semana da Mocidade contribuía para o estabelecimento de uma Nação plena; o jornalista José Diniz realizou uma conferência intitulada “elogio ao heroísmo”; Othon D’Eça, então chefe da Polícia do Estado falou sobre “os males do tóxico”; e o “brilhante homem-de-letras” Altino Flores realizou conferência dissertando sobre o “Elogio da Leitura”, a lembrar do seu tempo de jovem leitor na cidade²¹⁰.

Além dessas associações de caráter religioso, havia ainda outras entidades que denotavam uma maior divisão da cidade em agrupamentos, uma crescente setorização da cidade, como a Sociedade Pantagruel, fundada em 1912, a congregar trabalhadores das artes

²⁰⁸ Jornal *O Atalaia*. Florianópolis, Setembro de 1928.

²⁰⁹ Jornal *O Atalaia*. Nº 41 e 42. Florianópolis, Julho e Agosto de 1927.

²¹⁰ Idem.

gráficas²¹¹; o Centro Cívico das Normalistas, fundado em 1920, presidido por Antonieta de Barros, com as alunas da Escola Normal, dedicado à alfabetização de adultos; ou a União Beneficente e Recreativa Operária, fundada em 1922, que atuava na luta pelos direitos trabalhistas, pela intervenção do Estado em questões como o custo de vida e moradia operária, mas também se tornou veículo de confraternização, com biblioteca própria²¹². Em 1916, o *Rose Club*, por iniciativa do maestro Álvaro Ramos, teve sua diretoria composta apenas por mulheres, consideradas pela imprensa como “distintas senhoritas cultoras da música e pertencentes ao *high-life* catarinense”²¹³.

Intelectuais negros buscavam ocupar espaços de visibilidade com a fundação, em 1915, da Associação dos Homens de Cor, promovendo atividades cívico-literárias em comemoração à assinatura da Lei Áurea. Momento de tomada de consciência racial e posituação do negro, a Associação promoveu uma ampla programação de comemoração tendo como palco o Teatro Álvaro de Carvalho, espaço nobre da cidade e espaço das principais manifestações artísticas do período²¹⁴. Ao contrário do Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, fundado em 1920, que oferecia cursos noturnos para seus frequentadores e só aceitava negros entre seus membros, a Associação dos Homens de Cor contava com a presença de mulheres e intelectuais brancos. Tendo como presidente de honra o Coronel Germando Wendhausen - federalista que, em 1887, fundou a Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro a percorrer a cidade em busca de doações para a compra de alforrias - a Associação tinha em seus quadros Anfilóquio de Carvalho Gonçalves, Ildefonso Juvenal e Trajano Margarida. Os três fizeram parte do grupo do jornal “A Semana”, que travou na imprensa batalhas diversas com Altino e Othon D’Eça. Justamente numa dessas querelas impressas que ressurgiu a intenção de se fundar uma Academia Catarinense de Letras.

²¹¹ Jornal *Porta Voz*. Nº01. Florianópolis, 16/06/1912.

²¹² COLAÇO, Vera. *O Teatro da União Operária: um palco em sintonia com a modernização brasileira*. Tese de Doutorado (Departamento de História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

²¹³ Jornal *Gazeta do Commercio*. Nº51. 23/09/1916. p.1.

²¹⁴ GARCIA, Fábio. *Negras pretensões: a presença de intelectuais, músicos e poetas negros nos jornais de Florianópolis e Tijucas no início do Século XX*. São José: Umbutu, 2008. p.49.

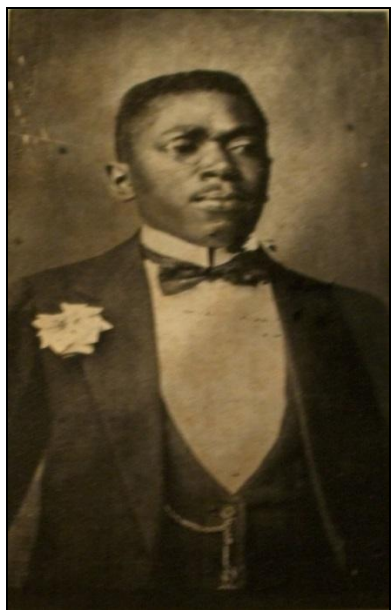


Figura 8 – Ildefonso Juvenal, 1918.

Fonte: Acervo do IHGSC.



Figura 9 – Trajano Margarida.

Fonte: Acervo do IHGSC.

2.2. CONCORRES PELA IMORTALIDADE.

Após a ideia de uma Academia de Letras ter sido abandonada por Altino e Othon D’Eça em 1912, a ideia ressurgiu em 1920, desta vez encabeçada pelo grupo de Anfilóquio de Carvalho e Ildefonso Juvenal. Altino, nas páginas da revista *Terra*, demonstrava-se contra a ideia dos adversários, considerando que alguns de seus elementos não teriam condições de pertencerem a tal instituição e que esta seria uma ideia carregada de imaturidade: “Uma Academia de Letras em Florianópolis é ideia que nos vem à cabeça quando temos dezessete anos e, às vezes, ocorre dos que prolongam a leviandade desses dezessete anos pela vida adiante (...). E, a mais ninguém”²¹⁵, escreveu aquele que anos depois esteve entre os fundadores da Academia.

Como bem percebeu Pedro Bertolino, a posterior conversão da Sociedade Catarinense de Letras em “Academia”, entre outras coisas, teve como função neutralizar a sanha deste grupo de intelectuais em criarem eles mesmos a Academia, que certamente seria composta por outra igrejinha literária, o que poderia excluir do sodalício – e da portentosa alcunha de imortais - muitos dos seus adversários do interior do campo. Em texto relembrando esse

²¹⁵ Revista *Terra*. Nº17, Florianópolis, 1920. p.5. apud BERTOLINO, 1993, p.56.

período de concorre pela imortalidade literária, Altino Flores deixou clara a disputa dentro do campo:

(...) Quem quer que soubesse ler estava na convicção de que poderia escrever. Como há escrever e escrever, viram-se, então, em letra-de-forma, as maiores chinfrinadas. Esse fluxo borbulhante de sandices graphorreadas numa língua mestiça, teve de sofrer a nossa verrina. O retruque foi azedíssimo. É claro que nos não demos por achado – o que desnorteou os irritados e irritantes escrevinhadores, os quais, de então para cá, nos tem pago com detrações encarniçadas (...).

(...) Os autores que zurzíamos estavam abaixo de medíocres. Seria honrar essa gente trata-la com os ademanos da crítica “acadêmica”. (...) Era mister impedir que esse furioso enxovalho das letras continuasse indefinidamente e os seus perpetradores fossem elevados á categoria de “literatos” – para deshonra da nossa terra, lá fora. Vivemos num meio onde os factos se consomem, crystallizando-se pela força da rotina, sem reacções salvadoras. O espírito analítico é quase nenhum, entre nós. O que se faz – está feito. (...) Dahi, o perigo de aquelles graphomaníacos por em cinza nos olhos do público e, quiçá, tomarem de assalto as posições a que faziam jus Laércio Caldeira, Ivo d’Aquino, Barreiros Filho, Mâncio Costa, Othon D’Eça, Romeu Ulysséa...²¹⁶

Altino afirmava a posição ocupada por seu grupo no espaço social, bem como tentava manter as respectivas distâncias face aos outros “estratos”. Ao contrário de Anfilóquio de Carvalho, tanto Trajano quanto Ildefonso nunca receberam o convite para participar da Academia Catarinense de Letras. Anfilóquio compartilhava do mesmo horizonte de expectativas de seus adversários decorrente de sua origem social semelhante, tinha a mesma vivência e o tipo de formação cultural sedimentada pela frequência ao mesmo colégio das elites (Ginásio Catarinense) e, na década de 1920, voltou a se aproximar do grupo político ao qual Altino e Othon D’Eça apoiavam, fator essencial. Já Ildefonso era negro, foi aprendiz de tipógrafo da Marinha e era amanuense da Biblioteca Pública do Estado quando prestou concurso e ingressou na Força Pública. Como sargento tornou-se o responsável pela organização da primeira farmácia da corporação, além de trabalhar na alfabetização dos praças ministrando aulas na Escola Noturna Cruz e Sousa, do Centro Cívico José Boiteux, que ajudara a fundar em 1920. Começou a consolidar seu nome no meio intelectual através de sua atuação no jornal *Folha Rósea*, em 1915, veículo de um grupo de intelectuais que se apresentavam, já na primeira edição do periódico, como os “Novos” da literatura local, posto

²¹⁶ FLORES, Altino. *De como não pode haver crítica literária em Santa Catharina*. Recorte de jornal sem referência. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Gaveta “Sócios Falecidos”, Pasta “Altino Flores.

pretensamente ocupado pelo grupo de Altino Flores. O grupo da *Folha Rósea* instituiu a autoimagem de mártires que se ofereciam ao sacrifício e às críticas:

(...) Enquanto a mocidade paranaense associa-se, para muitos desenvolveram a literatura no seu Estado, a nossa mocidade desunida, uma parte deixa-se ficar imóvel, outra: vive quer nos cafés, quer no jardim, nos bondes, a ridicularizar as produções literárias dos principiantes. O saber é privilégio de meia dúzia de rapazes, que, nasceram sábios, tornaram-se imortais e hão de voar amanhã em aeroplanos às regiões Parnasianas... Mas, os ‘Novos’ erguem-se hoje, e a ‘Folha Rósea’ há de demonstrar que os pequenos podem ainda ser grandes²¹⁷.

Embora tenha se tornado um adversário de Altino Flores, Ildefonso manteve boas relações com integrantes da dita “Geração da Academia”. Esteve ao lado de Barreiros Filho e Laércio Caldeira de Andrada na fundação do Centro Catharinense de Letras e estreitou relações com José Boiteux, a quem homenageou dando-lhe o nome do Centro Cívico composto apenas por negros que colaborou na construção de uma herma ao poeta Cruz e Sousa. Numa sociedade influenciada por teorias científicas racistas, Juvenal destacou-se se tornando o primeiro negro catarinense a se formar num curso superior no Estado (Farmácia), no Instituto Politécnico, criado por Boiteux em Florianópolis, em 1917. Formou-se em 1924, como o orador da turma, sendo aluno de Boiteux e Carlos Correa²¹⁸. Como escritor foi teatrólogo, historiador, poeta, ficcionista e jornalista. Seus textos sobre a história local garantiram-lhe um lugar no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, ao qual ingressou em 1942. Mas, faleceu em 1965 - vítima de um choque anafilático depois de tomar injeção de antibiótico em uma farmácia do Estreito – sem nunca ingressar na Academia Catarinense de Letras, como almejava. A lista de insultos que recebia, por ser negro, é extensa. Em 1954, teve um estudo seu sobre o Regimento Barriga Verde criticado por Oswaldo Rodrigues Cabral nas páginas do jornal *A Gazeta*, que publicou um texto refutando algumas colocações de Juvenal, com o seguinte título: "Para macaco, chumbo grosso"²¹⁹. Já para Altino Flores, que o considerava um “bronco, iletrado, vaidoso”, Ildefonso vivia à sombra de Cruz e Sousa e o espaço por ele conquistado no campo cultural local era herança maldita do poeta simbolista, que, por ser negro e “dar-nos versos admiráveis”, despertou em todos os negros de Santa Catarina “a veleidade de poetas”²²⁰.

²¹⁷ Jornal *Folha Rósea*. Nº01. Florianópolis, 05/11/1915. p.2.

²¹⁸ VIEIRA, Amazile de Hollanda. *Instituto Polytechnico: no contexto sócio-cultural de Florianópolis*. Florianópolis: A & P, 1986. p.46-62.

²¹⁹ MARTINS, Celso. “Militar foi 1º negro com curso superior”. In: Jornal *A Notícia*, 30/05/2005.

²²⁰ FLORES, Altino. À sombra de Cruz e Souza. *Revista Terra*, Florianópolis, Ano I, nº 17. 1920. p.7.

Apesar das querelas, tanto Anfilóquio quanto Ildefonso Juvenal encontraram os seus nichos de atuação e gozaram de certa legitimidade. Dificuldades maiores passou Trajano Margarida, considerado “poeta popular” menos por se tornar notório e mais por ser associado às camadas populares e menos abastadas. Seus escritos, por levarem em conta a perspectiva das camadas pobres da população, se contrapunham às estigmatizações de lugares e pessoas considerados desajustados aos padrões em voga no imaginário das elites locais. Seus textos abordavam a multiplicidade de personagens da vida urbana florianopolitana jogando luz em atores sociais excluídos como os bêbados, as prostitutas, mulheres, velhos, crianças, soldados, comerciantes, mendigos²²¹.

Trajano Margarida nasceu em Florianópolis, em 16 de janeiro de 1891, sendo neto de escravos. Quando criança vendia amendoim torrado pelas ruas da cidade para auxiliar no sustento da família pobre. Conseguiu cursar o magistério e entre 1912 a 1914 trabalhou como professor adjunto. Com a baixa remuneração do cargo, assumiu também um emprego de amanuense na Secretaria de Interior e Justiça, onde permaneceu até sua aposentadoria, em 1941. Na repartição pública teve uma trajetória conturbada, sendo preterido em promoções que julgava suas por direito adquirido pelo tempo de serviço, como na ocasião em que foi postergado por uma indicação política a Gustavo Neves²²², ligado à família Ramos e membro da Academia Catarinense de Letras. Era também um conhecido nas rodas carnavalescas, sendo autor de marchinhas conhecidas, de tons satíricos, que ganhavam as ruas durante os festejos, contribuindo com a sua popularidade²²³. Terminou a vida de forma melancólica, percorrendo a cidade vendendo um livreto de sua autoria em homenagem ao filho morto, buscando angariar fundos para construir lhe um túmulo.

Mulato de poucas posses, Trajano era considerado pela elite um personagem pitoresco. Se um candidato a poeta recebesse como crítica à sua obra uma associação à produção de Trajano Margarida seria grande a possibilidade de ele considerá-la um insulto. Tome-se, como exemplo a narrativa ficcional em tons autobiográficos de Renato Barbosa²²⁴ sobre a sua infância e juventude na Florianópolis dos anos 1920, *O Garoto e a Cidade*. Num dos trechos

²²¹PEREIRA, Lucésia. A alma desencantada das ruas. In: *Revista Esboços*.V. 8, n. 8. Florianópolis: UFSC/PPGH, 2000. p.133-143.

²²²Idem. p.138.

²²³DIDONÉ, Fabiana Garcia. *Acary Margarida: Vida e Obra*. Trabalho de Conclusão de Curso (Artes Visuais). Florianópolis: UDESC, 2010. p. 73-74.

²²⁴Renato de Medeiros Barbosa. Nascido em Florianópolis, em 1902, fez curso primário no Colégio Coração de Jesus e o secundário no Ginásio Santa Catarina. Matriculou-se na Faculdade de Direito do Paraná em 1920. Foi

do livro, Barbosa relembra um episódio onde um amigo lhe pediu para escrever um soneto para, numa versão enviesada de Cyrano de Bergerac, enviá-lo a uma namoradinha se fazendo passar pelo autor:

- Agora, Sílvio, eu queria um favor teu: tu és batuta na pena; vê se me arranja um soneto bem bonito que eu quero mandar sem assinatura para Cecília. Ela vai pensar que é meu e é uma beleza.
- Acontece, Maneco, que eu nunca consegui escrever uma rima. Não sei fazer poesia. Isso é uma questão de vocação. O gajo nasce poeta e pronto. Se não fosse isso, teria grande prazer em te atender e em absoluta confiança...
- E não conheces por aqui nenhum?
- Conheço, sim. O Trajano Margarida serve?
- Vá tomar no cu, seu puto!²²⁵

Mais jovem que os membros fundadores da “Geração da Academia” – Renato passou a se estabelecer no cenário político e cultural da cidade, sobretudo, a partir da década de 1930 – Barbosa acompanhava como leitor e aluno do Ginásio Catarinense o quadro da cultura literária local. Em seu relato, apontou como principais nomes da intelectualidade da cidade Henrique Fontes, Barreiros Filho, Mâncio Costa, Ivo d’Aquino, Joe Collaço, João Crespo, Othon D’Eça, Altino Flores, Haroldo Callado e José Diniz²²⁶, todos acadêmicos. Considerava aquela uma “geração hermética”, que pelos periódicos elogiavam-se, ou se agrediam, mutuamente. Dizia ser uma época em que nasciam longas inimizades por conta de um pronome mal colocado. Embora frequentasse a residência dos Gama d’Eça como amigo da família e estudasse no mesmo Ginásio Catarinense que ao fim da década de 1900 viu surgir os principais nomes da “Geração da Academia”, Renato Barbosa afirmava que a sua geração de jovens, ao contrário daquela de Altino, Othon, Barreiros Filho e tantos outros, lia, mas não dava publicidade ao que escrevia. O motivo seria o temor que a geração antecessora causava aos jovens literatos: “ninguém, absolutamente ninguém mesmo, se aventurava a transpor o Rubicon dos vigilantes zeladores ilhéus da gramática portuguesa”²²⁷.

Quando Barbosa resolveu enviar a sua primeira colaboração para a imprensa – um texto sobre a Inconfidência Mineira, para ser publicado no jornal *O Estado* – tomou o cuidado de apresentá-lo a toda a sua turma de amigos, que se reunia no sótão da residência de D. Alexandrina da Gama Lobo d’Eça: “Erro de gramática parece que não tem. Se quiserem

Deputado Estadual de 1935 a 1937. Foi membro da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Cf. PIAZZA, Op. Cit., 1985. p.66.

²²⁵ BARBOSA, Renato. *O Garoto e a Cidade (Florianópolis dos Anos 20)*. Florianópolis: IOESC, 1979. p.174-175.

²²⁶ Idem. p.134.

criticá-lo aqui, a palavra está livre. Mas, na praça e no café, não. Que diabo, precisamos nos unir!”²²⁸. Todos temiam a crítica dos já estabelecidos guardiões do verdadeiro cenáculo, cujo tribunal era a mesa dos cafés e os bancos da Praça XV de Novembro, onde as produções dos não iniciados eram julgadas e condenadas ao ridículo ou a absolvição. Os cafés eram tradicionais pontos de encontro e sociabilidades, onde “consumindo uma bebidinha quente e palestrando até tarde” todos os assuntos eram discutidos. Por vezes, as reuniões deixavam as mesas de mármore, circundadas de cadeiras austríacas, do Café Ligocki para ganhar o areão do Jardim Oliveira Belo. Numa dessas noites, quando a sua turma estava “esfogueada pelos traçados ingeridos” no café, reunidos sob os braços da figueira Barbosa se pôs a declamar uma poesia de Olavo Bilac, até ser interrompido pelos colegas:

- Chega, chega sua besta. Literato de merda! – isso é teu? - prorrompia a turma
- Não sejam burros, isto é Bilac. Olavo Bilac. Vocês já leram alguma coisa dele, suas bestas? Isto é “Incêndio de Roma”, seus cretinos!
- O nome de Bilac possuía, para aquela geração, o miraculoso poder de um condão mágico; entretanto, a voz mais descrente aparteu:
- Isso é Bilac mesmo, ou Trajano Margarida?²²⁹

O chiste denota a admiração ao beletrista Bilac em contraposição ao ridículo proposto pela menção ao poeta popular Trajano Margarida. A lá Darnton²³⁰, se você compreende a piada, passa a compreender o sistema cultural em voga, reproduzido por esses jovens estudantes da elite local em suas pilhérias. Torna-se claro, no texto de Barbosa, a tentativa de garantir para si – o recitador de Bilac - uma identidade positiva por meio da estigmatização de um “outro” – a poesia do mulato pobre Margarida –, nos oferecendo a sua cultura para reificação.

2.3. DISTINÇÃO: MODOS DE REPRESENTAÇÃO.

Olavo Bilac, esteta do Parnasianismo e um dos mais populares poetas nacionais do início do século XX, Bilac era a celebridade literária da *Belle Époque* brasileira. Purista da língua, o escritor encontrou em Florianópolis inúmeros admiradores, dentre os quais Altino

²²⁷ Idem. p.135.

²²⁸ Idem.

²²⁹ Idem. p.172-173.

²³⁰ DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

Flores, que parece ter pautado sua atuação como crítico literário nos seus ensinamentos, para qual não haveria a verdadeira arte sem a correção gramatical, uma arte pura, nobre, aristocrata, consequência de mentes privilegiadas que se afastavam do vulgar por meio de uma linguagem pura:

Em matéria de arte, não se compreende um artista sem arte; que, sem palavras precisas, não há ideias vivas; que, sem locução perfeita, não há perfeita comunicação de sentimentos; e que não pode haver simplicidade artística sem trabalho, e maestria de estudo. (...) Sempre haverá uma poesia popular sem arte, e poetas populares sem apuro gramatical e métrico, versejando com o falar da gente rústica. (...) mas, ao lado desta, inspirando-se dela, e dela aproveitando a seiva e o encanto, uma outra sempre haverá, culta e difícil; e sempre haverá, entre os bardos sem técnica, os artífices do estro literário²³¹.

Em Novembro de 1916 o poeta teve uma breve passagem por Florianópolis, como representante da Liga da Defesa Nacional, criada dois meses antes por personalidades como Coelho Neto, Ruy Barbosa, Rodrigues Alves, Wenceslau Braz, além do próprio Bilac. De passagem para Paranaguá, a bordo do vapor Itagiba, Bilac parou em Florianópolis atendendo a um apelo do governador Felipe Schmidt, que o convidou para conhecer os antigos núcleos coloniais do Estado que haviam se transformado em prósperas cidades²³². Representando o Governo do Estado, o secretário geral Fúlvio Aducci e o chefe de polícia Ulysses Costa receberam o visitante no porto, levando-o para conhecer a cidade de automóvel. Após almoço oferecido ao visitante no Hotel Metrópole, Bilac embarcou numa lancha oferecida pelo Estado, escoltado por grande massa popular e pelos atiradores do Tiro 40, que na pessoa de Oswaldo Mello lhe ofereceu um ramo de flores. O escritor retribuiu as gentilezas com um vibrante discurso, onde dizia amar a cidade que acabara de conhecer e em tons patrióticos elogiou a aceitação que a Liga da Defesa Nacional teria recebido pela população catarinense²³³. Segundo narrativa da imprensa, ao fim do discurso, embarcou na lancha sendo muito aplaudido e debaixo de “vivas!”²³⁴.

Bilac conheceu Florianópolis em 1916, seis anos depois do lançamento da primeira edição da obra que escreveu em parceria com o historiador Manoel Bonfim, “Atravez do

²³¹ BILAC, Olavo. “A Alberto de Oliveira”, em *Últimas Conferências e Discursos*, Rio de Janeiro, Alves, 1927 apud CANDIDO, Antônio; CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: Do Realismo ao Simbolismo*. 9ª ed. São Paulo: DIFEL, 1981. p.202-202.

²³² *Jornal A Lanterna*. Nº16. Rio de Janeiro, 14/11/1916.

²³³ O Comitê Estadual de Defesa Nacional, com sucursais em vários municípios catarinenses, era presidido por Felipe Schmidt, tinha Nereu Ramos como secretário-geral e Carl Hoepcke Jr. como membro. Cf. SACHET & SACHET, Op. Cit., 1998. p.72-73.

²³⁴ *Jornal A Lanterna*. Nº15. Rio de Janeiro, 12/11/1916.

Brasil”, livro de leitura para jovens alunos da escola primária, onde os dois garotos protagonistas excursionam pelo país. Antiflorianista e sem nunca ter visitado a cidade, Bilac caracterizou Florianópolis, cujo nome havia mudado em homenagem ao seu desafeto político, como um mero local de passagem:

Em Santa Catarina foi curta a demora do navio, e os três viajantes não baixaram a terra. Os dois rapazes viam com prazer aproximar-se o termo da viagem, já fatigados de tanto movimento e de tantas mudanças; já não achavam encanto no que viam (...) Assim não lhes deu grande pesar a impossibilidade de visitar Florianópolis, a antiga Desterro, edificada na ilha de Santa Catarina, separada do continente pelo Estreito²³⁵.

Mesmo assim, não lhe poupou um elogio:

- É bonita Florianópolis?

- É, muito quieta e pitoresca. Possui lindos jardins²³⁶.

As visitas de efemérides como Olavo Bilac à cidade habitualmente se revestiam de um ar cerimonial, um ritual de legitimação e distinção, a transmitir valores relativos às condutas pessoais e a protocolos de civilidade que entrelaçavam as relações da vida social e cívica com a construção da imagem de uma pátria/cidade moderna, bem-educada, cortês, civilizada, ideais que se despiam na cultura das personalidades e nas práticas distintivas encontradas nas cerimônias de recepção, celebração e despedidas que se repetiam a cada novo qualificado visitante. Para Bourdieu, as elites culturais têm a tendência para valorizar o modo de representação, cujos códigos são incultados nos indivíduos desde muito cedo nos respectivos meios sociais de origem²³⁷. Neste sentido, os jornais, ao reportarem na forma de texto passo a passo de cada acontecimento, trazem em suas narrativas – a ordem de entrada numa sala de honra, o comportamento da plateia, as reações aos discursos, as deferências aos convidados e às autoridades presentes, quem compunha a audiência, os caminhos percorridos pelos notáveis

²³⁵ BILAC, Olavo & BONFIM, Manoel. *Atravez do Brasil (narrativa)*. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo e Cia: Paris: Aillaud, Alves e Cia, 1921, p.287. apud ANTELO, Raul. “No Canteiro de Boiteux”. In: CUNHA, M. T. S. & CHEREM, R. M. (org.). *Refrações de uma coleção fotográfica: imagem, memória e cidade*. Florianópolis: UDESC, 2011. p.30-31. Raul Antelo - professor de Teoria Literária, com uma série de trabalhos dedicados ao Modernismo - interpreta o não desembarque dos garotos em Florianópolis como sintoma de um “não lugar” ocupado pela cidade na República. Para Antelo, a Ilha aparece como hiato ou repouso:“(...) em 1910, a ilha não podia sonhar com mais prósperos futuros” (p.31). Segundo Marc Augé, o “não-lugar” é caracterizado por ser um espaço que não é identitário, relacional e histórico, um local onde as pessoas não possuem relações orgânicas entre si. Tal caracterização reforça a imagem de Florianópolis como um ilhamento, um espaço de solidão, o que não apenas subestima as práticas culturais em curso, mas também ignora as relações históricas estabelecidas pelos atores sociais com o seu tempo. AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

²³⁶ BILAC, Olavo & BONFIM, Manoel. *Atravez do Brasil (narrativa)*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923, p.284.

²³⁷ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

quando em visita a cidade – os preceitos de civilidade destinados a todos que deles necessitassem. Serviam de divulgadores de comportamentos considerados corretos para o ordenamento dos atores sociais, com cada indivíduo a desempenhar uma função social que deveria ser cada vez mais regular e diferenciada. Num cenário de anseios por modernidade, os homens-de-letras pregavam pelo exemplo uma urbanidade embasada num pensamento reformista do Estado, dos costumes, das condutas, da educação, numa crença sincera no progresso.

Nesta cidade que se civiliza e se pretende moderna surgem novos personagens. Quando o escritor Paulo Setúbal, já reconhecido devido ao êxito do seu livro “Alma Cabocla” fez a sua segunda viagem a Florianópolis, em 1920, em visita a um irmão que adoecera em Lages²³⁸, a imprensa registrou a sua passagem com os elogios encomiásticos de costume. Em agradecimento, Setúbal visitou a envaidecida redação do jornal *A República* para agradecer aos elogios, deixando na redação uma crônica sua intitulada “Os almofadinhas”, datada como “Florianópolis, 1920”. Embora certamente o conteúdo do texto não se restrinja a Florianópolis, a publicação do material pelo jornal sugere a compreensão do público leitor local ao seu conteúdo, bem como deixa implícito a familiaridade com o personagem título, o “almofadinha a 1920”, o janota a se vestir com um esmero fora de contexto, novos ricos de famílias que locupletaram durante a Primeira Guerra Mundial e esnobavam a fortuna paterna em frivolidades:

(...) A cabeleira, besuntada à brilhantina cheirosa, repartia-se irrepreensivelmente ao meio; o lençinho, rendado floco de neve, alvejava-lhe ao peito, com estudada negligência; a camisa de seda clara, agressivamente *snob*; catita, com um laçote pedante, a gravata borboleteava-lhe brejeiramente ao pescoço; as unhas, polidas e rosadas, vinham manicuradas com esmero; no rosto, empoadado com escândalo, não repontava um pellinho sequer que lhe viesse ensombrar o apecegado da cútis! Que mimoso que era! E tem todos os encantos para enfeitiçar melindrosas: discorre, com summa sciencia, sobre pareos e cavallos de raça, conhece, pelo nome, um a um todos os jogadores de futebol; discute eruditamente marcas de automóveis; e, para cúmulo e requinte de boa-educação, falla francez (ah! Isto sim...) um francez de *boulevard* que aprendeu com as croias bebendo *champagne*. Mas como joga *poker* com esperteza e tino (aquela esperteza e tino herdados do pápá...) (...) ²³⁹

Contrapondo-se à figura superficial descrita por Paulo Setúbal – que esbanjava capital econômico, mas sem o suporte cultural em sua estratégia de diferenciação – , o escritor sul-

²³⁸ CORRÊA, Nereu. *Paulo Setúbal em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC, 1978. P.63-67.

²³⁹ Jornal *A República*. Florianópolis, 30/10/1920.

rio-grandense Othelo Rosa, ao registrar as suas impressões de uma viagem a Florianópolis traçou o perfil de umas das principais figuras do campo cultural local na Primeira República, José Boiteux. Em visita a residência do desembargador, na Praça General Osório, nº24, no antigo Campo do Manejo, Othelo registrou uma série de objetos expostos pela casa que o ajudava a formar uma imagem de Boiteux, considerado por Othelo Rosa como “o mais barriga-verde de todos os barrigas-verdes”. Logo ao entrar em sua casa Othelo se deparou com o quadro de um soldado catarinense do regimento barriga-verde, ostentando o seu colete característico. Rosa se deixou seduzir pela “hospitalidade aberta e boa, vendo coisas interessantes que o desembargador Boiteux coleciona e amorosamente guarda, ouvindo-lhe a explicação, arguta e completa, dessas coisas todas”²⁴⁰. Boiteux, assim como seus irmãos, Lucas e Henrique, foi um intelectual que demonstrou ter a preocupação de guardar objetos e também “guardar-se”, possuir hábitos de preservação de documentos, de papéis diversos que se substantivam na constituição de acervos pessoais. Para a historiadora Maria Teresa Santos Cunha, que trabalhou com o acervo da família Boiteux depositado no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, guardar foi um verbo intensamente presente na vida dos irmãos:

Para eles guardar não significou esconder. Guardar consistiu em proteger documentos e papéis avulsos da corrosão temporal para melhor partilhar; de preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo. Papéis escritos tidos como *ordinários* tais como cartas, diários, autobiografias, dedicatórias, cadernos de receitas, cartões de felicitações, cartões postais, fotografias antigas com dedicatórias afetuosas (...) constituem uma história de vida, pois são, uma extensão dos seus titulares. Eles permitem reconhecer os modos de vida das novas elites republicanas em Santa Catarina nos inícios do século XX e seus processos para a construção da representação mais legítima de sua posição bem como suas redes de sociabilidade que visam assegurar a manutenção de seu poder²⁴¹.

Em sua visita a José Boiteux, Othelo Rosa escreveu ter conhecido a sua invejável coleção de autógrafos: cartas autografadas do regente Diogo Feijó, do Conselheiro Paulino, de Quintino Bocaiúva, Machado de Assis, Aluísio Azevedo e de muitos outros. De Vítor Meireles guardava o desembargador uma série de estudos. Sobre Anita Garibaldi guardava dados numerosos e uma grande iconografia, entregando a Othelo uma foto do Seival, lanchão

²⁴⁰ ROSA, Othelo, *Em casa de um vizinho. (impressões de uma viagem a Florianópolis)*. Florianópolis: Livraria Central, 1932. p. 10.

²⁴¹ CUNHA, Maria Teresa Santos. Essa coisa de guardar... Homens de letras e acervos pessoais. In: *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 109-130, Maio/Agosto, 2008.

de Garibaldi, para que ele entregasse ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul²⁴².

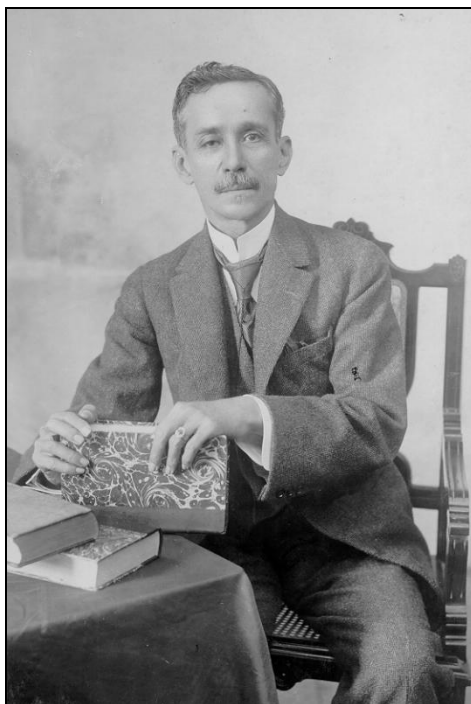


Figura 10 – José Arthur Boiteux posa para o retrato com livros nas mãos.

Fonte: Acervo do IHGSC.

O que Othelo Rosa presenciou na casa de Boiteux foi a representação de um homem-semióforo e seus objetos semióforos, que são aqueles destituídos de valor de uso, mas guardados para serem expostos ao olhar. Como bem definiu Regina Abreu, estes objetos se tornam pontes entre o mundo visível e o invisível, suportes materiais de ideias, a atribuir uma superioridade aos seus detentores por remeterem a sabedoria e instrução, signos de alto poder evocativo que expõem seus portadores e deles constroem uma imagem de distinção, bom gosto, erudição²⁴³. Em sua geração, Boiteux foi o perfeito exemplo de homem-semióforo que soube disseminar essas estratégias de consagração, seja em sua residência ou durante sua trajetória de homem-público, nas instituições que fundou ou nas placas e hermas que espalhou pela cidade:

Marcos...hermas...placas... Em toda a cidade topamos com esses bons sinais de evocação do passado: homens e factos da sua história, os catarinenses

²⁴² Idem. p.10-11.

²⁴³ ABREU, Regina. “Um homem-semióforo e seus objetos-semióforos”. In: *A Fabricação do Imortal. Memória, História e Estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996. p.43-46.

rememoram com devota simpatia. (...) Placas assinalando casas em que nasceram ou morreram os catarinenses ilustres, vimos diversas. (...) Louvamos esse belo hábito de recordar assim, com carinho e civismo, os grandes nomes do Estado e foi então que o Dr. Fontes, com o seu eterno sorriso de ironia, perpetrrou um trocadilho: - Em matéria de placas comemorativas nós, aqui, em Santa Catarina, somos implacáveis²⁴⁴...

Nesta cidade pontilhada de significados, outro escritor sulriograndense circulou, em 1928, deixando o registro de sua impressão. Para o modernista Raul Bopp, Florianópolis era uma “cidade-titia”, tranquila e acolhedora, pintando um retrato na contramão da modernidade almejada pelas recentes reformas urbanas pelas quais a cidade havia passado:

Florianóspi de casaria tranquila
Ponteada com ar colonial
As ruas abraçam a gente:
- Como vais?

Moças olham quem passa das janelas
Criança faz pipi na calçada

Lá vem um bondinho
De burros obedientes
Batendo cascos no calçamento de pedra:
Truc truc truc truc
Uma velha faz sinal para descer:
Pim pim
E o bonde pára defronte da casa da velha

Na praça
As velhas árvores protegem os namorados

De noite vai-se ao Palácio
Tomar cafezinho com o Governador
Vai o vapor. Vou-me embora

- Adeus cidade-titia
Que dá melado pra gente
- Adeus bondinho de burro!

Afasta-se pouco a pouco a linha do cais
Guardando a casaria colorida
Como um desenho de criança

E a bordo
Ainda ensaio um gesto de adeus:
- Florianóspi...²⁴⁵

²⁴⁴ ROSA, Op. Cit., 1932. p.7-8.

Esta representação de cidade pacata, do tipo que “dá melado para a agente”, não agradou a todos. Escrito em 1928, quando Bopp esteve na cidade a convite do seu amigo Adolfo Konder, então Governador do Estado, com quem tomava cafezinho à noite no Palácio, o poema “Florianópolis” deixou de ser publicado em suas coletâneas de obras completas, pois teria sido mal interpretado. Segundo entrevista concedida a Iaponan Soares, Bopp alegou que não mais o publicou, pois havia quem interpretasse a poesia encontrando apenas um deliberado propósito de ridicularizar a terra e a gente catarinense. Para não ferir suscetibilidades, acabou retirado de circulação²⁴⁶. O poema inclusive menciona o bondinho de burros, alvo de ação de estudantes do Instituto Politécnico e da Faculdade de Direito, em 1935, que atearam fogo no barracão dos bondes e jogaram os carros ao mar, próximo ao trapiche Miramar, numa manifestação a favor da modernização do transporte coletivo na Capital.

Atirados ao mar em nome do progresso, os mesmos bondes foram saudados na Primeira República como sinal da modernidade. O jornal *O Clarão* listou os exemplos que representavam as mudanças ocorridas na cidade e que colocavam a capital catarinense numa linha ascendente e positiva de progresso, estabelecendo um retrato do cenário onde a vida literária local pulsava:

Suas ruas cortadas por linhas de bonde! Grande movimento! Aqui, ali se constroem casas! Novos cafés, novos e modernos! Divertimentos a pulularem! Discussões calorosas, a instrução a derramar o saber a todos! O belo sexo forte e correto, sorridente, magnetizador, ostentando com corretíssimo a moda do século! A mocidade, os jovens florianopolitanos como o fruto dessa evolução a realçar! O progresso em tudo! Florianópolis outra cidade! Florianópolis a marchar gloriosa na vanguarda dos que progridem! Em cada parte, em cada esquina, em cada fisionomia, o progresso estampado! Caminhamos! Caminhamos sempre! O século das luzes é o nosso século! Sigamos!²⁴⁷

O texto, assinado sob o pseudônimo de Mariatur, deixa transparecer o arrebatamento do autor com as novidades trazidas pelo novo século, com certo deslumbramento com a cidade ao qual dizia estar na vanguarda dos que progridem. Embora se trate de uma cidade mais pretendida e ansiada do que real, percebe-se a sua sintonia com os acontecimentos de seu tempo. Os cafés, novos e modernos, os figurinos da moda, o progresso em tudo e em cada fisionomia, mas, sobretudo, com “a instrução a derramar o saber a todos”. A República

²⁴⁵ SOARES, Iaponan. “Raul Bopp e Florianópolis”. In: *Virgílio Várzea & outros. Literatura e vida literária em Santa Catarina no Século XIX e início do Século XX*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002. p.72-73.

²⁴⁶ Idem. p.73.

ampliou as políticas públicas de ensino com vistas, entre outros interesses, ao aumento do número de eleitores. Como destacou Ana Luiza Martins, o saber ler tornou-se emblema distintivo, um atributo significativo para o cidadão da nova ordem política não apenas para sua colocação no mercado de trabalho como, inclusive, para garantir o direito constitucional ao voto, privativo aos homens maiores de 21 anos que soubessem ler e escrever²⁴⁸. O analfabetismo no Estado apresentava-se em curva decrescente: em 1872 os iletrados constituíam 85,3% da população; em 1890 apareceram diminuídos para 80,4% e em 1900 representavam 74,3% do número total de habitantes, segundo censo oficial²⁴⁹.

No governo Lauro Müller (1902-1906) houve uma tentativa de reorganização do sistema escolar, com a primeira reforma republicana criando a Escola Normal e o Ginásio Catarinense. Ao fim do governo de Felipe Schmidt (1914-1918), o Estado possuía cerca de 15.500 alunos matriculados, representando um acréscimo de 74% em relação a 1914. Em 1918 o Ginásio Santa Catarina recebeu a equiparação ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, possibilitando aos seus formandos a matrícula em qualquer escola de nível superior do país²⁵⁰. No ano anterior havia sido fundado o Instituto Politécnico, com cursos de Agronomia, Farmácia, Odontologia e Comércio.

O governo de Hercílio Luz (1918-1925) instituiu novos regulamentos para estas unidades escolares de ensino secundário, procurando proporcionar estrutura administrativa e pedagógica²⁵¹. Nas décadas de 1910 e 1920, com a criação dos grupos escolares e a reforma da Escola Normal, o sistema escolar público teve um significativo crescimento e o acesso à escola tornou-se uma demanda legítima das classes menos favorecidas e uma necessidade da República em responder à sua imagem de governo de “cidadãos”. Houve uma série de investimentos políticos com o intuito de criar uma rede de instituições capazes de produzir uma população letrada, disciplinada, saudável e produtiva. O governo catarinense passou a estimular e subvencionar escolas e colégios privados, principalmente de igrejas cristãs²⁵².

²⁴⁷ Jornal *O Clarão*. Nº01. Florianópolis, 20/08/1911.

²⁴⁸ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: FAPESP: EDUSP: IOESP, 2001. p.201.

²⁴⁹ FONTES, Henrique. A instrução em Santa Catarina (1916). In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Vol. VII. 3º Trimestre. Florianópolis: Typ. Da Escola de Aprendizizes Artífices, 1918.

²⁵⁰ SACHET & SACHET, Op. Cit., 1998. p.89.

²⁵¹ DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites*. Florianópolis: UDESC: Cidade Futura, 2001. p.40.

²⁵² Idem. p.60.

Surgiram instituições assistenciais e educativas como orfanatos e escolas de ensino primário a compartilhar a noção de progresso através da regeneração social pela educação.

A escassez de quadros com maior grau de instrução relativiza, ao menos em parte, o peso das práticas sociais de reprodução e compadrio no fato de que os mesmos nomes da elite cultural circulariam por muitas das principais instituições e em várias esferas. Foi na Primeira República que a Educação, em Santa Catarina, começou a ser gerida por um pensamento pedagógico, ordenada de forma a considerar a sua natureza específica, examinando suas dificuldades próprias e encarando os seus aspectos ideológicos e técnicos. Tinha-se a consciência histórica que ela deveria ser tratada como um problema, mas também como uma solução para o progresso.

O estímulo à instrução fermentou a ampliação de um público consumidor de cultura impressa, estimulando o crescimento do circuito sociológico onde a produção literária pressupõe o seu consumo e o consumo a formação da comunidade de leitores. Assim, bibliotecas, imprensa, escolas, tipografias, associações cívicas e literárias se tornaram instrumentos de construção da civilização, do progresso, da modernidade almejada, alargando o universo de atuação dos letrados e fortalecendo a sua imagem de distinção numa sociedade definida por este modelo normativo.

As bibliotecas são instituições amplamente associadas à propagação do hábito de leitura e formação de leitores. Diversas associações criadas no período contavam em seu programa com a organização de uma biblioteca própria, geralmente composta por doações. Várias destas instituições garantiam, via estatuto próprio, o fomento a sua biblioteca, como a União Beneficente, Recreativa e Operária, que em 1927 inaugurou a sua biblioteca própria e em 1928 estabeleceu no estatuto o repasse mensal de parte de suas verbas para o seu auxílio²⁵³. O Clube Germânia, sociedade fundada em 1866 por membros da comunidade alemã da capital conseguiu por meio de ações passadas entre seus sócios construir um edifício à Rua Tenente Silveira, onde funcionava uma biblioteca própria, que, em 1900, continha 520 obras, representadas em 610 volumes²⁵⁴. Em 1917, durante os conflitos interétnicos envoltos na Primeira Guerra Mundial, o clube foi atacado e toda a sua biblioteca queimada no meio da rua²⁵⁵. A loja maçônica “Regeneração Catharinense” mantinha a Biblioteca Januário Cortes,

²⁵³ COLLAÇO, Vera. *O teatro da União Operária. Um palco em sintonia com a modernização brasileira*. Florianópolis: Ed. Da UDESC, 2010. p.137.

²⁵⁴ Cf. *Anuario de Santa Catharina para 1900*. Florianópolis: Gabinete Sul-Americano, 1899.

²⁵⁵ MATOS, Felipe. *Uma Ilha de Leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. p. 88.

onde cada estante ganhava o nome de beneméritos da instituição, como Nereu Ramos²⁵⁶. O Clube Doze de Agosto, um dos principais clubes do *high society* local, possuía biblioteca própria desde 1892, com Diretoria e estatutos próprios, separado dos demais setores da instituição. Entre os membros da sua diretoria estiveram políticos, como Lauro Linhares, e intelectuais que seriam confrades na Academia de Letras, como Araújo Figueredo, Mâncio Costa, Heitor Luz, José Boiteux, Clementino de Brito, Ogê Mannebach, Victor Peluso Júnior, Altino Flores e Barreiros Filho. Ponto de encontro de intelectuais, a Biblioteca possuía, em 1903, 1.647 obras²⁵⁷.



Figura 11 – Biblioteca do Clube Doze de Agosto, 1919.

Fonte: Primeiro Suplemento do Catálogo da Bibliotheca do Club Doze de Agosto, 1919. Acervo do IHGSC.

O público não associado a nenhuma destas instituições privadas poderia contar, desde 1855²⁵⁸, com a Biblioteca Pública de Santa Catarina, que em 1934 contava com aproximadamente 15 mil volumes²⁵⁹. Em seu “Elogio da Leitura”, palestra proferida por Altino Flores durante a Semana da Mocidade, sob as hostes da Classe Atalaia, em 1927, o acadêmico relembrou momentos de sua formação como leitor no interior da Biblioteca Pública. O evento ocorreu no salão de festas da Igreja Presbiteriana e tinha na plateia, sobretudo, os jovens da igreja. Saudado com uma salva de palmas, Altino assomou à tribuna e

²⁵⁶ Jornal *O Estado*. Florianópolis, 08/09/1920.

²⁵⁷ VIEIRA DA ROSA, Paulo G. W. & GRISARD, Iza Vieira da Rosa. *O Clube Doze de Agosto e sua história*. Florianópolis: Edeme, 1991. p.89-93.

²⁵⁸ A Biblioteca foi criada em 1854, pelo então presidente da província João José Coutinho, mas somente em 1934 que foi oficialmente inaugurada.

²⁵⁹ Jornal *A Folha*. Florianópolis, 23/02/1934.

iniciou a sua dissertação salientando que existia boa e má leitura. Ao lembrar-se de seu tempo de jovem, dizia sentir “a formidável e aliciante magia de um livro aberto” ao devorar cada volume da Biblioteca Pública em leituras absorventes e enervantes. Lia livros de Júlio Verne, Alexandre Dumas, Victor Hugo, mas lamentava não ter tido quem o orientasse nas suas leituras de mocidade. Aos jovens que lhe ouviam, Altino indicava “os bons livros”: “O sentimento de pureza mental”, dizia o orador, “essa espécie de castidade da inteligência, muitas e muitas vezes, para não dizer sempre, fenece e morre ao bafo pestilencial de certos livros baratos”. A despeito da existência do que considerava “maus livros”, de “cujas páginas se evola o pecado embriagador, que é delícia para os espíritos covardes e fica sendo um remorso para aqueles que entraram na consciência serena da sua alta humanidade”, Altino aconselhava aos moços constituírem a sua biblioteca particular, pobre que seja, mas nobre e prestativa. Em sua doutrinação, leu trechos da “Arte de Estudar”, de Augusto de Benedetti, terminando a palestra salientando, novamente, a preciosidade da “sã leitura”, desejoso de que todos ali pudessem dizer do livro o que disse Montaigne: “É o melhor remédio que encontrei nesta humana viagem”²⁶⁰.

É possível ter uma ideia inicial sobre quais foram as leituras geracionais e formativas de Altino. Na Semana da Mocidade Atalaia, citou Júlio Verne, Alexandre Dumas, Victor Hugo. Na crônica em que relembrou os anos de juventude e as noites passadas no gabinete de leitura de Othon D’Eça surgiram os nomes de Gabriele d’Annunzio, Eça de Queiroz, Flaubert, Balzac. Seu amigo de mocidade, Laércio Caldeira de Andrada, relembrou o tempo que passavam juntos no Gabinete Sul-Americano, onde se deixavam enfeitiçar pelo prestígio de famosos escritores estrangeiros, tais como Alphonse Daudet, Emile Zola, Guy de Maupassant, Paul Bourget, Edmond e Jules de Goncourt, Pierre Loti, Máximo Gorki, Ivan Turgueniev e outros²⁶¹, traduzidos em Portugal e vendidos em Florianópolis em edições baratas da “Colleção Econômica”²⁶².

O mercado livreiro local disponibilizava para leitura os catálogos de obras das grandes casas editoras do país, além de material em línguas estrangeiras, como inglês, francês e alemão. As tipografias locais atendiam a imprensa, as repartições públicas, ao comércio e aos literatos que se aventuravam na publicidade de suas obras. Além do contexto marcado pelo

²⁶⁰ Jornal *O Atalaia*. Florianópolis, Julho e Agosto de 1927.

²⁶¹ FLORES, Altino. “Laércio Caldeira de Andrade”. In: *Revista Signo*. Nº 04. Ano IV. 1971. p.115.

²⁶² MATOS, Felipe. *Sob os auspícios da Livraria Rosa: redutos literários e circulação de cultura impressa em Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: PPGH/UFSC, 2008.

fortalecimento do Estado, das políticas educacionais e de certa estabilidade política, responsável pela formação de uma elite cultural institucionalizada nas frinchas abertas pelo poder público, a Primeira República foi testemunha da ampliação da circulação de livros no mercado local, do crescimento da rede editorial e da demanda por consumo dessa produção cultural.

Esse circuito sociológico se evidenciou a médio e longo prazo pelo incremento da imprensa periódica (jornais, revistas, guias, anuários...), da produção de livros, opúsculos e demais impressos, no aparecimento de sociedades, centros e agremiações literárias, bibliotecas, gabinetes de leitura, livrarias. A análise da crítica literária sobre esse período ficou restrita a atuação da sua elite cultural, a homogeneizar atores sociais e limitar suas atuações às lides no interior da Academia Catarinense de Letras, caracterizando a vida intelectual do período a um campo muito reduzido de atuação, adjetivado sempre como letárgico, obsoleto, procrastinado, pois não modernista.

CAPÍTULO 03 - A Escada de Jacó: Imprensa, Profissão, Perdição.

“Parodiada Escada de Jacob – por onde sobem pulhas e santos, sábios e charlatães, apóstolos e cínicos – eu te detesto e te saúdo!”

(Altino Flores, 1916.)²⁶³

Fole de vaidades, semeador de mentiras, vendaval de intrigas, propagador de inutilidades. Para Altino Flores - que dominou todas as etapas da produção de um jornal, da composição tipográfica à sua administração -, o jornalismo era filho de uma época tormentosa e cheia de combates, a mitridatizar, gota a gota, os polígrafos que por ele se aventuraram. A Imprensa era o baluarte donde a “Verdade” tentava os homens a conquistarem-na, destruindo e arquitetando histórias e reputações:

Enegreci de carvão doutrinadores bufos, revesti de vivo ouro muitos ídolos ociosos, e fui, por minha vez, dentro dos teus arraiais, incensado ou enlameado. De tudo isso e de mais alguma coisa que me revelaste, ficou-me o gosto da luta e o prazer descaridoso de observar como por meio de ti os homens alijam convicções que lhes não eram nocivas, mas que eles desejavam lhes facultassem ao menos por instantes, o ensejo de treparem ao galarim da notícia e de lá dominarem a parda multidão dos leitores boquiabertos e os anúncios bombásticos²⁶⁴.

Nesta escada de Jacó parodiada – pois através dela não ascendiam ao céu apenas anjos, mas também pulhas e cínicos -, Altino indicou algumas das funções sociais assumidas pelos jornalistas. Em seu texto apreende-se o jornal como espaço para elogios de amigos e fortalecimento de conveniências temporárias, bem como o seu revés: o enlameamento dos adversários, de acordo com as necessidades do momento. Percebe-se ainda a consciência de uma relação direta entre aquilo que era produzido e dado à publicidade nas páginas dos

²⁶³FLORES, Altino. “O Jornal”. In: *Revista da Academia Catarinense de Letras*. Nº11, Florianópolis, 1992. p.167.

²⁶⁴ Idem.

jornais com a recepção dos leitores – “a parda multidão dos leitores boquiabertos” – que reagiam conforme o conteúdo do que era publicado.

3.1. HOMENS DA IMPRENSA

Os anos iniciais da República ficaram marcados pela profissionalização da imprensa nos grandes centros do país. Segundo Martins & De Luca, neste período o jornalismo tornou-se vibrante e decisivo, embora tenha sido também uma época em que a compra da opinião da imprensa pelo governo tenha se tornado rotina. Regido pelo capitalismo, o país inaugurou a ordem republicana, de inspiração positivista, utilizando a imprensa como principal espaço para os debates:

Essa fase próspera resultou da especial conjuntura vivida pelo país, definida pelo momento econômico de apogeu do café e diversificação das atividades produtivas; pela nova ordem política republicana, com programas de alfabetização e remodelação das cidades; pela agilidade introduzida pelos novos meios de comunicação; pelo aperfeiçoamento tipográfico e avanços na ilustração, enquanto as máquinas impressoras atingiam velocidades nunca vistas²⁶⁵.

A cidade consolida-se como espaço do impresso, dos códigos de leitura e escrita, das tipografias e editoras, das bibliotecas e escolas, dos veículos de imprensa. Embora não estivesse ao alcance imediato de todos, mesmo os que não dominavam a cultura impressa estavam por ela envoltos, sentindo seus impactos na vida cotidiana. Na República, ressalta-se o papel do jornalismo na transformação da literatura no trabalho assalariado, a contribuir na legitimação social dos homens de letras, transformando o que era passatempo diletante em profissão²⁶⁶. Entre 1904 a 1905, o escritor e jornalista João do Rio elaborou uma enquete com alguns dos principais intelectuais do país questionando-os sobre o jornalismo e sua influência na literatura brasileira. Segundo análise da obra de João do Rio feita por Cristiane Costa, dos 36 intelectuais que aceitaram participar, dez acharam nocivo o impacto do jornalismo nas belas letras nacionais, onze se mostraram favoráveis; outros onze buscaram um meio termo; três não responderam; e um não entendeu a pergunta²⁶⁷. Havia quem considerasse que o jornalismo matava a arte e rebaixava a cultura. Uns consideravam o jornal um mal necessário,

²⁶⁵ MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA, Tânia Regina. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.p.37-38.

²⁶⁶ COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel. Escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.47.

inevitável para quem iniciava no fazer literário. Outros, como Medeiros e Albuquerque, considerava o jornalismo como o remédio da “prisão de ventre” dos intelectuais brasileiros, acostumados a produzir com largos intervalos, atribuindo a raridade da produção à sua preciosidade²⁶⁸. O debate que se seguiu demonstrou como a literatura e o jornalismo estiveram em constante e acalorado debate. Com a profissionalização, estabeleceu-se um preço para um trabalho que se autodesignou como fundamental para a vida moral e para a civilização do país, com os literatos assumindo para si o dever de intervir, como voz autorizada, nas questões públicas, interagindo com o aumento da população escolarizada e fazendo parte da expansão do mercado de bens de consumo.

Um bom número dos fundadores²⁶⁹ e patronos da Academia Catarinense de Letras exerceram a atividade jornalística em algum momento de sua trajetória de vida. Aos menos 54 deles puderam agregar a alcunha “jornalista” aos seus perfis biográficos²⁷⁰. Alguns destes intelectuais tiveram uma atuação que extrapolou os limites geográficos da província, participando da vida intelectual da Capital federal. José de Diniz – o protetor e incentivador da “geração da Academia” - colaborava em grandes periódicos como a *Revista da Semana* e *A Pátria*, ao lado de João do Rio. Chegou a ser colaborador da desejada *Gazeta de Notícias*, jornal que, segundo Olavo Bilac, era consagrado por excelência:

(...) Escrever na Gazeta! Ser colaborador da Gazeta! Ser da casa, estar ao lado da gente ilustre que lhe dava brilho! Que sonho! (...) Todos os da minha geração tinham a alma inflada daquela mesma ânsia ambiciosa. Não era o dinheiro o que queríamos: queríamos consagração, queríamos fama, queríamos ver os nossos nomes ao lado daqueles nomes célebres²⁷¹.

Antes de Diniz, o deputado José Cândido de Lacerda Coutinho, patrono da cadeira nº 23 da Academia Catarinense de Letras já havia colaborado com o prestigiado jornal carioca. Nascido em Desterro, no dia 15 de dezembro do ano de 1841, Lacerda era filho do Comendador João Francisco de Sousa Coutinho, deputado por várias legislaturas e vice-presidente da província. Aos 19 anos já aparecia nos jornais desterrenses como alvo das críticas dos inimigos políticos do pai, sendo descrito pelo jornal oposicionista *O Cruzeiro* como um “menino notável” que recebia trinta e tantos mil réis para ir à repartição pública

²⁶⁷ Idem.

²⁶⁸GENS, Rosa (org.). *O momento literário – João do Rio*. Rio de Janeiro: FBN, 1994; COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel. Escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

²⁶⁹ O conceito de “fundadores” adotado nesta afirmativa foi o de primeiro ocupante da cadeira.

²⁷⁰ Anexo II - Patronos e fundadores da Academia Catarinense de Letras e suas profissões.

²⁷¹ Olavo Bilac, 1916, apud COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel. Escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São Paulo: Companhia das letras, 2005. p.49.

fumar e ler seus versinhos²⁷². Na década de 1870 transferiu-se para o Rio de Janeiro, terra em que havia morado durante seus anos da Faculdade de Medicina²⁷³. Na Capital federal estreitou laços de amizade com figuras como Tristão de Alencar Araripe Júnior, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, de breve passagem por Santa Catarina, onde ocupou uma secretaria do governo em 1871. Lacerda colaborou com a imprensa por meio de sua atuação no *Jornal do Comércio* (1870), em *O Mosquito* (1874-1876), em sua segunda fase, junto a Ângelo Agostini, e na terceira fase da publicação, ao lado de Raphael Augusto Bordallo Pinheiro²⁷⁴; e na prestigiosa *Gazeta de Notícias*, para a qual traduziu o romance de Alphonse Daudet, *Fromont jeune et Risle ainé*; e, Índias Negras, de Júlio Verne²⁷⁵.

Assim como seu pai, Lacerda Coutinho esteve entre os fundadores, em 25 de novembro de 1885, do Centro Catharinense, no Rio de Janeiro. Espécie de “embaixada” catarinense, o Centro servia de auxílio aos barrigas-verdes residentes ou em trânsito pela Capital federal, organizava e difundia uma série de informações sobre o Estado, tinha biblioteca e revista própria (fundada em 1929, pelo então presidente Henrique Boiteux), seus sócios promoviam festividades e conferências, inicialmente a ocupar um espaço no republicano Clube Tiradentes, até se transferir para uma sede própria, à rua da Constituição, nº13. Reconhecida como instituição de utilidade pública pelo governo federal, além de um espaço cultural, o Centro teve forte atuação política, auxiliando as ações do governo catarinense em diversos momentos de sua existência. Cita-se, por exemplo, a solicitação de sementes para os agricultores catarinenses ao Ministério da Agricultura²⁷⁶; a organização de ações para o auxílio às vítimas de enchentes no Norte do Estado²⁷⁷; a transladação dos restos mortais do Conselheiro Manoel da Silva Mafra para Santa Catarina²⁷⁸; a divulgação de informações sobre as eleições no Estado²⁷⁹ e os manifestos contra o trabalho servil na província²⁸⁰. Suas reuniões eram frequentadas por ministros, senadores, deputados, governadores, desembargadores, autoridades eclesiásticas e militares. Entre seus sócios estiveram Lauro Müller, Antônio Justiniano Esteves Júnior, Duarte Schuttel, Trajano Pinto da

²⁷² FONTES, Henrique. *Lacerda Coutinho*. Florianópolis: DEIP, 1943. p.13.

²⁷³ PIAZZA, W. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: ALESC, 1985. p.189.

²⁷⁴ COSTA, Carlos. *A Revista no Brasil do século XIX: A história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

²⁷⁵ FONTES, Henrique. *Lacerda Coutinho*. Florianópolis: DEIP, 1943. p.33.

²⁷⁶ *Jornal Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, nº627, 25/2/1887, p2.

²⁷⁷ *Jornal O Paiz*, Rio de Janeiro, nº9883, 28/10/1911, p.6.

²⁷⁸ MENSAGEM apresentada ao Congresso representativo, em 14 de Agosto de 1916, pelo Dr. Felipe Schmidt, Governador do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: [s.n.], 1916. p.4-5.

²⁷⁹ *Jornal Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, nº373, 16/6/1886, p1.

Luz, Celso Bayma, Elyseu Guilherme da Silva, Cristóvão e Aníbal Nunes Pires, Arthur Pereira de Oliveira, Lacerda e João Francisco de Sousa Coutinho, Adolpho e Victor Konder, Polydoro Olavo de S. Thiago, Theophilo Nolasco de Almeida, Thomaz Fontes, membros das famílias Galloti e Aquino, os irmãos Boiteux, nomes da elite catarinense.



Figura 12 – Sede do Centro Catharinense, Rio de Janeiro, 1929.

Fonte: Revista do Centro Catharinense, 07/9/1929. Acervo do IHGSC.

Em 1911, quando Alcindo Guanabara recuperou a ideia de Paula Nei de fundar uma agremiação literária com os elementos que não haviam sido incorporados à Academia Brasileira de Letras, alguns intelectuais catarinenses com atuação no Rio de Janeiro foram lembrados para esta “Academia de Novos”, que seria composta por dez membros efetivos e vinte correspondentes, um de cada Estado. Ao lado de nomes como Agrippino Grieco, Augusto dos Anjos, Bastos Tigre, Emílio de Meneses, Elísio de Carvalho, Felipe de Oliveira, José do Patrocínio Filho, Lima Barreto, Martins Fontes, Nestor Vítor, Osório Duque Estrada,

²⁸⁰ Jornal *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n°627, 25/2/1887, p2.

Rocha Pombo, Sílvio Romero, entre dezenas de outros, estiveram os catarinenses Liberato Bittencourt, José Boiteux, Virgílio Várzea, Oscar Rosas e seu filho, Ernani²⁸¹. A intenção era a de que os novos acadêmicos expressassem as várias correntes literárias, ou, nas palavras de José do Patrocínio, deveriam ser “os legítimos representantes do momento”, a consagração do atual, do moderno e contemporâneo. Seus membros seriam eleitos por um plebiscito entre os intelectuais convocados. A votação, no entanto, se deu num ambiente agitado e uma denúncia de fraude eleitoral deu fim ao empreendimento antes mesmo da sua existência como academia²⁸².

Dos intelectuais catarinenses convidados, Manoel Liberato Bittencourt foi um militar nascido em Desterro e radicado no Rio de Janeiro, com atuação no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dedicando-se ainda à crítica literária e a colaborações em jornais²⁸³. Virgílio Várzea, após ganhar notoriedade como funcionário público, deputado e jornalista em Desterro, vivia no Rio de Janeiro desde 1896, onde foi nomeado Inspetor escolar do Estado e continuou sua atividade jornalística no *Correio da Manhã*, na *Gazeta de Notícias*, n’*O Paíz*, n’*A Imprensa*, na revista da Marinha Mercante e no *Diário Mercantil*, de José do Patrocínio, um dos organizadores da natimorta Academia dos Novos²⁸⁴. José Boiteux, além de destacada atuação no Clube Tiradentes (RJ) e no Centro Catharinense (RJ), era um nome forte entre os republicanos ditos “históricos” na cidade²⁸⁵.

3.2. PROFSSIONALIZAÇÃO.

Embora todos tenham colaborado com a imprensa, dos nomes catarinenses lembrados pela Academia dos Novos, Oscar Rosas foi aquele que transformou o jornalismo em profissão. Nascido em Desterro, em 1864, filho do professor e ex-diretor do Ateneu Provincial João José de Rosas Ribeiro, Oscar ficou órfão de mãe ainda criança, tendo sido criado por uma tia, mãe do pintor Victor Meirelles. Seu pai foi diretor da Biblioteca Pública

²⁸¹ Ernani Salomão Rosas Ribeiro d’Almeida, nascido em Desterro, em 1886. Mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro em 1889. Abandonou os estudos e passou a viver às custas do pai, produzindo poesia. Foi colaborador de pequenos jornais literários, como *A Época*, com Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho; o *Imparcial*; e, *Maçã*, de Humberto de Campos. Faleceu pobre num sítio da irmã, em Nova Iguaçu (RJ), em 1955. Cf. ROSAS, Ernani. *Poesias*. Florianópolis: FCC Edições, 1989.

²⁸²BRITO BROCA, J. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1975. p.46-49.

²⁸³GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p.144

²⁸⁴Idem. p.172.

²⁸⁵MARTORANO, Dante. *José Arthur Boiteux*. Florianópolis: FCC, 1984.

do Estado, suplente de deputado e diretor do jornal *O Conservador*. Quando aluno no Ateneu Provincial, Oscar estreitou laços de amizade com Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo, José Boiteux e Hercílio Luz²⁸⁶. Em 1880 mudou-se para o Rio de Janeiro para dar prosseguimento aos estudos no Colégio do Mosteiro de São Bento, onde se tornou redator do jornal do Grêmio Literário Junqueira Freire. Fez-se jornalista profissional a partir de 1884, ano em que ingressou na Sociedade Homens de Letras (RJ). Foi redator nos jornais *A Gazeta da Tarde* e *Cidade do Rio*, ambos de José do Patrocínio. Em *O Combate*, no ano de 1892, ao lado de Olavo Bilac, Pardal Mallet e Luiz Murat atacou o governo de Floriano Peixoto e teve a prisão decretada. Neste mesmo ano passou a escrever na *Gazeta de Notícias*. Em 1885 se tornou membro do Clube dos Jornalistas do Rio de Janeiro, onde fez várias propostas para a regulamentação da profissão, incluindo a cobrança por qualquer tipo de colaborações literárias na imprensa, fossem em prosa ou em versos²⁸⁷. Sobre esse tema, escreveu no jornal *Novidades*, em 1891:

Em 1890 apareceu [...] o bom hábito de pagar o trabalho literário, reconhecendo-se que a propriedade literária vale alguma coisa. É um caminho feliz, uma estrada larga, que abrimos a outras gerações mais felizes, que virão luxar e fazer à custa das nossas machadadas de derrubadores e destrinchadores de matas virgens. Os senhores editores de jornal perderam o costume de pagar o conto, o soneto, o artigo de jornal a *cocktails* e a cerveja alemã. Já era tempo²⁸⁸.

²⁸⁶ Cabe ressaltar que, na juventude, quando Oscar Rosas, Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo e demais nomes em torno da Ideia Nova se aproximaram do presidente da província, Gama Rosa (1883-1884), José Boiteux sempre esteve próximo, mas, ao contrário dos colegas, abriu mão de um cargo público oferecido pelo então mandatário do poder catarinense, supostamente devido a seus “ideais republicanos”. MARTORANO, Dante. *José Arthur Boiteux*. Florianópolis: FCC, 1984. p.17.

²⁸⁷ SOARES, Iaponan. *A poesia de Oscar Rosas*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1972; ROSAS, Oscar. *Poesias, contos, crônicas*. Florianópolis: ACL, 2009.

²⁸⁸ *Jornal Novidades*, Rio de Janeiro, 02/1/1891, apud ROSAS, Oscar. *Poesias, contos, crônicas*. Florianópolis: ACL, 2009. p.262-263.

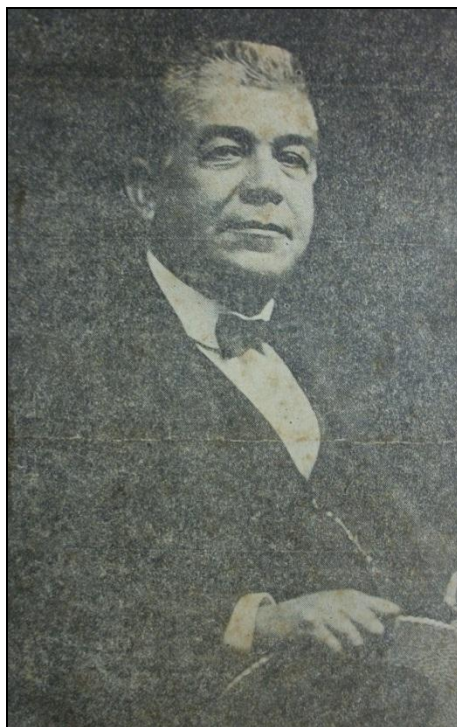


Figura 13 – Oscar Rosas, 1920.

Fonte: Revista *A Semana*, nº01, 10/6/1920. Acervo da BPESC.

Sua carreira como escritor ficcional ganhou fôlego ao ser premiado em um concurso de contos do jornal *Correio do Povo* (RJ), em 1889, mas foi no jornalismo político, combativo e polêmico que ganhou certa notoriedade. Apesar de tantas polêmicas em que esteve envolvido, sua ampla rede de sociabilidades e o talento de sua temida pena garantia a sobrevivência como jornalista profissional. Seus artigos causavam sensação entre os leitores da *Gazeta de Notícias*, sobretudo as discussões. A primeira polêmica foi em torno do lançamento do “Movimento Norte e Sul”, que pretendia dividir e qualificar a produção literária brasileira entre aquela produzida na “região Norte” e na “região Sul”, com vantagem para a segunda. Em seguida iniciou nova querela com o “Movimento Novos e Velhos”, uma derivação do “Movimento Norte e Sul”, relacionando autores tidos como ultrapassados pela idade e pela época literária, tais quais José de Alencar, Machado de Assis, Casimiro de Abreu. Os novos seriam seu grupo de amigos - Virgílio Várzea, Cruz e Sousa, Pardal Mallet, Alvarez de Azevedo – e mais alguns outros, inclusive ele. Com o “nortista” Araripe Júnior, a discussão pelos jornais partiu para ofensas e insultos, temendo-se chegar à luta corporal.

Seus adversários nestas contendas caracterizavam Oscar Rosas como autor de uma literatura de balcão, pois como jornalista profissional, vendia sua palavra escrita. No *Diário*

de *Notícias* seu modo de vida foi descrito como “falar mal dos outros”. Gastão Bousquet preferiu ser irônico: o apelidou de “Oscar Espinhos”²⁸⁹. O jornalista conterrâneo José de Diniz o definia como dono de uma “sensibilidade diabólica”²⁹⁰. Convém ressaltar que a polêmica fazia parte do campo intelectual brasileiro e seu “belicismo verbal” explicita uma “cultura da polêmica”, como um “duelo no serpentário”, na feliz expressão de Bueno & Ermakoff:

A passagem do século XIX para o século XX no Brasil, o que poderíamos chamar de a nossa Belle-Époque, foi marcada por certos modismos literários de grande popularidade, especialmente as polêmicas, e, um pouco mais tarde, as conferências. Se ambas perseveraram, em seus numerosos avatares, o que elas grandemente perderam foi a sua característica de gênero literário. (...) a polêmica nesse seu período áureo vivia como duelo de verve e inteligência verbal, contenda virtuosística, apreciada mais pelos meios do que pelos fins, despertando uma atenção quase esportiva por parte dos leitores, o que sem dúvida como fenômeno social desapareceu²⁹¹.

Do Rio de Janeiro, Oscar Rosas correspondia-se com seus amigos que ficaram em Florianópolis e ganharam notoriedade no campo cultural local como os fundadores do movimento literário “Ideia Nova”, sob as hostes do Presidente da Província, Francisco Luiz da Gama Rosa, que empregou boa parte desses literatos em cargos públicos. Tais correspondências não tratavam apenas de assuntos literários, mas também políticos. Em carta manuscrita por Rosas em 23 de dezembro de 1889 e endereçada a Cruz e Sousa, percebe-se a forma como Oscar Rosas, “por motivos de gratidão”, apropriava-se deliberadamente do jornalismo com fins políticos, visando à ascensão social. Rosas solicitou a Cruz e Sousa, redator do jornal desterrense “Tribuna Popular”, que utilizasse as páginas do periódico para construir uma imagem positiva do colega Luiz Delfino, a fim de divulgar e fortalecer o seu nome numa futura disputa eleitoral por uma vaga de deputado. Rosas detalhou, inclusive, como Cruz e Sousa deveria proceder na construção de seus escritos:

Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1889.

Adorado Cruz,

Abraço-te. Os motivos desta carta são políticos. O Dr. Luís Delfino tenciona apresentar-se à candidatura à deputação para ser eleito à constituinte. Quero pedir-te o seguinte – em favor desse nome o teu franco apoio, que será de

²⁸⁹ ALVES, Uelinton Farias. “Três tempos com Oscar Rosas”. In: ROSAS, Oscar. *Poesias, contos, crônicas*. Florianópolis: ACL, 2009. p.49-51.

²⁹⁰ PITSICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998. p.439.

²⁹¹ BUENO, Alexei; ERMAKOFF, George (Orgs.). *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil 1850-1950*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2005. P. 11.

grande alcance. Começarás já por lembrar. Como uma boa ideia, pelas colunas da “Tribuna [Popular]”, essa eleição. Luís Delfino é filho da terra, tem fama e pode ser bem aceito. Peço-te o maior empenho neste negócio, que me foi pedido por ele e em que tomo o maior interesse por motivos de gratidão. Confio em ti. Ele mesmo me lembrou o teu nome para pedir o que te peço, não te fazendo ele esse pedido por decoro²⁹².

A missiva prossegue com Oscar Rosas aconselhando Cruz e Sousa a como se comportar – especialmente por meio de sua atuação na imprensa - com membros da elite política e cultural de Desterro a fim de garantir para si dinheiro, proteção e emprego em um período em que se adaptavam a transição da Monarquia para a República. Naquele ano de 1889, Rosas havia tentado levar – pela terceira vez - Cruz e Sousa para viver no Rio de Janeiro para tentar a carreira jornalística. Sousa atendeu ao convite do amigo, mas logo retornou à província por novamente não conseguir uma colocação na metrópole, embora tenha sido apresentado a nomes como José do Patrocínio e Artur Azevedo. Quando Cruz e Sousa ia ao Rio de Janeiro, costumava morar na casa de Oscar. Numa de suas idas o poeta negro presenciou o jornalista agredir violentamente sua esposa Julieta e, ao tentar apartea-lo, foi expulso de casa²⁹³. Cruz e Sousa teria se queixado por diversas vezes de Oscar Rosas, tendo se inspirado no amigo quando escreveu os poemas em prosa “Capro” e “Ídolo Mau”, que integraram seu livro “Evocações”:

De descarado em descarado, de deboche em deboche, as tuas paixões, os teus vícios, monstros leviatânicos, empolgaram-te.

Estás agora preso à calceta de sentimentos negros e, obscenamente, te arrastas, lesmado e vil, preso à calceta de sentimentos negros.

Na tua alma iníqua, pestilenta e vencida, nada mais arde, nada mais flameja, nada mais canta²⁹⁴.

Percebe-se ainda, na referida carta, que para Oscar Rosas o fato de Cruz e Sousa ser negro e talentoso poderia contribuir de alguma forma para a popularidade de seus escritos no novo regime. Ambos participaram da campanha abolicionista por intermédio das páginas do jornal *Tribuna Popular*, onde também escrevia Virgílio Várzea. Embora nem sempre os partidários do republicanismo defendessem o fim da escravidão, a opinião pública alimentava

²⁹² CARTA de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, apud MOELLMANN, Leatrice. *A obra inédita de Carlos de Faria e a Guerrilha Literária em Santa Catarina*. Florianópolis: Edusfc: FCC Edições, 1994. p.62.

²⁹³ Oscar Rosas casou-se com Julieta Escobar Rosas em 1885. Era filha de um proeminente oficial paraguaio, que se mudou para Desterro acompanhando seu general, Comandante Antônio da Cruz Estigarríbia, homem de confiança de Solano Lopes. Cf. PITSICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998. p.438-439.

o sonho dos ideais republicanos, nos quais a ampliação dos direitos dos cidadãos era orientada por princípios igualitários. Ao que parece, na lógica jornalística de Rosas, Cruz e Sousa tinha potencial para se tornar uma voz de grande destaque, um símbolo dos novos tempos:

À vista dos acontecimentos, tu, homem de talento e de espírito, deves te agachar e preparar um bote formidável para esmagar alguém. Embora a situação seja dos pulhas, embora a República esteja sendo explorada pela imbecilidade, onde se notam Boiteux, Lauro, Esteves e todas as zebras humanas, é preciso que tu, meu velho, fingindo que estás muito de acordo com eles (...) te metas pregando o nome dos atuais ministros ao povo como o evangelho da liberdade; é preciso mesmo que fales publicamente ao povo em Igualdade, em Fraternidade, na República Universal, na santa Liberdade, doutrina Monroe, a fim de ganhares certa popularidade, que mais do que ninguém podes ter, porque então aí te ajuda a máscara negra que a natureza te deu, e a fim de empulhares esses falsos apóstolos que te embrulharão, que te farão sumir se tu não te meteres já, mesmo fingindo de intrusão, por entre eles, bajulando até se for preciso e se já tiverem trabalhado muito o terreno, para mais tarde teres o triunfo da popularidade, que logo perderão, desde que entres com fogo. E então teres posição, dinheiro, empregos, e, oh! Tântalos, mulheres alvas! E nós poderemos representar essa terra pascácia, onde o burro do Boiteux faz figura, onde Lauro, zebra teutônica, brilha com a alacridade de uma fístula²⁹⁵.

A carta, que Oscar Rosas teve a precaução de não assinar, finaliza com uma ordem - “Depois de ler rasga este papel” – e uma sentença sobre o futuro: “Se pensam que pode haver mais esperanças para a monarquia, acreditem que elas não têm o menor fundamento; essa infame foi-se de vez”. A crítica feita aos conterrâneos - José Boiteux, Lauro Müller e Esteves Júnior – possivelmente encontra origem nas disputas políticas que dividiram os republicanos catarinenses em duas alas, a dos lauristas, simpatizantes de Lauro Müller; e os hercistas, simpatizantes de Hercílio Luz. Com a mudança do regime, em 24 de novembro de 1889 - praticamente um mês antes da referida carta escrita por Oscar Rosas a Cruz e Sousa – o líder republicano Esteves Júnior, então no Rio de Janeiro, indicou ao presidente Deodoro da Fonseca a nomeação de Lauro Müller para Governador do Estado. Lauro chegou a Desterro em dois de dezembro de 1889, acompanhado de Carlos Augusto de Campos, como secretário; e, José Boiteux, como Oficial de Gabinete²⁹⁶. A ala republicana ao qual Oscar Rosas estava ligado foi preterida por Lauro Müller, que nos primeiros anos de governo enfrentou a

²⁹⁴ Trecho de “Ídolo Mau”. In: CRUZ E SOUSA, João. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

²⁹⁵ CARTA de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, apud MOELLMANN, Leatrice. *A obra inédita de Carlos de Faria e a Guerrilha Literária em Santa Catarina*. Florianópolis: Edufsc: FCC Edições, 1994. p.62.

²⁹⁶ PAULI, Evaldo. *Hercílio Luz, Governador inconfundível*. Florianópolis: IOESC, 1976. p.48.

oposição dos jornais *Tribuna Popular* e *Jornal do Comércio*, compostos por conservadores e liberais descontentes com os republicanos no poder²⁹⁷.

Passada a Revolução Federalista, os três ex-colegas de Ateneu Provincial, - Luz, Boiteux e Rosas – fortaleceram seus laços relacionais, ao menos nos jogos de interesses de convívio social e político. Em 1899, durante o governo de Felipe Schmidt – primo de Lauro Müller – Boiteux assumiu pela terceira vez o cargo de deputado estadual e convidou Oscar Rosas para assumir a gerência do jornal *República*. Meses depois Rosas abandonou esse posto para assumir um cargo público como diretor da Secretaria do Congresso Representativo do Estado. Em 1916, quando foi processado no Rio de Janeiro por “delito de imprensa” devido a seus polêmicos artigos na *Gazeta de Notícias*, foi a José Boiteux a quem Rosas apelou por socorro. Boiteux o ajudou a se livrar da condenação que o levaria à cadeia, recorrendo à intervenção do governador Felipe Schmidt no caso²⁹⁸.

A influência política de Rosas cresceu na medida em que seus escritos ganhavam notoriedade. Na virada do século, tornou-se um dos principais articuladores da política catarinense no Rio de Janeiro. Boiteux se distanciou politicamente de Lauro Müller fortalecendo laços com Hercílio Luz, de quem Rosas era grande amigo. Na campanha que rendeu a Hercílio Luz o seu segundo mandato à frente do Governo do Estado (1918-1922), Oscar Rosas compôs a Junta Republicana responsável pela construção e divulgação da ideologia do movimento herciliista²⁹⁹. Com a vitória nas eleições, voltou a morar em Santa Catarina e se tornou um dos homens fortes do governo de Hercílio, que o convidou a assumir e liquidar a empresa jornalística de *O Dia* (de oposição), transformando-a na Sociedade Anônima da República, tornando-se seu diretor e tendo como colegas de redação nomes como Mascarenhas Filho, Osmar Ramos e o futuro acadêmico Tito Carvalho.

Por intermédio da intervenção de Hercílio Luz, Oscar Rosas realizou um antigo sonho: foi eleito deputado à Assembleia Legislativa do Estado (1919), sendo reeleito em 1921, mesmo ano em que foi indicado por José Boiteux e Othon D’Eça a uma vaga na Sociedade Catarinense de Letras, a embrionária Academia Catarinense de Letras, de quem se tornou patrono da cadeira nº 36. De personalidade extrovertida e exibicionista, Rosas, no entanto, nunca deixou de pilheriar com o nome de Boiteux. Conta-se que em uma viagem de Orestes

²⁹⁷ LENZI, Carlos Alberto Silveira. *Partidos e Políticos de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli: Ed. Da UFSC, 1983. p.59.

²⁹⁸ ALVES, Uelinton Farias. “Três tempos com Oscar Rosas”. In: ROSAS, Oscar. *Poesias, contos, crônicas*. Florianópolis: ACL, 2009. p.54.

²⁹⁹ PAULI, Evaldo. *Hercílio Luz, Governador inconfundível*. Florianópolis: IOESC, 1976. p.327.

Guimarães e Altino Flores ao Rio de Janeiro, encontraram com Oscar Rosas em uma livraria da cidade. Sentindo-se esnobado por não ter sido comunicado da viagem, passou a desdenhar do grupo que viajava a mando de Hercílio Luz, dizendo que eles poderiam morrer de gripe espanhola e ficarem por lá enterrados: “Não faz mal, o Boiteux depois vai enaltecer essa subserviência de vocês! O Boiteux, provavelmente, vai providenciar para que se coloque uma placa na casa onde vocês nasceram! Nessa questão de placas, o Boiteux é implacável!”³⁰⁰.

Sem qualquer título de Bacharel, a ascensão de Oscar Rosas deu-se unicamente pelo valor de sua pena, talento que ele soube reverter em dinheiro, cargos, sinecuras, a demonstrar que mesmo na província, onde os postos remunerados de trabalho na imprensa eram mais limitados, a profissionalização do jornalismo trouxe como consequência uma valorização social da figura do escritor. Quando eleito deputado, Nereu Ramos saudou a vitória de Rosas associando-o ao jornalismo: “Jornalista a vida inteira, a vossa escolha foi uma obra de justiça aos vossos méritos e todos nós esperamos que a vossa ação no Congresso do Estado seja igual a que tendes tido sempre na vossa gloriosa vida jornalística”. As ações de Rosas como deputado, no entanto, pouco chamaram a atenção, notabilizando-se apenas por apresentar uma emenda orçamentária para que o Estado financiasse a construção de um monumento à memória de Cruz e Sousa em uma praça pública de Florianópolis, inaugurada em 1923³⁰¹, tendo o “implacável” José Boiteux como presidente da comissão organizadora.

O jornal como “fole de vaidades” transformou o jornalista em vedete, cuja produção deveria despertar reações no público leitor, ora por meio de “anúncios bombásticos”, oras nas crônicas e no conteúdo diverso dos jornais e revistas, ora em divergências políticas camufladas em querelas literárias³⁰². Com o desenvolvimento da imprensa e o seu atrelamento ao poder político, o domínio sobre a vida literária passou a significar a ocupação de posições chave em suplementos literários ou culturais, mas também na administração pública, com a formação de um “grupo oficial” de letrados a quem caberia sustentar ideologicamente o poder político local, que em troca distribuía vantagens e favores aos seus membros. Tais políticas personalistas não eram características exclusivas da vida cultural catarinense, tampouco da Primeira República, como demonstra a historiografia da vida cultural brasileira, embora cada Estado e época possuíssem suas especificidades próprias. Um exemplo é o trabalho de Márcia

³⁰⁰ PITSICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998. p.440.

³⁰¹ SOARES, Iaponan. *Virgílio Várzea & Outros*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002. p.84.

³⁰² MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira – 1870-1930)*. São Paulo: Edusp: Grijalbo, 1973. p.90.

Camargos, que demonstrou como, em São Paulo, figuras como o senador Freitas Valle manejavam com maestria as relações pessoais e familiares para ocupar o espaço de promotores da vida cultural, sob os auspícios do poder público, via Pensionato Artístico do Estado de São Paulo³⁰³. Outro exemplo da utilização do capital social e simbólico para alavancar o campo artístico aparece com Gustavo Capanema à frente do Ministério da Educação e Saúde Pública (MES), embora em outra época e contexto - a Era Vargas. Como aponta Piazza:

Sob a égide do mecenato Capanema foi que o dilema da participação dos intelectuais e artistas na política teve seu ponto nevrálgico. Aqui vislumbra-se o encontro de uma geração de intelectuais e artistas modernos, oriundos de diversos estados da Federação, cujo destino foi uma repartição pública, o Ministério da Educação e Saúde Pública (MES). Foi desse órgão da administração pública federal, conduzido por dois mineiros, o ministro Capanema e seu chefe de gabinete, o poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade, que surgiu a "constelação Capanema"³⁰⁴.

No Rio de Janeiro, então Capital da República, a “constelação Capanema” mostrou que os intelectuais não necessariamente compactuavam com a repressão e violência impostas por outros aparelhos do Estado varguista, nem eram intelectuais “engajados” com a política oficial. Naquele contexto, as amizades prevaleciam em detrimento de posturas político-ideológicas; as obras eram apropriadas pelo Estado – como no caso de Portinari -, mas os intelectuais estavam em busca de remuneração e de formas de acesso ao público. O ponto de interseção com o caso da elite catarinense da Primeira República está no personalismo alavancado por um capital oriundo de outros campos, sobretudo o político, que poderiam trazer ascensão social pelos laços relacionais. Em Santa Catarina, os vínculos construídos entre alguns membros da elite cultural com o hercicismo é a face mais evidente deste sistema de permutas em que se constituiu o campo cultural local.

Este atrelamento ao campo político é uma característica que marca a história da imprensa em Santa Catarina desde a sua fundação em 1831, com a criação da tipografia de Jerônimo Coelho e a publicação de seu primeiro jornal, *O Catharinense*, órgão de propaganda dos ideais liberais e maçons, de combate à política daqueles que queriam restaurar o trono de D. Pedro I. A proclamação da República guardou permanências de práticas do Império, entre

³⁰³ CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial, crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Editora Senac, 2001; e CAMARGOS, Márcia. *Entre a vanguarda e a tradição: os artistas brasileiros na Europa (1912-1930)*. São Paulo: Alameda, 2011.

³⁰⁴ PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. *Os Afrescos nos trópicos: Portinari e o mecenato Capanema*. Tese (Doutorado em História Cultural) UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2003. p.42.

elas, o jornalismo político-literário dominando a vida intelectual. Em pesquisa realizada pela historiadora Joana Maria Pedro, com jornais publicados em Desterro entre 1831 a 1889, demonstrou-se que a proliferação dos jornais locais esteve vinculada a interesses privados em relação ao poder público, do qual dependiam para sobreviver por meio dos contratos de publicações oficiais³⁰⁵: os decretos, leis e atos oficiais eram publicados em jornais, geralmente escolhidos conforme o apoio que forneciam ao governo. O embate político por meio da utilização do jornalismo era tão habitual que virou tema dos festejos do carnaval desterrense de 1885. No préstito de suas alegorias, a Sociedade Carnavalesca “Bons Arcanjos” apresentou a ala “Jornalismo em Duelo”, fazendo alusão à polêmica que havia entre os órgãos de imprensa dos dois partidos políticos da província³⁰⁶. Segundo Joana Maria Pedro, à medida que a situação política foi se estabilizando, as lideranças encastelaram-se em seus territórios, utilizando a imprensa – sob o controle de grupos definidos - como trampolim político e ferramenta de persuasão ideológica, permitindo ou dificultando a ascensão de novos personagens³⁰⁷.

Nessas contendas, manter as aparências ou o anonimato ao se fazer uma crítica mais ácida, era considerado uma vantagem, o que fazia proliferar os escritos anônimos ou assinados por meio de pseudônimos. Em mensagem apresentada a Assembleia Legislativa pelo vice-presidente do Estado, Elyseu Guilherme Silva, em 1893, o tenente-coronel alertou para a necessidade da criação de uma lei de imprensa que garantisse a liberdade de expressão, desde que se proibisse o uso do anonimato nos escritos jornalísticos: “Os abusos que, à sombra do anonimato se praticam, não precisam ser aqui apontados; vós os conheceis de longa data, e a sua coibição é um dever de moralidade, além de ser cumprimento de um preceito constitucional³⁰⁸”.

Mas, nem só de disputas políticas viveram os jornais. Os pseudônimos garantiam também aos escritores a possibilidade de dar publicidade a produções literárias sem expor os autores ao ridículo de uma crítica negativa ou, ainda, conforme o gênero literário praticado pelo autor, tornando o anonimato e o pseudônimo um hábito comum na literatura.

³⁰⁵ PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: EDUFSC, 1995.

³⁰⁶ MOELLMANN, Leatrice. *A obra inédita de Carlos de Faria e a Guerrilha Literária em Santa Catarina*. Florianópolis: Edusfc: FCC Edições, 1994. p.173.

³⁰⁷ PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: EDUFSC, 1995. p.69.

Constantemente os escritores, mesmo os literatos com livros publicados e com certo renome, se serviram de um pseudônimo, especialmente em jornais e revistas. Para Brito Broca, na medida em que o jornalismo se desenvolve, o antagonismo entre a literatura e a vida civil começa a diminuir, bem como a necessidade de um “alterego” torna-se secundária, embora alguns polígrafos profissionais continuassem a adotá-los por motivos práticos: obrigados a escrever em várias folhas ao mesmo tempo, a fim de reunir um ordenado razoável, tinham os escritores que mascarar a personalidade a fim de não causar possíveis inconvenientes dessa atuação simultânea³⁰⁹. Algo parecido acontecia em Santa Catarina, mas por motivo inverso: Cruz e Sousa usava vários pseudônimos para escrever em um só jornal, *O Moleque*, encobrando o fato de ser um dos únicos redatores que o pequeno jornal possuía³¹⁰.

Quadro 2 – Alguns escritores catarinenses e seus pseudônimos:

Autores	Pseudônimos e siglas
Abílio J. de Oliveira	Agenor de Lara
Anfilóquio de Carvalho Gonçalves	A.C.G.; Acegê
Altino Flores	Timon
Araújo Figueredo	Anthero Florental; Ferrão
Carlos da Costa Pereira	Glaudius; Arcênio Gama
Cruz e Sousa	Heráclito; Zé K.; Zat; Zot; Trac; Cruz; Criolano Scevola; Filósofo Alegre
Delminda Silveira	Brasília Silva
Horácio Nunes	Fúlvio Coriolani; Helvetius
Ignácio Bastos	I.B.; Índio do Brasil
Ildefonso Juvenal	Juvêncio
José Boiteux	Cantú-Mirim
José de Diniz	Paulo Pimentel

³⁰⁸SILVA, Elyseu Guilherme. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina pelo cidadão tenente-coronel Elyseu Guilherme Silva, 1º vice-presidente do Estado, em 07 de agosto de 1893*. Desterro: Gabinete Sul-Americano, 1893. p.14.

³⁰⁹BRITO BROCA, J. *Horas de Leitura*. Rio de Janeiro: MEC: INL, 1957.p. 105-107.

³¹⁰SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Edufsc, 1988. p.78.

Lacerda Coutinho	Pio da Piedade; Napoleão da Silva; Ferrão de Aguiar; Ferro ab Aquilare; Crispim Crispiniano; J. Serrão; Antonino Pio; Mestre Nicácio; Pio, Bedel Aposentado.
Laércio Caldeira de Andrade	Eldo; Lúculo
Mâncio Costa	Anto de Castro
Maria Corcoroca de Souza	Seminaris
Ogê Mannembach	Chico; Mann
Oliveira e Silva	Dom Casmurro
Oscar Rosas	Tic
Osvaldo Rodrigues Cabral	Egas Godinho
Othon D'Eça	Cesário Brás; Simon de Monfort
Santos Lostada	Severo Lima; Orlando de Castro
Virgílio Várzea	Viriato Reis; Valino Reis; Alfredo Delórm; Victor Vidigal; Victor Vasque; Victor Valle

Fontes: BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira. Florianópolis: ACL, 1993; PITSICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998; SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: EDESC: Edeme, 1974; SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Eufsc, 1988; SOARES, Iaponan. *Virgílio Várzea & Outros*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

Embora eminentemente políticos, os jornais precisavam oferecer um conteúdo diversificado a fim de ampliar ao máximo o número de leitores, sendo também noticiosos, comerciais, esportivos, policiais e também literários, abrindo outras oportunidades de colaboração. Para Antônio Cândido, o desenvolvimento da imprensa influenciou a literatura por intermédio de novos gêneros, como a crônica, além de modificar outros já existentes, como o romance e sua adaptação aos folhetins³¹¹. Em Florianópolis, os folhetins foram populares especialmente no período monárquico, com a publicação de autores catarinenses, nacionais e estrangeiros traduzidos ou adaptados por escritores locais³¹², chegando os leitores a enviarem reclamações às redações quando da ausência de sua publicação. O espaço do folhetim era uma ferramenta para garantir e aumentar as vendas e assinaturas, contando com um público variado.

Segundo o bibliófilo Iaponan Soares, os jornais serviram como importante espaço para afirmação literária, pois foi por intermédio dos periódicos que os autores locais conquistaram

³¹¹ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985. p.33.

³¹² Ver Anexo III - Alguns folhetins publicados nos jornais da Capital.

o primeiro público, não apenas com o folhetim, mas com toda produção em prosa e verso³¹³. Alguns autores conseguiram capitalizar de outras formas suas produções literárias. Foi o caso de Ogê Mannebach, poeta nascido em Florianópolis (1885), filho e neto de imigrantes alemães estabelecidos em São Pedro de Alcântara (1809), sobrinho de Marechal Guilherme Xavier de Souza, proprietário do escravo que era pai de Cruz e Sousa³¹⁴. Trabalhando no comércio, nos momentos de folga escrevia poemas humorísticos, satirizando figuras e fatos da cidade. Enviava suas produções aos jornais e, por vezes, causava alvoroço pelos versos chistosos. Em 1913 submeteu-se a um concurso no Ministério da Fazenda, vindo a ser nomeado Oficial Aduaneiro, logo passando a Guarda-mor da alfândega de São Francisco do Sul. Mesmo fora de Florianópolis mantinha contato constante com os intelectuais da Capital. Prolífico, Ogê produziu centenas de sonetos cujos versos poderiam ser lidos como crônicas do cotidiano. Versava sobre assuntos como a fiscalização do leite, os bondes da cidade, a sociedade em uma peixaria, o chefe de polícia, os automóveis da cidade, os atos da prefeitura, a gripe espanhola. Era amigo de Altino Flores, que costumava dar guarida aos seus versos no jornal *O Estado*. Mannebach chegou a produzir um soneto intitulado “Impostores da Ciência”, defendendo o amigo em uma das muitas polêmicas em que se envolveu³¹⁵.

³¹³SOARES, Iaponan. Literatura na imprensa Desterrense. In: MELO, Osvaldo F. (org.). *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Lunardelli: IHGSC: Clube 12 de Agosto, 1991. p.145-150.

³¹⁴PITSICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998.p.427.

³¹⁵BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira. Florianópolis: ACL, 1993.p.35-36.



Figura 14 – Ogê Mannebach, 1934.

Fonte: Revista A Barra, 1934. Acervo da BPESC.

O jornalista José Cordeiro caracterizou Mannebach como um exímio improvisador, relatando um episódio que presenciou: sentado num café com Mannebach e seu irmão Arê, os três viram uma figura passar pelo outro lado da calçada, um intelectual conhecido dos três e de renome na cidade, que há muito prometia a Ogê publicar-lhe um livro. Ogê tirou um papel em branco do bolso e produzido na hora uns versinhos:

Com ares de Senador,
Ali passa o Professor...
Onde será que ele vai?
É fácil de adivinhar...
Ele vai pensar, pensar
No livro que nunca saí...³¹⁶

Sobre os jornalistas que se proliferavam nas folhas locais dando opinião sobre tudo, escreveu o soneto “Conselhos de um padeiro”, em 1918, satirizando uma crítica feita sobre o valor do pão:

Não pense que por ser jornalista,
Há de entender, de tudo e até do pão;
Não meta o seu bedelho na questão,

³¹⁶ CORDEIRO, José. *Ogê Mannebach*. Florianópolis: Editorial Uruguai, 1970. p.31

Porquanto o caso é digno de revista.

Ande cá para a minha padaria,
Trabalhar na masseira noite e dia...
(Mas venha disfarçado em operário)

Quando aprender a misturar farinha,
E souber dirigir a carrocinha,
Há de ver quanto custa o pão diário!³¹⁷

Sua habilidade para produzir sonetos populares, de fácil leitura, o tornou um nome procurado por empresas para elaborar anúncios publicitários. As cervejarias foram grandes clientes da compra de sua produção intelectual. No carnaval de 1922, Mannebach produziu esses versos para a Brahma e sua cerveja “Fidalga”, publicados no jornal *O Estado* de 18 de fevereiro:

Ninguém bebe água de bica
Vinho em copo, leite em malga;
Toda gente, pobre ou rica
Bebe cerveja Fidalga

Pierrot que, por colombina
O coração sente em chama,
O seu ciúme só domina
Com uma Fidalga da Bhrama³¹⁸.

Quatro dias depois, nas páginas do mesmo jornal, Mannebach entregou um soneto para a concorrente, a Companhia Antártica Paulista:

Na Antártica a magnífica cerveja,
Que a todo mundo, a santa boca adoça,
Ao estômago e à bolsa não faz moça
Sendo assim a bebida benfazeja³¹⁹.

Desde meados do século XIX esse tipo de publicidade que se apropriava da literatura começou a aparecer no Brasil, ainda que de forma incipiente. Segundo Flora Sussekind, as quadrinhas ritmadas e de versos fáceis, de rápida compreensão, foram responsáveis pelos primórdios da indústria publicitária no Brasil, com reclames, quadrinhas e anúncios,

³¹⁷ Idem. p.92.

³¹⁸ BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira. Florianópolis: ACL, 1993.p.33.

³¹⁹ Idem. p34.

especialmente da lavra de escritores como Bastos Tigre, Emílio de Menezes, Olavo Bilac, entre outros³²⁰.

Em 1923, Mannebach, sem nenhum livro publicado, se tornou o primeiro ocupante da cadeira nº 34 da Academia Catarinense de Letras, sendo saudado por Othon D'Eça. Falecido em 1942, tudo o que produziu ficou disperso em periódicos catarinenses, afirmando-se como literato por meio das páginas dos jornais. Sua produção literária, do poema/crônica à publicidade, articulava-se às novas demandas urbanas, era uma fonte suplementar de recursos, pecuniários e simbólicos, tanto para o autor quanto para o veículo que lhe dava publicidade, por meio da venda dos espaços e das receitas publicitárias.

No que diz respeito à presença de jornais na cidade, a Primeira República (1889-1930) apresentou um número elevado. Levando-se em consideração apenas os jornais fundados após a proclamação, é possível fazer o levantamento de 141 jornais diferentes³²¹, sendo o primeiro deles lançado apenas quatro dias após o anúncio do novo regime: em 19 de novembro publicou-se *República*, órgão oficial sob a gerência de Evêncio Lopes, depois Geraldo Braga até que, em 1891, assumiu José Boiteux a chefia de redação, tendo Euclides Schmidt como gerente³²². Uma compilação destes jornais e o arrolamento dos nomes de alguns de seus principais colaboradores - dezenas deles fora das sinopses que estruturam o quadro cultural do período – contribuem para desconstruir o discurso negativo que prega o isolamento e o marasmo cultural da Capital catarinense no período.

Cabe ressaltar que mesmo com a incipiente profissionalização do campo, muitos jornalistas que ocuparam as páginas destes periódicos florianopolitanos não recebiam remuneração financeira por suas colaborações. O que se pretende observar aqui é o fato destes escritores/jornalistas/polígrafos desempenharem um papel social, exercerem uma consciência de grupo e se constituírem em um segmento especial da sociedade, construindo de si uma imagem de detentores de uma vocação, um senso de missão, inspiração, cumpridores de um dever social. Estas características investidas no jornalismo ampliaram as possibilidades de atuações de funcionários públicos, bacharéis, magistrados, comerciantes, políticos na esfera pública. Como regra geral não se viveu de literatura ou jornalismo, salvo exceções por algum

³²⁰ SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. P. 58-71.

³²¹ Anexo IV – Relação de jornais fundados em Florianópolis entre 1889 a 1929. Somam-se a estes 141 jornais mapeados mais 33 periódicos de outros formatos – revistas, guias, almanaques, anuários - publicados na cidade no período, conforme Anexo V.

período de vida. Em Santa Catarina, em um campo ainda não totalmente autônomo, houve outras maneiras de se remunerar o trabalho de criação literária, a publicidade, o mecenato, a incorporação ao corpo de servidores, atribuição de cargos, participação em instâncias de consagração, prebendas que complementam o reconhecimento coletivo da sua atividade³²³.

3.3. ENTIDADES DE CLASSE.

Essa possibilidade de ascensão social e de circulação entre variados campos – político, cultural... – era também uma questão de sobrevivência. Em termos salariais, a atividade jornalística não rendia o suficiente para uma vida confortável de dedicação exclusiva, o que contribuía para manter uma disparidade nas redações, entre o jornalista bacharel, professor, funcionário público, político com boas relações em outras esferas, com aquele que eventualmente quisesse se dedicar apenas à atividade jornalística ou literária. Figuras de destaque no cenário nacional, como Olavo Bilac, grande efeméride da *belle époque* brasileira, cujas letras lhe proporcionavam lucros com a venda de livros, traduções, jornalismo e a realização de conferências pelo país, acumularam tais atividades com cargos públicos. Uma legislação trabalhista, a regulamentar o jornalismo como profissão, com registro no Ministério no Trabalho e demais benefícios ao trabalhador só surgiu em 1938.

No Rio de Janeiro, o catarinense Gustavo de Lacerda³²⁴ esteve à frente da fundação, em 1908, da Associação Brasileira de Imprensa (A.B.I.), entidade que buscou, além do reconhecimento coletivo do jornalismo – o que incluía sua valorização como profissão -, o fomento às discussões acerca da criação de uma entidade de classe que representasse os homens de imprensa. A pedido de Lacerda, seu colega jornalista Dunshee de Abranches trouxe de suas viagens ao exterior os estatutos de associações europeias de profissionais da imprensa - Associação Sindical Profissional dos Jornalistas Republicanos Franceses, da

³²² CALLADO JR., Martinho. A Imprensa Catarinense. Resumo histórico, 1831-1969. In: EL-KHATIB, F (org.). *História de Santa Catarina*. Vol3. Curitiba: Grafipar, 1970. p.136.

³²³ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985. p.74-75.

³²⁴ Nascido em Florianópolis, então Desterro, em 18/5/1854, com o nome de Gustavo Adolfo Fraga. Fez carreira militar até dedicar-se apenas ao jornalismo. Fundou o jornal *Meio Dia*, que durou apenas um mês. Escreveu para jornais como *O Paiz* (RJ). Estimulou a criação do Centro Operário Radical, em defesa da Reforma Agrária; e do Sindicato dos Linotipistas, no Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores do Partido Socialista Coletivista, em 1902. Faleceu em 1909, no Rio de Janeiro. Cf. PEREIRA, Moacir. *Um catarinense visionário: Gustavo de Lacerda e o Centenário da ABI*. Florianópolis: Insular: ACI, 2008.

Associação dos Jornalistas Parisienses, do Sindicato da Imprensa Parisiense e a Associação Sindical de Imprensa Estrangeira – que serviram de base para a fundação da A.B.I.³²⁵.



Figura 15 – Gustavo de Lacerda.

Fonte: Acervo do IHGSC.

Uma das principais características da entidade, em seu nascimento, foi o caráter assistencialista: buscava garantir assistência médica e farmacêutica a seus associados; criar o “Retiro da Imprensa”, com enfermaria e residência para idosos e enfermos; e, habilitar o pretendente à jornalista com um título de capacidade intelectual e moral. Outra colaboração seria a criação da Casa do Jornalista, no Rio de Janeiro, onde se instalaria uma Escola Profissional. Sua morte, em 1910, relegou a ideia ao esquecimento, ressurgindo apenas em 1918, por intermédio dos participantes do I Congresso Brasileiro de Jornalistas, que aprovou uma moção destinada à criação de uma Escola de Jornalismo, que só sairia do papel em 1947, com a fundação do Curso de Jornalismo da Fundação Cásper Líbero, em São Paulo³²⁶.

Em Santa Catarina, a tentativa de organizar os jornalistas em uma entidade é anterior à criação da A.B.I. Em 1902, o jornal *O Binóculo*, periódico humorístico e noticioso sob a

³²⁵Idem. p.32-34.

³²⁶ COUTO, Nadia Regina Almeida & FRITZEN, Celdon. “Relações entre a história da imprensa e a formação do jornalista”. In: *Anais do 6º Congresso Luso-Brasileiro em História da Educação*. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/programacaoindividuais5.htm>>. Acessado em: 12/03/2012.

responsabilidade de João Baptista Teixeira, noticiou a criação de um “Club de Imprensa”, que em 12 de Maio daquele ano definiu os nomes da sua diretoria³²⁷ sem mais detalhes da composição ou sobre os motivos ou objetivos da criação da associação. Devido à falta de outras notícias se supõe que o Club da Imprensa de Florianópolis tenha tido vida efêmera. Uma entidade de classe surgiu apenas em 1932, com a primeira tentativa de fundação da Associação Catarinense de Imprensa (A.C.I.), em Florianópolis, tendo Altino Flores à frente da empreitada, que resultou infrutífera. As preocupações de seus fundadores estavam associadas ao momento político por qual passava o país e o Estado, com a ascensão de Getúlio Vargas. Das proposições votadas e aprovadas em sua primeira reunião, a A.C.I. declarava aceitar em seus quadros jornalistas que escreviam em jornais de língua estrangeira publicados em Santa Catarina; que nenhum de seus membros poderia aceitar o encargo de ser censor, numa eventual implantação de censura prévia aos jornais; e, por fim, que a A.C.I. não teria, naquele momento, o caráter beneficente³²⁸. A entidade, por motivos não esclarecidos, não vingou naquele momento, tendo sido refundada em 1934, tendo novamente Altino Flores à frente. Fica claro, no entanto, que em 1932 a associação não tinha como principal objetivo a profissionalização do campo e suas demandas trabalhistas e assistenciais, mas uma tentativa de fortalecimento da classe jornalística diante do campo político, naquele momento adverso ao seu fundador, Altino Flores, adversário dos getulistas.

Embora a cerimônia de fundação da Associação Catarinense de Imprensa, em 1932, tenha se dado nas dependências da Liga Operária, Altino Flores por diversas vezes teria externado sua grande apreensão com os conflitos abertos entre empregados e empregadores das empresas jornalísticas dadas as leis trabalhistas implantadas pelo governo Getúlio Vargas. Em 1942 Altino tornou-se proprietário do jornal *O Estado*, recebendo-o por doação, de Victor Konder. Três anos depois, em 1945, se desfez do jornal, alegando “falta de tipógrafos”. O real motivo, no entanto, teria sido os constantes conflitos trabalhistas com os gráficos do jornal³²⁹. Pelas divergências criadas na empresa, decidiu vender o jornal ao jornalista Moacyr Iguatemy da Silveira (1906-1994).

³²⁷ Jornal *O Binóculo*, 18/5/1902.

³²⁸ PEREIRA, Moacir (org.). *Altino Flores – Fundador da A.C.I.* Florianópolis: Insular, 2010. p.45. Participaram desta primeira tentativa de criação da A.C.I. os jornalistas Altino Flores, Oswaldo Mello, Ney Luz, João Baptista Pereira, Benjamin Lucas de Liveira, Dagoberto Nogueira, Biagio D’Alascio, L. Romanowski, Genésio Paz, Cássio da Luz Abreu e Gustavo Neves. Laércio Caldeira de Andrade, Othon D’Eça e Tito Carvalho não puderam comparecer, mas registraram terem sido representados por Altino Flores.



Figura 16 – Altino Flores e demais colaboradores do jornal O Estado.

Fonte: Acervo do IHGSC.

O que Altino não sabia na ocasião é que esta transação acabaria por entregar *O Estado* a Aderbal Ramos da Silva, o principal líder do Partido Social Democrático (P.S.D.) em Santa Catarina. Aderbal temia que Altino Flores, ligado à União Democrática Nacional (U.D.N.), não vendesse o jornal caso soubesse que ele era o comprador³²⁹. Embora udenista ferrenho, Iguatemy tinha como amigo e compadre Sidney Nocetti, ardoroso “aderbalzista”, que intermediou a transação entre Iguatemy e Aderbal, surpreendendo Altino³³¹.

Ocorridas em dois momentos históricos distintos, a fundação da Associação Catarinense de Imprensa, em 1932, não tinha, portanto, o perfil assistencial e beneficente que caracterizou a Associação Brasileira de Imprensa, em 1908. Gustavo de Lacerda caracterizava os jornalistas como “os últimos dos proletários”³³², pois os comparava com outras categorias de trabalhadores envolvidos no processo de produção jornalística, como os

³²⁹ PEREIRA, Moacir (org.). *Altino Flores – Fundador da A.C.I.* Florianópolis: Insular, 2010. p.30.

³³⁰ PEREIRA, Moacir. *Aderbal Ramos da Silva.* Florianópolis: Insular, 2011. p. 60-61.

³³¹ MARTINS, Celso. *José Arthur Boiteux: um intelectual em ação.* Florianópolis: FUNJAB, 2012. p.363.

³³² ABRANCHES, Dunshee de. A fundação Gustavo de Lacerda: reminiscências dos primeiros dias da ABI. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1938, apud LOPES, Fernanda L. O ensino de jornalismo antes do curso superior. In: *Anais da Conferência Iberoamericana de Asociaciones Científicas y Académicas de la Comunicación*. Disponível em: <http://confibercom.org/anais2011/pdf/121.pdf>>. Acessado em: 22/10/2013.

tipógrafos e demais operadores das oficinas de impressão, com o recebimento regular de salário.

3.4. LAMÚRIAS DOS TIPÓGRAFOS.

Em Santa Catarina, o Sindicato dos Gráficos foi fundado em dezembro de 1931³³³, tendo sua primeira diretoria eleita em fevereiro de 1932, na sede da União Operária, com o presidente Irineu Pavan abordando os “problemas sociais” que acometiam a categoria, embora a notícia do jornal *O Estado* não se aprofunde sobre o assunto³³⁴. A julgar pelas notas publicadas nos jornais, os gráficos, - tipógrafos, “artistas”, maquinistas, operários das oficinas tipográficas – tinham sentido de coesão e pertencimento de classe. Desde meados do século XIX aparecem nos jornais pequenas notas que podem ser lidas como indícios da união desses trabalhadores e da tomada de consciência do seu papel como fundamental para o funcionamento da imprensa. Em 1858 o *Argos da Província de Santa Catharina* publicou nota sobre a ameaça de greve por parte dos tipógrafos do Rio de Janeiro, que haviam se coligado a fim de exigir um aumento salarial³³⁵. A princípio nenhuma ressonância prática foi sentida no mercado local, mas dois anos depois o mesmo jornal deixou de ser distribuído porque os seus tipógrafos, por conta própria, decidiram decretar folga no Dia de Reis:

Ontem não foi distribuído o Argos, como é de costume, por que os nossos tipógrafos, tendo passado toda a festa de Natal pregados às caixas dos tipos, acharam lá para si, que deviam ter um dia de soeto; dito e feito: conchavaram-se e no Dia de Reis, anteontem, gazearam todos: pregaram-nos a pela de não termos quem cuidasse dos trabalhos de composição e impressão deste número. Por atenuar essa falta, sai o Argos hoje. Pedimos desculpa desta falta, involuntária, de nossa parte³³⁶.

O mesmo se deu em 1861, quando novamente o jornal *Argos da Província de Santa Catharina* trouxe notícias sobre uma nova ausência não programada de seus tipógrafos:

Entendendo alguns dos tipógrafos de nossa oficina que em primeiro lugar estava a devoção, entregaram-se aos exercícios religiosos, na quarta-feira de cinzas, por isso não foi possível aprontar-se a folha para ser distribuída

³³³ Jornal *O Estado*, 04/2/1932. Fizeram parte da sua primeira diretoria: Irineu Pavan, presidente; João Silva, vice; Silvino Alves, secretário geral; Francisco Cunha, 1º secretário; Durvalino Souza, 2º secretário; Eloy Amorim, tesoureiro; Frederico Bavasso, 2º tesoureiro; Joaquim Cabral, delegado geral; Nellis Cardoso, delegado auxiliar; Francisco Vieira, Joaquim Lucio de Souza, Frederico Silva, Timóteo Alves e João Schmidt como membros do conselho fiscal.

³³⁴ Jornal *O Estado*, 02/2/1932.

³³⁵ Jornal *O Argos da Província de Santa Catharina*, nº238, 22/1/1858, p.1.

³³⁶ Jornal *O Argos da Província de Santa Catharina*, nº539, 08/1/1860, p.1. Ortografia atualizada.

ontem, como é costume. Pedimos aos senhores assinantes desculpa desta falta, involuntária de nossa parte³³⁷.

Alguns dos tipógrafos do século XIX se transformaram em homens de letras e suas atuações extrapolaram o limite imposto pelas máquinas das oficinas. No *Anuário Catarinense de 1952*, um texto de João José de Souza Medeiros listou alguns conhecidos tipógrafos de Desterro: Firmino Teotônio da Costa, que mais tarde se firmou como poeta e jornalista; Martinho José Callado (1841-1914), em profissão que foi legada a seus filhos, foi tipógrafo e redator do *Jornal do Comércio*, mantido em sociedade com o próspero comerciante Eduardo Horn³³⁸; Alfredo Albuquerque, que faleceu como alto funcionário do Ministério da Fazenda, começou sua vida profissional como tipógrafo; Quintanilha, poeta boêmio, foi durante anos tipógrafo das oficinas do jornal *Regeneração*, onde o médico Duarte Schuttel era um dos redatores. Certa vez, Schuttel teria deixado um artigo incompleto em cima da sua mesa de redação para atender a um socorro médico. Quintanilha, ao ver o artigo inacabado sobre a mesa, o concluiu por conta própria, “e com muita vantagem, gabava-se este”³³⁹. Havia ainda o caso de Miranda, velho artista gráfico e de memória prodigiosa que conseguiu decorar muitos provérbios e locuções em latim enquanto compunha os artigos da redação e de vários polemistas da cidade, que abusavam das citações como sinônimo de erudição. Quando queria ostentar instrução ou ridicularizar algum desafeto, Miranda sacava uma frase em latim para constranger a vítima. Aplicava-o também com objetivos mundanos, como na hora do aperitivo, que julgava indispensável, dirigindo-se ao vendedor no balcão com a expressão “*Nunc est bibendum*”³⁴⁰.

Nos últimos anos do século XIX, alguns tipógrafos alcançaram renome, mas suas atuações extrapolavam as atividades gráficas. Luiz Pacífico das Neves, o Professor Lula, foi tipógrafo ainda criança, em um tempo em que “cada oficina gráfica era um reduto de revolucionários, abolicionistas, republicanos ou “livre pensadores”, passando dos bancos da oficina, “borrados de tinta e salpicados de idealismo”, aos bancos envernizados da Escola

³³⁷ Jornal *O Argos da Província de Santa Catharina*, nº661, 2215/2/1861, p.1. Ortografia atualizada.

³³⁸ Eduardo Otto Horn. Nascido em Desterro, foi presidente durante anos da Junta Comercial do Estado, assim como foi um próspero comerciante dono de uma casa de importação e exportação com matriz em Florianópolis e filial em Laguna. Fez carreira política e foi Deputado Estadual (1922-1924). Cf. PIAZZA, W. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: ALESC, 1985.p.262.

³³⁹MEDEIROS, João José de Sousa. “Os tipógrafos daquele tempo”. In: *Anuário Catarinense para 1952*. Direção de Martinho Callado Jr. (diretor) e Gumercindo Caminha (diretor comercial). [Florianópolis], ano V, n.5, 1952.

³⁴⁰Idem.

Normal³⁴¹. Já Manoel Roberto Rilla embora tenha sido um grande colaborador da imprensa republicana, nunca chegou a ser proprietário de jornal. Rilla iniciou a aprendizagem como tipógrafo no *Jornal do Comércio*³⁴², com José da Silva Cascais e Martinho José Callado. Aos domingos trabalhava no *A Evolução*, de propaganda republicana. Era tipógrafo do *Conservador*, em 1889, quando a República foi proclamada e o jornal adquirido pelo grupo de republicanos de Raulino Horn, Gustavo Richard, Alexandre Bayma e outros, transformando-o em *A República*, mais tarde gerenciada por José Boiteux. Em fevereiro de 1889, ao lado de Roberto Lopes, Rilla chegou a redigir um pequeno periódico crítico e literário, o “Diabinho”, de vida efêmera³⁴³. Seus serviços de tipógrafo, revisor e desenhista foram proporcionados ao *Sul Americano*, *Diário Oficial*, *O Tempo*, *O Dia*, *A República*, entre outros, mas sempre como “pé de boi”, como se chamavam os funcionários mal remunerados, falecendo pobre e esquecido. Segundo o jornalista Petrarca Callado, Rilla “revisou a felicidade, os triunfos, a glória e o bem-estar de milhares de pessoas e entidades. E mutilado afinal, no bom combate, aguarda com estoicismo que a sociedade revise, ou não, o seu destino de veterano”³⁴⁴.

Embora certos jornalistas tivessem exercido o papel de tipógrafos em algum momento da trajetória, especialmente nos pequenos jornais de vida efêmera e baixa tiragem, as máquinas, de modo geral, dependiam desses trabalhadores especializados para funcionar. Alguns jornalistas fizeram questão de registrarem em suas biografias o domínio sobre todos os processos de produção da imprensa, mas nos principais jornais da cidade eles não sujavam as mãos no gabinete tipográfico ou suavam rodando a prensa. O pequeno jornal *Porta Voz*, órgão defensor da classe tipográfica, nos dá uma ideia menos romanceada da vida nas oficinas gráficas dos jornais diários em Florianópolis, em 1912, tomada por jovens aprendizes sub-remunerados, explorados e por vezes até agredidos pelos chefes de redação:

Um bando de crianças transpõe os umbrais dos templos de Guttenberg, como se eles fossem algum asilo de órfãos. Lá dentro ele toma as proporções de pavoroso, mas (...) jamais para aqueles que se locupletam do trabalho imperfeito do inconsciente aprendiz. A especulação, aqui, dos senhores de tipografia, já ultrapassou os limites e excedeu ao auge: pretere-se, ao pai carregado de filhos, ao irmão investido de chefe de família pelo

³⁴¹ CALLADO, Petrarca. *Comandos Socialistas*. Florianópolis: Ed. do autor, 1947. p.15-16.

³⁴² Entre 1887 e 1888, circulou a Revista *Typographica*, impressa nas oficinas do *Jornal do Comércio* e de propriedade de seus funcionários. Não há muito mais notícias sobre essa publicação. Cf. BOITEUX, Lucas. *A Imprensa em Santa Catarina*. In: BOITEUX, José et al. *História dos Jornais de Santa Catarina (1831-1948)*. Florianópolis: IHGSC, 2011. p.132.

³⁴³ BOITEUX, José et al. *História dos Jornais de Santa Catarina (1831-1948)*. Florianópolis: IHGSC, 2011. p.139.

³⁴⁴ CALLADO, Petrarca. *Comandos Socialistas*. Florianópolis: Ed. do autor, 1947. p. 52-53.

desaparecimento do seu verdadeiro chefe, pelo menino aprendiz. (...) porque o aprendiz se sujeita ao enorme salário de vinte ou trinta mil réis, trabalhando desde o despontar até o reaparecer da alva, ao esbofeteamento pelo redator-chefe, a ser castigado à vara de marmelo, multado e suspenso, e sempre ali, sem um grito de rebelião, sem um sacudir de orelhas, sem um boquejar sequer. E quando todas essas baixezas, vilanias, misérias e poucas vergonhas são sabidas fora, (...) a parte infligida responde semiconsciente: “eu tenho necessidade”. Pronto, *consummatum est*. Naquele “eu tenho necessidade” está tudo dito e explicado³⁴⁵.

A narrativa do jornal segue falando sobre os “peritos”, quase todos os chefes de família, que recebiam “miseráveis dez vinténs por linha” para manter sua subsistência. Nestas oficinas, os tipógrafos estiveram condenados a enriquecer redatores e gerentes, adquirindo, em troca, a “companheira que lhe há de entregar à cidade dos sete palmos: a tuberculose”. Em 1910 os trabalhadores já haviam tentado se organizar numa entidade de classe, que lhes representaria na luta contra essas arbitrariedades. Poucos teriam atendido ao convite da criação da entidade, ao ponto de se ter uma Assembleia Geral para discussão dos estatutos com apenas seis membros, morrendo assim a ideia de uma União Gráfica Catarinense, depois União Gráfica Beneficente. Em 1912, os gráficos do jornal *O Dia* se organizaram em torno da igualmente efêmera Sociedade Pantagruel cujos objetivos não foram esclarecidos pela fonte consultada³⁴⁶. Outros Estados avançavam na criação de entidades associativas dos gráficos. São Paulo, desde 1910 havia criado o seu Centro Gráfico Paulistano, que ameaçou uma greve geral caso não houvesse a redução da carga horária de trabalho para oito horas. Em 1912 Pernambuco, Maranhão, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Pará, e Ceará já possuíam iniciativas para o estabelecimento de uma União dos Gráficos em busca de melhores condições de trabalho. Naquele mesmo ano organizou-se, em Curitiba, o Centro Gráfico Paranaense, de caráter beneficente e de auxílio à classe. Este modelo associativo de “auxílio mútuo” parece ter sido adotado como forma de mitigar problemas sociais oriundos das condições de trabalho dos gráficos, longas jornadas, baixo salários, sem férias ou repouso remunerado e pouca assistência pública.

A ausência de uma instituição congênere, que funcionasse para a proteção social dos gráficos em Florianópolis teria causado uma debandada dos tipógrafos a outros Estados:

É triste observar-se a solidão quase irreparável porque está passando a capital de Santa Catarina, numa ocasião em que o concurso dos braços rijos e vigorosos se torna necessário para conservação dos grandes periódicos que se publicam nesta cidade. A emigração voluntária e espontânea dos

³⁴⁵ Jornal *Porta Voz*, nº01, 16/6/1912.

³⁴⁶ Jornal *Porta Voz*, nº01, 16/6/1912.

tipógrafos para os Estados do Paraná e São Paulo deixa no meio em que vivemos uma enorme falta³⁴⁷.

Parte da mão de obra em atividade no mercado local era formada na Escola de Aprendizes Artífices, inaugurada em 1910, com vistas à formação técnica de jovens das classes populares³⁴⁸. Além dos cursos de alfaiataria, ferraria e carpintaria da ribeira, estava o de tipografia e encadernação, que passou a substituir a mão de obra autodidata, por uma técnico-especializada, saída do curso. O sucesso de sua oficina tipográfica parece ter sido satisfatório, ao ponto de, em 1921, seu diretor lamentar a falta de material de melhor qualidade e em mais abundância para atender às constantes encomendas³⁴⁹ que chegavam à escola:

Há trabalhos gráficos bem feitos, não só em livros como em jornais, dos alunos, e a renda que poderia talvez dar bons saldos se outro fosse o material, atingiu a 3:636\$000. Sabe-se o quanto é uma boa escola a tipografia: dela tem saído homens notáveis no Brasil, e em nossa terra mesmo, podemos citar às porções. Pois, na oficina tipográfica dos Artífices mostrou-nos o seu dedicado e hábil mestre sr. Euclides Schmidt, trabalhos de um menino que, com quatro meses de aprendizagem, já revela gosto no serviço gráfico e adiantamento no português, havendo até correções dele próprio nas provas. As máquinas são boas, de fácil manejo e fácil adaptação: pode-se fazer ali qualquer trabalho de luxo e de cromia. Desde que se façam as salas próprias para essas oficinas e nelas se distribua convenientemente o material existente, adquirindo-se novas fontes de tipos e mais abundância e se instale nos lugares próprios as máquinas, pode-se afirmar que a Escola terá na sua tipografia uma renda compensadora, ao passo que bons tipógrafos, aptos para todo e qualquer serviço, acharão facilmente colocação fora com as suas cartas de curso.³⁵⁰

Apesar desta “consciência de classe profissional” e da formação técnica dos tipógrafos ter se manifestado anterior a do próprio campo jornalístico, as “lamurias dos tipógrafos” não tiveram fim, a julgar por uma poesia com este nome publicada na *Revista Atualidades*, em

³⁴⁷ Idem.

³⁴⁸ ALMEIDA, Alcides Vieira de. apud LIMA, Jeferson. *Escola Revisitada*. Cf. A NOTÍCIA. 13/10/2002.

³⁴⁹ Foram impressos na Tipografia da Escola de Aprendizes Artífices, entre outras obras, o Regimento Interno do Congresso Representativo do Estado de Santa Catharina (1911); o livro sobre teoria musical de Álvaro Souza, “Dó sostenido não é ré bemol” (1913); os “Apontamentos para a Segunda edição da Chorographia de Santa Catharina. Município de Lages”, de Vieira da Rosa (1915); o relato de Alfredo de Carvalho em sua passagem pelo Estado, em “Uma visita à Santa Catharina, em 1803-1804” (1916); as “Ephemerides catarinenses” (1500-1910), de Lucas Alexandre Boiteux, em 1921; o “Indicador da cidade de Florianópolis, para o ano de 1926”; o “Almanaque da Força Pública”, de 1930; a monografia “São Jose-Palhoca: seus antigos e actuaes limites” (1926), de José Lupércio Lopes; o romance de Mário Costa, “Lágrimas Ocultas”, de 1938 etc. Cf. MATOS, Felipe. *Uma Ilha de Leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros*. Florianópolis: Edufsc, 2008.

³⁵⁰ *Jornal Commercio e Industrial*. 28/10/1921.

1949, assinada por “Tóta”, um tipógrafo arrependido, que de tão maltratado em sua profissão criou aversão a ela:

Tipógrafo nunca mais hei de ser,
Não há salário algum que me seduza,
Prefiro ser soldado ou ser caixeiro
Ou vergar do marujo a dura blusa.

Oh! Vida mais levada da casqueira,
Mas cheia de segredo e de pomada!
Por isto hoje me rio, quando leio
Qualquer tipografia empastelada.

Odeio essa tipada de letrinhas
Que a vista nos estraga sem pesar,
Tenho horror dos pasteis inconscientes
E ao trabalho de pé – para massar.

Com o tal componedor ali, tristonho,
Vergado sobre as caixas de madeira,
Eu pobre tão aflito me mostrava
Como estando com a morte à cabeceira!

Um espaço, um clichê, mais filete,
Os malditos granéis, a impressão
Os cunhos, a escova e a bolandeira,
A pinça – para árdua correção.

Tudo isto ali ouvia indignado,
Compondo e descompondo eternamente
Aqui no original um nome estranho.
Que letra de fazer suar a gente!

Tal é a triste vida do impressor,
Honrosa bem eu sei, mas mui pesada;
Criei tanta aversão que se ali cruza
Já tomo outro lado da calçada³⁵¹.

Uma imagem melancólica das oficinas dos jornais também é construída por Altino Flores, mas não sob o ponto de vista dos tipógrafos e sim do jornalista jovem que se depara com as privações de um antigo intelectual da província, velho e pobre, que passou a residir nas oficinas de um jornal. Era Antero dos Reis Dutra³⁵², cujo primeiro encontro com Altino Flores, em 1906, é narrado em “Do Sonho à Miséria e à Morte”, palestra proferida por Altino

³⁵¹ Revista *Atualidades*, n°5, 1949.

na Academia Catarinense de Letras, em 1970. Certa noite, com Clementino Brito a catar as gralhas das provas, Altino lia seu jornal sentado num sofá quando um homem idoso, pobremente vestido, com os cabelos desalinados e a barba por fazer entrou na sala de redação do jornal *O Dia*. Após as apresentações, os dois conversaram sobre “Miscelânea”, obra que Antero lançou aos sessenta anos, em 1898, que Altino disse possuir um exemplar: “ vaidade...bobagem, dinheiro posto fora”, teria dito Antero, por modéstia ou desencanto. Noutras visitas à redação do jornal Altino ficou sabendo sobre a situação em que se encontrava Antero. Havia passado longos anos no Rio de Janeiro, para onde partiu jovem, trabalhando no comércio. Autodidata, Antero estudava sozinho, à noite, procurando melhorar de vida. Casou, fez versos, lançou “Miscelânea” e enviuvou. Retornou a Florianópolis, onde passou a morar numa casinha simples, alugada ao fim à Rua Conselheiro Mafra, até que suas economias findaram e caiu na indigência. Foi quando Martinho Callado, por intermédio de Clementino Brito, mandou oferecer-lhe abrigo. Antero recusou, mas disse que aceitava um cantinho na oficina de *O Dia*, onde passou a dormir em cima dos fardos de papel e a contar casos sobre pessoas e fatos do passado³⁵³.

3.5. PERDIÇÃO.

O outro lado da moeda de uma profissão que buscava expor virtudes e deslindar defeitos foi a censura e a violência que germinou com o novo regime. Segundo Martins & De Luca, após um pouco mais de um mês da proclamação da república, o Governo Provisório baixou o Decreto Rolha, que autorizava a censura e previa pena militar de sedição para quem escrevesse contra o governo. Entre os signatários deste decreto de ideias pouco republicanas estava nomes como o Marechal Deodoro da Fonseca, Rui Barbosa, “republicanos históricos” como Benjamin Constant e Quintino Bocaiúva e militantes da imprensa, como Aristides Lobo e Campos Salles. Ainda segundo Martins & De Luca, em 1890 um novo decreto restaurou a liberdade de imprensa, mas se tornou letra morta e os empastelamentos de jornais se

³⁵² Antero dos Reis Dutra, nascido no Ribeirão da Ilha, em 1853. Filho de Marcelino Antônio Dutra, o “poeta do brejo”, escritor e político desterrense. Faleceu em 1911. Patrono da Cadeira Nº2 da Academia Catarinense de Letras. Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p.49.

³⁵³ FLORES, Altino. *Do sonho à miséria e à morte – Anthero dos Reis Dutra*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1970.

proliferaram pelo país. Era a República, ávida de progresso, caindo nas contradições da modernidade almejada³⁵⁴.

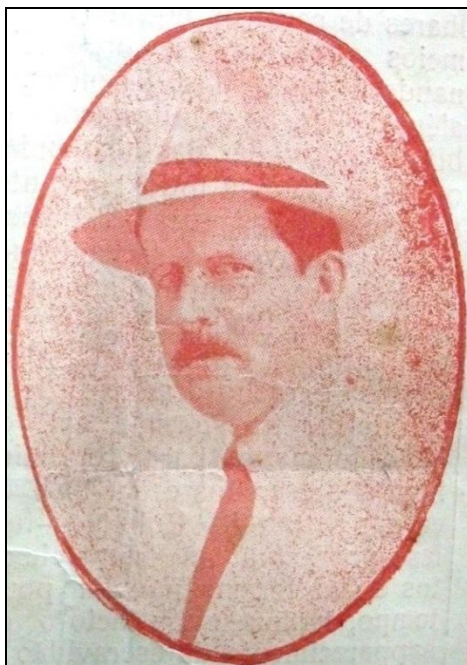


Figura 17 – Jornalista Clementino Britto, 1921.

Fonte: Jornal O Estado, 13/5/1921. Acervo da BPESC.

Em Santa Catarina, o primeiro empastelamento de jornal após a proclamação foi o de *O Estado*, órgão do Partido Federalista, fundado em 1892. Dois anos depois, com a derrocada dos federalistas, o jornal tentou voltar a publicar denunciando o derramamento de sangue dos fuzilados em Anhatomirim. Na madrugada do dia nove para o dia dez de abril de 1894, o jornal foi empastelado por partidários do governo. A perda material foi completa, com Francisco Lira e o tipógrafo Nicolau Vieira refugiando-se no forro da casa para escaparem da fúria da investida³⁵⁵.

Outros casos de violência contra a liberdade de imprensa se sucederam: *O Correio da Manhã*, fundado em 1895, só teve duas edições, sendo empastelado por policiais à paisana

³⁵⁴ MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA, Tânia Regina. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Ed. UNSP, 2006. p.35-36.

³⁵⁵ CALLADO JR., Martinho. A Imprensa Catarinense. Resumo histórico, 1831-1969. In: EL-KHATIB, F (org.). *História de Santa Catarina*. Vol3. Curitiba: Grafipar, 1970. p.136-137. Sobre as imbricações entre política e imprensa no alvorecer republicano catarinense ver LUNARDI, Emy F. *Batalha de Discurso: o advento republicano e a (re)construção da política catarinense nos jornais partidários (1889-1898)*. Dissertação (Mestrado em História), Florianópolis: UFSC, 2009.

após tecer críticas ao governo; *A Gazeta Catarinense*, órgão de oposição, foi empastelado em 19 de setembro de 1910, também por milicianos à paisana³⁵⁶. Em 1923, Altino Flores travou uma polêmica com Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano, por publicar no jornal *O Estado* artigos em homenagem ao centenário de Ernest Renan. Da querela com o Arcebispo nasceram dois opúsculos escritos por Altino – “Pela Memória de Renan” e “O caso Renan e os processos episcopais” – pois o diretor do jornal se recusou a continuar publicando os artigos contra o Arcebispo. A tipografia que publicou os opúsculos – a tipografia elétrica da Livraria Moderna, do italiano Paschoal Simone - foi ameaçada de empastelamento por parte de católicos exaltados. O mais curioso é que embora Florianópolis fosse uma cidade de dimensões pequenas, Altino e Dom Joaquim não se conheciam pessoalmente. Apenas quarenta anos depois, numa solenidade oficial, Dom Joaquim foi apresentado a Altino Flores, a quem teria cumprimentado efusivamente e elogiado pelo estilo da escrita, a propósito de uma crônica de Altino sobre o falecimento do médico Bulcão Vianna³⁵⁷.

Dois outros casos de brutalidade envolvendo personagens da imprensa na Primeira República tornaram-se célebres por sua repercussão e violência. Foram os casos de agressão a Oscar Rosas e Crispim Mira, dois jornalistas “vedetes” da imprensa catarinense, cujo sangue derramado foi utilizado por alguns de seus colegas na construção do discurso da liberdade de imprensa. Desfrutando de grande estima junto ao governador Hercílio Luz, de quem era protegido, Oscar Rosas chegou a ser acusado por seus adversários políticos de ser uma espécie de testa de ferro de Hercílio em supostas negociatas e em perseguições políticas³⁵⁸. Com a doença e morte de seu protetor em 1924, o polêmico Rosas ficou “órfão”. O novo governador, o Cel. Pereira e Oliveira, não era simpático ao grupo de intelectuais ligado ao hercilismo, tanto que patrocinou o Centro Catharinense de Letras em detrimento da Academia Catarinense. As facilidades políticas cessaram, portas se fecharam, antigos inimigos reapareceram. O seu direito à reeleição como deputado foi negado, ficando sem mandato político e sem emprego. Ao sair do Café Java, no centro da cidade, foi abordado na rua por um transeunte pedindo informações. Neste momento foi emboscado por agressores de forma tão rápida que nem conseguiu tirar a arma que costumava carregar consigo para se defender. Comandados pelo capitão Mustafá Ipê Guarani, Rosas foi surrado a bengaladas, que

³⁵⁶Idem. p.137.

³⁵⁷ Jornal *O Estado*, 04/2/1992.

³⁵⁸SOARES, Iaponan. *Virgílio Várzea & Outros*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.p.88-90.

atingiram, sobretudo, sua cabeça, causando traumatismo craniano. Mustafá, dois anos antes, havia sido exonerado da Força Pública e como a publicação do ato de exoneração cabia a Oscar Rosas, foi para ele que recaiu a sua fúria, externada no momento em que o jornalista havia perdido sua “proteção oficial”, pois com a mudança de governo, o agressor havia conseguido retomar seu posto na Força Pública. Sangrando muito, Oscar Rosas conseguiu com dificuldades chegar a sua casa, em São José, onde foi acudido por sua amante, Marieta Müller, sobrinha de Lauro Müller, com quem morava³⁵⁹. O fato, acontecido em 18 de dezembro de 1924, foi narrado em um poema satírico, assinado pelo pseudônimo de “Chico”, atribuído a Ogê Mannebach:

Lá na Rua da República
Perto da confeitaria,
Houve samba ontem à tarde
Que deu grande porcaria

Bengalas grossas no ar!
Pega a unha, mete o dente!
Pistola, trabuco, faca,
Só tinha o correspondente.

Com todo esse arsenal
E com toda a valentia,
O correspondente pimpão
Rumou à Capitania.

Garantias já não tenho!
Fulo na ponta do pé...
Vou-me embora, ele dizia,
Descansar em São José.

E rosnando ia dizendo:
Gosto muito de surrar,
Mas, isso não quer dizer
Que também devo apanhar³⁶⁰.

Tal foi a gravidade de seus ferimentos que Oscar decidiu regressar ao Rio de Janeiro, sendo entregue à família, que morava no subúrbio do Méier, falecendo de septicemia. Ninguém providenciava o seu sepultamento e o corpo já iniciava o processo de putrefação,

³⁵⁹ ALVES, Uelinton Farias. “Três tempos com Oscar Rosas”. In: ROSAS, Oscar. *Poesias, contos, crônicas*. Florianópolis: ACL, 2009. p.56.

³⁶⁰SOARES, Iaponan. *Virgílio Várzea & Outros*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002. p.89. A autoria do poema é atribuída a Ogê Mannebach, segundo ALVES, Uelinton Farias. “Três tempos com Oscar Rosas”. In: ROSAS, Oscar. *Poesias, contos, crônicas*. Florianópolis: ACL, 2009. p.57.

quando o enterro foi pago por Abelardo Luz, filho de Hercílio e padrinho de uma de suas netas, no cemitério de Inhaúma. A desintegração familiar contribuiu para o quase esquecimento de sua figura. Segundo o pesquisador Uelinton Farias Alves, uma das netas, Regina Rosa Campos, após a sua morte jogou no lixo o seu espólio literário.

O caso de Crispim Mira, outro jornalista colaborador hercilista, foi ainda mais rumoroso, pois os desdobramentos ocorreram todos em Florianópolis, envolvendo figuras conhecidas na cidade. Natural de Joinville, filho de comerciantes, Crispim Mira estudou Medicina e advogou como provisionado, mas se realizou como jornalista profissional. Foi redator da *Gazeta de Joinville* e do *Jornal de Joinville*, além de ter feito colaborações esparsas a jornais de outros estados. Em Florianópolis, participou dos jornais *Gazeta Catarinense*, de Hercílio Luz; da *Folha do Comercio*; e escrevia no seu jornal, *Folha Nova*, em 1927, quando sua redação foi invadida por Aécio Lopes, Antônio Selva, Sebastião Coelho e João Pio Pereira. O jornal foi empastelado, Crispim Mira foi chicoteado e tiros foram disparados, um deles com a bala atravessando sua boca. Os agressores foram vistos fugindo em um carro com placa oficial, que os esperava próximo à redação do jornal, na Rua Tiradentes, esquina com Nunes Machado. Pio Lopes era filho de um major e Aécio Lopes, que se casou com uma filha de Antônio Vicente Bulcão Vianna, - deputado e presidente do Partido Republicano Catarinense - era filho de Tito Corrêa Lopes, que vinha sendo denunciado por Crispim Mira nas páginas do jornal *Folha Nova*, por supostas irregularidades na administração da Comissão de Melhoramentos do Porto. Mira foi conduzido ao Hospital de Caridade, falecendo semanas depois, de septicemia.



Figura 18 – Velório de Crispim Mira.

Fonte: Acervo do IHGSC.



Figura 19 – Largo Treze de Maio, cortejo fúnebre de Crispim Mira vindo do Hospital de Caridade.

Fonte: Acervo do IHGSC.

O ato de violência chocou a cidade, repercutindo em diversos estados, inclusive internacionalmente. Pelos cálculos da imprensa, cerca de quatro mil pessoas teriam acompanhado o seu cortejo fúnebre, a partir da ladeira da Rua Menino Deus. Boa parte dos jornais locais deu ampla cobertura ao caso, com os leitores acompanhando desde o relato dos fatos até o desfecho do julgamento dos agressores como quem acompanhava um folhetim. O desembargador Gil Costa, membro da Academia Catarinense de Letras, do qual Crispim tornou-se Patrono da Cadeira nº 05 (postumamente), declarou no Tribunal do Júri que o jornalista nunca havia sido popular, “muito o foi depois de morto, mas já então não era a popularidade, era a glória, a beijar-lhe a mão varonil”³⁶¹. Os jornais construíram uma narrativa heroizante do companheiro de profissão abatido a tiros e chicotadas. *O Pharol*, de Itajaí, o chamou de “o príncipe do jornalismo catarinense”³⁶². Reproduziram-se expressões como “o jornalista mártir”, “o mártir da liberdade de Imprensa” e sua morte adquiriu o sentido de um “sacrifício imolado”³⁶³.



Figura 20 – Cortejo fúnebre de Crispim Mira passando pela Rua Tiradentes, onde ficava a sede do jornal Folha Nova.

³⁶¹ PEREIRA, Francisco José. *As duas mortes de Crispim Mira*. Florianópolis: FCC Edições: Lunardelli, 1992. p.9.

³⁶² *Jornal Folha Nova*, 24/2/1927.

³⁶³ HENTZ, Isabel Cristina. A morte do jornalista mártir: reflexões sobre a repercussão do atentado a Crispim Mira. In: *Revista Santa Catarina em História*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v.2. Nº02, 2008.

O discurso acerca dos acontecimentos ganhou ares de civilização versus barbárie: os agressores, incivilizados, deveriam ter apelado à Lei de Imprensa, em vigor desde 1923³⁶⁴, para se defenderem de eventuais ofensas ou calúnias. Optaram por calar o jornalista – personificação da liberdade de expressão e vigilante da moralidade pública – utilizando a violência. Desde o seu início o julgamento do caso esteve sob suspeita. Todos os acusados – defendidos por Henrique Rupp Jr., advogado, deputado e fundador de jornais como *O Estado* e *A Pátria*³⁶⁵ - foram absolvidos, apesar das reprimendas à impunidade feitas pelas folhas locais. Neste caso, o jornalismo, que tanto havia feito para construir uma representação da República e de seus heróis, foi engolido pelo campo político, sobrando-lhe apenas o que lhe deu sentido, o discurso impresso em suas páginas, degraus galgados por Crispim Mira em sua ascensão à escada de Jacó.

³⁶⁴Decreto n.º 4743, de 31 de outubro de 1923: regula a liberdade de imprensa e dá outras providências. ficou conhecido como a Lei Adolfo Gordo, referência ao seu relator no Senado. Versava, entre outras coisas, sobre a prisão de jornalistas infratores e as penas e responsabilidades ao qual estavam sujeitos. Cf. ALVES, Francisco das Neves. “Legislação Brasileira de Imprensa (1823-1923): um catálogo de leis”. In: *Revista Biblos*. Rio Grande, 11: 89-93, 1999.

³⁶⁵PIAZZA, W. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: ALESC, 1985. p.504.

CAPÍTULO 04 - Impressos da Província: Produção, Circulação, Segmentação.

‘Publicar um livro!’ – é o sonho de todos os adolescentes, e até de todos os homens maduros, nesta harmoniosa terra em que todos os sabiás são poetas e todos os homens são sabiás.³⁶⁶

A epígrafe de Olavo Bilac refere-se aos literatos de seu tempo que, deslumbrados pela aparente prosperidade da imprensa, foram acometidos por certo vício, o vício literário, que na visão do escritor era verdadeira mania e doença dos que pretendiam fazer literatura em tudo e a propósito de tudo, em todas as classes e profissões, nos noticiários, nos anúncios, nas mensagens presidenciais, nos códices de farmácia, nos envelopes de bala. Tais autores editavam seus próprios livros e distribuíam parte aos amigos enquanto o resto era devorado por traças ou usado para embrulhar manteiga. O texto de Bilac, assim como deixa implícito a proliferação dos impressos, das gráficas, dos jornais, revistas e livros, estabelece uma distinção entre os “verdadeiros” homens de letras e incômodos literatos viciosos. Numa sociedade onde a literatura tornava-se um fenômeno mais acessível, exposta a uma opinião pública emergente que não apenas consumia cultura impressa como se apresentava disposta a participar do debate - produzindo literatura ou emitindo opinião - as querelas envolvendo grupos distintos em busca do *status* obtido na esfera cultural expõem as fissuras do campo.

No Brasil, desde o século XIX autores como Machado de Assis, Sílvio Romero, José Veríssimo, Araripe Júnior, cada qual com sua visão, se esforçaram na criação de uma crítica literária brasileira, bem como uma literatura nacional, original, autônoma, ao determinar os objetivos da crítica e estabelecer definições e caracterizações para uma literatura brasileira³⁶⁷. No mesmo período, em 1897, surgia a Academia Brasileira de Letras como indício da afirmação profissional do crítico e do escritor, com obrigações estatutárias com vistas ao

³⁶⁶ BILAC, Olavo. O Vício Literário (1905). In: *Ironia e piedade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926 [1ª ed.: 1916], p.187-192.

³⁶⁷ FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. Os contrabandistas do pensamento – Impasses da crítica literária brasileira no final do Século XIX. In: *Revista Letras*, Curitiba, n. 55, jan./jun. 2001. Editora da UFPR, p. 29-54.

cultivo das Letras e à preservação da Língua Portuguesa. A Academia apresentava-se como um salão de boas maneiras e de convívio entre confrades que ansiavam por reconhecimento oficial, compartilhavam da “elite literária” brasileira e produziam “alta cultura” de forma polida e regrada, embora apresentasse em seu interior divisões e disputas políticas³⁶⁸. Bilac, jornalista e “príncipe dos poetas brasileiros”³⁶⁹, parnasiano e defensor da “última flor do Lácio” esteve entre os fundadores desta Academia de “homens cordiais” cuja geração transformou o fazer literário em profissão, culto, sacerdócio³⁷⁰, mas também em força política, de distinção, *status*, construção e destruição de reputações, um campo de poder e disputas.

Protesto da mesma natureza desta epígrafe de Bilac – distinção, elite literária, alta cultura, autoafirmação - reverberou em Santa Catarina na pena de Altino Flores, expressiva voz crítica nas décadas iniciais da Primeira República em Florianópolis. Ao ocupar cinco páginas do quinzenário *Santelmo*, que Lucas Bainha editava em Laguna, em 1922, Altino afirmou que não bastava aos literatos querer para ser célebre. Era necessário que “o candidato ao triunfo junte à vontade impulsiva a capacidade natural”, sendo poucos os que detinham tal capacidade na “nova geração catarinense”. Não bastaria a fugaz travessia do jornalismo, pois “só o livro fixa o renome de um autor”³⁷¹.

No texto, recheado de polêmica, Altino Flores de uma só vez rechaçava o que considera subliteratos, afirmava haver poucos bons autores em Santa Catarina e a despeito da proliferação de jornais e revistas, só o livro era capaz de fixar o prestígio de um autor. Os poucos bons nomes a que se referia, “contentam-se em semear artigos, esboços, crônicas. Eram talentos que se fragmentam, como diamantes que se pulverizam”³⁷². Para Altino, os jornais e revistas catarinenses não tinham “influência nenhuma, não tem alcance, e, por conseguinte, estão fadados a uma vida efêmera, sem reflexos nem repercussões no futuro incerto”³⁷³. Em resumo, para o crítico, os periódicos locais, quando sobreviviam à primeira dentição, estariam presos à fronteira do local, eram efêmeros e pouco expressivos, embora existissem alguns bons nomes perdidos em suas páginas.

³⁶⁸ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

³⁶⁹ Título lhe outorgado pela revista *Fon-Fon*, em 1907.

³⁷⁰ BILAC, Olavo. “Sobre a minha geração literária”. In: *Últimas conferências e discursos*. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1924, p. 78-79.

³⁷¹ Revista *Santelmo*, Nº9, Itajaí, 1º março de 1922, p.4.

³⁷² *Idem*.

³⁷³ *Ibidem*.

A despeito do que escreveu, o próprio Altino Flores foi um autor que pulverizou grande parte de sua produção nos periódicos locais. Sempre preocupado em distinguir-se dos “subliteratos”, o discurso elitista e crítico de Altino dissimula a real importância dos periódicos para a geração a qual pertenceu e que se fez presente nas páginas de jornais e revistas, atuando significativamente no incipiente mercado das letras de Florianópolis da Primeira República. Se, para Altino, havia poucos literatos dignos de assim serem chamados, ao seu redor e sob o signo das mudanças urbanas executadas a partir das primeiras décadas da República, o que se viu foi um crescimento das articulações entre a vida na cidade e a cultura letrada, a difusão da cultura impressa na ilha e a aproximação da comunidade de leitores com os impressos. Embora esse crescimento deva ser relativizado quando comparado a centros de maior expressão econômica e populacional, é possível evidenciar as transformações da vida urbana na capital com uma maior diversificação de suas atividades culturais e uma ampliação do mercado e do público consumidor de produtos impressos³⁷⁴, a julgar pela quantidade e variedade de obras circulantes.

Como se demonstrou nos capítulos anteriores, o grupo de intelectuais em que Altino estava inscrito – a “Geração da Academia” – se desenvolveu junto ao crescimento do mercado de impressos, pois seu movimento de “efervescência” se deu entre “jovens” ligados quase sempre ao jornalismo³⁷⁵, com a inserção nos meios de difusão da cultura impressa servindo de alavanca de ascensão social, da respeitabilidade pública e incorporação aos centros de poder. Num ambiente onde o jornalismo profissional tinha espaços restritos a um número reduzido de postos de trabalho oferecidos pela imprensa diária, os periódicos ofereceram páginas em branco a serem preenchidas por uma variedade um pouco maior de colaboradores pontuais. Esses novos espaços se inserem no campo dinâmico de disputa pela afirmação no campo intelectual e vozes antes ausentes dos circuitos de produção e difusão da cultura impressa conquistam um canal de expressão, sobretudo em jornais e revistas, por serem meios mais acessíveis tanto para a sua produção quanto comercialização, quando comparados aos livros.

³⁷⁴ Sobre a emergência da comunidade de leitores e da circulação de impressos na cidade ver MATOS, Felipe. *Uma Ilha de Leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros*. Florianópolis: Edufsc, 2008; e, MATOS, Felipe. *Sob os auspícios da Livraria Rosa: redutos literários e circulação de cultura letrada em Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

³⁷⁵ Entre os fundadores da ACL, muitos eram jornalistas ou exerceram atividades na imprensa em algum período de sua trajetória intelectual: Altino Flores, Haroldo Callado, Diniz Júnior, Clementino de Brito, Laércio Caldeira de Andrade, Gustavo Neves, Oscar Rosas, Tito Carvalho, entre outros.

A responder demandas colocadas pelo desenvolvimento do comércio, da burocracia pública e da difusão das letras na vida cotidiana, as tipografias de Florianópolis imprimiram uma grande variedade de materiais, de jornais, opúsculos, brochuras, impressos oficiais e edições de ficção, às revistas e almanaques, que ganharam um espaço crescente na pauta de publicações locais, aproximando a imprensa de folhas e revistas, o jornalismo e as letras, do cotidiano da vida urbana³⁷⁶. Para Ana Luiza Martins, a Primeira República foi o período da emergência do periodismo no Brasil, com os impressos se colocando como veículo da difusão da leitura, de conhecimentos, da propaganda e publicidade³⁷⁷. A autora lista algumas características do gênero que garantiram a sua abrangência e a sua propagação em diversos pontos do país: o caráter ligeiro, a fácil impressão, o custo baixo, ser um suporte adequado para a propaganda e a publicidade, passível de reunir vários assuntos numa só publicação e se apresentar de forma lúdica, em razão das possibilidades de ilustração³⁷⁸. A profusão de títulos, com as mais variadas temáticas, demonstra um surto de periodismo no país no início do século XX, transformando as revistas em *locus* privilegiado para a análise historiográfica, embora se apresentem como uma “cilada documental”: ao permitir o registro do passado de uma forma múltipla – do textual ao iconográfico, do extratextual à segmentação do perfil de proprietários, produtores e consumidores – os periódicos “refletem imagens falsas, imagens de superfície, que requerem investigação e decodificação”³⁷⁹.

A análise historiográfica não deve deixar de levar em consideração os variados capitais envolvidos na produção dos periódicos e ter a consciência de que esses impressos não são janelas para o seu tempo, mas demonstram apenas uma leitura fragmentada e seletiva da conjuntura de sua publicação. Tânia de Luca reforçar a concepção dos periódicos como espaço de representação e visibilidade de grupos, ao salientar que,

de fato, os jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita³⁸⁰.

³⁷⁶ Ver anexos IV, V e VI.

³⁷⁷ MARTINS, Ana Luiza. “Revistas na emergência da grande imprensa: entre prática e representações (1890-1930)”. In: ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Néelson. *Cultura letrada no Brasil*. Objetos e Práticas. São Paulo: Mercado das Letras; Campinas: ALB, FAPESP, 2005. p. 247.

³⁷⁸ Idem. p.247-249.

³⁷⁹ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: FAPESP: EDUSP: IOESP, 2001.p.21

³⁸⁰ LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.140.

Os periódicos são espaços de representação de grupos, onde seus produtores buscavam desempenhar um papel que os tornava socialmente mais visíveis: atores do debate público, o escritor como intelectual a desempenhar seu dever cívico, consciência e intérpretes de seu tempo, sobretudo nas revistas literárias e culturais, complementos de suas atuações em academias, jornais, centros cívicos, ambientes que faziam brotar e/ou reforçavam sua autoridade e canonização intelectual³⁸¹. A representação destes intelectuais - consagrados pela constante exposição de seus nomes e suas produções nas páginas dos impressos que produziam - torna-se um exercício de poder, uma dominação simbólica dentro de um imaginário coletivo.

4.1. CIRCULAÇÃO DE PERIÓDICOS

Em Florianópolis, os periódicos são constantemente mencionados nos poucos relatos disponíveis das leituras de formação de seus intelectuais. Santos Lostada possuía em sua biblioteca particular uma coleção da *Revue des Deux Mondes*³⁸², também citada na biografia de Francisco Tolentino³⁸³ elaborada por Renato Barbosa³⁸⁴. A revista francesa, fundada em 1829 e que tinha entre seus leitores famosos no Brasil Dom Pedro II, trouxe desde o seu título a tentativa de intermediação entre o “velho” e o “novo”, o “civilizado” (a França) e o “outro” (os povos estrangeiros visitados pelos colaboradores da *Revue* no restante do mundo), tendo sido consagrada pela crítica como uma revista de qualidade superior, um ícone do saber, representativa do que melhor havia no gênero em circulação no país³⁸⁵:

Sua configuração sólida, quase um livro, recheada de compenetrados artigos de gama diversificada de autores europeus, transformou-se em ícone do saber superior e elitizado, conferindo a seu possuidor e/ou assinante a aura de leitor informado, atualizado. O Brasil fora seu mercado promissor, sobretudo no Império. Embora na República já a substituíssem por outros

³⁸¹ ALTAMIRANO, Carlos. “Introducción al volumen II. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano”. In: ALTAMIRANO, C. (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina. II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Buenos Aires: Editorial Katz, 2010. p.9-11.

³⁸² NEVES, Gustavo. *Santos Lostada*. Porto Alegre: Edições Flama, 1971. p.25.

³⁸³ Francisco Tolentino Vieira de Sousa. Nasceu em São José, em 1845. Jornalista e diretor da Gazeta do Sul, ao lado de Tito Carvalho. Foi advogado de Hercílio Luz, Santos Lostada e Bonifácio Cunha. Foi quatro vezes deputado estadual, quatro vezes deputado federal e um dos signatários da primeira Carta Constituinte do Estado, em 1891. Faleceu em 1904, tendo seu nome lembrado como Patrono da Cadeira nº13 da Academia Catarinense de Letras. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p.84.

³⁸⁴ BARBOSA, Renato. *Francisco Tolentino e sua época*. Florianópolis: ALESC, 1984. p. 15.

³⁸⁵ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: FAPESP: EDUSP: IOESP, 2001.p.75-77.

títulos do periodismo europeu; até porque o sucesso das revistas ilustradas, não obstante o escopo diverso, desencadeou séria concorrência, que acabou por abalar seu consumo no Brasil³⁸⁶.

Tanto na biografia de Santos Lostada³⁸⁷ quanto na de Francisco Tolentino³⁸⁸ encontra-se menção a circulação, no século XIX, em Florianópolis, do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, periódico também citado por Altino Flores em discurso pronunciado por ocasião do IX Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em Florianópolis em 11 de setembro de 1940, representando a Academia Catarinense de Letras:

Constituía-se sempre um acontecimento literário a chegada, a cada ano, do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Era anunciado pela imprensa em letras gordas: “Chegaram os Almanques de Lembranças Luso-Brasileiro para 1874 – à loja do Constantino Ferraz”. (Constantino Ferraz Pinto de Sá tinha loja de ferragens à Rua do Príncipe, n.30, às vezes comprava escravos para enviar à Corte)³⁸⁹.

No século XIX, uma série de empreendimentos literários abarcaram Portugal e Brasil numa tentativa de “panlusismo” nem sempre exitosa³⁹⁰. Tais periódicos buscavam popularizar a leitura e facilitar o acesso às notícias e à produção artística de portugueses e brasileiros. O fundador do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, Alexandre Magno de Castilho, considerava o seu periódico uma livraria em miniatura, com o propósito de fornecer “às classes, profissões e idades pouco instruídas, e que nada lêem, e que pouco sabem”, noções gerais do que lhes conviria saber, segundo a orientação de seu fundador, um almanaque para popularização do conhecimento e da literatura produzida nos dois países³⁹¹. Foi tão popular em Nossa Senhora do Desterro que foi distribuído em escola de instrução primária como prêmio aos melhores alunos da classe³⁹².

Alguns nomes da intelectualidade local foram colaboradores de revistas produzidas em outros Estados, demonstrando possuírem um campo de atuação que ultrapassavam os limites

³⁸⁶ Idem, p.75.

³⁸⁷ NEVES, Gustavo. *Santos Lostada*. Porto Alegre: Edições Flama, 1971. p.14.

³⁸⁸ BARBOSA, Renato. *Francisco Tolentino e sua época*. Florianópolis: ALESC, 1984. p.29.

³⁸⁹ FLORES, Altino. *Textos Críticos*. Florianópolis: A.C.L., 2006. p.206.

³⁹⁰ Cita-se, por exemplo, *A Ilustração Luso-Brasileira* (1856-1859); *Os Dois Mundos: Ilustração para Portugal e Brasil* (1877-1881); *A Ilustração: Revista Quinzenal para Portugal e Brasil* (1884-1892); *A Ilustração de Portugal e Brasil: Semanário Científico, Literário e Artístico* (1885); e *A Revista: Ilustração Luso-Brasileira* (1893). Cf. PÓVOAS, Mauro Nicola. “Um projeto para dois mundos: as ilustrações luso-brasileiras”. In: SIMÕES JR., Álvaro S.; CAIRO, Luiz R. & RAPUCCI, Cleide A. (orgs.) *Intelectuais e Imprensa*. Aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009. p.54.

³⁹¹ CHAVES, Vania Pinheiro. “A homenagem do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro a Machado de Assis por ocasião do seu falecimento”. In: *Navegações*. Revista de Cultura e Literaturas em Língua Portuguesa. V.2, n.1, jan./jun. 2009, p.57.

³⁹² *Jornal O Argos da Provincia de Santa Catharina*, n°228, 29/12/1857, p.1.

geográficos da província. No século XIX Duarte Schutel³⁹³ foi colaborador da *Revista Popular*, quinzenário editado pela Livraria Garnier no Rio de Janeiro, que reunia nomes como Alexandre Herculano, Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo e outros. Além de poesias, Schutel publicou na revista o folhetim “A Massambu”, entre novembro de 1860 a maio de 1861³⁹⁴. Horácio Nunes publicou nas *Folhinhas Laemmert*, do Rio de Janeiro, uma série de peças teatrais de sua autoria³⁹⁵. Já no século XX, Othon d’Eça publicou o conto “A penhora do João Saibro”, na *Revista do Brasil* (nº106, vol. XXVI, Ano IX, Outubro de 1924), por iniciativa de Monteiro Lobato, aparecendo na revista logo após três poemas modernistas de Oswald de Andrade³⁹⁶. No início da década de 1930, Maura de Senna Pereira, já empossada como imortal da Academia Catarinense de Letras, publicou o poema “Ilha Verde” na revista carioca *Fon-Fon*³⁹⁷, para citar apenas alguns exemplos. Os irmãos Boiteux foram pródigos em colaborações em periódicos de outras cidades, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo. No acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina há diversos exemplos dos materiais de fora da província que recebiam e liam (*Careta, Fon-fon, A.B.C., A Barra, Caras y Caretas, Commercio e Indústria, O Parafuso, As Vozes de Petrópolis...*), além de revistas que se tornaram colaboradores (*Revista Brasileira de Panificação, Revista Santa Cruz* etc.).

Nas livrarias e demais pontos de comercialização de impressos em Florianópolis os periódicos também tiveram vaga cativa. A Livraria Moderna, do italiano Paschoal Simone, era depositária de uma série de publicações, como a *Revista Jurídica*, editada no Rio de Janeiro por Rodrigo Octávio, Paulo Domingues Vianna e Rodrigo Octavio Filho³⁹⁸; além das populares *Eu sei tudo, Revista da Semana, A.B.C. e Para todos*³⁹⁹.

³⁹³ Duarte Paranhos Schutel. Nasceu em Desterro em 1837. Foi médico, deputado em várias legislaturas e jornalista. Membro do Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro e da Academia Filosófica do Rio de Janeiro. Patrono da Cadeira nº 7 da Academia Catarinense de Letras. Faleceu em 1901. Cf. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990. p.67.

³⁹⁴ SOARES, Iaponan. *Virgílio Várzea & Outros*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002. p.121-126.

³⁹⁵ Idem. p.156.

³⁹⁶ D’EÇA, Othon. *Vindita Braba*. Florianópolis: FCC Edições: FBB: Ed. da UFSC, 1992, p.19.

³⁹⁷ BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira. Florianópolis: ACL, 1993. p.43.

³⁹⁸ Jornal *O Aliado*, Florianópolis, 02/3/1916.

³⁹⁹ Jornal *Terra Livre*, Florianópolis, 16/1/1919.

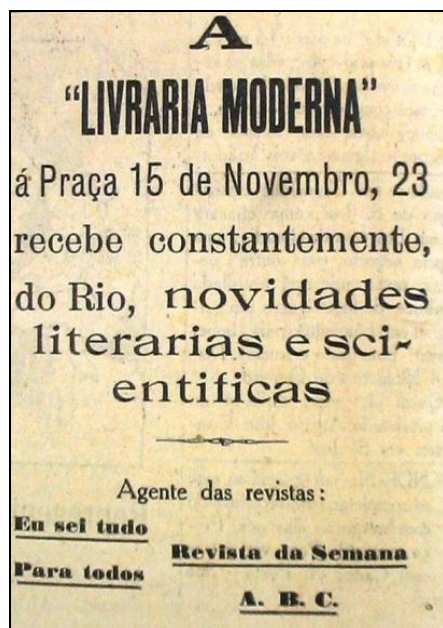


Figura 21 – Anúncio da Livraria Moderna com propaganda de revistas.

Fonte: Jornal Terra Livre, 16 de Janeiro de 1919/Acervo da BPESC.

A Livraria Central, do alemão Alberto Entres, também recebia semanalmente as últimas novidades publicadas e especialmente a partir dos anos 1930 seus anúncios publicitários passaram a divulgar uma grande variedade de revistas de circulação nacional como *Vida Doméstica*, *Ilustração Brasileira*, *Chácaras e Quintaes*, *Cinelândia*, *A Casa*, *Boletim de Ariel*, *Cinearte*, *O Malho*, *A Careta* e *Tico-Tico*, além de publicações femininas como *Moda e Bordado*, *Arte de Bordar*, *Jornal das Moças* e periódicos importados como *Modenschau*, *Record*, *Wienerin*, *Distinction*, *Deutsche Modenzeitung*, *Grande Revue des Modes*, *La Parisienne*, *L'Enfant*, *Lingerie Moderne*, *Revue Parisienne*, *Elite*, *Saison Parisienne*, *Smart*, *Star* entre outros⁴⁰⁰.

⁴⁰⁰*Guia do Estado de Santa Catharina - chorographico, commercial e industrial*. Editado por Alberto Entres. Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1935.



Figura 22 – Anúncio do Salão Beck.

Fonte: Jornal O Tempo, 14 de Janeiro de 1925/Acervo da BPESC.

Um dos pontos de referência na comercialização de periódicos em Florianópolis na Primeira República foi o Salão Beck, na Rua Felipe Schmidt, sob a gerência de Gil Amadeu Beck, “agência de jornais, revistas, rápidos e figurinos”⁴⁰¹ onde políticos da cidade se encontravam para engraxar os sapatos, comprar, ler e debater assuntos dos jornais e revistas comercializados no salão⁴⁰². Na década de 1920 passou a ser propriedade de Orlando Simas, que manteve seu nome original. Do Rio de Janeiro o Salão Beck recebia os jornais *A Noite*, *A Vanguarda*, *A Pátria*, *O Imparcial*, *O Brasil*, as revistas *De Tudo*, *Fon-Fon*, *Selecta*, *Careta*, *Idêa Illustrada*, *Radiê*, *Jornal das Moças*, *A Casa*, *Revista dos Grandes Hotéis*, *Novidades*, *O Brasil Social* e *A Maçã*. Dos periódicos editados em São Paulo, o salão comercializava o jornal *O Estado de São Paulo* e as revistas *A Cigarra* e *Revista Feminina*⁴⁰³. Ainda na década de 1920 houve também o Salão Progresso de Artur Beck, à Praça XV de Novembro, depositário de jornais e revistas como *Cinearte*⁴⁰⁴ e publicações locais como o *Indicador da Cidade de Florianópolis*⁴⁰⁵. Havia ainda estabelecimentos de outros Estados que disponibilizavam publicações por reembolso postal, como a Livraria Odeon, do Rio de Janeiro, que publicava nas páginas dos jornais florianopolitanos anúncios de “jornais, revistas, livros, figurinos de modas, figurinos de trabalhos para senhoras e senhoritas”⁴⁰⁶ etc.

⁴⁰¹ Jornal *O Tempo*, Florianópolis, 14/1/1925.

⁴⁰² Jornal *A Semana*, Florianópolis, 14/11/1914.

⁴⁰³ Jornal *O Tempo*, Florianópolis, 07/1/1925.

⁴⁰⁴ Jornal *O Estado*, Florianópolis, 07/9/1926.

⁴⁰⁵ Idem.

⁴⁰⁶ Jornal *Commercio e Industrial*, Florianópolis. 28/12/1921.

O contato e a colaboração, ainda que pontual, de literatos da terra com o mundo de impressos circulante nas principais cidades do país é outro sinal de que o discurso de isolamento cultural é frágil historicamente, a não ser no campo das representações. O que deve ficar claro é a distância entre as práticas culturais do período e os discursos e apropriações elaborados por diferentes atores. Tais discursos foram dados a ler em momentos distintos, sendo necessário se recuperar como foram construídas estas formas de leitura da época⁴⁰⁷. As representações não deixam de ser uma dimensão do real e são possibilidades que devem ser levadas em consideração, mas devem ser compreendidas em torno das questões que envolvem o poder e as linguagens, não excluindo as práticas sociais desta análise e nem menosprezando os interesses que envolvem as construções das representações.

4.2. ALMANAQUES, ANUÁRIOS E GUIAS.

Além das revistas de outras localidades circulantes, um bom número de periódicos foram impressos em Florianópolis durante a Primeira República. Com a proliferação de tipografias em Florianópolis especialmente a partir do final do século XIX⁴⁰⁸, os periódicos se impuseram como materiais recorrentes produzidos nas casas tipográficas locais, sendo os almanaques um dos gêneros constantemente editados. No Brasil, em especial na capital federal, os almanaques tinham grande aceitação, vinculados a uma tradição europeia de consumo desses impressos:

De ampla tradição na cultura letrada europeia, em suas origens estreitamente vinculado às necessidades das atividades mercantis, trazendo, além de calendário, informações gerais sobre importações e exportações, impostos e taxas, horários de trens, tabelas de conversão de preços e medidas, repartições públicas e atos administrativos, os almanaques foram paulatinamente assumindo uma feição mais generalizada e amena, incorporando de forma crescente conteúdos lúdicos e de entretenimento⁴⁰⁹.

Os almanaques foram ferramentas para a organização da vida cotidiana trazendo desde a apresentação de um calendário anual, das fases da lua, da tábua de mares, a informações úteis para o ordenamento das atividades, com indicações de horários de trens, navios, casas

⁴⁰⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. p.17-20.

⁴⁰⁸ Ver MATOS, Felipe. *Uma Ilha de Leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros*. Florianópolis: Edufsc, 2008.

⁴⁰⁹ CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: Educ: Fapesp, 2000.p.84.

comerciais. O incremento com dicas de civilidade, provérbios, anedotas, literatura e artigos diversos demonstram que o gênero traz consigo a ideia de compilação de saberes destinado a um público amplo e que nem sempre possui acesso a outras leituras, tornando-se também num diluidor de conhecimentos:

No caso do Brasil, pode-se mesmo falar no aspecto civilizador dos almanaques, do que representaram chegando aos mais distantes serões, aos povoados mais afastados, e mesmo nas cidades, numa integração de domínios rurais e urbanos, transitando entre classes sociais, exercendo a aproximação efetiva de repertórios⁴¹⁰.

Em Santa Catarina, comunidades colonizadas por imigrantes europeus mantiveram a tradição de consumo desses periódicos. Em Blumenau, colônia alemã fundada em 1850, casas comerciais como as de Carl Wahle, Gustav Arthur Kehler, Starke & Co., Eugen Currilin, entre outras da região, ofereciam revistas e livros em língua alemã e entre 1900 a 1914 há notícias de ao menos dois almanaques publicados na cidade, o *Der Urwaldsbote*, publicado em 1900 por ocasião do cinquentenário da colônia; e, o *Blumenau's illustrierter Familien-Kalenderfür das Jahr 1914*, publicado pela Tipografia Baumgarten, trazendo em suas páginas literatura e curiosidade, com artigos sobre pecuária, agricultura, indústria, história, transporte, educação, saúde, alimentação na infância, entre outros⁴¹¹.

Em Florianópolis, o mais antigo almanaque encontrado nos acervos pesquisados é o *Almanach Catharinense* (1896), no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, em exemplar encadernado sem capa e sem folha de rosto, mas sabe-se que foi organizado por José Boiteux e Thiago da Fonseca⁴¹². O almanaque abre com uma “explicação preliminar” que explicita suas intenções: suprir a lacuna na comercialização deste gênero de periódicos, apresentando-o como útil ao progresso do estado, ao bem público, ao melhoramento intelectual:

Com o presente volume vimos preencher uma lacuna bastante sensível e realizar um melhoramento pelo qual todos ansiavam. A falta de um Almanaque estatístico do Estado, no qual se agrupasse o maior número possível de informações úteis, clamava, certo, pela realização do *desideratum* que obtivemos, publicando, através mil obstáculos, se não uma

⁴¹⁰ FERREIRA, Jerusa Pires. “Almanaque”. In: MEYER, Marlise (org.). *Do Almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p.20.

⁴¹¹ FROTSCHER, Méri. “Almanaques e revistas publicados em alemão em Blumenau entre 1900 e 1965”. In: *Blumenau em cadernos*. Tomo XLV, nº7/8, jul./Ago. 2004. p.96-113.

⁴¹² Joaquim Thiago da Fonseca. Advogado e jornalista natural de Pernambuco e radicado em Florianópolis. Foi redator do jornal O Dia e Procurador do Estado. GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990.p.119.

obra perfeita ao menos um repositório de indicações importantes ao lado da literatura agradável, grupando-se assim o *utile* ao *dulce*.⁴¹³

O almanaque apresenta calendário, dados cronológicos, seção comercial (de anúncios), de estatística, história e literária. Para a parte “literária e instrutiva”, os editores enviaram correspondência para diversos literatos do país solicitando colaborações. Dentro os autores há texto de Josephina Alvares de Azevedo, uma das expoentes da literatura feminina nos periódicos brasileiros e redatora do periódico *A Família*, no Rio de Janeiro⁴¹⁴; dos catarinenses Horácio Nunes e Thiago da Fonseca; e, do padre José Joaquim Correia de Almeida, de Barbacena, Minas Gerais, poeta satírico que enviou um pequeno poema celebrando a iniciativa:

Vai o Estado de Santa Catharina
Publicar almanach noticioso,
E eu, na penúria de estro harmonioso,
Concorro com amostra pequenina.

Falta-me a frase doce e genuína
De um bom poeta e enveja-lhes esses gozos
Nem levo a mal que seja rigoroso
O censor que meus versos examina.

Mas, porque se me pede um contingente,
Não devo recusá-lo à boa gente
Que se dignou de honrar-me de tão longe.

E, ainda, que no estilo retrograde,
Direi, sem ofender freira nem frade,
Que só na bernardice é que eu sou monge⁴¹⁵.

⁴¹³ *Almanach Catharinense*, Florianópolis: [s/ed.], 1896.

⁴¹⁴ Ver OLIVEIRA, Karine da Rocha. *Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

⁴¹⁵ *Almanach Catharinense*, Florianópolis: [s/ed.], 1896.. p.154.

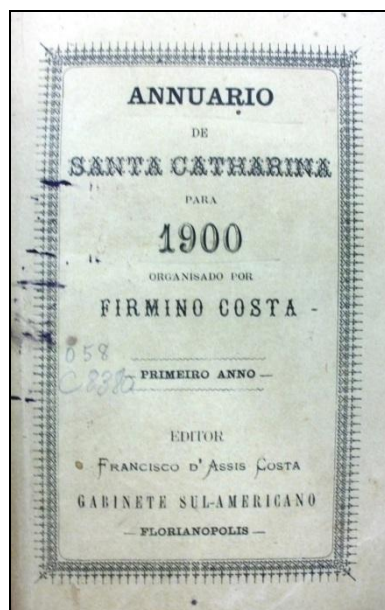


Figura 23 – Capa do “Anuário de Santa Catharina para 1900”.

Fonte: Acervo da BPESC.

O *Almanach Catharinense* não teve continuidade e uma nova publicação do gênero surgiu quatro anos depois com o *Annuario de Santa Catharina para 1900*, organizado por Firmino Costa, editado por Francisco d'Assis Costa e impresso na tipografia do Gabinete Sul-Americano, em 1899. Comercializado em vários pontos do Estado⁴¹⁶ e em diversas casas comerciais em Florianópolis⁴¹⁷, o texto de apresentação da publicação também apelava ao civismo e a “nobreza” da iniciativa de se lançar um anuário que eu não visava lucros, mas o engrandecimento da terra catarinense, superando as dificuldades do trabalho: “Ajude-nos, pois a generosidade pública protelam-nos os que amam a terra catarinense, e o Anuário aparecerá trajando sempre novas vestes, sempre em gala, impondo-se, dia a dia, como uma publicação útil e necessária”⁴¹⁸.

Na parte literária há contribuições de nomes que se tornaram patronos ou titulares da Academia Catarinense de Letras como Delminda Silveira (Titular da Cadeira nº 10), Antero

⁴¹⁶ Possuía agentes nos municípios de Laguna, São José, Itajaí, Blumenau, Lages, Brusque, Tijucas, Nova Trento, Jaguaruna, Camboriú, Araranguá, Orleans, Urussanga e fora do estado nas cidades de Rio Grade, Pelotas, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Curitiba.

⁴¹⁷ À venda em Florianópolis na Livraria Moderna, na Charutaria Linhares e nas casas comerciais de Anastácio Silveira de Souza, Antônio Venâncio da Costa, Moellmann & Filho, J. Gandra & Cia., e na Casa Brazil.

⁴¹⁸ *Annuario de Santa Catharina para 1900, com traços biographicos do illustrecatharinense Feliciano Nunes Pires, enriquecido com escolhida parte litteraria, anedoctas e muitas materias de utilidade publica, organizado por Firmino Costa - primeiro anno*. Florianópolis: Gabinete Sul-Americano [editor: Francisco d'Assis Costa], [1899]. 122p.

dos Reis Dutra (Patrono da Cadeira nº 2), Lucas Boiteux (Titular da Cadeira nº 30) e Araújo Figueredo (Titular da Cadeira nº7). No ano seguinte lançou-se o segundo e último número do anuário publicado pelo Gabinete Sul-Americano, o *Annuario de Santa Catharina para 1901*⁴¹⁹, nos mesmos moldes da edição anterior, somando-se ao rol de colaboradores que se tornaram acadêmicos o nome de Henrique Boiteux, titular da Cadeira nº 31.

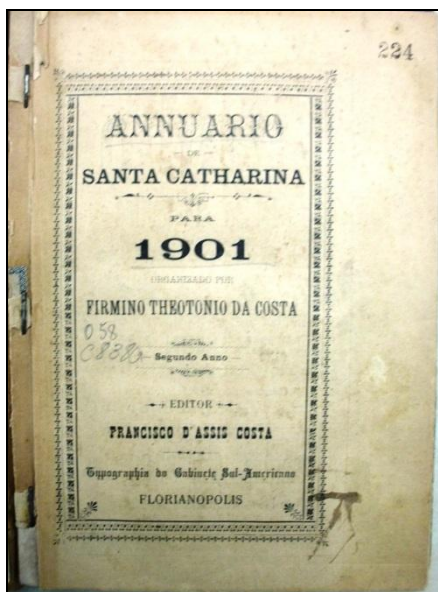


Figura 24 – Capa do “Anuário de Santa Catharina para 1901”.

Fonte: Acervo da BPESC.

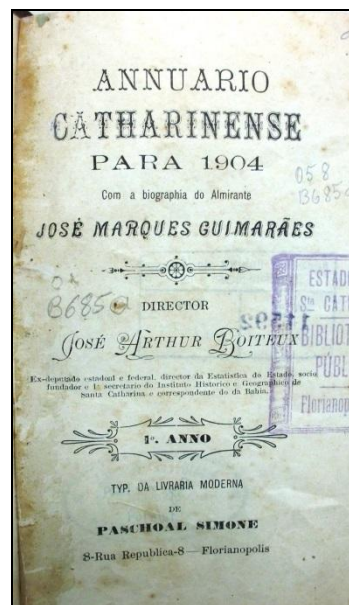


Figura 25 – Capa do “Anuário Catharinense para 1904”.

Fonte: Acervo da BPESC.

Um novo anuário catarinense voltou a ser publicado em 1904, desta vez impresso na tipografia da Livraria Moderna e com a direção de José Boiteux, em sua segunda tentativa “no sentido de dotar o meu estado natal com um Anuário”⁴²⁰, já que havia fracassado o seu esforço de dar continuidade ao *Almanach Catharinense* lançado em 1896 em parceria com Thiago da Fonseca. O editor, Paschoal Simone, proprietário da Livraria Moderna, escreveu

⁴¹⁹ *Annuario de Santa Catharina para 1901, com o retrato e traços biographicos da heroína Annita Garibaldi, enriquecido com escolhida parte litteraria, anedoctas e muitas materias de utilidade publica; organizado por Firmino Theotonio da Costa - segundo anno.* Florianópolis: Typographia do Gabinete Sul Americano [editor: Francisco d'Assis Costa], [1900]. 189p.

⁴²⁰ BOITEUX, J. “Duas Palavras”. In: *Annuario Catharinense para 1904, com a biographia do almirante José Marques Guimarães - 1.º anno.* Florianópolis: Typ. da Livraria Moderna de Paschoal Simone, [1904].

palavras de agradecimento aos comerciantes locais, cuja profusão de anúncios tornou possível a publicação da obra⁴²¹.

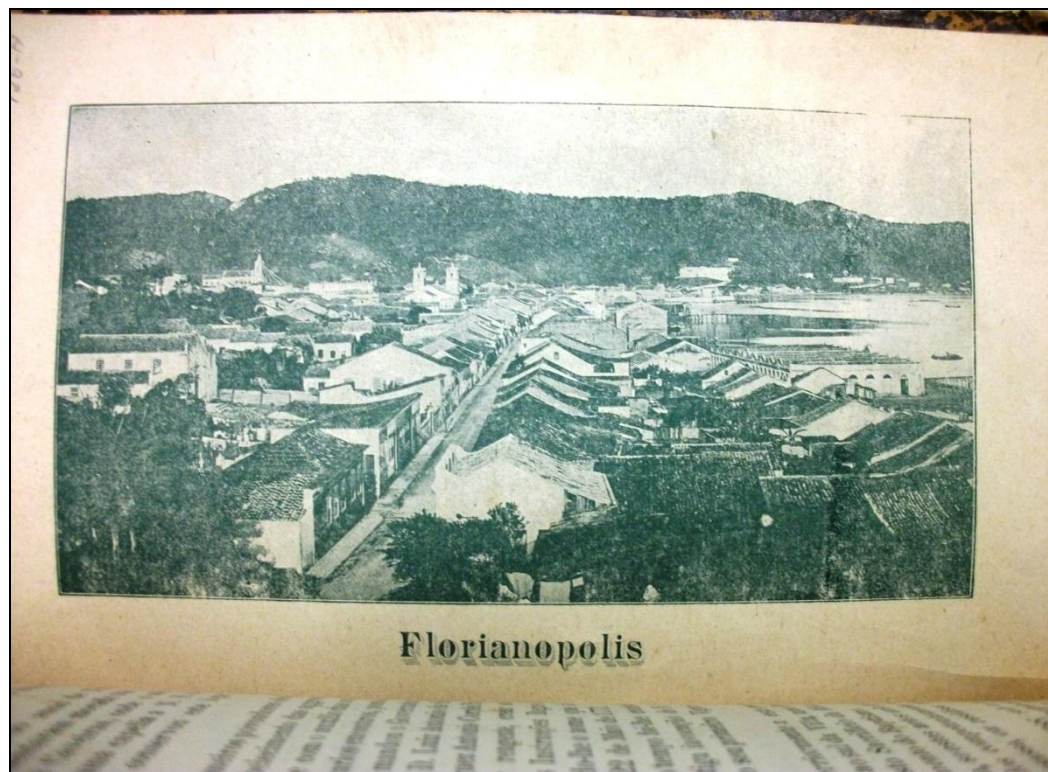


Figura 26 – Vista geral de Florianópolis publicada no “Anuário Catharinense para 1904”.

Fonte: Acervo da BPESC.

A grande novidade deste almanaque, propiciada pelas inovações tecnológicas da tipografia da Livraria Moderna, é a utilização pela primeira vez de fotografias no interior de um almanaque local. Das imagens selecionadas por José Boiteux há uma fotografia do Almirante Marques Guimarães, biografado na obra; uma vista geral do porto da cidade de Laguna; uma vista geral da cidade de Florianópolis tirada do alto da Rua Conselheiro Mafra; uma imagem do armazém de Laudelino Galotti & Boiteux, em Nova Trento, um dos anunciantes da obra; e uma fotografia de uma das predileções de José Boiteux, os monumentos públicos, com uma foto do monumento em homenagem aos participantes da Guerra do Paraguai, na Praça XV de Novembro.

⁴²¹*Anuario catharinense para 1904, com a biographia do almirante José Marques Guimarães - 1º. anno.* Florianópolis: Typ. da Livraria Moderna de Paschoal Simone, [1904].

Apesar dos seus esforços, Boiteux novamente não conseguiu garantir a periodicidade do anuário e um novo almanaque será lançado apenas seis anos depois, em 1910, sob direção de Thiago da Fonseca. Mais fartamente ilustrado que seu antecessor, trazendo fotos de diversos municípios catarinenses, o *Almanach de S. Catharina para o anno de 1910*⁴²² apresentou como novidade o encarte de mapas: uma planta da barra e do porto de Itajaí e um mapa geral do Estado de Santa Catarina produzido em 1907 pelo engenheiro Emílio Sada. As fotografias obedecem à lógica de guia de apresentação das cidades, com ênfase para as vistas gerais e os prédios públicos.

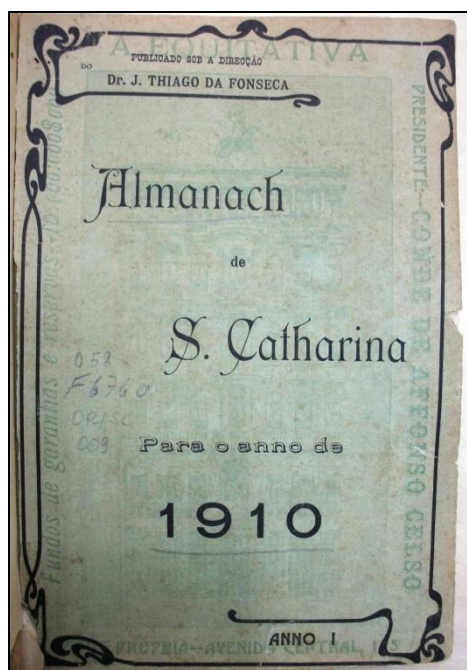


Figura 27 – Capa do “Almanach de S. Catharina para o anno de 1910”.

Fonte: Acervo da BPESC.

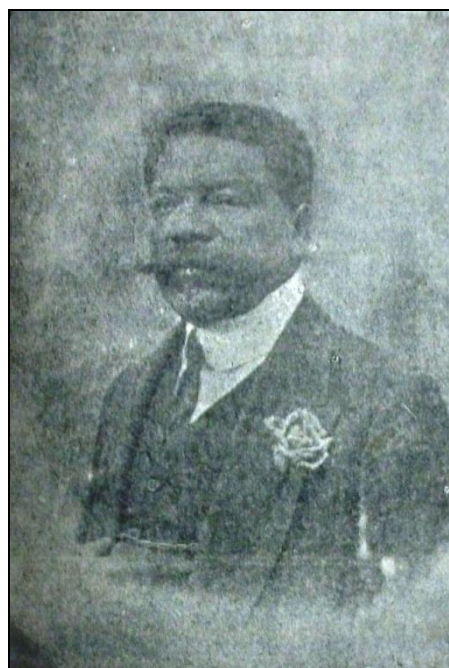


Figura 28– Joaquim Thiago da Fonseca, diretor do “Almanach de S. Catharina para o anno de 1910”.

Fonte: Revista “O Olho”, nº1, 1916/Acervo do IHGSC.

Segundo a apresentação do almanaque, a ideia para a sua publicação partiu do então governador do Estado, Cel. Gustavo Richard, “que verificando sensível lacuna não quis deixar as rédeas da administração sem prestigiar com seu apoio uma publicação útil e necessária”. Com o apoio do governador, o almanaque ganhou ares oficiais, ao se apresentar como um

⁴²²*Almanach de S. Catharina para o anno de 1910, publicado sob a direção do Dr. J.Thiago da Fonseca - anno I. [S.l.p.]: [s.c.p], [1909]. 276p.*

“repositório de informações úteis, necessárias aos que desejarem conhecer as condições atuais do Estado, o seu desenvolvimento econômico e o seu progresso moral”⁴²³.



Figura 29 – Capa do “Annuario do Estado de S. Catharina para 1917”.

Fonte: Acervo da BPESC.

Com Gustavo Richard deixando o governo em setembro de 1910, não houve apoio para um almanaque em 1911 e uma publicação do gênero retornou apenas em 1917, dirigido

⁴²³ FONSECA, J. T. da. “Ao leitor”. In: *Almanach de S. Catharina para o anno de 1910, publicado sob a direcção do Dr. J.Thiago da Fonseca - anno I*. [S.l.p.]: [s.c.p], [1909]. 276p.

por Edmundo Silveira, ciente, desde a sua apresentação, que as tentativas anteriores haviam fracassado em garantir uma periodicidade constante aos empreendimentos anteriores:

De há muito não se distribui no Estado uma publicação calcada nos moldes deste Anuário. Bem organizados, aliás, os almanaques e anuários que aqui produziu a iniciativa de distintos conterrâneos não alcançaram os necessários elementos para que prosseguissem sem tropeços maiores. Chega-nos a vez de tentar um esforço no mesmo sentido. Ser-nos-á propício o momento, agora que como que um sopro de vida nova percorre o Estado, para apagarmos a solução de continuidade criada por circunstâncias várias? Ou estaremos também condenados a ver ruírem as fundas esperanças que mantemos, de prosseguir na obra ora encetada, com o firme propósito de melhorá-la de edição em edição, tornando-a sempre digna do nosso Estado?⁴²⁴

O receio de Edmundo da Silveira de que sua obra sucumbisse ante a falta de periodicidade não era em vão, pois o seu anuário não teve continuidade, desaparecendo após o lançamento do primeiro número. Três anos depois surgiu o também breve *Anuario barriga-verde*, que conseguiu se manter por duas edições seguidas, referente aos anos de 1920 e 1921. Organizado sob a direção artística de Ary Tolentino, o anuário teve Altino Flores na direção da parte literária, publicando um poema de Menotti del Picchia chamado “25 anos”. Na apresentação do anuário os organizadores da obra fornecem pistas que podem explicar a falta de periodicidade deste gênero periódico em Florianópolis, a despeito das inúmeras tentativas:

Alguns anos já faz que a nossa terra não publica um anuário. Entretanto está mais que demonstrada a larga importância de semelhante publicação, que, feita fecundamente em todos os países e mesmo nos demais Estados brasileiros, nunca deixou de ter o auxílio dos governantes, os quais são os primeiros a reconhecer que é por meio de obras desse gênero que vem a lume curiosas informações científicas, artísticas e práticas, acessíveis ao grau da cultura geral, por cujo desenvolvimento, hoje, não há quem se não interesse⁴²⁵.

Os autores dão a entender que tais publicações se mantem de forma constante quando há a presença do poder público a auxiliá-las. Mais uma vez transparece a falta de autonomia do campo cultural local, dependente dos auspícios governamentais para financiar-se e manter-se em circulação, a despeito de todos os almanaques aqui citados serem fartamente recheados de anúncios publicitários. Por certo as receitas publicitárias foram responsáveis pela

⁴²⁴SILVEIRA, Edmundo da. “Duas Palavras”. In: *Anuario do Estado de Santa Catharina para 1917 - 1º. anno; director: Edmundo Silveira*. Florianópolis: Oficinas Graphicas d' A Phenix, [1916]. 188p.

⁴²⁵FLORES, Altino & TOLENTINO, Ary. “No limiar”. In: *Anuario barriga-verde para 1920 - publicação especial, dedicada á propaganda da terra catharinense*. Organizado sob a direção literária de Altino Flores, e direção artística de Ary Tolentino. Florianópolis: Livraria Editora Cysne, [1919].

diminuição da dependência em relação aos favores do Estado, mas não somavam quantia suficiente para garantir sua autonomia e perenidade.

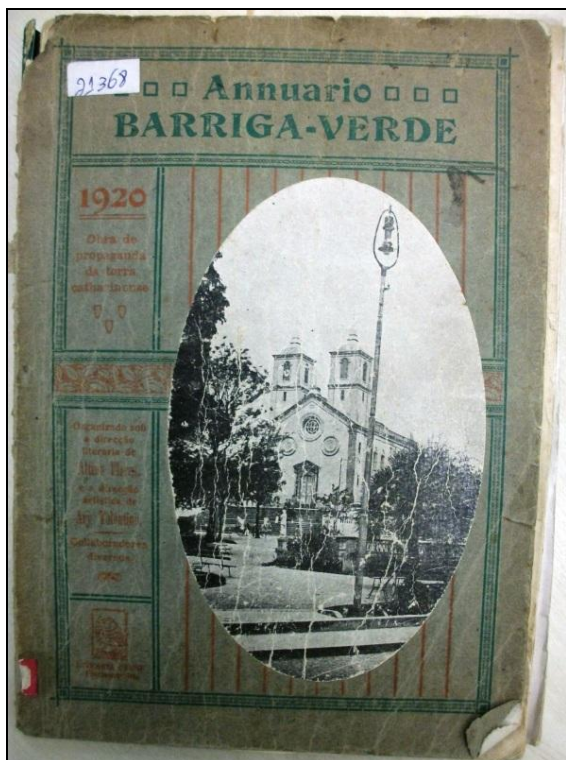


Figura 30 – Capa do “Anuario Barriga-Verde”, 1920.

Fonte: Acervo da BPESC.

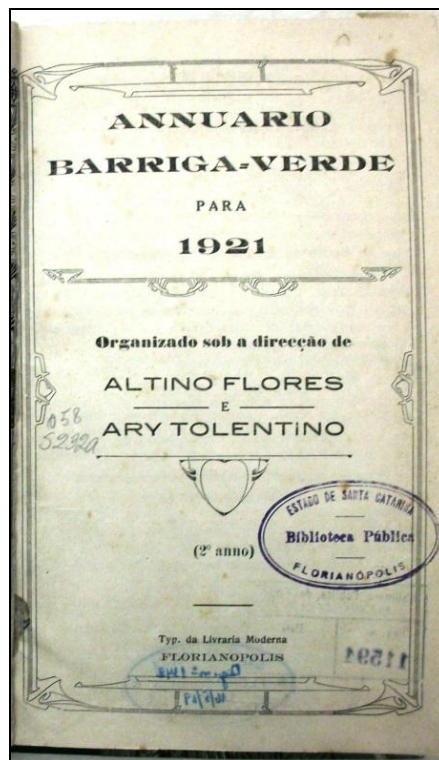


Figura 31 – Capa do “Anuario Barriga-Verde para 1921”.

Fonte: Acervo da BPESC.

Dos anuários, guias e almanaques editados durante a Primeira República em Florianópolis (ver Anexo VII) o *Guia de Santa Catharina* editado pela Livraria Central, do alemão Alberto Entres foi o que atingiu maior perenidade, apesar da descontinuidade de sua periodicidade. Foram localizadas oito edições lançadas entre 1927 a 1952⁴²⁶, mas apenas uma delas publicada durante a Primeira República, a primeira edição, de 1927, dividida em duas partes, corográfica e literária (Parte I⁴²⁷) e indicador comercial (Parte II⁴²⁸), ambas sob a coordenação de Godofredo Entres e revisão de Archimedes Taborda. A obra contou com o

⁴²⁶ Foram lançados nos anos de 1927, 1935, 1937, 1938, 1940, 1941 e 1952.

⁴²⁷ *Guia do Estado de Santa Catharina - chorographia e indicador; I parte - chorographica e litteraria; editado por Alberto Entres; organizado segundo os planos e coordenação de Godofredo Entres; revisão litteraria: Archimedes Taborda.* Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1927. 352p.

⁴²⁸ *Guia do Estado de Santa Catharina - chorographia e indicador; II parte - indicador; editado por Alberto Entres; organizado segundo os planos e coordenação de Godofredo Entres; revisão litteraria: Archimedes Taborda.* Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1927. 352p.

apoio de Adolfo Konder (Governador do Estado) e de Victor Konder, então Ministro da Viação e Obras Públicas do governo Washington Luís, além da assinatura de trinta municípios na “página de ouro” da obra. Ricamente ilustrado, o guia publicou fotografias do acervo de colaboradores da obra como José Boiteux, Carl Hoepcke, Constâncio Krummel, Isleto Barata, J. Souza Reis, Hercílio Vieira e Theodor Lüders, além de ter contado com o serviço do fotógrafo Armin Henkel, que viajou junto com os organizadores pelo interior do estado registrando as cidades retratadas no guia.



Figura 32 – Primeira página do “Guia do Estado de Santa Catharina”, de 1927.

Fonte: Acervo da BPESC.



Figura 33 – Página de ouro do “Guia do Estado de Santa Catharina”, 1927.

Fonte: Acervo da BPESC.

Com os almanaques, guias e anuários, a informação consolidou-se como bem de consumo. Os indicadores forneceram informações práticas sobre a economia das localidades que assinaram a “página de ouro”, apontaram as casas comerciais que patrocinaram os impressos e celebraram as realizações dos políticos que contribuíram na promoção da sua edição. Os editores e organizadores dos empreendimentos literários invariavelmente os apresentavam como obra de caráter cívico, de contribuição para o progresso e indispensáveis para a divulgação do Estado através de uma publicidade manipuladora de percepções e vontades, pois impregnada dos interesses abrangidos nos diferentes capitais envolvidos em sua edição. A estruturação de seu conteúdo obedece a lógica do mercado, buscando atender as expectativas de público, dos anunciantes e dos poderes públicos que promoveram a sua

publicação. Apesar da quantidade significativa de tentativas de se lançar obras que pretendiam ser um “manual” – de civilidade, de organização do tempo e do espaço, do trabalho, de urbanidade... - tais periódicos deviam aos auspícios governamentais a sua circulação e esta dependência explica a sua periodicidade inconstante, pois condicionada ao apoio fornecido pelos governos e pelos comerciantes dos municípios retratados em suas páginas.

4.3. REVISTAS: SEGMENTOS VARIADOS.

Esse caráter mercantil dos periódicos, de quem se molda conforme as demandas convenientes à sua produção e circulação, se acentua diante das segmentações que passaram a guiar alguns impressos, facilitando a identificação de interesses e valores que norteiam a sua publicação. Em Florianópolis, apesar das dimensões reduzidas da cidade, das limitações econômicas, populacional e educacional, um número significativo de periódicos do gênero revista⁴²⁹ foi lançado ao longo da Primeira República. Dentre as revistas encontradas nos acervos pesquisados puderam-se distinguir as seguintes segmentações: revista institucional, agrícola, de direito, religiosa, educacional, ilustrada ou de variedades e revistas de grupos culturais.

A revista institucional encontrada nos acervos pesquisados foi a *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* (IHGSC), no formato de 16 x 22,5 centímetros, cujas duas primeiras edições foram lançadas em 1902. A revista era tributária do discurso nacionalista da jovem república e apresentava as lições da elite pensante que se achava responsável pela missão de levar ao público o seu esclarecimento iluminista, promover o autoconhecimento do Estado, de sua história e geografia utilizados como ferramentas cívicas para incutir na população um sentimento de pertencimento, de identidade republicana catarinense e da hierarquia entre os atores sociais que ascenderam com o regime que se firmou após o fim da Revolução Federalista. Na apresentação do primeiro número, a redação⁴³⁰ confirma as pretensões:

Nos limitamos a assegurar aos nossos leitores o máximo de esforço em prol do levantamento intelectual deste Estado e uma constante preocupação em

⁴²⁹ Entende-se por “revista” uma publicação periódica que “passa em revista” diversos assuntos, permite uma leitura fragmentada, por vezes seletiva, resultando sempre numa publicação datada, de forte conteúdo documental. Cf. MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: FAPESP: EDUSP: IOESP, 2001. p.45-46.

⁴³⁰ Compunham a redação da revista os seguintes sócios do IHGSC: Pe. João Manfredo Leite (redator), Henrique de Almeida Valga, Aristides de Mello, Joaquim Thiago da Fonseca e José Arthur Boiteux.

tornar conhecidas as riquezas históricas e naturais da estremecida pátria catarinense. (...) Auxiliar a nossa revista é fortalecer o Instituto Histórico e Geográfico catarinense, que sem ela não poderá preencher os elevados fins a que se destina, porque os seus trabalhos no vasto campo da ciência não devem ficar, apenas, conservados em seus arquivos, mas visam à larga e fecunda publicidade, necessária para a educação cívica e intelectual do nosso povo⁴³¹.

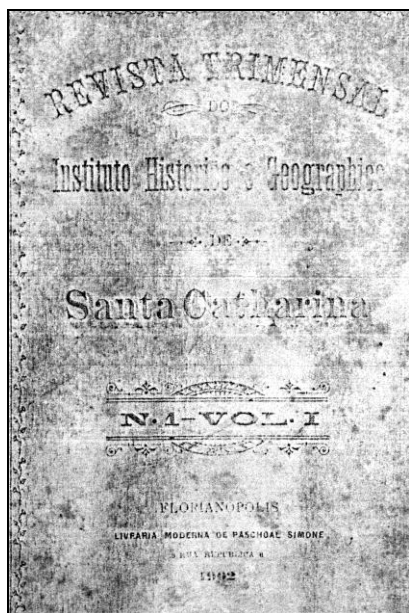


Figura 34 – Capa da “Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catharina”, n.º 1, vol. I, 1902.

Fonte: Acervo do IHGSC.

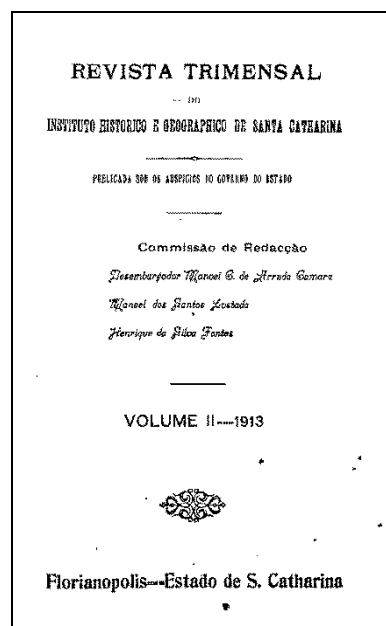


Figura 35 – Capa da “Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catharina”, vol. II, 1913.

Fonte: Acervo do IHGSC.

A caracterização da “pátria catarinense”, a “pequena pátria” (Santa Catarina) diante da “grande pátria” (Brasil), retoma a dimensão da revista com os temas candentes do período e suas demandas sociais, já caracterizados pela historiadora Janice Gonçalves em sua análise da revista: defender os limites territoriais catarinenses diante das pretensões do Paraná e do Rio Grande do Sul, o destaque dado às figuras diretamente responsáveis por estabelecer os limites geográficos entendidos como catarinense por direito (os primeiros povoadores, os primeiros

⁴³¹ *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catharina*. Florianópolis: Livraria Moderna, 1902. p.7-8.

administradores da província); estabelecer a importância da participação da “pequena pátria” em acontecimentos cruciais do país, como a Guerra do Paraguai etc.⁴³².

Apesar da pretensão de atingir uma periodicidade trimestral, o terceiro número da revista só foi publicado em 1913, com uma nova redação, desta vez composta por Henrique Fontes, Santos Lostada e Manoel Cavalcanti de Arruda Câmara, mas mantendo os mesmos fins que nortearam as duas primeiras edições. O próprio IHGSC só voltou a se reerguer diante do trabalho de José Boiteux em conseguir o apoio do governador Vidal Ramos, membro do instituto, para o seu (re)lançamento:

Interessante pela copiosa informação histórica, como pela valorosa colaboração de notáveis homens de letras, a Revista do Instituto Histórico é um trabalho digno de apreciação, pois representa a vitória dos esforços patrióticos do prestimoso e honrado Coronel Vidal Ramos, a quem se deve o ressurgimento não só do Instituto Histórico como de sua revista⁴³³.

O apoio estatal, embora incensado publicamente e indispensável para o retorno da revista, não significava que os trabalhos para mantê-la em circulação fossem menores, como demonstra carta de Henrique Fontes a José Boiteux explicando as dificuldades de publicar um periódico:

(...) Não imagina o meu amigo – ou melhor: imaginará o meu amigo o trabalho a que me entreguei para conseguir a impressão do órgão da sociedade. A subvenção por parte do Estado até agora está em promessa: o decreto que a concede ainda não foi publicado. A Escola de Artífices, que fez a mais vantajosa proposta para impressão (devido á amizade que mantenho com o Diretor), retraiu-se quando entreguei os primeiros originais (princípio de abril); alegava a princípio excesso de trabalho e falta de papel. Compreendi por fim a causa da demora e falei franco com o Diretor; ele usou da mesma franqueza: de fato tinha receio de que o Instituto o caloteasse, tendo ele que entrar depois com o dinheiro da impressão. Fiz então ver que não receasse, pois tínhamos quase trezentos mil réis em caixa, e eu me constituía o cobrador da Escola junto ao Instituto. Aplanaram-se assim as dificuldades, houve papel e a impressão começou⁴³⁴.

Embora tenham encontrado dificuldades, os laços relacionais dos influentes membros do instituto fizeram com que a revista atingisse uma periodicidade mais ou menos regular, lançando treze edições entre 1913 a 1920. Novamente torna-se difícil distinguir o campo

⁴³² GONÇALVES, Janice. “A singela e pitoresca história de nosso estremeado torrão: em torno da produção de caráter histórico no âmbito do IHGSC”. In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História*. Londrina, 2005, p.5. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/>>. Acessado em: 14/05/2010.

⁴³³ *Jornal Gazeta do Comercio*, nº7, 24/01/1914, p.3.

⁴³⁴ CARTA de Henrique Fontes a José Boiteux, Florianópolis, 11 de julho de 1913, apud PIAZZA, Walter. *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: Estudo Histórico-Analítico (1896-1996)*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1996, p.87.

cultural do político. Os membros do instituto eram intelectuais produtores e mediadores culturais, mas também engajados na construção do regime republicano e com o clientelismo e personalismo característico de quem se viam envolvidos na arena política.

Prosseguindo na exposição da segmentação do mercado periódico, em 1905 lançou-se a *Revista da Sociedade Catharinense de Agricultura*, no formato 19 x 27 centímetros impressa inicialmente no Gabinete Lealdade e em seguida na Tipografia Brazil. Assim como o IHGSC, a Sociedade contava com os auspícios estatais e tinha em seus quadros figuras políticas de destaque que lhe garantiu a publicação de poucos números⁴³⁵ entre 1905 e 1906.

A Sociedade era presidida por Gustavo Lebon Régis, deputado estadual por seis legislaturas seguidas (1902-1917), representante catarinense na Comissão Demarcadora de Limites entre os Estado de Santa Catarina e Paraná e Secretário de Estado da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura. O vice-presidente da Sociedade era Cel. Antônio Pereira da Silva e Oliveira, governador e senador por Santa Catarina. Ainda na direção da Sociedade constavam Santos Lostada, como tesoureiro; e, Giovanni Rossi como diretor de culturas, um italiano “socialista anarquista”. Formado em Medicina Veterinária em Pisa, sua cidade natal, Rossi aderiu à seção local da Internacional Socialista e foi colaborador de jornais políticos socialistas italianos. Após ser preso e mudar-se para o Brasil, foi fundador da Colônia Cecília, no Paraná e ex-diretor da Fazenda Agrônômica de Rio dos Cedros, no interior do Estado de Santa Catarina, emprego que conseguiu graças à influência de amigos políticos como Hercílio Luz.

⁴³⁵ Informação de BOITEUX, Lucas. “A imprensa em Santa Catharina”. In: BOITEUX, José *et al.* *História dos Jornais de Santa Catarina (1831-1948)*. Florianópolis: IHGSC, 2011.p.209.

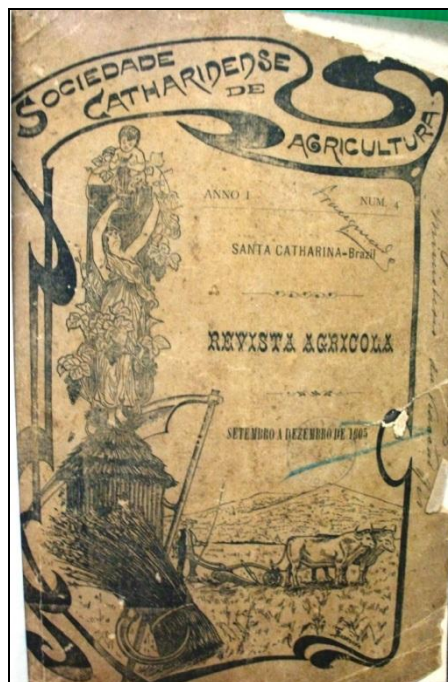


Figura 36 – Capa da “Revista da Sociedade Catharinense de Agricultura”, Ano I, nº4, 1905.

Fonte: Acervo do IHGSC.

Nesta região catarinense colonizada por italianos Rossi recebeu companheiros estrangeiros, inclusive fugitivos, além de lidar com a imprensa anarquista e socialista. Tais atividades suscitaram as hostilidades do clero local e o italiano passou a ser vigiado pela polícia. Em 1904 um decreto estadual transferiu a empresa agrônômica para Florianópolis, onde foi criada a Sociedade Catarinense de Agricultura, com Gustavo Lebon Régis na presidência e Rossi na supervisão da revista da entidade, sendo também autor de boa parte de seus artigos em seus primeiros números⁴³⁶.

Em março de 1908 começou a ser distribuída em Florianópolis a *Revista Forense do Estado de Santa Catarina*, dirigida pelo Procurador Geral do Estado, J. Thiago da Fonseca e impressa no formato de 14,5 x 21 centímetros inicialmente na Typographia Brazil e posteriormente na tipografia do jornal *O Dia*, órgão do Partido Republicano Catarinense. Publicada mensalmente, a revista de direito dedicava-se à doutrina, legislação e jurisprudência. Embora não se tenha a série completa, há no acervo do IHGSC exemplares avulsos que vão de 1908 a 1915. A revista disponibilizou sua assinatura para leitores de outros Estados e até do exterior, além de dedicar sua contracapa à publicidade, mas sua

longevidade provavelmente se deu ao auxílio do poder público: passou a ser editada na tipografia do jornal oficial do Partido Republicano e sua correspondência era encaminhada para a Rua Trajano, nº10, endereço do Superior Tribunal de Justiça do Estado.

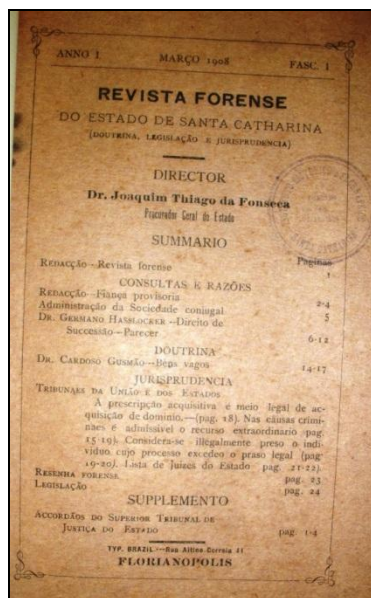


Figura 37 – Capa da “Revista Forense do Estado de Santa Catharina”, nº1, Março de 1908.

Fonte: Acervo do IHGSC.

A Primeira República também foi pródiga em publicações religiosas em Florianópolis, com inúmeros jornais sendo fundados com esse caráter. No gênero revista há notícias de ao menos duas, *Kardecista*, revista mensal de propaganda espírita publicada a partir de 01 de Julho de 1914, impressa pela tipografia da Livraria Central no formato 15 x 23,5 cm; e *A Luz*, única encontrada nos acervos pesquisados, órgão da Federação Espírita Catarinense publicado, com alguns intervalos, a partir de 1916 até, no mínimo, Agosto de 1923, data do exemplar mais recente encontrado no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Ao menos um colaborador de ambas as revistas espíritas se repete: Antônio J. de Souza, secretário da entidade, o que pode significar que a publicação de *Kardecista* tenha sido interrompida e retomada anos mais tarde sob o título de *A Luz*.

⁴³⁶ ZANE, Marcello. “Giovanni Rossi: um anarquista italiano na região de Blumenau”. In: *Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXII, nº8, Agosto de 1991, p.227-232.

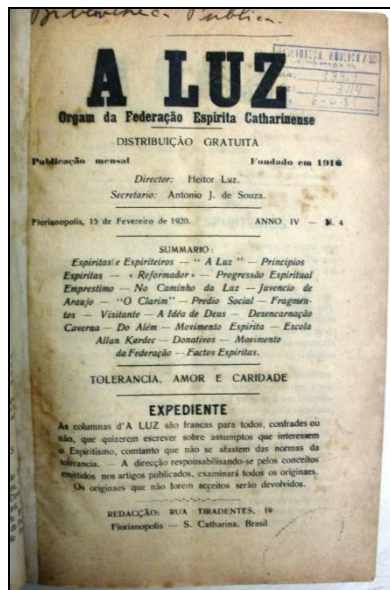


Figura 38 – Capa da revista “A Luz”, nº4, de 15 de Fevereiro de 1920.

Fonte: Acervo da BPESC.



Figura 39 – João Cândido da Luz, colaborador das revistas espíritas “Kardecista” e “A Luz”.

Fonte: Revista “A Luz”, nº1, Ano IV, 1919/Acervo da BPESC.

Sem publicidade em suas páginas e de distribuição gratuita, *A Luz* financiava-se com donativos de membros da Federação, muitos dos quais preferiam permanecer. A federação possuía uma tipografia própria onde imprimia o órgão, cujas primeiras edições foram lançadas em formato de jornal, passando a ser uma revista a partir de novembro de 1919, após ter deixado de circular por seis meses. A publicação de *A Luz* segue os caminhos da Federação Espírita Brasileira, fundada em 1884, e que fazia de uma revista, *Reformador*, o seu veículo principal de divulgação. As revistas serviram também de legitimadoras da autoridade dos referenciais doutrinários, cosmológicos e rituais do Espiritismo:

O espiritismo kardecista não é apenas uma religião do livro que contém uma abundante literatura religiosa, mas é, em sua essência, uma religião letrada, no sentido de que, dado o seu enraizamento em temas e emblemas que caracterizam a modernidade ocidental, desde o Século XIX, como racionalismo iluminista, o cientificismo e o gênero romance – o espiritismo se apropria religiosamente desses fatores numa espécie de leitura cristã dessecularizante da “ciência” e da “literatura”⁴³⁷.

⁴³⁷ LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: USP, 2000, p.15, apud AMORIM, Pedro Paulo. “A Revista Reformador e a memória espírita brasileira”. In: *Anais do XIV Encontro Estadual de História – Tempo, memórias e expectativas*. Florianópolis: UDESC, 2012.

No segmento de revistas educacionais encontrou-se a *Revista de Ensino Primário*, fundada em 1922 em comemoração ao primeiro centenário da Independência do Brasil e publicada sob os auspícios da Diretoria da Instrução Pública do Estado de Santa Catarina, então sob direção de Henrique Fontes. Impressa na tipografia da Livraria Moderna, a revista tinha como público alvo os professores primários. Sua missão era “elevantar a mentalidade dos professores e, conseqüentemente a dos alunos”, conforme texto de apresentação escrito por Fontes:

Os que mourejam no ensino bem conhecem a utilidade de tal publicação: a nossa literatura didática ainda é pobre e os livros nacionais são, em geral, caros, de modo que o professor só dificilmente pode organizar modestíssima biblioteca e andar em dia com o que de novo vai surgindo em matéria de instrução. E o professor precisa ler, de estudar, de ir acompanhando o movimento da ciência e da sociedade, sob pena de ficar chumbado ao seu compêndio, de ficar com a mente ancilosada nas últimas lições que como discípulo aprendeu. (...) Sob o paládio do Governo do estado, aqui plantamos a nossa árvore comemorativa, fiado em que não será crestada pela indiferença daqueles para quem surge e crente de que sobre ela cairá o rocio das bênçãos divinas.

A revista trazia em suas páginas legislação, modelos de boletins, atestados de exercícios, atas de exames e textos de geografia, higiene, educação cívica, literatura e história que subsidiariam futuras aulas. No exemplar pesquisado há um texto patriótico de exaltação à bandeira nacional escrito por Horácio Nunes, um texto de educação cívica sobre a bandeira e as armas nacionais, um texto explicativo sobre os três poderes do Governo Estadual – executivo, legislativo e o judiciário -, e outro sobre o regime municipal, a Constituição do Estado e o recorte selecionado para o texto de História do Brasil foi a adesão do Estado de Santa Catarina à República. A publicação busca celebrar a pátria e a república, com ênfase na construção e legitimação dos símbolos dos poderes republicanos, na força e no poder do Estado.

Já as revistas ilustradas ou de variedades encontradas são as que talvez chamem mais a atenção por suas estratégias de comunicação com o leitor, a profusão de imagens, a utilização de cores, a maior variedade de seções que buscam a cumplicidade e o envolvimento do leitor como as anedotas com personagens da cidade, brincadeiras e concursos. Este segmento de revistas se caracteriza por apresentarem uma linguagem acessível, uma diagramação a reservar espaço para imagens e um conteúdo diversificado que incluía acontecimentos sociais, esportivos, crônicas, poesias, contos, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida

urbana, colunas de humor e charadas, conselhos de moda, notas sobre cinema, um incipiente colonismo social com notícias sobre aniversários, viagens, festas e encontros em clubes sociais do *high society* local, regras de etiqueta e civilidade feminina, perfis de efemérides e muita publicidade política, numa combinação atraente de imagens e textos.



Figura 40 – Página feminina com trabalhos para bordar, Revista “Ilustração Catarinense”, nº1, 1926.

Fonte: Acervo do IHGSC.

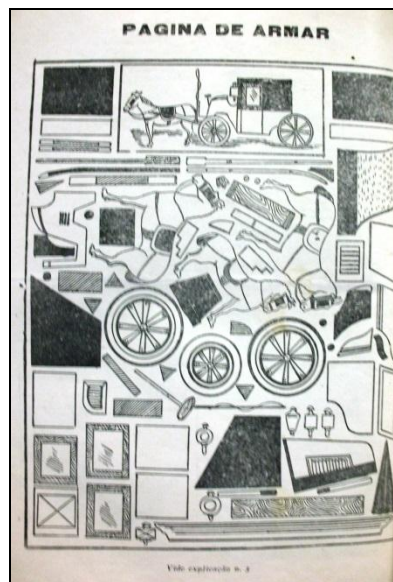


Figura 41– Página infantil, com desenhos para recortar e montar, “Revista Ilustrada”, nº5, 1908.

Fonte: Acervo do IHGSC.

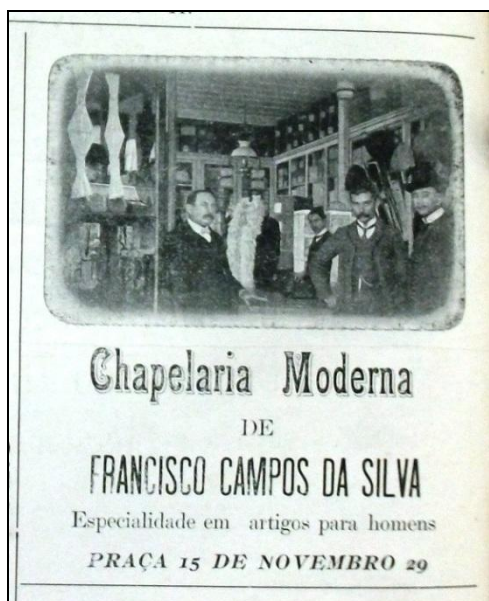


Figura 42 – O anseio pela modernidade.

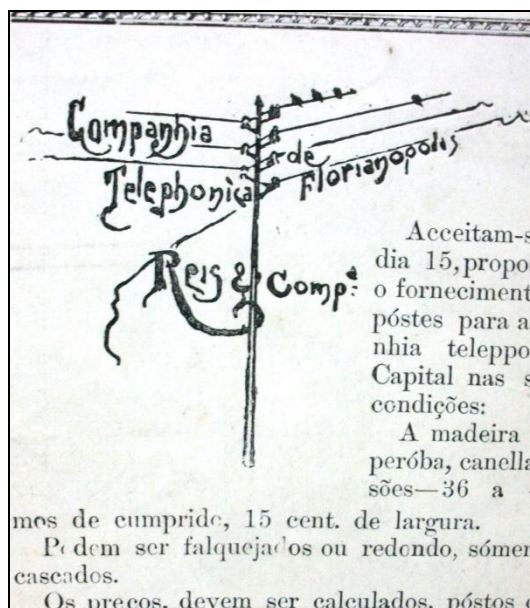


Figura 43 – As novas tecnologias. Anúncio

Anúncio da Chapelaria Moderna, “Revista da Companhia Telefônica de Florianópolis, Ilustrada”, n°6, 1908.

Fonte: Acervo do IHGSC.

“Revista Ilustrada”, n°5, 1908.

Fonte: Acervo do IHGSC.

Em grande parte tais revistas buscavam construir uma imagem de si voltada para o moderno, o progresso, o atual, o novo e o civilizatório na imbricação entre a vida mundana e os melhoramentos públicos, as grandes obras, a higienização das cidades, os perfis e feitos de vulto históricos e efemérides contemporâneas. Acompanhando as novas tecnologias de impressão, trazem reportagens e anúncios repletos de fotos, algumas colunas trazendo até mais fotos do que textos, assinalando uma nova fase no periodismo local, não mais restrito às xilografuras. O apelo das imagens passa a ser um diferencial destas revistas ilustradas e de variedades ao fim da primeira década do século XX. Para Mônica Velloso, a retórica do moderno trouxe consigo uma demanda pela linguagem visual:

A crescente demanda pela receptividade e visibilidade pública exige que as revistas aprimorem a sua arte da comunicação, aproximando-se dos leitores, Textos literários compartilhavam espaços com as artes gráficas, incluindo-se caricaturas, charges, desenhos, jogos de adivinhas e publicidade. (...) A linguagem visual funciona como amálgama, unindo dinâmicas e valores diferenciados⁴³⁸.



Figura 44 – Flagrante do cotidiano. Alunas e professores na saída da Escola Normal, revista “O Olho”, n°5, 1916.

Fonte: Acervo do IHGSC.



Figura 45 – Flagrante do cotidiano. Um hidroplano em Florianópolis, revista “Terra”, n°7, 1920.

Fonte: Acervo do IHGSC.

⁴³⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. “As distintas retóricas do moderno”. In: OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta & LINS, Vera. *O Moderno em revista*. Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: FAPERJ: Garamond Universitária, 2010. p.46.

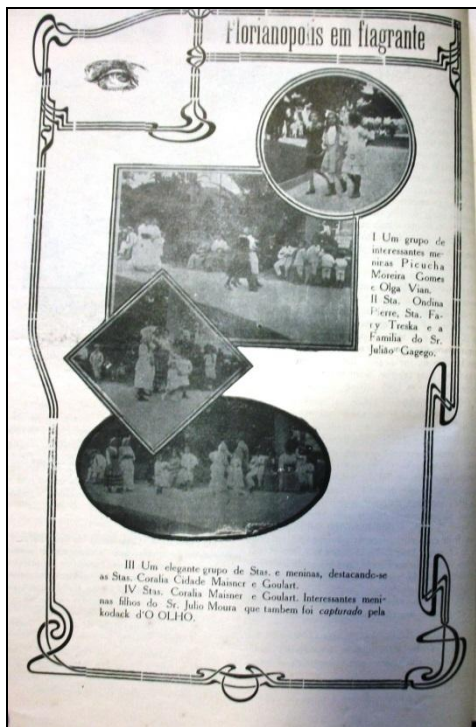


Figura 46 – Florianópolis em flagrante, pouco texto e ênfase nas imagens da vida urbanas, revista “O Olho”, nº4, 1916.

Fonte: Acervo do IHGSC.



Figura 47– Página ocupada por imagens, Clube Estrela do Oriente, “Álbum de Santa Catharina da Revista Illustrada”, 1908.

Fonte: Acervo da BPESC.

Ressalta-se que uma quantidade significativa das imagens de Florianópolis e de municípios do interior do Estado publicadas nas mais variadas revistas locais, sobretudo as ilustradas e de variedades, pertenciam ao acervo de José Boiteux montado entre os anos de 1890 e 1930 e atualmente sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Tais registros imagéticos guardam uma cidade que despontava como cenário moderno, com novos costumes de seus habitantes, novas edificações públicas e intervenções técnicas que destacavam o empenho de homens públicos em superar a situação colonial e efetivar as expectativas trazidas pela República.

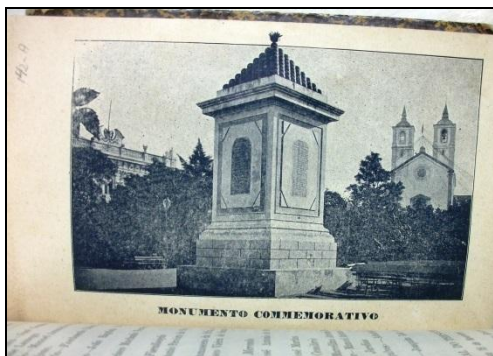


Figura 48 – Monumento aos mortos na Guerra do Paraguai, “Anuário Catharinense para 1904”.

Fonte: Acervo da BPESC.

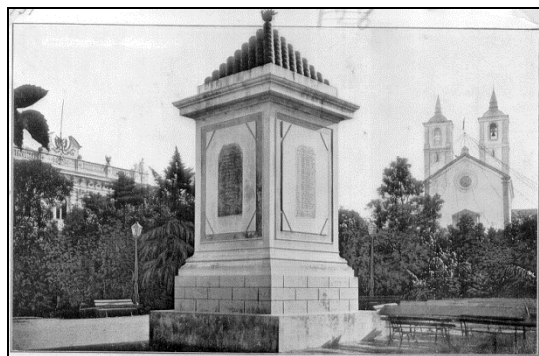


Figura 49 – Fotografia original pertencente ao acervo iconográfico de José Boiteux.

Fonte: Acervo do IHGSC.



Figura 50 – Reformas efetuadas pelo Governo Hercílio Luz na Avenida do Saneamento publicada na revista “Terra”, nº13, 1920.

Fonte: Acervo do IHGSC.



Figura 51 – Fotografia original pertencente ao acervo iconográfico de José Boiteux. Foto de A. Carmo.

Fonte: Acervo do IHGSC.

Em algumas imagens originais é possível identificar a autoria das fotografias, surgindo nomes como “A. Carmo” (Figura 51), Arthur Carmo, fotógrafo do jornal *República*; e, Fritz Sorge (Figura 53), reconhecido fotógrafo da cidade cujo gabinete ficava na Rua Deodoro. Para Rosângela Cherm, tais imagens arquivadas por Boiteux - e disponibilizadas para os periódicos locais - formam um inventário sobre suas sensibilidades e percepções visuais deste tempo-espaço de modernidade em que foi um dos protagonistas do campo cultural⁴³⁹. O tratamento cuidadoso que as imagens receberam ao serem publicadas nas páginas dos

⁴³⁹ CHEREM, Rosângela. “Entre a Arcádia e Japão: imagens de Florianópolis”. In: CUNHA, Maria Teresa Santos & CHEREM, Rosângela de Miranda (org.). *Refrações de uma coleção fotográfica: imagem, memória e cidade*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2001. p.114.

periódicos – inclusão de molduras (Figura 50), composição com outras imagens, embelezamento com desenhos artísticos (Figura 52) e estabelecimentos de cortes que tiram o nome do fotógrafo autor da imagem – influenciam no processo de apropriação das mesmas pelos leitores, estabelecendo uma “gramática” visual, uma “ética do ver”⁴⁴⁰ que tenta conduzir o olhar para aquilo o que se tem o direito de observar, o que vale a pena ser visto, a atribuição de importância para o que se quer destacar, as regenerações urbanas, a hierarquia social, a modernidade em forma de tradição.

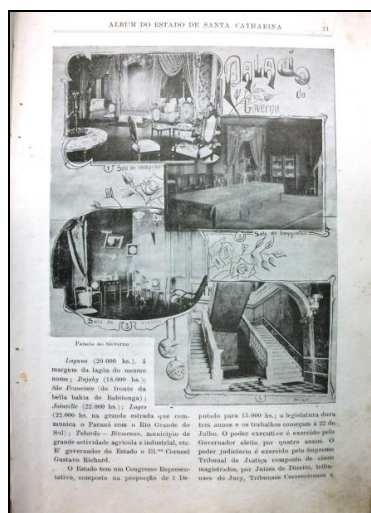


Figura 52 – Página com montagens de fotos do interior do Palácio d Governo, “Álbum da Revista Ilustrada para 1908”.

Fonte: Acervo da BPESC.



Figura 53 – Fotografia original pertencente ao acervo iconográfico de José Boiteux. Sala de visitas do Palácio do Governo. Foto de Fritz Sorge.

Fonte: Acervo do IHGSC.

A colaboração de José Boiteux na cessão de imagens caracteriza as revistas locais como veículo de divulgação dos ideais de progresso e civilização comungados pelos homens públicos de sua geração. As revistas ilustradas destacam-se pelo seu potencial comunicativo. Suas páginas facilitam uma pedagogia urbana inspirada na visualidade que atingem até mesmo que não domina os códigos da cultura escrita⁴⁴¹. Os acervos consultados guardam seis revistas deste segmento: a *Revista Ilustrada* (1908-1909), *O Olho* (1916), *Oásis* (1918), *Revista Ilustrada* (1919), *A Semana* (1920) e *Ilustração Catharinense* (1926).

⁴⁴⁰ SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.14, 41.

⁴⁴¹ VELLOSO, Mônica Pimenta. “As distintas retóricas do moderno”. In: OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta & LINS, Vera. *O Moderno em revista*. Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: FAPERJ: Garamond Universitária, 2010. p.89.

A primeira edição de *Revista Illustrada* foi lançada em 11 de Abril de 1908 no formato 24 x 33 centímetros. De periodicidade semanal, tinha redação à Rua Jerônimo Coelho e era de propriedade do português Carlos Reis. O número avulso custava 300 réis e sua assinatura anual dava direito á brindes mensais. Possuía redatores diversos e estava aberta às colaborações científicas, literárias e artísticas⁴⁴². Antes de sua estreia, em 1908, há a notícia de apenas uma revista ilustrada publicada em Florianópolis, a *Chrysantemo*, cujo primeiro número circulou na cidade em 24 de maio de 1902. Apresentando-se como revista literária e ilustrada de publicação mensal, a *Chrysantemo* era dirigida por Heitor Luz e impressa na Livraria Moderna em formato 16 x 25 centímetros, tendo como colaboradores nomes como José Boiteux e Santo Lostada, mas não foi encontrada nenhuma edição nos acervos pesquisados⁴⁴³.

Como era de praxe nas revistas do tipo, a *Revista Illustrada* apresentava um cardápio amplo de leituras, a fim de agradar o maior número de leitores. Ao público feminino destinava conselhos e dicas, com receitas culinárias, modas, bordados e partituras para piano oferecido “às gentis leitoras” e uma página intitulada “Beleza catharinense”, com fotografias de senhoras da sociedade,⁴⁴⁴. Havia a página das crianças, com textos, fotografias e brincadeiras. Incentivava a participações dos leitores através de uma seção de correspondência, onde os recados eram respondidos, além da promoção de concursos curiosos, como a eleição do homem e a senhorita mais simpático(a) da capital ou a adivinhação de quantos grãos de milho havia dentro de um vidro exposto na vitrina da Livraria Moderna. Entre os literatos havia colaboradores diversos, reproduzindo textos de Delminda Silveira, Horácio Nunes, Olavo Bilac, Cruz e Sousa, Nicolau Nagib Nahas, além da tentativa da publicação de um folhetim, “Salomé”, de R. Salomé Pereira. Há também um texto do crítico literário francês Maurice Percheron saudando a genialidade do poeta local Cruz e Sousa, após dez anos de sua morte⁴⁴⁵.

No expediente da revista encontra-se um recado curioso, tendo na página ao lado um retrato de Gustavo Richard, governador do Estado; e, outro de Abdon Baptista, vice-governador:

A Revista Illustrada, com a impressão dos retratos dos homens políticos, assim como com a de edifícios, etc., etc., julga de seu dever cortar quaisquer

⁴⁴²*Revista Illustrada*, Florianópolis, Ano I, 18 de Abril de 1908, nº02.

⁴⁴³ Informações de BOITEUX, Lucas. “A imprensa em Santa Catharina”. In: BOITEUX, José *et al.* *História dos Jornais de Santa Catarina (1831-1948)*. Florianópolis: IHGSC, 2011.p.193.

⁴⁴⁴*Revista Illustrada*, Florianópolis, Ano I, 18 de Abril de 1908, nº02.

⁴⁴⁵*Revista Illustrada*, Florianópolis, Ano I, 09 de Maio de 1908, nº05.

juízos temerários, declarando que assim procede sem ser levada por qualquer retribuição pecuniária⁴⁴⁶.

Parece haver uma mensagem tácita no recado: a consciência e o reconhecimento de seus editores e de seus pares no mercado local da forma como tais publicações sobreviviam, alugando suas páginas a propaganda política. A revista teria conseguido sobreviver apenas com as assinaturas, vendas avulsas e venda de espaços publicitários? Não há fontes que permitam responder esta questão, mas nas edições que foram preservadas nos acervos consultados se percebe um grande número de fotos de homens e edifícios públicos a cada número, especialmente na edição especial lançada em 1908, intitulada *Álbum de Santa Catharina organizada pela Revista Illustrada de Florianópolis*, que leva o brasão do Estado impresso em sua capa. No seu interior, um resumo histórico e comercial de algumas das principais cidades, fartamente ilustrado com imagens dos municípios e de seus homens notáveis, em especial políticos e comerciantes. Pelas edições preservadas no IHGSC sabe-se que houve ao menos oito edições da revista editada por Carlos Reis, sendo que a nº 8 é datada de 30 de Maio de 1908.

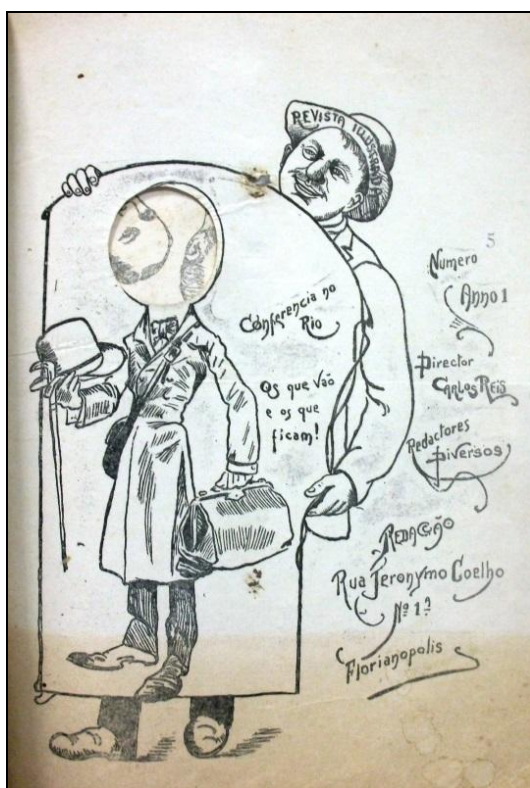


Figura 54 – Capa da “Revista Illustrada”,

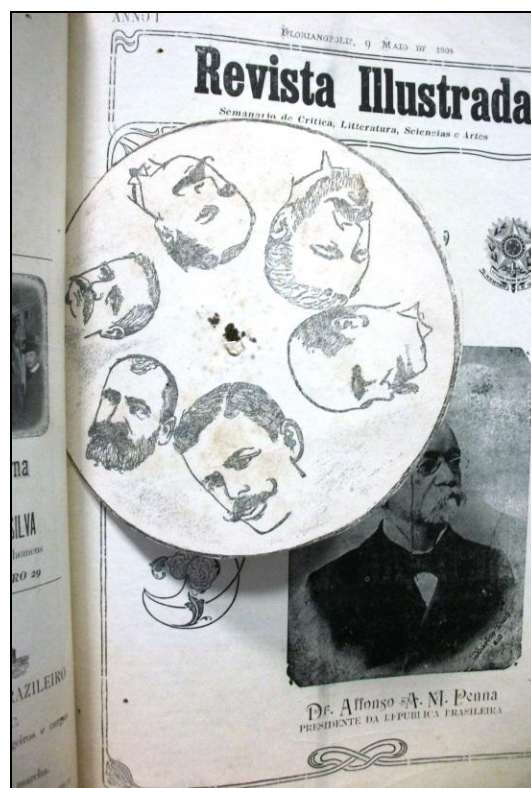


Figura 55 – Imagens de políticos locais no

⁴⁴⁶Revista Illustrada, Florianópolis, Ano I, 18 de Abril de 1908, nº02.

nº5, 1908, com curioso mecanismo que permitia a interação dos leitores com as imagens.

Fonte: Acervo do IHGSC.

mecanismo que proporcionava ao leitor trocar o rosto do personagem da charge, “Revista Ilustrada”, nº5, 1908.

Fonte: Acervo do IHGSC.

Em 1916, surgiu a revista *O Olho*, semanário ilustrado dirigido por Edmundo Silveira e Dário Gouvêa, que a partir do nº 19 mudou seu nome para *A Phenix*, a fim de evitar confusões com uma revista carioca homônima. O periódico trouxe em seu corpo de colaboradores os “novos” nomes da cena literária local, com seu discurso de regeneração do meio cultural contra a “estagnação que ameaça debilitar-nos”:

(...) Para não citar os que já firmaram a sua reputação literária, basta aludir aos novos pioneiros da Arte, representados em Alberto Barbosa, o impressivo e paradoxal cronista, Laércio Caldeira, o esteta que votou o melhor de sua arte à reforma do carácter brasileiro, Haroldo Callado, espírito feito de rubros lampejos satíricos e altruísticos desprendimentos, João Crespo, o delicado autor de tão delicados sonetos, Barreiros Filho, o aquarelista de *Os Dias*, e Altino Flores, o crítico desta geração. Sim, a tenacidade desses moços é um exemplo vivo de que ainda nem tudo está perdido⁴⁴⁷.

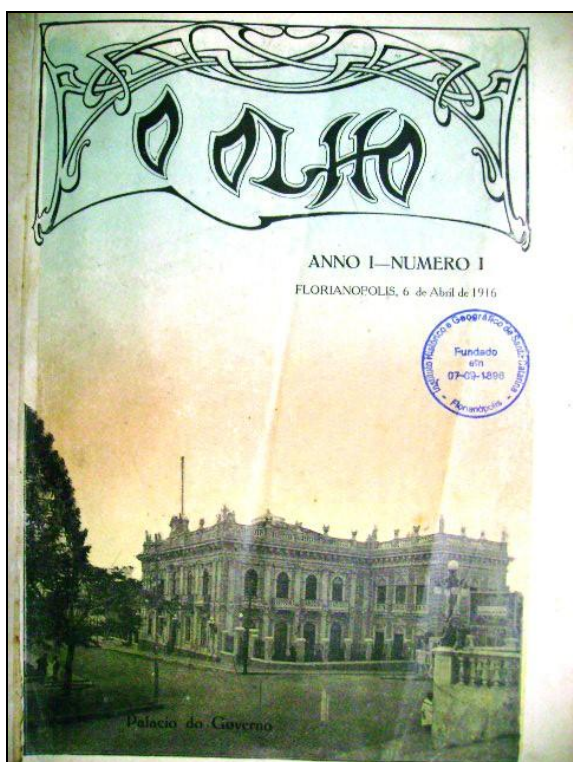


Figura 56 – Capa da revista “O Olho”, nº1, 1916.



Figura 57 – Capa da revista “Phenix”, nº20, 1916.

⁴⁴⁷ Revista *O Olho*, Florianópolis, Ano I, Nº01, 06/04/1916. p.1

Em suas primeiras edições apresenta ênfase nas crônicas, nas poesias, nas imagens literárias e menos na linguagem visual, embora não faltem imagens de senhoras da sociedade. Embora apresentado como o crítico de sua geração, Altino Flores pouco exerceu essa função na revista, publicando textos de ficção como o conto “Enterro” e “Girar...”. Laércio Caldeira escrevia crônicas sobre assuntos mundanos na seção “Os dias que passam...” além de escrever constantemente sobre a iniciativa de seus pares em prol do Centro Cívico e Literário fundado naquele ano e do qual era presidente. Há textos de escritores catarinenses como Araújo Figueredo e Joe Collaço ao lado de outros nomes de colaboradores habituais das revistas publicadas na capital federal, como Bastos Tigre e Afonso Celso.

Na edição nº 20, datada de 27 de agosto de 1916, um articulista anônimo, possivelmente encantado com o cenário moderno aspirado pelos homens públicos retratados na revista e por alguns dos intelectuais colaboradores da mesma, lança um desafio de premonição num texto chamado “Florianópolis em 1956, 40 anos de avanço”: como estaria Florianópolis quatro décadas no futuro, diante da marcha de progresso efetuada pelos seus contemporâneos?

A Phenix vai devassar o futuro, na previsão dos grandes acontecimentos sociais. O que não será a nossa Florianópolis daqui a 40 anos? A evolução na sua marcha ascendente transformará usos e costumes, dando-nos uma sociedade inteiramente nova. A Phenix, nessa seção interessantíssima, vai ocupar-se dos acontecimentos dessa época, acontecimentos que a imprensa há de registrar com os seus comentários⁴⁴⁸.

Na imagem de modernidade criada pelo articulista, a Florianópolis do futuro teria bondes elétricos expressos circulando por suas ruas. A “civilização” substituiria a ponta do José Mendes (um bairro à beira mar próximo ao centro da cidade) por uma suntuosa Avenida Atlântica, por onde correriam as linhas de aço dos bondes elétricos. O pequeno texto termina afirmando que este mesmo progresso, aqui caracterizado como sinônimo de obras públicas e avanços tecnológicos, nunca conseguiria substituir o que as pessoas guardavam dentro de si: as recordações felizes do passado, que no texto ficcional significava o presente da revista, a Florianópolis de 1916.

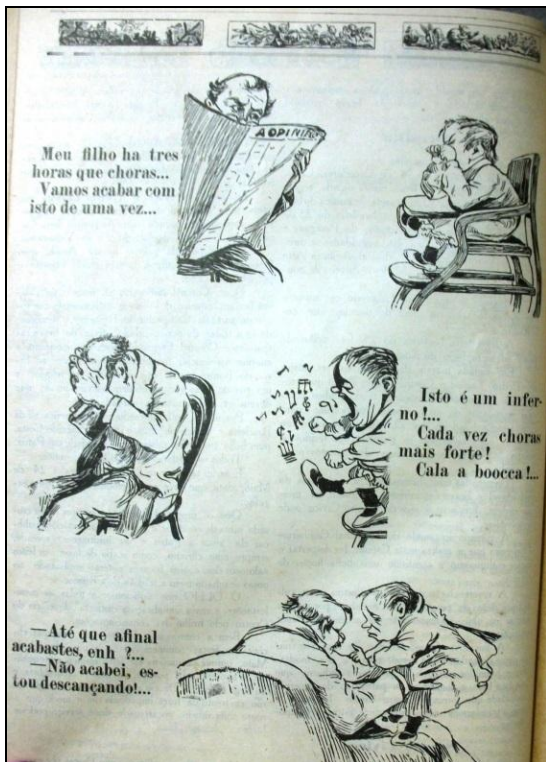


Figura 58 – Página da revista “O Olho”, nº4, 1916.

Fonte: Acervo do IHGSC.



Figura 59 – Charge publicada na revista “O Olho”, nº3, 1916.

Fonte: Acervo do IHGSC.

A revista manteve-se até o nº36, publicado em 24 de Dezembro de 1916, não retornando no ano seguinte. A justificativa foi dada pelo diretor Edmundo Silveira no editorial que abre o último número:

Aos Snrs. Assinantes que pagaram suas assinaturas até 31 de Março, únicos a quem devo uma satisfação, cumpre-me declarar que devido à falta de pagamento de muitos Snrs. Assinantes que até hoje receberam e gozaram a revista, as excessivas despesas a que fui forçado na primeira cobrança do norte do estado, a não ter podido conseguir dos poderes públicos o auxílio necessário para que na Capital do Estado fosse mantida uma revista como eu idealizei, e, devido ainda ao exorbitante preço que atingiu o papel, sou forçado a suspender a publicação d’A Phenix⁴⁴⁸.

A revista *O Olho* foi a primeira grande oportunidade de atuação no gênero revista do grupo de “novos” ao qual Altino Flores e seus companheiros pertenceram, ainda que subordinados à direção dos proprietários Edmundo Silveira e Dario Gouveia. Maior liberdade

⁴⁴⁸ Revista *A Phenix*, Ano I, nº20, Florianópolis, 27 de Agosto de 1916, p.1.

⁴⁴⁹ SILVEIRA, Edmundo. “A Phenix”. In: Revista *A Phenix*, Ano I, nº36, Florianópolis, 24 de Dezembro de 1916, p.1.

teriam na revista *Oasis*, fundada em Julho de 1918 por José de Diniz, irmão de Diniz Júnior, jornalista experiente, radicado no Rio de Janeiro, que havia se tornado, anos antes, um defensor da geração de “novos” de Altino Flores e seus companheiros. A redação da revista ficou a cargo de Altino Flores e tinha como colaboradores habituais Barreiros Filho, Othon D’Eça, João Creso, Laércio Caldeira. Entre os colaboradores mais velhos, notam-se textos de José Boiteux, Delminda Silveira, Cruz e Sousa, Oscar Rosas, Luiz Delfino e Araújo Figueiredo, todos “imortalizados” na futura Academia Catarinense de Letras.

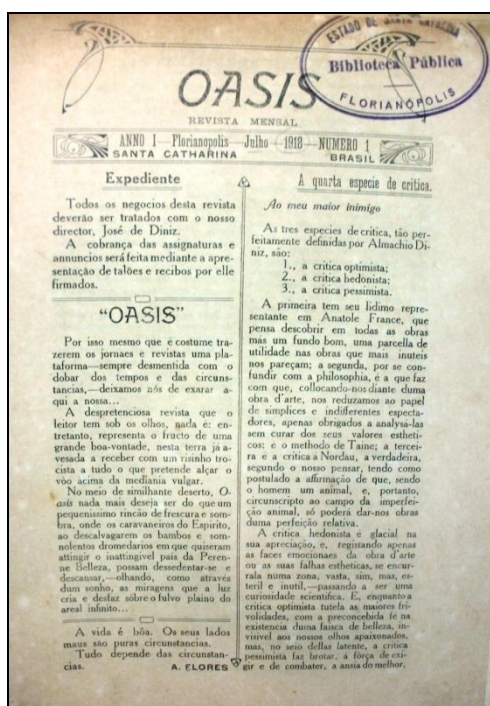


Figura 60 – Primeira página da revista “Oásis”, nº1, 1918.

Fonte: Acervo da BPESC.



Figura 61 – Página da revista “Oásis”, nº1, 1918. Linguagem visual da fotografia e da charge integradas ao texto.

Fonte: Acervo da BPESC.

Em suas páginas encontram-se ilustrações, charges, anedotas, crítica literária, poesias, contos, seção para crianças, destaques esportivos, em especial a remo e ao futebol, uma página feminina de “frivolidades”, charadas e as habituais efemérides políticas de sua época, como Lauro Müller, retratado em charge na primeira edição e em foto de página inteira na segunda. Entre os textos de autores de outros estados destacam-se Emílio de Menezes, Coelho Neto e Olegário Mariano. A apresentação do primeiro número demonstra as intenções do

grupo que se considerava um “oásis” em meio ao deserto de bons nomes no campo cultural local:

(...) No meio de semelhante deserto, oásis nada mais deseja ser do que um pequeníssimo rincão de frescura e sombra, onde os caravaneiros do Espírito, ao descavalgarem os bambos e sonolentos dromedários em que quiseram atingir o inatingível país da Perene Beleza possam dessedentar-se e descansar, olhando, como através dum sonho, as miragens que a luz cria e desfaz sobre o fulvo plano do areal infinito⁴⁵⁰.

As “miragens” em meio ao deserto, que confundem os olhos dos cansados viajantes das letras locais é o grupo adversário dos “novos”, os “novíssimos” que igualmente tentavam se estabelecer dentro do campo. O texto seguinte à apresentação, “A quarta espécie de crítica”, escrito por Altino Flores trás consigo a seguinte dedicatória: “Ao meu maior inimigo”, identificado por Celestino Sachet⁴⁵¹ como sendo Ildefonso Juvenal. No texto, Altino identifica três tipos de críticas literárias – otimista, hedonista e pessimista -, além de uma quarta, a “crítica X.P.T.O.”, acepção jocosa feita para caracterizar textos escritos com a finalidade de agradar amigos, fazer a fama de quem não possui predicados⁴⁵².

A primeira edição da revista trouxe uma nota de agradecimento aos comerciantes e agentes comerciais de Florianópolis: as oito páginas que haviam pensado em dedicar aos anúncios publicitários se transformaram em dezesseis, diante a boa acolhida que o empreendimento teve entre os comerciantes. No entanto, com o passar dos meses as páginas de anúncios foram diminuindo e apenas cinco edições da revista existem hoje no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, com a quinta edição sendo lançada em Novembro de 1918.

No ano seguinte surgiu uma nova *Revista Ilustrada*, mensário ilustrado impresso na Tipografia da Livraria Cysne, homônimo à revista lançada em 1908, mas um projeto distinto, sem a direção do português Carlos Reis. Dirigida por Aurino Soares e sob a gerência de Ary Machado, possuía uma gama ampla de colaboradores⁴⁵³ que ia de Altino Flores a Trajano Margarida, não constituindo, portanto, uma publicação de um grupo específico. Possuía

⁴⁵⁰ Revista *Oásis*, Ano I, nº01, Florianópolis, julho de 1918, p.1.

⁴⁵¹ BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira. Florianópolis: ACL, 1993. p.30.

⁴⁵² Revista *Oásis*, Ano I, nº01, Florianópolis, julho de 1918, p.1.

⁴⁵³ Entre os colaboradores aparecem Delminda Silveira, Altino Flores, João Crespo, Olavo Farias Júnior, Horácio Nunes Pires, Hollanda Cavalcante, J. Pedroso, Rubens Salomé Pereira, Oscar Rosas, Afonso Wanderley Júnior, Ivo de Aquino, Ogê Manneback, Trajano Margarida, Gomes Winther, Gustavo Neves, Juvêncio Braga, Lucas Boiteux, Lucas Bainha, Ernani Freysleben, Antônio Vian, Habel Hugo Cabral, Epaminondas Madeira, João Tolentino Júnior, João Melchíades (redator auxiliar) e Nicolau Nagib Nahas (redator secretário).

correspondentes nos Estados do Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Pernambuco, além de oito municípios do interior do Estado e três estrangeiros, em Liverpool, Paris e Buenos Aires. O editorial da segunda edição agradecia a acolhida de seus principais patrocinadores: os intelectuais, os comerciantes e ao funcionalismo público⁴⁵⁴.



Figura 62 – Arte de Guilherme Baschta, capa da “Revista Ilustrada”, nº4, 1919.

Fonte: Acervo do IHGSC.

⁴⁵⁴ Revista *Revista Ilustrada*, Ano I, nº02, Florianópolis, 01 de Maio de 1919, p.1.

A revista teve sua publicação interrompida quando seu diretor precisou viajar com sua família para o Rio Grande do Sul. Aurino Soares passou a João Melchíades, seu auxiliar na redação, a direção da revista, com a maioria das assinaturas a cobrar e todos os clichês⁴⁵⁵. Sob a direção de Melchíades a revista reapareceu em 1920, mas não há, nos acervos consultados⁴⁵⁶, sua série completa, restando apenas quatro exemplares de 1919. Ao retornar para Florianópolis o antigo proprietário questionou Melchíades se ele aceitaria devolver a revista. Diante da negativa, Aurino Soares fundou “A Semana”, periódico de ação social que possuía entre os colaboradores Nicolau Nagib Nahas, Ildefonso Juvenal, Delminda Silveira, Trajano Margarida, Anfilóquio Gonçalves e Almeida Coelho, nos moldes da antiga *Revista Illustrada* que editava, embora mais modesta pelas dificuldades iniciais que passou para reestruturar o negócio.



Figura 63 – Capa de “A Semana”, nº1, 1920.

Fonte: Acervo da BPESC.

⁴⁵⁵ Revista *A Semana*, Ano I, nº02, Florianópolis, 17 de Junho de 1920.

⁴⁵⁶ Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Tanto a *Revista Illustrada* quanto *A Semana* trouxeram em suas páginas exemplos da utilização de uma iconografia do moderno, com o uso sistemático da reprodução fotográfica para ilustrar os melhoramentos urbanos dominando os debates sobre o progresso que avançava sobre as paisagens das cidades. Quando os correspondentes da *Revista Illustrada* partiram para o interior do Estado em busca de assinantes e de subvenção das municipalidades que veriam suas realizações estampadas na revista voltavam com material fotográfico que permitiam produzir páginas como a “Joinville Moderno” (*sic*), da edição nº 7, que demonstravam a urbanização das áreas centrais da cidade, a maquinaria industrial de usinas de eletricidade, edificações públicas como o edifício do corpo de bombeiros, construído numa arquitetura de traços europeus (estilo enxaimel) que parece apresentar dificuldades de se situar em seu próprio tempo.



Figura 64 – Periódico como vitrine do progresso e da urbanização, “Joinville Moderno”, “Revista Illustrada”, nº7, 1919.

Fonte: Acervo do IHGSC.

Essas imagens criadas por fotógrafos de cidades que passavam por melhoramentos urbanos e reproduzidas nas revistas ilustradas marcam um padrão de descrição das cidades,

legitimam uma linguagem visual de sublimação do urbano, de monumentalidade, de conquista da paisagem, um olhar seletivo utilizado para a conformação de imaginários:

Mobilidade, ordenamento, apazibilidade e monumentalidade tornaram-se os principais objetos do olhar do fotógrafo. A cidade emergia nas fotografias como um cartão-postal, tornando-se objeto de contemplação estética e revelando o “minucioso trabalho de conquista da paisagem”⁴⁵⁷.

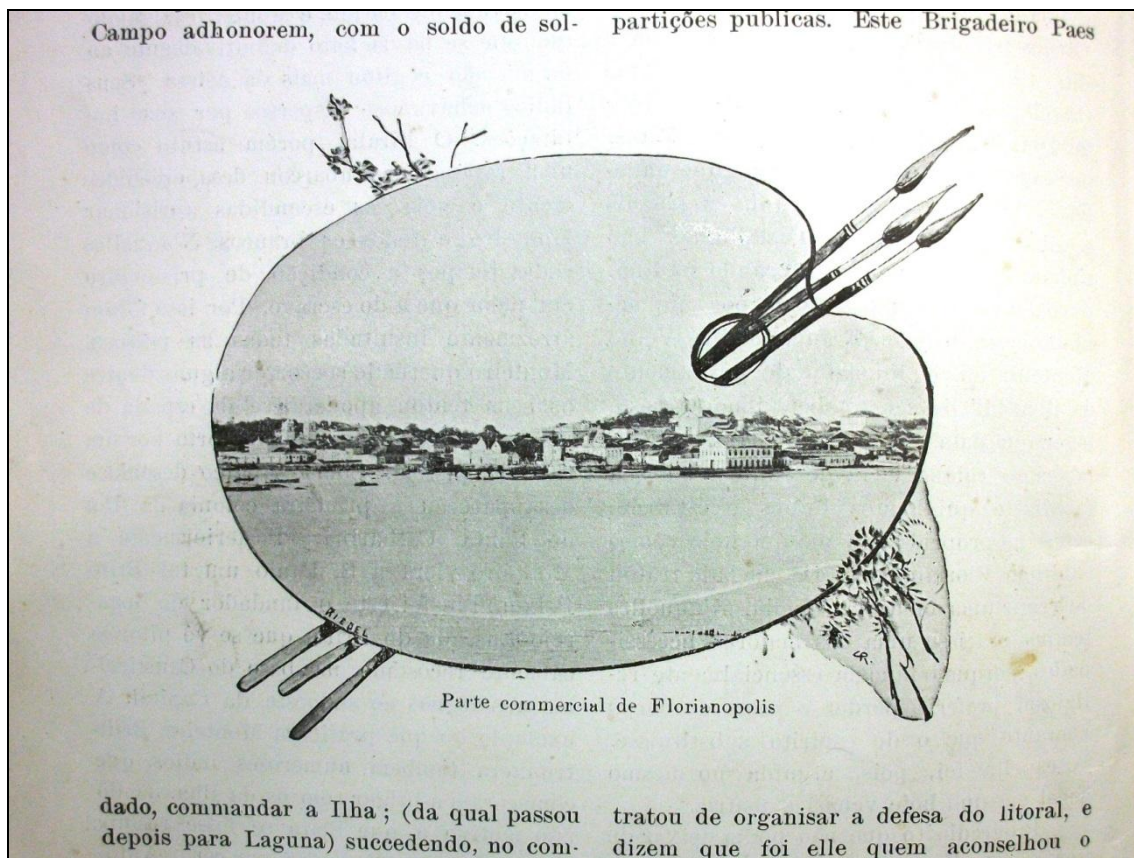


Figura 65 – A cidade como contemplação estética, “Álbum de Santa Catharina da Revista Illustrada”, 1908.

Fonte: Acervo da BPESC.

A última revista ilustrada editada em Florianópolis encontrada nos acervos pesquisados é a *Ilustração Catarinense*, quinzenário dirigido por A. Taborda e lançada em Fevereiro de 1926. Delas conhece-se apenas a sua primeira edição, depositada no acervo do IHGSC, que busca construir uma imagem de Florianópolis como “Terra de Sonhos”,

⁴⁵⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. “As distintas retóricas do moderno”. In: OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta & LINS, Vera. *O Moderno em revista*. Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: FAPERJ: Garamond Universitária, 2010. p.116.

integrada à natureza que a envolve, uma “esmeralda do Atlântico” de nome masculino, mas de alma feminina⁴⁵⁸. Há textos sobre a vida mundana da cidade: o carnaval, o futebol, o cinema, vistas de cidades catarinenses, uma página das crianças, uma parte literária, curiosidades e um apelo: com a proliferação de máquinas fotográficas, a revista solicita colaborações de fotografias produzidas pelos leitores para estamparem suas páginas. Em virtude de só existir uma edição no acervo pesquisado não é possível se saber se o apelo surtiu efeito.

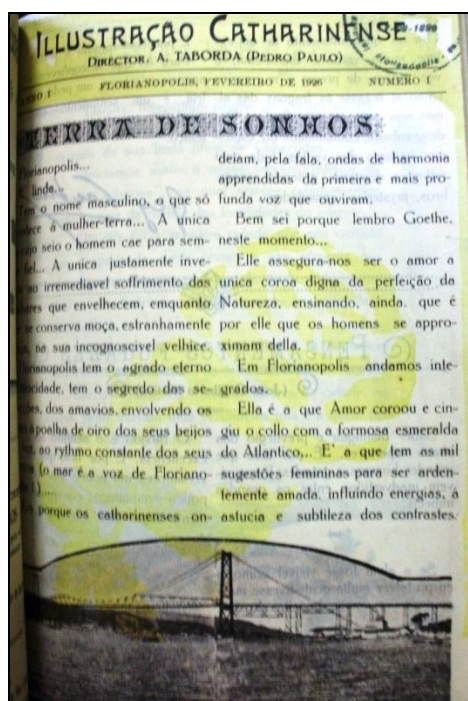


Figura 66 – Capa da revista “Ilustração Catarinense”, nº1, 1926.

Fonte: Acervo do IHGSC.

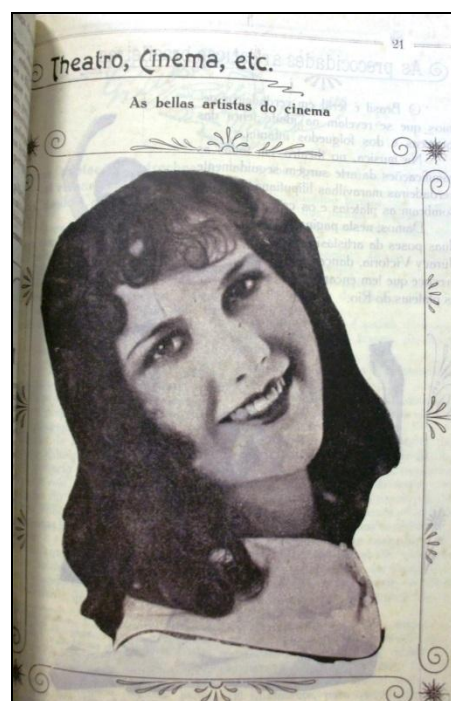


Figura 67 – Atriz de cinema, revista “Ilustração Catarinense”, nº1, 1926.

Fonte: Acervo do IHGSC.

A *Ilustração Catarinense* trouxe uma seção feminina escrita por Maura de Senna Pereira. Publicado antes de uma seção com modelos para bordados, o texto de Maura busca uma definição sobre o que é “feminismo”, comparando os homens “antifeministas” que zombam dos sonhos de trabalho e emancipação das mulheres como escravocratas pedantes:

[O feminismo] é a aspiração sagrada por uma mudança que se vai operando: a mudança da nossa condição miserável de subalternas do homem (...). Temos que lutar, irmãs! Mas sejamos fortes, instruamo-nos, abandonemos a

⁴⁵⁸ Revista *Ilustração Catarinense*, Ano I, nº01, Florianópolis, Fevereiro de 1926, p.1.

vida de meros artifícios, de atraso mental. Identifiquemo-nos melhor com os interesses atinentes a nosso sexo: impulsionemos a cultura intelectual e a educação física da mulher; conservemos inatacável a nossa reputação, mantendo-nos honestas e porfiando pela moralidade dos costumes; sejamos cumpridoras fieis dos nossos deveres no lar, nas repartições, nas fábricas, nas relações sociais. Unamo-nos⁴⁵⁹.



Figura 68 – Cabeçalho da “Seção feminina”, revista “Ilustração Catarinense”, nº1, 1926.

Fonte: Acervo do IHGSC.

A imprensa feminista no Brasil não era uma novidade da República. Em 1873, na cidade de Campanha, em Minas Gerais, já se editava *O sexo feminino*, de Francisca Senhorinha da Motta Diniz, um dos pioneiros periódicos na luta pela educação, instrução e emancipação da mulher no Brasil. Este periódico alcançou rapidamente o número de oitocentas assinaturas, entre os seus assinantes esteve Dom Pedro II e sua filha, a Princesa Isabel. Em 1875, sua redação se transferiu para a capital da Corte⁴⁶⁰. Na República⁴⁶¹, *O sexo feminino* chegou a ter tiragens de mais de dois mil exemplares. O texto de Maura de Senna Pereira, no entanto, parece ser tributário dos escritos de Josephina Alvares de Azevedo, que viajava de norte a sul do país em sua pregação em defesa da mulher, tendo colaborado no *Almanach Catharinense* de 1896 organizado por José Boiteux e J. Thiago da Fonseca.

⁴⁵⁹ PEREIRA, Maura de Senna. “Seção Feminina”. In: *Ilustração Catarinense*, Ano I, nº01, Florianópolis, Fevereiro de 1926, p.4-5.

⁴⁶⁰ COSTA, Carlos. *A Revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012. p. 297-301.

4.4. REVISTAS DE GRUPOS: ORGANIZAÇÃO E LEGITIMAÇÃO COLETIVA.

À exceção de *Oásis*, construída em torno de um grupo que foi o embrião da futura Academia Catarinense de Letras, as revistas ilustradas e de variedades não se instituíram como projetos aglutinadores de apenas um grupo de intelectuais. No restrito mercado local, os autores precisavam circular em vários periódicos, ocupando os espaços que surgem, a despeito de opções estéticas pré-definidas ou mesmo da falta de afinidade entre alguns colaboradores. Essa concepção de revista como projeto de um grupo de intelectuais está mais presente nas revistas culturais/literárias, embora, em Florianópolis, os empreendimentos que mais próximos chegaram de revistas deste tipo foram revistas de variedades comandadas por grupos literários.

Enquanto as revistas ilustradas parecem ter surgido para se aproveitar de lacunas do mercado de bens culturais, criando espaço de divulgação para escritores e expressão da modernidade de seu tempo, as revistas culturais aparecem como lugar de afirmação coletiva, embora com relação ao seu conteúdo tenha existido pouca diferença. Duas revistas deste segmento foram localizadas nos arquivos pesquisados: *Terra* (1920) e a *Revista do Centro Catharinense de Letras* (1925). O que elas possuem em comum é o fato de estarem empenhadas na renovação do cenário literário local, sem propor, no entanto, qualquer transgressão de normas do *establishment*⁴⁶². Não são revistas de vanguardas, mas de legitimação coletiva em busca de maior estabilidade e continuidade de suas práticas culturais dentro do campo.

A primeira revista lançada foi a *Terra – Revista de Artes e Letras*, com seu surgimento anunciado em janeiro de 1920 através de nota no jornal “O Estado”:

A quatro de cada mês circulará este moderno magazine, de feição original e texto abundantemente ilustrado. (...) Terra condensará em suas páginas o esplendor da intelectualidade catarinense, nesta nova fase de conquistas e revigoramentos mentais, ao mesmo tempo em que aproximará do nosso meio elementos espirituais de outros pedaços da nossa Pátria. Terra será, portanto, uma revista de conagração daqueles que, no domínio da Inteligência, buscam dar à geração de hoje uma lição modesta, mas expressiva e ardorosa, de amor à Ideia e à Beleza. (...) Será o órgão por excelência das manifestações intelectuais desta adorável nesga da Pátria Brasiliense⁴⁶³.

⁴⁶¹ BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1986. p.52-53.

⁴⁶² SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras, 1995. p.37-38.

⁴⁶³ Jornal *O Estado*, Florianópolis, 13/01/1920.

Tal apresentação demonstra o caráter de um grupo que buscava reservar para si a exclusividade de manifestação dentro do campo. Dirigida por Altino Flores, Ivo d’Aquino e Othon D’Eça, *Terra* iniciou como uma revista hermética, fechada em seu grupo, que possuía entre os redatores Araújo Figueredo, Barreiros Filho, Crispim Mira, Haroldo Callado, Henrique Fontes, João Crespo, José Boiteux, Lucas Boiteux, Mâncio Costa, Vieira da Rosa e Oswaldo Mello. Entre os colaboradores pontuais aparecem Arnaldo C. de Santiago (São Francisco do Sul), Caio de Melo Franco (Roma), Carlos da Costa Pereira (São Francisco do Sul), Diniz Júnior (Rio de Janeiro), Hermes Fontes (Rio de Janeiro), Olegário Mariano (Rio de Janeiro), Raul de Leoni (Rio de Janeiro), Romeu Ulyssea (Laguna) e Virgílio Várzea (Rio de Janeiro), além de regularmente aparecerem textos de autores estrangeiros, como os portugueses Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes e Luís de Almeida Braga.



Figura 69 – Capa da revista “Terra”, desenho “Melindrosa”, de J. Carlos, nº09, 1920.

Fonte: Acervo do IHGSC.

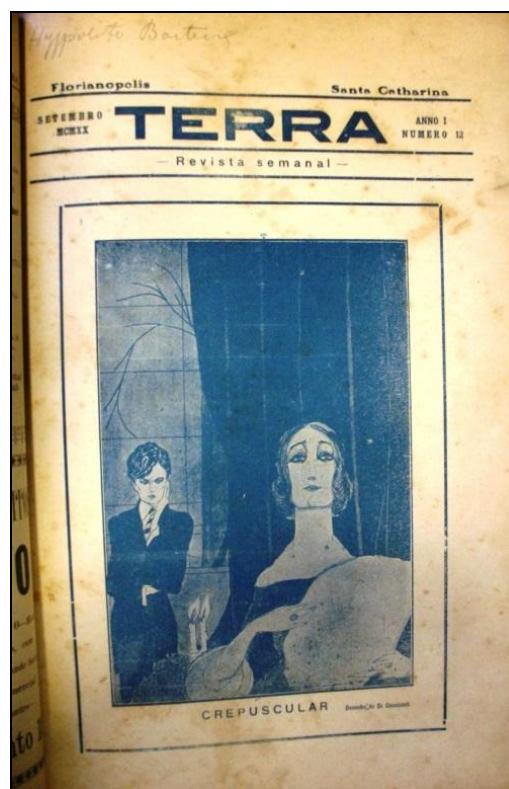


Figura 70 – Capa da revista “Terra”, desenho “Crepuscular”, de Di Cavalcanti, nº12, 1920.

Fonte: Acervo do IHGSC.

A revista, cujo primeiro número saiu em 30 de março de 1920 teve ao todo vinte e quatro edições, com a última edição saindo em 23 de janeiro de 1921. Inicialmente sua pretensão era ser uma revista mensal, lançada no quarto dia de cada mês, o que nunca se concretizou⁴⁶⁴. A crítica literária consagrou uma divisão da revista em duas fases⁴⁶⁵: a primeira fase, do número um ao três, como revista literária; e a segunda fase, a partir do quarto número, com um novo conteúdo, deixando de lado a ênfase nos textos literários em prosa e passando a ficar no limiar entre uma revista literária e uma revista ilustrada, com uma variedade maior de seções, com destaque para música, teatro, cinema e acontecimentos do cotidiano da cidade, inclusive políticos, numa mudança ocasionada possivelmente pelas dificuldades em manter-se, tentando atrair um público mais variado, assim como novos anunciantes. Esta mudança programática entre o número três e quatro interrompeu a publicação de um folhetim, a novela “O ídolo hindu”, de Jack Patrick, do gênero mistério policial. Outra mudança significativa foi a reavaliação da atitude de não aceitar colaborações espontâneas dos leitores, que passou a ser aceita a partir no número quatro, o que demonstra uma maior abertura das páginas da revista, em busca talvez de novos assinantes e patrocinadores que gostariam de se verem contemplados em suas páginas.

Em entrevista concedida a Celestino Sachet, em 1972, Altino Flores nega que a revista tenha se tornado hermética, embora só seu grupo tenha participado de suas páginas:

A revista mensal (...) não presumia de inovar nada, programaticamente. No artigo de apresentação (de minha autoria), apenas se apelava para o mais largo conhecimento da Literatura universal. Portanto, nenhum preconceito nacionalista ou regionalista, nenhum exclusivismo de escola, corrente ou grupo literário, posto que os espíritos esclarecidos repugnam horizontes fechados. Reserva-se aos colaboradores inteiríssima liberdade de pensar, de sentir e dizer. Como programa, está-se a ver, isto nada significava, mas talvez servisse de ponto de partida para frutuosas realizações. Infelizmente, essas realizações não aconteceram; e Terra, que se apresentara com feição material muito bonita, luxuosa para a época, veio a acabar em traje de mendicante, quase de tanga... *Sic transit gloria mundi*⁴⁶⁶.

Quando menciona que a revista não se fechou em torno de um “grupo literário” parece que o crítico se referia aos interesses literários dos membros de seu próprio grupo e dos autores por eles considerados interessantes, com um apelo ao universal: “Terra não quer

⁴⁶⁴ A primeira edição é de 30 de Março, a segunda de 1º de Maio e a terceira de 08 de Julho de 1920.

⁴⁶⁵ SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC: Edeme, 1974; e, CASTELLI, Marco Antonio. *A Revista Terra – Contribuição para o estudo da literatura em Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Florianópolis: UFSC, 1982.

⁴⁶⁶ SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC: Edeme, 1974. p.68.

restringir o seu âmbito artístico às fronteiras do nosso Estado. O homem atual deve estender o olhar por horizontes mais dilatados. Delimitar terreno de ação para o espírito é agrilhoá-lo. O pensamento só é fecundo quando é livre”⁴⁶⁷.

O apelo de Altino por uma “Literatura universal” foi interpretado⁴⁶⁸ como um repúdio a literatura regionalista numa revista cujo título – *Terra* – já seria um apelo à internacionalização, ao cosmopolitismo, à extinção de fronteiras naturais no campo das artes, conceito inspirado em Goethe, de quem Altino Flores foi leitor. No entanto, parte da criação literária publicada na revista apresenta temas regionais: Crispim Mira apresenta um texto sobre o tropeiro do planalto, Araújo Figueredo poematizou as novenas de maio, Barreiros Filho escreveu crônicas em assuntos locais, Alberto Barbosa descreveu o Rio Itajaí, Othon D’Eça publicou suas “Cantigas Ilhoas” e próprio Altino republicou o texto “Casamentos cá da terra”, originalmente apresentado no Anuário de 1917, com algumas modificações⁴⁶⁹.

Este aparente paradoxo pode ratificar as palavras de Altino quando o crítico afirma que não havia um exclusivismo de escolas literárias ou de pensamento homogêneo com relação aos rumos da literatura. O que unia os intelectuais era as suas sociabilidades e interesses mútuos. No entanto, é preciso ressaltar que a noção de Goethe de “*Weltliteratur*” que parece ter influenciado o pensamento de Altino Flores não afirma que se deve abolir das produções literárias os temas identitários locais. Para Goethe, a literatura era uma propriedade comum à humanidade e o isolamento entre as nações deveria dar lugar à circulação universal de bens culturais, que passariam a ser de domínio geral. Desta interdependência e circulação universal de obras surgiria uma literatura mundial, não no sentido de um cânone literário de obras exemplares, mas de um intercâmbio e comunicação intercultural, nos quais se manifestaria o que há em comum entre as diferentes culturas sem que se apague a individualidade, em cujas bases estão as diferenças nacionais ou regionais. A Literatura universal é um apelo ao intercâmbio cultural, à prática da tolerância entre povos, da aceitação das diferenças culturais e da ênfase aos princípios humanistas. Não se baseia, portanto, em homogeneização ou apagamento de temas do cotidiano de cada região⁴⁷⁰.

⁴⁶⁷ Revista *Terra*, nº1, março de 1920, p. 1.

⁴⁶⁸ SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC: Edeme, 1974. p.71.

⁴⁶⁹ Idem. A partir da edição nº7, a revista passou a apresentar-se como “Revista Semanal Catarinense”.

⁴⁷⁰ KESTLER, Izabela Maria Furtado. “O conceito de literatura universal em Goethe”. In: *Revista Cult*, Ano 11, nº130. São Paulo: Bregantini, novembro de 2008.p.44-46.

Nas variadas seções da revista aparecem a preocupação com a formação de uma cultura de elite, o que deve ser consumido na literatura, no teatro, no cinema, nas artes, no mercado de bens simbólicos emergente na cidade. Em linhas gerais a revista aponta como modelos a serem seguidos a literatura poética de sabor europeu, especialmente as canções francesas, belgas (em especial Georges Rodenbach) e alemã, que abordam temáticas patrióticas ou intimistas. Na área teatral destaca-se à censura ao teatro de revista encenado na cidade pela Cia. de Revistas Cancelli, considerado imoral e libidinoso. Em represália às críticas que recebeu, a companhia teatral teria impedido membros da revista de entrarem no teatro numa noite de exibição⁴⁷¹. Os textos sobre cinema atuam como *releases* promocionais. Na parte musical há artigos com fragmentos da história da música e comunicações sobre os programas musicais da banda florianopolitana da Sociedade Musical Amor à Arte. Nas artes plásticas há a transcrição de texto de autores de outros estados, como o gaúcho Leopoldo Gotuzzo e Vieira da Cunha, que abordam o nacionalismo na arte. Há a reprodução de desenhos de Nemésio Dutra, catarinense que ilustrou revistas cariocas como *Fon-fon*, *O Malho* e *A Careta*, caricaturas de J. Carlos (capa da edição nº9) e Correia Dias, além de imagens de autores como Hélio Seelinger e Di Cavalcanti, cujo trabalho foi capa de duas edições⁴⁷². O desenho “Crepuscular”, de Di Cavalcanti foi publicado em duas ocasiões na revista: inicialmente no interior da edição nº2, servindo de ilustração para uma poesia homônima de Olegário Mariano; e, depois, como imagem de capa da edição nº12. Em linhas gerais, *Terra* apresenta uma estética tributária do estilo *art nouveau* em voga na *belle époque*, uma “arte de elite” que agradava as burguesias urbanas.

Em sua segunda fase a revista construiu um caleidoscópio de pequenos fragmentos do cotidiano. Há textos sobre o progresso material da cidade, as obras e políticas públicas higienistas. Aparecem as crônicas sobre as sociabilidades nos cafés, o Mercado Público, imagens da saída da missa na catedral, a proliferação dos automóveis, a carestia dos preços, o problema da mendicância, o *footing* na Praça XV de Novembro, os serões de arte, as sessões de cinema, dicas de moda feminina, as notícias desportivas, policiais, os assassinatos, acidentes automobilísticos e fotografias de naufrágios e acidentes aéreos em meio à notícia internacionais, às tarifas da estrada de ferro, aos anúncios de oficina fotográfica e de gravuras a preços módicos.

⁴⁷¹ Revista *Terra*, nº18, 31 de Outubro e 1920, p.12.

⁴⁷² A edição nº08, de 22 de Agosto de 1920 (desenho “Noturno”) e a edição nº12, de 19 de Setembro de 1920 (desenho “Crepuscular”).

Editoriais e artigos de fundo demonstram o envolvimento explícito da revista com o hercicismo. Há uma série de artigos defendendo a figura pública de Hercílio Luz, enquanto de forma irônica critica políticos chamados sutilmente de “inativos”, como Celso Bayma, Eugenio Muller, Abdon Batista e o Cel. Antônio Pereira da Silva e Oliveira, que, anos depois, após a morte de Hercílio assumiu o governo e cancelou as subvenções públicas aos empreendimentos culturais do grupo hercicista e desalojou algumas figuras de cargos públicos de confiança. A edição nº 13 da revista, de 28 de Setembro de 1920, é dedicada ao governador Hercílio Luz, com foto de capa e conteúdo fartamente ilustrado celebrando seus segundo ano de mandato.

A partir de Junho de 1920 *Terra* passou a disputar mercado com *A Semana*. O periódico de Aurino Soares reunia os “novíssimos” excluídos das páginas de *Terra*⁴⁷³, que neste tempo já havia se transformado numa revista de variedades e não mais o mensário de Artes e Letras originalmente pensado. O pouco diálogo intertextual que se estabeleceu entre as publicações se resume a comentários mordazes entre rivais, com os ânimos acirrados pela organização da Sociedade Catarinense de Letras⁴⁷⁴. Nas páginas de *A Semana* foi publicada uma carta de Trajano Margarida repudiando Othon D’Eça, que havia lhe chamado de “rimador de chatices” quando declarou só haver em Santa Catarina dois poetas dignos de notas. Trajano afirmou na carta que D’Eça havia demonstrado interesse em prefaciar um livro seu, mas Margarida não teve interesse e que de maneira alguma procuraria Othon D’Eça para isso⁴⁷⁵.

Com as revistas *Terra* e *A Semana* publicadas de forma concomitante, dois grupos literários distintos passaram a disputar os mesmos anunciantes, os mesmo assinantes e leitores, as mesmas subvenções de grupos políticos locais (*A Semana* dedicou edições a Hercílio Luz e Adolfo Konder), o mesmo espaço dentro do campo cultural, acirrando as disputas numa época em que os homens de letras procuravam apoio e legitimidade para se institucionalizarem em torno de uma sociedade ou academia. Ambas as revistas acabaram desaparecendo quase simultaneamente e um ano após o fim da revista *Terra* Altino Flores deu vazão às suas frustrações nas páginas da revista *Santelmo*, de Itajaí, mencionada no início deste capítulo: sua geração era a de talentos que se fragmentam, como diamantes que se

⁴⁷³ Nicolau Nagib Nahas, Ildefonso Juvenal, Trajano Margarida, Anfilóquio Gonçalves, Almeida Coelho, entre outros.

⁴⁷⁴ Ver Capítulo 1.

⁴⁷⁵ Revista *A Semana*, nº20, 06 de Novembro de 1920.

pulverizam em revistas sem alcance, “fadados a uma vida efêmera, sem reflexos nem repercussões no futuro incerto”⁴⁷⁶.

Uma nova revista de um grupo literário viria a surgir em 1925, após a morte do governador Hercílio Luz e a ascensão de Cel. Antônio Pereira da Silva e Oliveira ao cargo. A *Revista do Centro Catharinense de Letras* teve sua primeira edição lançada em Maio de 1925, com o novo governador na capa. Seu texto de apresentação confirma o ideário mais democrático do grupo que se formou entre os excluídos da Academia e alguns de seus “dissidentes”, menos elitista e aberta a um grande número de colaboradores, permitindo, inclusive, um maior diálogo entre os intelectuais da capital com escritores dos municípios do interior, construindo uma “ermida singela e branca das belas letras” em oposição à ‘Catedral’ erguida pelos acadêmicos⁴⁷⁷:

Há pouco mais de três meses nasceu o núcleo literário que tem estas páginas por campo de expansão artística. (...) O Centro possui, pois o seu órgão de contato com o povo, e espera por meio dele merecer – será possível? – ainda um acréscimo à simpatia e proteção com o que tem bafejado até aqui todas as camadas sociais do meio conterrâneo. Desde S. Excia., o Sr. Coronel Governador do Estado, grande protetor seu, até o mais humilde dos patrícios – todos lhe são amigos de grande benquerença: é que um cunho democrático o fisionomiza, e os seus associados não se presumem deuses das letras, querendo ser, apenas, cultores modestos da arte e da vernaculidade, talismãs esses a cujos quilates desejam servir como fetichistas, tantos mais sinceros no seu culto quanto menos dignos se reconhecem no exercício dele. Tal propósito, tal programa aqui renovado solenemente é o que se contém no artigo inicial dos seus estatutos. Bom roteiro será cumpri-lo à risca. (...) E, para que seja completa a nossa ilusão, invoquemos também a Mulher Catarinense, algumas de cujas representantes temos por digníssimas consocias. Que ao lado delas e com o concurso de sua voz, sôs a nosso grito comum de conciliação fraternal: - Catarinenses! Construamos e rendilhemos não uma catedral, mas uma ermida singela e branca das belas-letras, a fim de que nela se cultue a dulcisona, a maviosíssima e belíssima entre as deusas profanas da terra: a nossa pulcra Língua Nacional⁴⁷⁸.

⁴⁷⁶ Revista *Santelmo*, N°9, Itajaí, 1° março de 1922, p.4.

⁴⁷⁷ Nas duas edições encontradas no acervo do IHGSC (n°1 e n°3) identifica-se entre os membros do Centro Catharinense de Letras os nomes de Anfilóquio de Carvalho Gonçalves, Nicolau Nagib Nahas, Ildfonso Juvenal, Antonieta de Barros, Waldemar Luz, Trajano Margarida, Cantídio Régis, Sebastião Vieira, Odilon Fernandes, Lupércio Lopes, Raul Gomes, P. Garcia, Antônio Sbissa, Beatriz de Souza Britto, Jovita Lisboa, A. Taborda, João Melchíades, Alfredo Xavier Vieira, Araújo Figueredo, Barreiros Filho, Maura de Senna Pereira, Arnaldo Claro de Santiago (São Francisco do Sul), Ary Cabral (Joinville), Antônio Guimar de Cabral (Laguna), Agenor Nunes Pires (São José), Antônio Celistre de Campos (Campos Novos), Anphilóquio Nunes Pires (Palhoça), Boanerges Lopes (Lages), Crispim Mira (Joinville), Carlos da Costa Pereira (São Francisco do Sul), Cyrillo Luiz Vieira (São Joaquim), Francisco Margarida (Blumenau), Geraldino Azevedo (Biguaçu), Guilherme Varella (Tijucas), Honório Gomes de Miranda (Tijucas), João Octaviano Ramos (Blumenau), João de Oliveira (Tubarão), João Creso (Jaraguá do Sul), Juvêncio Braga (Porto União), Oscar Soares de Oliveira (Pedras Grandes), Romeu Ulysséa (Laguna), entre outros.

⁴⁷⁸ *Revista do Centro Catharinense de Letras*, n°1, Maio de 1925, p.1.

Apesar da subvenção do governo do Estado a revista não conseguiu manter a sua periodicidade mensal pretendida. O grupo do Centro Catharinense de Letras, tão numeroso e heterogêneo, reunindo desde acadêmicos insatisfeitos como Barreiros Filho ao “maior inimigo” de seu cunhado, Ildefonso Juvenal, provocou uma difícil vivência entre alguns pares. Ildefonso e Lupércio Lopes renunciaram aos cargos de primeiro secretário e vice-presidente da instituição com o surgimento de uma chapa oposicionista liderada por Cantídio Régis. Barreiros Filho, embora tenha se afastado momentaneamente da Academia e manter uma postura crítica com relação a alguns de seus posicionamentos, passou a utilizar a *Revista do Centro Catharinense de Letras*, da qual era redator, para defender os seus confrades acadêmicos de ataques anônimos por parte de membros do Centro, aludindo a defeitos físicos e ao fato de terem perdido cargos públicos com o fim do hercilismo:

A Academia Catarinense de Letras é uma febril colmeia de intelectuais. Quem o ignora? Pois, apesar dos seus trabalhos numerosos e atividades sem precedentes nem consequentes em nossa terra – surgiu um malicioso anônimo do seio da multidão e disse: - a Academia é cocha de nascença e anda pêca, de mãos nos bolsos, a modo de quem perdeu a fala e o emprego. É evidentemente uma canalhice esse e semelhantes ditos, em que matracoleja a má língua dos faladores. Contra tais picuinhas lavramos nós enérgico protesto e inscrevemos aqui um voto de solidariedade aos nossos colegas – muito mais altos que nós – do laboriosíssimo grêmio acadêmico⁴⁷⁹.

Tais divisões internas minaram o funcionamento da entidade, que implodiu quando o patrono Antônio Pereira da Silva e Oliveira deixou o governo do estado, ainda em 1925. A revista deixou de circular e a entidade desapareceu. Nas páginas destes periódicos circulantes em Florianópolis é possível perceber os indícios de mudanças, continuidades, formação de grupos e polarizações que permitem pensar os espaços de circulação de cultura letrada e as sociabilidades intelectuais, tornando-se documentos imprescindíveis para a compreensão do campo cultural local e para sua relevância na disseminação das letras em Florianópolis. A viabilidade dos periódicos se deu por ser uma publicação de caráter ligeira, lúdica, passível de reunir vários assuntos, colaboradores e financiadores. O surgimento de subtítulos específicos - revistas jurídicas, agrícolas, educacionais, de variedades... - permitem aferir o florescimento de um incipiente mercado de bens culturais ao ponto de comportar uma maior segmentação, a despeito das durações das revistas e da falta de autonomia do campo cultural que as produziu.

⁴⁷⁹ BARREIROS Fº, F. “Talvez em tempo...”. In: *Revista do Centro Catharinense de Letras*, nº3, Setembro de 1925.

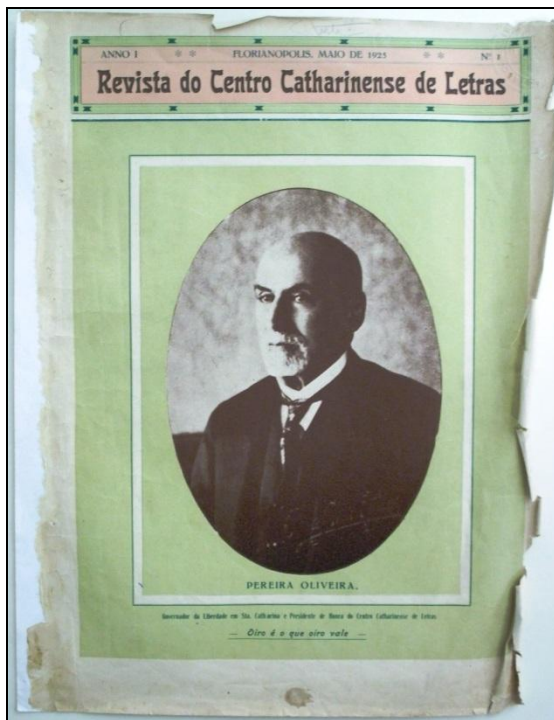


Figura 71 – Capa da “Revista do Centro Catharinense de Letras”, nº1, 1925.

Fonte: Acervo do IHGSC.

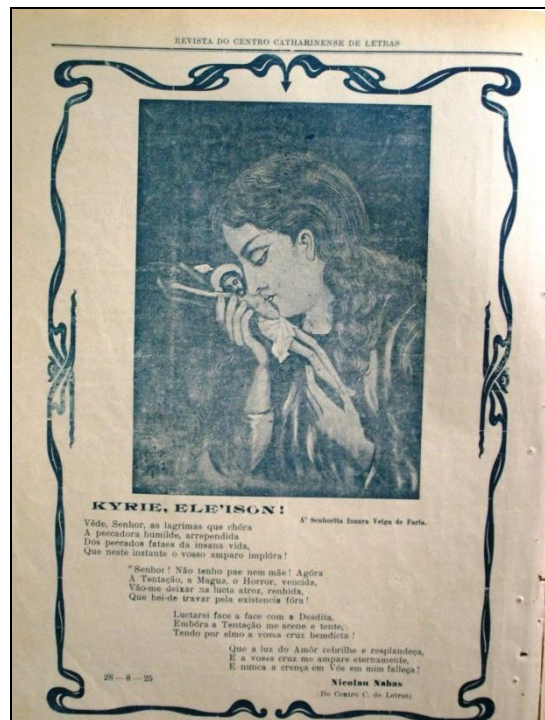


Figura 72 – Página ilustrada da “Revista do Centro Catharinense de Letras”, nº3, 1925.

Fonte: Acervo do IHGSC.

O discurso amargurado de Altino Flores com relação aos periódicos editados em Florianópolis na Primeira República também é tributário da mentalidade livresca dos intelectuais de sua geração, que costumavam superestimar a importância dos livros em oposição aos periódicos, lidos e logo jogados fora, descartáveis, passageiras. Há vários exemplos desta cultura do livro e desvalorização dos periódicos em textos de autores do início do século XX. Rui Barbosa, em parecer sobre a classificação do gênero periódico, opôs-se à inclusão de jornais e revistas na categoria de “obras”, sugerindo categorizá-los como “publicação”⁴⁸⁰. Francisco de Paula Ney, no livro *Fogo Fátuo* asseverou: “Detesto o definitivo. Não tenho casa, como não tenho esposa, nem livro, tudo transitório: o hotel, a amante e o jornal. Vivo ao Deus dará e dia a dia”⁴⁸¹. Esse caráter efêmero do gênero também foi atestado por Jorge Luís Borges ao afirmar que “um periódico se lê para o olvido”,

⁴⁸⁰MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: FAPESP: EDUSP: IOESP, 2001.p.43.

⁴⁸¹ NEY, Paula. “Fogo Fátuo” apud MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira – 1870-1930)*. São Paulo: Edusp: Grijalbo, 1973. P.92.

enquanto um livro “se lê para a memória”⁴⁸². Em 1918 Gilberto Amado dissertou sobre as práticas de leitura no Brasil opondo a leitura de livros, obras pesadas, que sugerem compenetração e estudo, com o periodismo leve e ligeiro, comparado a leitura do que se considerava “subliteratura”, romances policiais e “livros leves”:

(...) os lazeres multiplicados da vida mortificante num clima exaustivo não lhes deixa tempo senão para jornais, livros leves, romances policiais, assuntos de aplicação fácil que não tomem a atenção toda. Uma obra de ideias dizendo com os problemas morais ou sociais que interessam à humanidade contemporânea, poderia atrair quando muito cinco leitores sinceros em todo o Brasil (...) ⁴⁸³.

Uma das vozes destoantes foi José Enrique Rodó, defensor da democratização da cultura proporcionada pelos periódicos que chegavam aonde os livros não iam. Em contrapartida, por possuírem uma periodicidade que pode ser regular não estavam escravizados pela saída cotidiana⁴⁸⁴, sobrando um pouco mais de tempo para lapidar os diamantes expostos em suas páginas e que serviram de lamento para Altino Flores, acostumado com periódicos que nasciam e morriam da noite para o dia, alguns deles feito nas horas vagas, com colaboradores nem sempre remunerados, num campo cultural repleto de batalhas, não autônomo, mergulhado em práticas clientelistas, personalistas, nos conchavos entre igreja e igreja que praticavam a vida literária em Florianópolis durante a Primeira República.

Torna-se necessário problematizar o período deixando de lado a “amargura provinciana”⁴⁸⁵ de falar mal de si, queixando-se da pequenez do ambiente, discurso que serviu tanto para elite cultural da Primeira República quanto aos partidários do discurso modernista anos depois. Esta representação de cidade apenas encobre análises anacrônicas, potencializadas por formações literárias que tiveram balizas referenciais desprendidas do processo histórico local e querelas literárias de grupos que buscavam a autolegitimação pela diminuição do outro ou do próprio ambiente em que viviam. Não cabe, portanto, aos

⁴⁸² BORGES, Jorge Luís. “El libro”. In: *Borges oral*. Barcelona: Bruguera, 1979 *apud* ROCCA, Pablo. “Por que, Para que uma revista”. In: *Boletim de Pesquisa NELIC - Instabilidades e modernismos*, v. 7, n. 10. Florianópolis: UFSC, 2007.

⁴⁸³ AMADO, Gilberto. “Dos homens chamados ‘práticos’ e a sua influencia no Brasil”. In: *Grão de areia e estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948. p.132-135.

⁴⁸⁴ RODÓ, José Enrique. “Como há de ser um diário”. In: *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1967 *apud* ROCCA, Pablo. “Por que, Para que uma revista”. In: *Boletim de Pesquisa NELIC - Instabilidades e modernismos*, v. 7, n. 10. Florianópolis: UFSC, 2007.

⁴⁸⁵ PESAVENTO, Sandra J. O que se lia na velha Porto Alegre: do romance da vida para a vida levada como um romance. In: BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010. p.445.

historiadores, continuar reproduzindo tais batalhas, mas criticá-las, oferecendo-as às mais diferenciadas interpretações.

ÚLTIMAS PALAVRAS...

Sic transit gloria mundi.

Foi com essa expressão em latim que Altino Flores, em entrevista a Celestino Sachet, em 1978, terminou sua análise retrospectiva em relação ao lançamento da revista *Terra*, em 1920. A frase significa “assim passa a glória do mundo” e poderia servir de epitáfio para sua geração, mas não só a sua. Querelas entre novos e velhos que disputam espaços e capitais não são novidades no campo cultural, tais disputas remetem à Antiguidade Clássica. As estratégias de consagração dos grupos geralmente iniciam pela desqualificação da geração anterior, soterrada por representações e discursos. São coivaras que suprimem o que está posto em busca de novos arranjos de espaço. Questionar essas sobreposições ideológicas, as memórias triunfantes, as batalhas e estratégias dos personagens no interior do campo cultural permite restituir a complexidade da interpretação histórica destes períodos de transição, pois é no mapeamento das mediações interpostas entre os bens culturais produzidos por um grupo cultural e seu público consumidor que reside o entendimento da criação artística com todas as marcas de historicidades que tendem a ser diluídas pelo discurso canônico.

Em vários momentos desta tese se afirmou que o campo cultural florianopolitano da Primeira República não era autônomo, pois permaneceu atrelado ao campo político. No entanto, de forma alguma se esgotam as possibilidades de análise de como pensar a relação de dependência e autonomia no campo. Chartier, ao discutir a obra de Pierre Bourdieu, questiona como devemos pensar as afinidades entre o espaço de criação literária e as formas de exercício de poder. Uma das maneiras sugeridas pelo historiador, referindo-se ao mundo das academias na Europa do século XVII, é pensar o surgimento de uma prefiguração de autonomia no espaço literário. Para isso, cita o trabalho de Alain Viala, que se dedicou a compreender como a construção de instituições literárias inicialmente sugeridas pelo poder estatal paradoxalmente definiu uma figura de escritor com autonomia. Chartier questiona:

Ou devemos pensar que, ao contrário, paradoxalmente, é porque a escrita se situa dentro do âmbito do poder que pode adquirir certa autonomia, não constituindo uma distância contra o poder. Seria a produção de uma autonomia a partir de uma dependência em relação ao poder⁴⁸⁶.

É possível refletir como se organizaram as relações entre a inscrição dos literatos dentro dos grupos, agremiações e instâncias intelectuais e como foram forjados os procedimentos e o *status* que deram ao campo cultural o seu lugar de pertencimento ao campo dos ofícios⁴⁸⁷, com a incipiente profissionalização e emergência de um mercado das letras, sobretudo através do periodismo (em jornais e revistas, mas principalmente nos jornais) que se verificou neste período em Florianópolis. Ainda que dependentes do campo político, ao longo da Primeira República foram lançadas as sementes da profissionalização de um campo que nos dias atuais sobrevive com dificuldades em todo o país, onde os maiores empreendimentos seguem com uma autonomia relativa. São questões que permanecem e se oferecem aos pesquisadores para futuros estudos.

Outro ponto a ser destacado é o fato de que nem todos os grupos intelectuais existentes em Florianópolis no período foram aqui abordados. Alguns deles foram trabalhados de forma superficial quando comparados com a análise da atuação da elite cultural do período, a dita “Geração da Academia”, pois a trajetória dos indivíduos pertencentes às posições culturais e políticas mais altas estão documentadas nos arquivos e registros bibliográficos, facilitando o processo de pesquisa histórica destes personagens. Esta foi, inclusive, uma das funções das instâncias de consagração por eles criadas, como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a Academia Catarinense de Letras: preservar sua memória.

Em alguns momentos este trabalho ganhou ares de “Pierre Menard, autor de Quixote”, de Jorge Luís Borges, em virtude de ter se apropriado de inúmeros relatos e causos da vida literária produzidos por outros autores. A intenção, ao repetir algumas dessas narrativas, não foi a retificação ou a mera transcrição narrativa. Buscou-se recontar as velhas histórias procurando extrair delas novos significados, revisitá-las sob uma perspectiva histórica diferente. Uma obra de grande valor para essa análise teria sido “Bazar da Província”, o “livro perdido” de Altino Flores, destruído pelo autor num instante de desilusão, que consistia num exame do ambiente literário da capital no alvorecer republicano, bem como do advento do grupo de intelectuais ao qual pertencia.

⁴⁸⁶ CHARTIER, Roger. “Pierre Bourdieu e a história”. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2002, pp.146-147.

⁴⁸⁷ Idem. p.147.

O fim dado a esta obra foi narrado por Altino Flores na já mencionada entrevista a Celestino Sachet, em 1978. Altino e Othon D’Eça estavam na biblioteca do Clube Doze de Agosto quando, ao se retirarem, um político se aproximou para cumprimenta-los. Em meio à conversa, Othon D’Eça aproveitou a oportunidade para revelar ao político que Altino possuía um livro inédito, intitulado “Bazar da Província”, cuja impressão talvez ele, com seu prestígio na alta esfera governamental, conseguisse com que fosse feito pela Imprensa Oficial do Estado gratuitamente ou por “um precinho camarada”. O político prometeu lhes dar notícia quanto à impressão da obra e se despediram. Meses se passaram até que certa noite, na saída do cinema, Altino se deparou com o político. Ao interpela-lo acerca das *démarches* que lhe solicitara Othon D’Eça em favor da impressão do seu trabalho na imprensa oficial, o político tergiversou visivelmente embaraçado. Querendo mostrar-se espirituoso, disse ainda que o povo preferiria um prato de bife com batatas do que um bom livro, assombrando Altino:

Ao chegar em casa tomei os originais do Bazar da Província do fundo da gaveta onde jaziam, desatei o cordel que os cingia e, no meio do quintal, fiz com eles a mais literária fogueirinha que até hoje vi. Othon D’Eça não pode nunca acreditar que o “político” tivesse falado a respeito da publicação do meu pobre livro com o chefe do Governo (que ele afirmava, e eu não contestava, fosse um intelectual de sólida cultura); e tinha para si que a explicação fora, apenas, esfarrapada e mentirosamente engendrada, diante da minha súbita e franca interpelação. Disso também estou hoje convencido, convencidíssimo. Porém, não há mais remédio: o Bazar incendiou-se. E que o doutor “político” com perdão de Deus, repouse eternamente no seu rico e belo túmulo!⁴⁸⁸

O título desta tese de doutorado – Armazém da Província – recupera a lembrança deste livro perdido de Altino. A troca de “Bazar” por “Armazém” se deu para não provocar comparações ou a falsa ilusão de que a tese tenha a pretensão de substituir o trabalho consumido pelas chamas. Mas, a ideia de bazar, *bric-à-brac*, armazém literário era ilustrativa demais para ser totalmente perdida na fogueira. São termos que possuem sentidos polissêmicos, empórios de coisas novas e velhas, expostas ao consumo ou guardadas no tempo, remetem ao periodismo (*bazar*, *magazin*) e na etimologia de origem árabe ao *al-mahazan*, cujo significado inicial era “deposito de armas”, depois depósito de víveres, entreposto. Tantos os víveres quanto as armas são imagens que combinam com a experiência da vida literária, sua subsistência, seus campos de batalha.

⁴⁸⁸ Entrevista de Altino Flores a Celestino Sachet em 1978. In: FLORES, Altino. *Textos Críticos*. Coleção ACL nº17. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, p.370-372.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

⇒ Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina:

Periódicos:

- Jornais *O Lyrio* (1902); *O Binóculo* (1902); *O Clarão* (1911); *Porta Voz* (1912); *A Semana* (1914); *Folha Rósea* (1915); *O Litterato* (1914); *O Tição* (1915); *A Época* (1911); *A Época* (1916); *O Dia* (1916); *O Alliado* (1916); *A República* (1894, 1920, 1930); *Terra Livre* (1919); *O Estado* (1920, 1921, 1922, 1926, 1932, 1934, 1949, 1976); *Commercio e Industrial* (1921); *O Elegante* (1923); *O Atalaia* (1924, 1927, 1928); *O Tempo* (1925); *Cidade* (1932); *A Folha* (1934).
- Revistas *Forense do Estado de Santa Catharina* (1908); *Álbum de Santa Catharina da Revista Illustrada* (1908); *Oásis* (1918); *A Luz* (1919-1923); *Terra* (1920); *A Semana* (1920); *Santelmo* (1922); *A Barra* (1934);
- *Almanach Catharinense*, Florianópolis: [s.c.p], 1896; *Anuario de Santa Catharina para 1900*. Florianópolis: Gabinete Sul-Americano, 1899; *Anuario de Santa Catharina para 1901*. Florianópolis: Typographia do Gabinete Sul Americano, 1900; *Anuario catharinense para 1904*. Florianópolis: Typ. da Livraria Moderna de Paschoal Simone, 1904; *Álbum de Santa Catharina da Revista Illustrada*. Florianópolis: [s.c.p], 1908; *Almanach de S. Catharina para o anno de 1910*. [S.l.p.]: [s.c.p], 1909; *Anuario do Estado de Santa Catharina para 1917*. Florianópolis: Officinas Graphics d' A Phenix, 1916; *Anuario barriga-verde para 1920*. Florianópolis: Livraria Editora Cysne, 1919; *Anuario barriga-verde para 1921*. Florianópolis: Typ. da Livraria Moderna, 1920; *Guia do Estado de Santa Catharina - chorographia e indicador; I parte - chorographica e litteraria*. Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1927; *Guia do Estado de Santa Catharina - chorographia e indicador; II parte - indicador*. Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1927; *Anuário Catarinense para 1952*. Florianópolis, ano V, n.5, 1952.

⇒ Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina:

Periódicos:

- *Guia do Estado de Santa Catharina - chorographia e indicador; I parte - chorographica e litteraria*. Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1927; *Guia do Estado de Santa Catharina - chorographia e indicador; II parte - indicador*. Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1927;
- *Sociedade Catharinense de Agricultura - Revista Agrícola* (1905); *Revista Trimensal do IHGSC* (1902,1918); *Caras y Caretas* (1903); *Revista Illustrada* (1908); *Careta* (1908); *Archivo Catharinense* (1908); *Fon-Fon* (1912); *O Olho* (1916); *Revista Illustrada* (1919); *A Sulina* (1920); *O Parafuso* (1920); *A.B.C.* (1920); *Terra* (1920-1921); *Santelmo* (1922); *Revista do Ensino Primário* (1922); *Commércio e Industria* (1925); *Revista do Centro Catharinense de Letras* (1925); *Ilustração Catharinense* (1926); *Revista do Centro Catharinense* (1929); *Revista Atualidades* (1949).

Acervo José Arthur Boiteux:

- Fotografias diversas.
- Carta nº55: De Altino Flores para José Boiteux, 23/5/1911.

Gaveta Sócios Falecidos:

- Pasta “*Altino Flores*” - FLORES, Altino. *De como não pode haver crítica literária em Santa Catharina*. [Recorte de jornal não identificado]; FLORES, Altino. *Há dous annos...* Florianópolis, 01/08/1913. [Recorte de jornal não identificado].

⇒ Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina:

Periódicos:

- *Indicador da cidade de Florianópolis*. Org. Armando Blum e Heráclito Mendonça. Florianópolis: 1926.

⇒ Academia Catarinense de Letras:

Periódicos:

- *Revista Signo* (1968, 1971); *Revista da Academia Catarinense de Letras* (1991);

⇒ Fundação Biblioteca Nacional/Rio de Janeiro⁴⁸⁹:

Mensagens:

- MENSAGEM apresentado a Assembleia Legislativa do estado de Santa Catarina pelo cidadão tenente-coronel Elyseu Guilherme Silva, 1º vice-presidente do Estado, em 7 de agosto de 1893. Desterro: gabinete Sul-Americano, 1893.

- MENSAGEM apresentada ao Congresso representativo, em 14 de Agosto de 1916, pelo Dr. Felipe Schmidt, Governador do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: [s.n.], 1916.

Periódicos:

- *Diário de Notícias* (1886, 1887); *O Paiz* (1911); *Gazeta de Notícias* (1912); *A Lanterna* (1916); *Gazeta do Comércio* (1914, 1916).

⁴⁸⁹ Consulta *on line* através da Hemeroteca Digital. <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>> Acessado em 18/06/2012.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson (org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e prática*. Campinas: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: Fapesp; 2005.

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal*. Rio de Janeiro: Lapa: Rocco, 1996.

AGUIAR, Vera (org.) et al. *Territórios da leitura - da Literatura aos Leitores*. Assis: Cultura Acadêmica Editora, s/d.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. “De Amadores a Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente”. In: *Revista Trajetos*. Revista de História da UFC, Vol.13, n.6, 2006.

ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina. II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX*. Madrid: Editorial Katz, 2010.

AMADO, Gilberto. *Grão de areia e estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

ANTELO, Raul. As revistas literárias brasileiras. In: *Boletim Periódico – NELIC*. Nº2, UFSC, 1997.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC, 1989.

AUGE, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BARBOSA, Renato. *O Garoto e a Cidade (Florianópolis dos Anos 20)*. Florianópolis: IOESC, 1979.

BARBOSA, Renato. *Francisco Tolentino e sua época*. Florianópolis: ALESC, 1984.

BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Ensaio de esboço biográfico em Maura de Senna Pereira. Florianópolis: ACL, 1993.

- BILAC, Olavo & BONFIM, Manoel. *Atravez do Brasil (narrativa)*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.
- BILAC, Olavo. *Ironia e piedade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926.
- BILAC, Olavo. *Últimas conferências e discursos*. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1924.
- BOITEUX, José *et al.* *História dos Jornais de Santa Catarina (1831-1948)*. Florianópolis: IHGSC, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual*. Buenos Aires: Folios, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.) *Escritos de Educação*, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001.
- BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010.
- BRANCHER, Ana (org.). *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1975.
- BROCA, Brito. *Horas de Leitura*. Rio de Janeiro: MEC: INL, 1957.
- BUENO, Alexei; ERMAKOFF, George (Org.). *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil 1850-1950*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2005.

- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1986.
- CABRAL, O. R.; SANTOS, S. C. dos; HALFPAP, L. C. *et al. Povo e Tradição em Santa Catarina*. Florianópolis: Edeme, 1971.
- CALLADO JR., Martinho. A Imprensa Catarinense. Resumo histórico, 1831-1969. In: EL-KHATIB, F (org.). *História de Santa Catarina*. Vol. 3. Curitiba: Grafipar, 1970.
- CALLADO, Petrarca. *Comandos Socialistas*. Florianópolis: Ed. do autor, 1947.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. São Paulo: FFCH/USP, 1971, v.II.
- CAMPOS, Custódio F. de. *Ditos e feitos*. Florianópolis: Lunardelli, 1995.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- CANDIDO, Antônio; CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: Do Realismo ao Simbolismo*. 9ª ed. São Paulo: DIFEL, 1981.
- CARDOZO, Flávio José (org.). *Salim na claridade*. Florianópolis: FCC Edições, 2001.
- CASTELLI, Marco Antônio. *A Revista Terra – Contribuição para o estudo da literatura em Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Florianópolis: UFSC, 1982.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. *Formas e sentidos: Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil: Mercado de Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CHAVES, Vania Pinheiro. “A homenagem do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro a Machado de Assis por ocasião do seu falecimento”. In: *Navegações*. Revista de Cultura e

Literaturas em Língua Portuguesa. V.2, n.1, jan. /jun. 2009.

CHEREM, Rosângela Miranda *et al.* *Ensaio sobre Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

COLAÇO, Vera. *O Teatro da União Operária: um palco em sintonia com a modernização brasileira*. Tese de Doutorado (Departamento de História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

CORDEIRO, José. *Ogê Mannebach*. Florianópolis: Editorial Uruguai, 1970.

CORRÊA, Carlos Humberto P. As transformações culturais dos meados do século XX em Santa Catarina. In: *Anais da XXV Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. Rio de Janeiro: SBPH, 2005.

CORRÊA, Carlos H. P. *História da Cultura Catarinense. Vol.1 o Estado e as ideias*. Florianópolis: Ed. Da UFSC: Diário Catarinense, 1997.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis Ilustrada (3ª ed.)*. Florianópolis: Insular, 2005.

CORRÊA, Carlos Humberto. *Lições de política e cultura: a Academia Catarinense de Letras, sua criação e relações com o poder, 1920/1930*. Florianópolis: ACL, 1996.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *Um Estado entre duas Repúblicas*. Florianópolis: ALESC: Ed. da UFSC, 1984.

CORRÊA, Nereu. *Paulo Setúbal em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC, 1978

CORREIA, Nereu. *Temas de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1953.

CORREIA, Ana Maria Martins Coelho. *A Secretaria da Justiça e sua relação com a Educação*. Florianópolis: APESC: Ed. Da UFSC, 1985.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel. Escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-*

1915). São Paulo: Educ: Fapesp, 2000.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Essas coisas de guardar... Homens de letras e acervos pessoais. *História da Educação*, ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 109-130, Maio/Ago. 2008.

CUNHA, Maria Teresa Santos & CHEREM, Rosangela de Miranda. (org.). *Refrações de uma coleção fotográfica: imagem, memória e cidade*. Florianópolis: UDESC, 2011.

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura: Editora da UDESC, 2001.

DALLABRIDA, Norberto & CARMINATI. *O Tempo dos Ginásios: ensino secundário em Santa Catarina*. Campinas: Mercado das Letras; Florianópolis: Editora da UDESC, 2007.

DARNTON, Robert. *Edição e Sedição: O Universo da Literatura Clandestina no Século XVIII*. São Paulo, Cia. das letras, 1992.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette; mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

D'EÇA, Othon. *Nuestra Señora de L'Asunción*. Florianópolis: FCC Edições: FBB: Ed. da UFSC, 1992.

D'EÇA, Othon. *Vindita Braba*. Florianópolis: FCC Edições: FBB: Ed. da UFSC, 1992.

DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Políticas da Amizade*. Porto. Campo das Letras, 2003.

DIDONÉ, Fabiana Garcia. *Acary Margarida: Vida e Obra*. Trabalho de Conclusão de Curso (Artes Visuais). Florianópolis: UDESC, 2010.

DOYLE, Plínio. História de Revistas e Jornais Literários. In: *Revista do Livro*, N°38. 1969.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras na Primeira República (1897-1924)*. São Paulo: FAPESC: FGV, 2000.

FABRIS, A. (org.) *Modernidade e modernismo no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 1994.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeira. Os contrabandistas do pensamento – Impasses da crítica literária brasileira no final do Século XIX. In: *Revista Letras*, Curitiba, n. 55, p. 29-54, jan./jun. 2001. Editora da UFPR.

FIORI, Neide de Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano*. Florianópolis: Editora da UFSC: Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina, 1991.

FLORES, Altino. *Do sonho à miséria e à morte – Anthero dos Reis Dutra*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1970.

FLORES, Altino. *Goethe, os “novos” e os “velhos”*. Florianópolis: Edição do Autor, 1949.

FLORES, Altino. *Pela memória de Renan*. Florianópolis: Tip. da Livraria Moderna, 1923.

FLORES, Altino. *Textos Críticos*. Florianópolis: A.C.L., 2006.

FONTES, Henrique. *Lacerda Coutinho*. Florianópolis: DEIP, 1943.

FOOT HARDMAN, Francisco. Antigos Modernistas. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

FROTSCHER, Méri. “Almanaques e revistas publicados em alemão em Blumenau entre 1900 e 1965”. In: *Blumenau em cadernos*. Tomo XLV, nº7/8, jul. /Ago. 2004.

GARCIA, Fábio. *Negras pretensões: a presença de intelectuais, músicos e poetas negros nos jornais de Florianópolis e Tijucas no início do Século XX*. São José: Umbutu, 2008. p.49.

GOMES, Ângela de Castro “Essa gente do Rio...: Os intelectuais cariocas e o modernismo”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993, p.62-77.

GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990.

GONÇALVES, Janice. *Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX*. Tese de Doutorado (História). São Paulo: USP, 2006.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2005.

HEINZ, F. M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

JUNKES, Lauro. *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Ed. Lunardelli, 1982.

JUNCKES, Lauro. *O Mito e o Rito*. Florianópolis: UFSC, 1987.

JUNCKES, Lauro. *A Literatura de Santa Catarina – Síntese Informativa*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. *Partidos e Políticos de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli: Ed. Da UFSC, 1983.

LEROY, Gerald. La mondanité littéraire à la Belle Époque. In: *Cahier l’Institut d’Histoire du Temp Présent*, Paris: IHTP/CNRS, n°20, 1992.

LUCA, Tânia Regina de Luca. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

LUNARDI, Emy F. *Batalha de Discurso: o advento republicano e a (re)construção da política catarinense nos jornais partidários (1889-1898)*. Dissertação (Mestrado em História), Florianópolis: UFSC, 2009.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. R.J.: Jorge Zahar, 2003.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das letras (Sociologia da Vida*

Intelectual Brasileira – 1870-1930). São Paulo: Edusp: Grijalbo, 1973.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: FAPESP: EDUSP: IOESP, 2001.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. In: *Revista História*, São Paulo, 22 (1): 59-79, 2003.

MARTINS, Ana Luiza & DE LUCA, Tânia Regina. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Ed. UNSP, 2006.

MARTINS, Celso. *José Arthur Boiteux: um intelectual em ação*. Florianópolis: FUNJAB, 2012.

MARTINS, Vilson. *História da Inteligência Brasileira*. (1933-1960). RJ: Cultrix, 1979.

MARTORANO, Dante. *José Arthur Boiteux*. Florianópolis: FCC, 1984.

MATOS, Felipe. *Uma Ilha de Leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros*. Florianópolis: Edufsc, 2008.

MATOS, Felipe. *Sob os auspícios da Livraria Rosa: redutos literários e circulação de cultura letrada em Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MELO, Osvaldo Ferreira (org.). *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Lunardelli: IHGSC: Clube 12 de Agosto, 1991.

MELO, Osvaldo Ferreira de. *Introdução à História da Literatura Catarinense*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1980.

MENDONÇA, David G. *90 anos de benção: Igreja Presbiteriana de Florianópolis*. Florianópolis: s/n, 1991.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993.

MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920 – 1945)*. São Paulo: Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Elos, 1977.

MIGUEL, Salim. *Aproximações: leituras e anotações*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002. p.27.

MIGUEL, Salim. *Cartas d'África e alguma poesia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

MIGUEL, Salim. *Eu e as corruíras*. Florianópolis: Insular, 2001.

MIGUEL, Salim. *Minhas memórias de escritores*. Palhoça: Ed. da Unisul, 2008.

MIGUEL, Salim. *O Castelo de Frankenstein*. Anotações sobre autores e livros. Florianópolis: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1981.

MIGUEL, Salim. *Variações sobre o livro*. São Carlos: Ed. da UFSCar, 1998.

MIRA, Maria Celeste. *A Revista no Brasil*. São Paulo: Abril Cultural, 2000.

MONTEIRO, Charles. *Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº53, 2007.

MOOG, Vianna. *Uma Interpretação da Literatura Brasileira*: conferência lida no salão de conferências da Biblioteca do Ministério das relações exteriores do Brasil, no dia 29 de outubro de 1942. Rio de Janeiro: C.E.B., 1943.

MORAES, Rubens Borba. *Testemunha Ocular (Recordações)*. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

NEVES, Gustavo. *Santos Lostada*. Porto Alegre: Edições Flama, 1971.

OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta & LINS, Vera. *O Moderno em revista*. Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: FAPERJ: Garamond Universitária, 2010.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade. Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PALADINO, Antônio. *A Ponte*. 2ªed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

PAULI, Evaldo. *Hercílio Luz, Governador inconfundível*. Florianópolis: IOESC, 1976.

PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: EDUFSC, 1995.

PEREIRA, Francisco José. *As duas mortes de Crispim Mira*. Florianópolis: FCC Edições: Lunardelli, 1992.

PEREIRA, Lucésia. A alma desencantada das ruas. In: *Revista Esboços*. V. 8, n. 8. Florianópolis: UFSC/PPGH, 2000.

PEREIRA, Lucésia. *Florianópolis, década de 30: ruas, rimas e desencantos na poesia de Trajano Margarida*. Dissertação de Mestrado (História). Florianópolis, UFSC, 2001.

PEREIRA, Maura de Senna. *Poesia reunida e outros textos*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2004.

PEREIRA, Moacir. *Aderbal Ramos da Silva*. Florianópolis: Insular, 2011.

PEREIRA, Moacir (org.). *Altino Flores: Fundador da ACI*. Florianópolis: Insular: IHGSC, 2010.

PEREIRA, Valdézia. *A poesia modernista catarinense das décadas de 40 e 50*. Florianópolis: Edufsc, 1998.

PIAZZA, Maria de F. Fontes. O significado da “Modernidade” e da “Brasilidade” na evocação do “Brasil Moderno”. In: *Esboços*, Vol. 7. Florianópolis: PPGH/UFSC, 1999.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. *Os Afrescos nos trópicos: Portinari e o mecenato Capanema*. Tese (Doutorado em História Cultural) UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2003.

- PIZZA, Walter F. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: ALESC, 1985.
- PIAZZA, Walter F. *et al. Fundamentos da cultura catarinense*. Rio de Janeiro: Laudes, 1970.
- PIAZZA, Walter F. *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: Estudo Histórico-Analítico (1896-1996)*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1996.
- PINSKY, Carla B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PITSICA, Paschoal Apóstolo. *Numa fonte cristalina*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998.
- PLUET-DESPATIN, Jacqueline. *Une contribution a l'Histoire des intellectuels: les revues*. In: RACINE, N.; TREBITSCH, M. (Orgs.) *Cahier l'Institut d'Histoire du Temp Présent: Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, reseaux*. Paris: IHTP/CNRS, nº 20, 1992.
- ROCCA, Pablo. "Por que, Para que uma revista". In: *Boletim de Pesquisa NELIC - Instabilidades e modernismos*, v. 7, n. 10. Florianópolis: UFSC, 2007.
- RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.
- ROSA, Othelo, *Em casa de um vizinho. (Impressões de uma viagem a Florianópolis)*. Florianópolis: Livraria Central, 1932.
- ROSAS, Ernani. *Poesias*. Florianópolis: FCC Edições, 1989.
- ROSAS, Oscar. *Poesias, contos, crônicas*. Florianópolis: ACL, 2009.
- SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: FCC, 1982.
- SABINO, Lina Leal. O grupo Sul na Literatura Catarinense. In: *Revista Travessia - Publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura*, UFSC. V.4, n.10, 1980.
- SACHET, Celestino. *A Literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.
- SACHET, Celestino. *As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina*.

Florianópolis: UDESC: Edeme, 1974.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. As conferências de Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*: a representação humorística na história brasileira – da *Belle Époque* aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTIAGO, Silvano. *Nas Malhas das Letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas*: polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Iluminuras, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA Jr., Gonçalo. *A guerra dos gibis*: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos no Brasil – 1933-1964. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

SIMÕES JR., Álvaro Santos; CAIRO, Luiz Roberto & RAPUCCI, Cleide Antônia (org.) *Intelectuais e Imprensa*. Aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009.

SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Edufsc, 1988.

SOARES, Iaponan. *A poesia de Oscar Rosas*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1972.

SOARES, Iaponan (org.). *Salim Miguel. Literatura e coerência*. Florianópolis: Lunardelli, 1991.

SOARES, Iaponan. *Virgílio Várzea & Outros*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

S. THIAGO, Arnaldo. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1957.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no*

Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VALLE, Ricardo Martins. “Invenção da literatura brasileira: a recepção de Cláudio Manoel da Costa na gênese da crítica e do cânone literário brasileiro”. In: *Revista Novos Estudos*. Nº65. Março de 2003.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VELOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

VENÂNCIO, Giselle M. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna, In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.

VIEIRA, Amazile de Hollanda. *Instituto Polytechnico: no contexto sócio-cultural de Florianópolis*. Florianópolis: A & P, 1986.

VIEIRA DA ROSA, Paulo G. W. & GRISARD, Iza Vieira da Rosa. *O Clube Doze de Agosto e sua história*. Florianópolis: Edeme, 1991.

WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbury. In: *Plural*; Sociologia, USP, São Paulo, 6: 139-168, 1.sem. 1999.

WILLIAMS, Raymond. Cercamentos, terras comunais e comunidades. In: *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

ANEXO I – Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em 1896:

Nome	Profissão/Cargo Público	Nome	Profissão/Cargo Público
Abílio Justiniano de Oliveira	Jornalista, Promotor, Diretor da Secretaria do estado do Interior e Justiça, Oficial de Gabinete do Governador, deputado Estadual e secretário particular do Ministro de Estado da Viação e Obras Públicas (Lauro Müller).	Hercílio Pedro da Luz	Engenheiro Civil, Engenheiro de Obras Públicas do Estado, Vereador, Prefeito, Deputado, Governador, Senador.
Afonso Cavalcanti Livramento	Oficial da Marinha, Jornalista, Deputado Estadual.	João Maria Duarte	Professor.
Amaro Pessoa	Professor.	Joaquim Tiago da Fonseca	Juiz de Direito.
Amos L. Post	Industrial.	José Arthur Boiteux	Bacharel em Direito, Professor, Jornalista, Oficial de Gabinete do Governador, Deputado Estadual, Secretário do Interior e Justiça, Juiz de Direito, Desembargador.
Antônio Pereira da Silva e Oliveira	Comerciante, Juiz de Paz, Vereador, Deputado Estadual, Deputado Federal, Prefeito, Senador.	José Maria dos Santos Carneiro Júnior	Capitalista
Artur Moreira de Barros Oliveira Lima	Funcionário Público Federal.	José Roberto Viana Guilhon	Desembargador
Augusto Fausto de Sousa	Engenheiro Civil, Militar, Presidente da Província.	Jorge de Lossio e Seiblit	Engenheiro Civil

Emílio Gans	Professor.	Líbero Guimarães	Industrial, Prefeito, Deputado.
Eufrásio José da Cunha	Médico, Deputado Provincial.	Luiz Antônio Ferreira Gualberto	Médico, Delegado de Higiene, Prefeito, Deputado estadual, Deputado Federal
Feliciano Marques	Guarda-livros.	Luiz Cavalcanti de Campos Mello	Engenheiro Civil, Deputado Estadual.
Felipe Schmidt	Engenheiro Militar, Deputado, Governador, Senador.	Manoel Cavalcanti de Arruda Câmara	Desembargador
Francisco da Cunha Machado Beltrão	Desembargador.	Pedro Ferreira e Silva	Médico, Deputado Estadual, Prefeito.
Francisco Tavares da Cunha Melo Sobrinho	Juiz de Direito, Prefeito, Deputado, Desembargador.	Polidoro Olavo de S. Thiago	Engenheiro Civil, Deputado, Vice-Governador, Vereador, Jornalista, Militar.
Gustavo da Silveira	Funcionário Público Estadual.	Tomás Cardoso da Costa Júnior	Jornalista
Gustavo Richard	Comerciante, Professor, Vereador, Militar, Jornalista, Vice-Governador, Deputado, Governador, Senador.		

Fonte: PIAZZA, Walter. *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina: Estudo Histórico-Analítico (1896-1996)*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1996. p.14; PIZZA, W. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: ALESC, 1985.

ANEXO II – Patronos e fundadores da Academia Catarinense de Letras e suas profissões:

Nome	Nasc./Morte	Posição na ACL	Ocupação
Adolpho Konder	1884-1956	Fundador Cadeira nº26	Bacharel em Direito, Político,
Alfredo Felipe da Luz	1888-1944	Fundador Cadeira nº03	Bacharel em Direito, Diplomata
Altino Flores	1892-1983	Fundador Cadeira nº23	Professor, Funcionário Público, Jornalista
Álvaro de Carvalho	1829-1865	Patrono Cadeira nº01	Militar
Anfilóquio de Carvalho Gonçalves	1862-1937	Fundador Cadeira nº09	Funcionário Público, Jornalista
Antero dos Reis Dutra	1835-1911	Patrono Cadeira nº02	Comerciário, Jornalista
Antônio Francisco Castorino de Faria	1839-1913	Patrono Cadeira nº10	Militar, Político
Arnaldo Claro de S. Thiago	1886-1979	Fundador Cadeira nº19	Professor, Funcionário Público, Jornalista
Barreiros Filho	1891-1977	Patrono Cadeira nº24	Professor, Funcionário Público, Jornalista, Político
Carlos Corrêa	1885-1947	Fundador Cadeira nº39	Médico, Farmacêutico, Jornalista, Político
Carlos de Farias	1865-1890	Patrono Cadeira nº03	Jornalista
Cláudio Luiz da Costa	1798-1869	Patrono Cadeira nº04	Médico
Clementino Brito	1879-1953	Fundador Cadeira nº01	Jornalista, Funcionário Público
Crispim Mira	1880-1927	Patrono Cadeira nº05	Jornalista
Cruz e Souza	1861-1898	Patrono Cadeira nº15	Jornalista, Arquivista
Delminda Silveira de Souza	1855-1932	Patrono Cadeira nº10	Professora, Jornalista
Diniz Júnior	1887-1967	Fundador Cadeira nº05	Jornalista
Duarte Mendes de Sampaio	1762-1846	Patrono Cadeira nº06	Padre, Político
Duarte Schuttel	1837-1901	Patrono Cadeira nº07	Médico, Político, Jornalista
Edmundo Accácio	1869-1948	Fundador Cadeira nº29	Bacharel em Direito

Soares Moreira			
Edmundo da Luz Pinto	1898-1963	Fundador Cadeira nº11	Bacharel em Direito, Político
Eduardo Duarte Silva	1852-1924	Patrono Cadeira nº08	Jornalista, Padre, Teólogo
Feliciano Nunes Pires	1785-1840	Patrono Cadeira nº09	Bacharel em Direito, Político, Professor
Francisco Pedro da Cunha Bittencourt	1832-1898	Patrono Cadeira nº12	Padre, político, Jornalista
Francisco Carlos da Luz	1830-1906	Patrono Cadeira nº11	Engenheiro Militar
Francisco Tolentino	1845-1904	Patrono Cadeira nº13	Bacharel em Direito, Político, Jornalista
Fúlvio Aducci	1884-1855	Fundador Cadeira nº20	Bacharel em Direito, Professor, Político, Funcionário Público
Gil Costa	1887-1943	Fundador Cadeira nº33	Bacharel em Direito, Funcionário Público
Gustavo de Lacerda	1853-1909	Patrono Cadeira nº14	Jornalista
Gustavo Neves	1899-1980	Fundador Cadeira nº32	Jornalista, Professor, Funcionário Público
Haroldo Genésio Callado	1892-1932	Fundador Cadeira nº34	Jornalista
Heitor Pinto da Luz e Silva	1879-1949	Fundador Cadeira nº12	Farmacêutico, Professor, Jornalista
Henrique Boiteux	1862-1945	Fundador Cadeira nº31	Militar, político, Jornalista
Henrique Fontes	1885-1966	Fundador Cadeira nº18	Bacharel em Direito, Professor, Jornalista, Funcionário Público
Horácio de Carvalho	1872-1935	Fundador Cadeira nº16	Jornalista, Professor
Ivo D´Aquino	1896-1974	Fundador Cadeira nº37	Bacharel em Direito, Funcionário Público, Professor, Político
Jerônimo Coelho	1806-1860	Patrono Cadeira nº17	Político, Jornalista
João Batista Crespo	1887-1966	Fundador Cadeira nº27	Jornalista
João Justino Proença	1844-1916	Patrono Cadeira nº16	Militar

João Silveira de Souza	1824-1906	Patrono Cadeira nº18	Bacharel em Direito, Jornalista, Funcionário Público, Professor, Político
Joaquim Antônio de S. Thiago	1856-1916	Patrono Cadeira nº19	Professor, político, Jornalista
Joaquim Augusto do Livramento	1821-1883	Patrono Cadeira nº20	Bacharel em Direito, Funcionário Público, Político, Jornalista
Joaquim Gomes de Oliveira Paiva	1821-1869	Patrono Cadeira nº21	Padre, Político, Jornalista
Joe Collaço	1889-1951	Fundador Cadeira nº21	Bacharel em Direito, Político
Jonas de Oliveira Ramos	1895-1923	Patrono Cadeira nº22	Médico, Político
José Boiteux	1865-1934	Fundador Cadeira nº17	Bacharel em Direito, Jornalista, Funcionário Público, Professor, Político
José Cândido de Lacerda Coutinho	1841-1900	Patrono Cadeira nº23	Médico, Funcionário Público, Jornalista
José de Diniz	1896-1962	Fundador Cadeira nº36	Jornalista, Bacharel em Direito
José Johanny	1872-1915	Patrono Cadeira nº24	Jornalista, Bacharel em Direito
Juvêncio de Araújo Figueiredo	1864-1927	Fundador Cadeira nº07	Funcionário Público, Jornalista
Juvêncio Martins Costa	1857-1882	Patrono Cadeira nº25	Jornalista, Político
Laércio Caldeira de Andrade	1890-1971	Fundador Cadeira nº02	Bacharel em Direito, Engenheiro de telégrafos, Professor, Jornalista
Lauro Müller	1863-1926	Patrono Cadeira nº26	Político, Engenheiro, Diplomata
Liberato Bittencourt	1869-1948	Patrono Cadeira nº29	Militar, Jornalista
Lucas Boiteux	1880-1966	Fundador Cadeira nº30	Militar, Jornalista
Luiz Antônio Ferreira	1857-1931	Fundador Cadeira nº04	Médico, Político

Gualberto			
Luís Delfino	1834-1910	Patrono Cadeira nº27	Político, Médico, Jornalista
Luiz Osvaldo Ferreira de Mello	1893-1970	Fundador Cadeira nº28	Funcionário público, Jornalista
Lydio Martinho Barbosa	1864-1913	Patrono Cadeira nº28	Jornalista
Mâncio Costa	1885-1971	Fundador Cadeira nº25	Professor, Funcionário Público, Político
Manfredo Leite	1876-1969	Patrono Cadeira nº06	Padre, Político
Manoel da Silva Mafra	1831-1907	Patrono Cadeira nº33	Político, Bacharel em Direito
Manoel dos Santos Lostada	1860-1923	Patrono Cadeira nº32	Político, Jornalista, Funcionário Público
Manoel Joaquim de Almeida Coelho	1792-1871	Patrono Cadeira nº30	Militar, Político
Manoel José de Souza França	1780-1856	Patrono Cadeira nº31	Funcionário Público, Político
Marcelino Antônio Dutra	1809-1869	Patrono Cadeira nº34	Funcionário Público, Político, Professor, Jornalista
Martinho Callado	1862-1914	Patrono Cadeira nº35	Jornalista
Maura de Senna Pereira	1904-1992	Patrono Cadeira nº38	Jornalista, Professora
Nereu Corrêa	1914-1992	Fundador Cadeira nº40	Funcionário Público, Jornalista, Professor
Nereu Ramos	1888-1958	Fundador Cadeira nº22	Bacharel em Direito, Jornalista, Político
Ogê Mannebach	1885-1942	Fundador Cadeira nº34	Funcionário Público, Jornalista
Oscar Rosas	1864-1925	Patrono Cadeira nº36	Jornalista, Político
Othon D'Eça	1892-1965	Fundador Cadeira nº15	Bacharel em Direito, Jornalista, Funcionário Público, Professor
Polydoro Olavo de S. Thiago	1852-1916	Patrono Cadeira nº37	Jornalista, Engenheiro Civil, Político

Roberto Trompowsky Leitão de Almeida	1853-1926	Patrono Cadeira nº38	Militar, Professor
Sebastião Catão Callado	1851-1914	Patrono Cadeira nº39	Médico, Farmacêutico,
Tito Carvalho	1896-1965	Fundador Cadeira nº13	Jornalista, Funcionário Público
Victor Konder	1886-1941	Fundador Cadeira nº08	Bacharel em Direito, Político, Jornalista
Virgílio Várzea	1863-1941	Patrono Cadeira nº40	Político, Funcionário Público, Jornalista

Fontes: GOMES, Manoel. *Memória Barriga-Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990; CORRÊA, Carlos Humberto. *Lições de política e cultura: a Academia Catarinense de Letras, sua criação e relações com o poder, 1920/1930*. Florianópolis: ACL, 1996; PIZZA, W. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: ALESC, 1985.

ANEXO III - Alguns folhetins publicados nos jornais da capital:

Ano	Jornal	Obra	Autor/tradutor
-	O Cruzeiro do Sul	O Filho de Talião	Conde de Legurat
-	-	Dois irmãos	George Sand
-	-	Ódio da Morta	Tradução de Horácio Nunes
-	-	Bruto	Tradução de Horácio Nunes
-	-	Odete	Tradução de Horácio Nunes
-	-	A capa do russo	Tradução de Horácio Nunes
-	-	O Castelo de fantasmas	Tradução de Horácio Nunes
-	-	O amor que se vinga	Tradução de Horácio Nunes
-	Jornal do Comércio	Rosinha	Tradução de Horácio Nunes
-	O Artista	Julieta	Horácio Nunes
-	Jornal do Comércio	A virgem do orgulho	Horácio Nunes
-	Despertador	Cenas da vida de um estudante	Lacerda Coutinho
1850	Novo Íris	Tardes de um Pintor	Antônio Gonçalves
1852	Conservador		Teixeira e Sousa
1855	Conservador	A carteira de meu tio	Joaquim Manuel de Macedo
1856	O Argos	O Moço Loiro	Joaquim Manuel de Macedo
1856	O Argos	Sofia ou a Donzela de Hussard	Reverendo Antônio de C.C.C.
1856	O Argos	O Príncipe de Bretanha	-
1857	O Mensageiro	Os Sete Beijos	E. Gonzales et Moleri
1858	O Argos	O Comendador	-

1858	O Argos	O Artigo 75	-
1858	O Argos	Três bofetadas	Margarite Aimond
1858	O Argos	O Filho do Pescador	Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa
1859	O Argos	Os Três Mosqueteiros	Alexandre Dumas
1862	O Argos	João Diabo	Paul Feval
1862	O Argos	O Perdão	G. Deslys
1864	-	A vida e aventura de Sancho Cravena ou o homem de sete ofícios	-
1868	O Despertador	As Minas de Prata	Joaquim Manuel de Macedo
1869	Mercantil	O Segredo de Augusta	Machado de Assis
1869	A Lealdade	Dom Fernando de Zuniga	Alexandre Dumas
1870	Mensageiro	A luneta mágica	Joaquim Manuel de Macedo
1871	O Despertador	Os segredos de um cemitério	Leon Gezlau
1873	A Regeneração	As pupilas do Senhor Reitor	Júlio Diniz
1876	Regeneração	O Juriti	Horácio Nunes
1877	Conservador	Madalena	Tradução de Horácio Nunes
1878	Conservador	A leprosa	Horácio Nunes
1878	Conservador	A orgulhosa	Horácio Nunes
1878	Conservador	Marieta	Horácio Nunes
1879	O Artista	Ir a Roma sem ver o Papa	Alexandre Dumas
1879	O Conservador	Garaúna	Eduardo Nunes Pires
1880	O Despertador	As aventuras de Telles Ullenspiegel	Tradução de Samuel Vernon
1880	Progresso	Isa Surupian	Tradução de Horácio Nunes
1887	Jornal do Comércio	D. João de Jaqueta	Horácio Nunes

Fontes: SOARES, Iaponan. Literatura na imprensa Desterrense. In: MELO, Osvaldo Ferreira (org.). *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Lunardelli: IHGSC: Clube 12 de Agosto, 1991. p.145-146; Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ANEXO IV - Relação de jornais fundados em Florianópolis entre 1889 a 1929:

Ano	Jornal	Colaboradores
1889	República	Evêncio Lopes; Geraldo Braga, José Boiteux; Euclides Schmidt; Emílio Blum; Antônio Pereira e Oliveira
1889	Sul Americano	Firmino Teotônio da Costa; Fernando Machado Vieira; Manoel Roberto Rilla; José Brasilício de Souza; Delminda Silveira; Maria Carolina Corcoroca de Souza; Wenceslau Bueno de Gouvêa; Eduardo Nunes Pires; Horácio Nunes Pires; Alfredo Teotônio da Costa; Genuíno Vidal; Lucas Boiteux; Caetano A. Munhoz; Tobias Coelho; José Vieira da Rosa; José de Araújo Coutinho; Urbano Mota; Manuel Bernardino Varela; Carlos Wendhausen; Paulo Schiefler; Roberto Lopes; João Luiz de Ferreira Mello; Adolfo Ferreira de Mello; Eurípedes Gonçalves Ferros; V. da Silva Freire; Sérgio Nolasco; Francisco Margarida; José Ramos da Silva Jr.; Heitor Luz; João Tolentino de Souza; Álvaro Costa; Farias de Mendonça; Álvaro Tolentino de Souza; Edgar Schutel; Tiago da Fonseca; Tiago de Castro; Gervásio Pereira da Luz; João Octaviano Ramos; João Gualberto.
1889	Democrata	Alexandre Margarida
1890	Relâmpago	-
1890	Gazeta do Sul	Pedro de Freitas Cardoso; Francisco Tolentino de Sousa
1890	Liberdade	-
1892	O Estado	Artur Ferreira de Melo; Francisco Sales Brasil; Manoel Machado; Nestor Passos; Félix Siqueira; Lídio Barbosa; M. Ferreira de Melo
1892	A Distração	Joaquim Margarida
1893	A Tesoura	-
1993	A Penna	Marques Leite, Virgílio Várzea; Edgar Schutel; L. Marios; Roberto Lopes; Adolfo Mello; Firmino Costa
1894	O Comercial	Francisco de Assis Costa
1895	O Correio da Manhã	Honório Hermeto Carneiro da Cunha; Abílio Gomes
1895	Correio do Brasil	-
1895	Mequetrefe	Alunos Ginásio Catarinense

1895	L'Operario	Gilberto Valeggia
1895	O Estudante	A. Guilhon; M. Branco; Raul Teixeira; Lucas Boiteux
1895	União Brasileira	B. Alunos do Ginásio Catarinense
1895	A Pontuação	C. Estudantes
1896	O Coisa	-
1896	A Metralha	-
1896	A Lua	-
1896	A Luz	Laura Oitão; Ari Cabral; J. Dias Monteiro; Antônio Marinho
1896	O Ronco	Militão Vieira de Souza
1896	O Repórter	Abílio de Oliveira
1896	O Chimpalhaço	Alunos Ginásio Catarinense
1897	A Ventarola	
1898	O Bilontra	-
1898	Estudante	-
1898	O Netto	-
1899	A Ideia	Irineu Livramento; Fúlvio Aducci; J. Livramento
1899	O Gato	A. A. Xavier
1899	O Trovão	Antônio Joaquim Brinhosa Júnior
1899	A Vespa	-
1899	A Violeta	Cícera Carminha; Cícero Cláudio; Flávio Dutra
1900	Mercantil	Empregados do comércio; Antônio Coelho Pinto
1900	O Debate	Demóstenes Veiga, Gustavo Richard, Péricles Ferraz
1900	Hiram	Tobias Coelho
1900	Regeneração	Pedro Bosco
1900	O Papagaio	Adalberto Cidade
1900	A Página	Abílio de Oliveira; Artur Alvim; Domingos Nascimento; E. Torres de Mendonça; Fernando Machado; Firmino Costa; J. Camargo; Gonçalves Ferro; Henrique Silva; Horácio de Carvalho; Inocêncio pederneiras; José Boiteux; Oscar Rosas; Santos Lostada; R. Trompowsky; Teixeira Raposo; Vieira da Rosa
1900	O Dia	Joaquim Tiago da Fonseca; Tiago de Castro; Martinho José Callado e Silva; Nereu Ramos
1900	Operário	Liga Operária
1900	A Ideia	-

1901	A Tesoura	João Cândio da Silva
1901	Oh! Ferro	-
1901	O Aço	-
1901	O Comércio	Heitor Luz; Leônidas Branco
1901	O Pichote	-
1901	O Brasil	-
1901	A Semana	-
1902	O Binóculo	João Batista Teixeira Couto
1902	A Pena	Clube Literário Cruz e Sousa
1902	A Verdade	Manfredo Leite; Francisco Topp; Jacinto Simas; João Batista Peters
1902	O Palhaço	-
1902	O Arara	Afonso Karr
1902	O Dente	-
1902	O Ronco	João Cândio da Silva
1902	Chrysantemo	Heitor Luz; Jose Boiteux; Santos Lostada; Araújo Coutinho; Abílio de Oliveira; Jã Gualberto da Silva; Firmino Mello; Adolpho Mello; Edgar Schuttel
1902	O Lírio	-
1903	Coió	-
1903	Correio da Tarde	Araújo Coutinho
1903	Verdade	Arthur Pereira Alvim
1903	República	José Boiteux
1903	A Fé	Horácio Nunes; Firmino Costa; L. Pacífico das Neves
1903	A Vida	Francisco de Arruda Câmara
1904	O Jovem	Nélson Cunha
1904	Correio do povo	Afonso Livramento; João de Deus da E. Ferreira
1904	A Formiga	Tiziano Busadona; José da Silveira Penha
1904	O Martello	José da Silva Penha; Tiziano Basadna
1904	A Mortalha	-
1905	A Gazeta Oficial	Joaquim Tiago da Fonseca
1905	O Progresso	Eqüestre Vicente Temperani
1905	Reforma	José Araújo Coutinho
1906	O Livro	Nélson Cunha

1906	O Ideal	Clementino de Brito; Godofredo Oliveira; Irineu Livramento
1906	O Estudante	Haroldo Callado; Altino Flores
1907	A Esperança	Gentil Monte Negro; Claudiano Cavalcanti
1907	Reforma	Hercílio Luz; Marciano de Magalhães
1907	O Marujo	Lucas Boiteux
1907	O Progresso	Antonino Linhares
1908	A Gazeta Catarinense	Hercílio Luz; Paschoal Simone; Crispim Mira; João Medeiros Filho; Paulo Demoro; Godofredo Oliveira
1908	O Alfinete	-
1908	O Rapé	Oswaldo Ramos
1908	Azul	Cristóvão Glavan; Silveira Penha
1909	A República	José Boiteux
1909	Folha do Comércio	Crispim Mira; Godofredo Oliveira; Joaquim Tiago da Fonseca;
1909	A Tesoura	-
1909	O espião	-
1909	Tesourão	-
1909	A Formiga	-
1910	Ipiranga	Paulo M. Barbosa; Celso de Almeida Coelho
1910	O Argo	Altino Flores; José d'Alcâmpora; Cid Campos; Edgar Simone
1910	O Bisturi	Abílio Mafra; Altino Flores; Haroldo Callado; Clemente Britto
1911	O Clarão	Crisanto Eloi de Medeiros
1911	Resenha Ecclesiástica	Francisco Topp
1911	A Casaca	Affonso Câmara; Ildefonso Juvenal
1911	Azar	-
1911	O Clarão	Chrysanto de Medeiros
1911	O Facão	-
1911	O Oriente	Maçônico
1912	Porta Voz	-
1912	L' Alpina	Salvador Taranto
1912	O Coió	Sargentos do Exército
1913	Nova Cruzada	-
1913	O petardo	Moços católicos

1914	A Semana	Abílio Mafra; Altino Flores; Haroldo Callado; Mâncio Costa; Barreiros Filho; Arí Tolentino; Alberto Barbosa; Nereu Ramos
1914	Dum-dum	-
1914	A carochinha	-
1914	O Literato	Centro Literário e Recreativo Castro Alves
1915	O Estado	Joe Collaço; Marinho de Souza Lobo; Henrique Rupp Jr.; Augusto Lopes da Silva; Haroldo Callado e Silva; Altino Flores
1915	O Imparcial	José Castelo Branco
1915	A Tribuna	Heitor Luz
1915	A Opinião	Salles Brasil; Augusto Lopes
1915	O Aliado	-
1915	Urucubaca	-
1915	O Colegial	João Melquíades de Souza; Celso de Almeida Coelho; Sebastião Portela
1915	O Eco	-
1915	Folha Rósea	Ildefonso Juvenal
1916	O Palhaço	-
1916	A Ordem	Maçônico
1916	A Reforma	Evangélico
1917	Vita Coloniale	-
1917	O Independente	-
1917	A Tarde	Edmundo Silveira de Souza; Clementino Brito
1918	A Noite	Nereu Ramos
1918	A República	Tito Carvalho
1918	Pena, Agulha e Colher	-
1918	Terra livre	Paschoal Simone
1919	A Nota	Semanário hercilista
1921	A Capital	-
1921	A Verdade	Joe Collaço
1923	O elegante	-
1923	Folha Acadêmica	-
1924	O Atalaia	João Teixeira da Rosa Jr.; Laércio Caldeira de Andrada
1925	O Tempo	Tito Carvalho; Nereu Ramos

1926	Folha Nova	Crispim Mira; Petrarca Callado; Mimoso Ruiz
1926	O Moleque	Othon D'Éça
1928	Jornal do Povo	Aquiles Wedekin dos Santos; Colbert Malheiros
1928	A Semana	Oscar de Oliveira Ramos
1929	O Apóstolo	José da Rocha Ferreira Bastos; João Octaviano Ramos; Orion Platt; Heitor Dutra; Gumercindo Caminha
1929	A Reforma	Presbiteriano

Fontes: CALLADO JR., Martinho. A Imprensa Catarinense. Resumo histórico, 1831-1969. In: EL-KHATIB, F (org.). *História de Santa Catarina*. Vol 3. Curitiba: Grafipar, 1970; Jornal *A Época*, nº42, 11/8/1911; BOITEUX, José *et al.* *História dos Jornais de Santa Catarina (1831-1948)*. Florianópolis: IHGSC, 2011.

ANEXO V – Demais periódicos publicados em Florianópolis entre 1889 a 1929:

Ano	Periódico	Colaboradores
1893	Revista Commercial	Francisco de Assis Costa; Roberto Rilla
1896	Almanach Catharinense, 1896.	-
1898	A Semana	-
1899	Anuario de Santa Catharina para 1900.	-
1900	Anuario de Santa Catharina para 1901.	-
1902	Chrysantemo	Direção Heitor Luz. José Boiteux; Santo Lostada, Araújo Coutinho; Abílio de Oliveira; João Gualberto Silva; Firmindo Mello; Adolpho Mello; Ed. Schutel; Fernando Caldeira etc.
1902 a 1920	Revista Trimensal do IHGSC [1ª fase].	Membros do IHGSC.
1904	Anuario Catharinense para 1904.	José Boiteux (org.)
1904	O Tiro Catharinense	-
1905 a 1906	Sociedade Catharinense de Agricultura.	Gustavo Leblon Régis; Cel. Antônio P. de Oliveira; Santos Lostada; Giovanni Rossi.
1908	Revista Illustrada.	Direção Carlos Reis.
1908 a 1915	Revista Forense do Estado de SC.	Direção Joaquim Thiago da Fonseca.
1910	Almanach de S. Catharina para o anno de 1910.	Direção Joaquim Thiago da Fonseca. Delminda Silveira; Horácio Nunes Pires.
1914	Kardecista	Antônio J. de Souza; João Cândido da Silva
1916	O Olho [“A Phenix”, a partir do nº19]	Direção Edmundo Silveira.
1917	Anuario do Estado de Santa Catharina para 1917.	Direção Edmundo Silveira.
1918	Oásis.	José de Diniz; Barreiros Fº; João Crespo; Othon D’Eça.
1919	Revista Illustrada.	Direção Aurino Soares.
1919	Notícia	Mascarenhas Filho, Victor Buchman,

		Antônio A. Portella.
1919 a 1923	A Luz	Direção João Candido da Silva.
1919 a 1933	Boletim Commercial	Pres. Carlos V. Wendhausen.
1920	Annuario barriga-verde para 1920.	Altino Flores e Ary Tolentino (org.). Haroldo Callado; Tito Carvalho; Oswaldo Mello; Araújo Figueredo; Othon D'Eça; Leopoldo Diniz Junior.
1920	Revista Terra.	Altino Flores; Othon D'Eça e outros.
1920	A Semana.	Crispim Mira, Ildefonso Juvenal, Nicolau Nahas etc.
1921	Annuario barriga-verde para 1921.	Altino Flores e Ary Tolentino (org.).
1922	Revista do Ensino Primário.	Henrique Fontes.
1925	Revista do Centro Catharinense de Letras	Membros do Centro Catharinense de Letras
1926	Ilustração Catharinense.	Direção A. Taborda.
1926	Indicador da cidade de Florianópolis.	Org. Armando Blum e Heráclito Mendonça.
1927	Guia do Estado de Santa Catharina - chorographia e indicador.	Alberto e Godofredo Entres (editores).
1927	Guia do Estado de Santa Catharina - chorographia e indicador.	Alberto e Godofredo Entres (editores).
1928	Indicador commercial, industrial e profissional do município de Florianópolis.	José Rodrigues Fonseca.
1928	A Semana.	Oscar de Oliveira Ramos.

Fontes: CALLADO JR., Martinho. A Imprensa Catarinense. Resumo histórico, 1831-1969. In: EL-KHATIB, F (org.). *História de Santa Catarina*. Vol 3. Curitiba: Grafipar, 1970; Jornal *A Época*, nº42, 11/8/1911; BOITEUX, José *et al.* *História dos Jornais de Santa Catarina (1831-1948)*. Florianópolis: IHGSC, 2011; Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina; Acervo da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina; Acervo da Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

ANEXO VI – Revistas com colaboradores catarinenses publicadas em outros Estados:

Ano	Periódico	Colaboradores
1895 a 1896	Revista de Santa Catharina (RJ)	Oscar Rosas; João Justino de Proença; Henrique Boiteux; Virgílio Várzea e outros.
1900	Revista Catharinense (RJ)	Conselheiro Mafra; Alexandre Marcelino Bayma; Nepomuceno da Costa etc.
1908	Archivo Catharinense (RJ)	Direção José Boiteux.
1909	Santa Catharina Magazine (RJ)	Direção Paulo Demoro.
1915	Santa Catharina (RJ)	J. Viegas; Nemésio Dutra, C. Campos; Othon D'Eça; M. Nóbrega.
1920	A Sulina (PR)	Nicolau Nagib Nahas, J; Melchiades de Souza (Sucursal Florianópolis).
1929	Revista do Centro Catharinense (RJ)	Pres. Henrique Boiteux.

Fontes: BOITEUX, José *et al.* *História dos Jornais de Santa Catarina (1831-1948)*. Florianópolis: IHGSC, 2011; Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina; Acervo da Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

ANEXO VII – Listagem dos almanaques, anuários e guias editados em Florianópolis durante a Primeira República encontrados nos acervos pesquisados:

Ano	Periódico	Acervo
1896	[<i>Almanach Catharinense</i> , 1896]	BPESC
1900	<i>Anuario de Santa Catharina para 1900, com traços biographicos do illustre catharinense Feliciano Nunes Pires, enriquecido com escolhida parte litteraria, anedoctas e muitas materias de utilidade publica, organizado por Firmino Costa - primeiro anno.</i> Florianópolis: Gabinete Sul-Americano [editor: Francisco d'Assis Costa], [1899].	BPESC
1901	<i>Anuario de Santa Catharina para 1901, com o retrato e traços biographicos da heroína Annita Garibaldi, enriquecido com escolhida parte litteraria, anedoctas e muitas materias de utilidade publica; organizado por Firmino Theotônio da Costa - segundo anno.</i> Florianópolis: Typographia do Gabinete Sul Americano [editor: Francisco d'Assis Costa], [1900].	BPESC
1904	<i>Anuario catharinense para 1904, com a biographia do almirante José Marques Guimarães - 1º. anno.</i> Florianópolis: Typ. da Livraria Moderna de Paschoal Simone, [1904].	BPESC
1908	[<i>Album de Santa Catharina.</i> Florianópolis: 1908].	BPESC
1910	<i>Almanach de S. Catharina para o anno de 1910, publicado sob a direcção do Dr. J.Thiago da Fonseca - anno I.</i> [S.l.p]: [s.c.p], [1909].	BPESC
1917	<i>Anuario do Estado de Santa Catharina para 1917 - 1º. anno; director: Edmundo Silveira.</i> Florianópolis: Officinas Graphicas d' A Phenix, [1916].	BPESC;
1920	<i>Anuario barriga-verde para 1920 - publicação especial, dedicada á propaganda da terra catharinense.</i> Organizado sob a direcção litteraria de Altino Flores, e direcção artistica de Ary Tolentino. Florianópolis: Livraria Editora Cysne, [1919].	BPESC
1921	<i>Anuario barriga-verde para 1921.</i> Organizado sob a direcção de Altino Flores e Ary Tolentino. 2º. anno. Florianópolis: Typ. da Livraria	BPESC

	Moderna, [1920].	
1926	<i>Indicador da cidade de Florianópolis</i> . Org. Armando Blum e Heráclito Mendonça. Florianópolis: 1926.	BCUFSC
1927	<i>Guia do Estado de Santa Catharina - chorographia e indicador; I parte - chorographica e litteraria; editado por Alberto Entres; organizado segundo os planos e coordenação de Godofredo Entres; revisão litteraria: Archimedes Taborda</i> . Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1927.	BPESC
1927	<i>Guia do Estado de Santa Catharina - chorographia e indicador; II parte - indicador; editado por Alberto Entres; organizado segundo os planos e coordenação de Godofredo Entres; revisão litteraria: Archimedes Taborda</i> . Florianópolis: Livraria Central de Alberto Entres, 1927.	BPESC
1928	<i>Indicador commercial, industrial e profissional do município de Florianópolis, organizado sob os auspícios da M.M. Associação Commercial por José Rodrigues Fonseca - 1o. anno, 1928</i> . Florianópolis: Gab. Typ. Brasil, [1928].	BPESC

Fontes: Acervos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina (BCUFSC) e da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPESC).